IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 465 | Ano XV
18/05/2015

ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (online)

E sopra um vento de ar puro...

Os dois anos de Papa Francisco *em debate*

Juan Carlos Scannone: ***A teologia do povo como orientação de um pontificado***

Massimo Faggioli: ***Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio***

Sérgio Coutinho: ***O desafio da conversão pastoral e de um novo modelo de Igreja***

John O'Malley:
O espírito pastoral de Francisco e o desafio de desacomodar bispos e teólogos

Francis McDonagh:
O Pontificado e a comunidade LGBT: há de fato uma acolhida da Igreja?

Andrea Grillo:
O filho do Concílio e a luta pelo anticlericalismo

Editorial

E sopra um vento de ar puro... Os dois anos de Papa Francisco em debate

Depois de um longo inverno eclesial, um vento de ar puro e fresco sopra na Igreja.

O jesuíta argentino que chegou ao Vaticano com ares de novidade tem conquistado fiéis do mundo todo, caiu nas graças da imprensa, mas também tem mexido com a Igreja, suscitando resistências e contrariedades. Assim tem sido Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco.

Entender o pontificado desse bispo que veio lá "do fim do mundo", depois de dois anos de pontificado, é o tema em debate da revista IHU On-Line desta semana.

A edição é publicada na semana em que acontece o **II Colóquio Internacional Concílio Vaticano II. 50 anos**, na Unisinos, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. No evento, mais precisamente na manhã da próxima quinta-feira, serão debatidos, especificamente, "Os dois anos do pontificado do Papa Francisco à luz do Concílio Vaticano II" com a participação de especialistas brasileiros e internacionais.

Contribuem na presente edição, **Juan Carlos Scannone**, teólogo e filósofo argentino, um dos mais importantes teóricos da assim chamada Teologia do Povo, **Andrea Grillo**, teólogo leigo italiano; **Hermann Häring**, professor de Teologia no Instituto para Religião, Ciência e Cultura da Universidade de Nijmegen, Holanda; **Felix Wilfred**, chefe do Departamento de Estudos Cristãos, Faculdade de Filosofia e pensamento religioso, da Universidade de Madras, Chennai, Índia, e presidente da Revista Internacional de Teologia Concilum; **Sérgio Ricardo Coutinho**, professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura, Brasília; **John W. O'Malley**, historiador e professor de Teologia na Georgetown University, Washington.

Massimo Faggioli é doutor em História da Religião e professor de História do Cristianismo da University of St. Thomas, de Minnesota; **Austen Ivereigh**, jornalista e cientista político, é autor do livro The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope; **Marcelo Fernandes de Aquino**, reitor da Unisinos; **Leonardo Boff**, teólogo, filósofo e escritor; **Washington Uranga**, jornalista argentino e diretor do Mestrado em Comunicação Institucional da Universidade Nacional de San Luis; **Francis McDonagh**, jornalista, correspondente para a América Latina da revista britânica The Tablet.

Gianni Vattimo, filósofo italiano; **Vito Mancuso**, teólogo italiano; Paulo Suess, professor no ciclo de Pós-Graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP e assessor teológico do Conselho Missionário Indigenista - CIMI; **Gilles Routhier**, teólogo, professor na Universidade de Laval, Canadá; **Deborah Rose-Milavec**, teóloga, coordenadora do movimento FutureChurch e **Christine Schenk**, teóloga e diretora emérita do grupo FutureChurch; Helmut Schüller, padre de Viena, coordenador do movimento austríaco Pharrer-Initiative; **Stefano Zamagni**, professor de economia na Universidade de Bolonha, na Itália e **Todd A. Salzman** e **Michael G. Lawler** professores no departamento de Teologia da Universidade Creighton, nos Estados Unidos, **Tina Beattie**, professora de teologia da Universidade de Roehampton em Londres; Christine Schenk, irmã da Congregação de São José, uma das fundadoras da FutureChurch.

Ainda participam desta edição com depoimentos sobre o dois anos do pontificado de Francisco, **Castor M.M. Bartolomé Ruiz** e **Alfredo Culleton**, professores de Filosofia; **Pedro A. Ribeiro de Oliveira**, sociólogo; **Brenda Carranza**, socióloga; Francisco de Assis da Silva, Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; **Walter Altmann**, pastor luterano, **João Pedro Stédile**, da coordenação nacional do MST, **José Maria Mayrink**, jornalista, **Ivone Gebara**, teóloga e os teólogos **Faustino Teixeira**, **Luiz Carlos Susin, Erico Hammes e Antônio Fausto Neto**.

Completa a edição uma importante resenha do livro "La Réception du Concile Vatican II: Accéder à la source" (Paris: du Cerf, 2009, 944 pp) de Christoph Théobald, elaborada por Gilles Routhier.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Crédito das fotos de capa (em sentido horário): Andreas Tille/Wikipedia Commons; Wikipedia; Zenit.org; Ministry of Culture of Korea.

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves – MTB 12415/RS (leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

6 Destaques On-Line

8 Resenha - Gilles Routhier: Sobre o Concílio Vaticano II

Tema de Capa

16 **Juan Carlos Scannone:** O Papa Francisco e a Teologia do Povo

27 **Austen Ivereigh:** O Papa peronista, jesuíta e reformador

31 **Marcelo Fernandes de Aquino**: A experiência inaciana e o caminho espiritual de Bergoglio

36 **Massimo Faggioli:** Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio

40 **Vito Mancuso:** E se as reformas não chegarem e uma nova primavera for mera ilusão? Os desafios de um pontificado

47 **Leonardo Boff:** O amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco

52 **Gianni Vattimo:** O Papa que salvou a Igreja do suicídio. Um grande milagre

55 **John O'Malley:** O espírito pastoral de Francisco e o desafio de desacomodar bispos e teólogos

59 **Andrea Grillo:** O filho do Concílio e a luta contra o clericalismo

65 **Todd A. Salzman e Michael G. Lawler:** Os ares de um Papa que oxigena a Igreja

73 **Francis McDonagh:** O Pontificado e a comunidade LGBT: há de fato uma acolhida da Igreja?

76 **Christine Schenk:** Avanços simpáticos, mas não suficientes

81 **Deborah Rose-Milavec:** Francisco e os discursos para "desacomodar"

86 **Felix Wilfred:** O Papa que deixa os livros e se volta à humanidade

88 **Sérgio Coutinho:** O desafio da conversão pastoral e de um novo modelo de Igreja

94 **Tina Beattie:** Um pontificado de novidades e resistências

98 **Hermann Häring**: O pontificado e as reformas de Bergoglio. Um olhar teológico desde a Alemanha

106 **Washington Uranga:** De Bergoglio a Francisco, o estrategista e hábil executor da política

109 **Paulo Suess:** Por uma Igreja livre das amarras sistêmicas

118 **Gilles Routhier:** A lufada de ar do Concílio Vaticano II na Igreja

121 **Stefano Zamagni:** Em defesa de uma economia mais justa

125 **Helmut Schüller:** Abertura da Igreja: um longo caminho a percorrer

127 **Depoimento - Francisco de Assis da Silva:** Os novos ares de Francisco na Igreja

128 **Depoimento - Walter Altmann:** Os significados profundos dos gestos de Francisco

129 **Depoimento - Castor M.M. Bartolomé Ruiz:** Lampejos de esperança em tempos sombrios

131 **Depoimento - Ivone Gebara:** Dois anos de Pontificado de Francisco

133 **Depoimento - Pedro A. Ribeiro de Oliveira:** O Pontificado de Francisco a meio caminho

135 **Depoimento - Brenda Carranza:** Papa Francisco: continuidades essenciais e rupturas simbólicas

137 **Depoimento - Faustino Teixeira:** O evangelho da alegria

139 **Depoimento - Luiz Carlos Susin:** Os ouvidos abertos de Francisco

141 **Depoimento - José Maria Mayrink:** O caminho da Igreja das sacristias às periferias

142 **Depoimento - Erico Hammes:** A guinada estético-teológica de Bergoglio

144 **Depoimento - Alfredo Culleton:** Francisco, o primeiro entre iguais

146 **Depoimento - João Pedro Stédile:** Papa Francisco desde o olhar dos movimentos sociais

148 **Depoimento - Antônio Fausto Neto:** O Papa da diferença e da diversidade

IHU em Revista

150 Retrovisor

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Destaques da Semana

Destaques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 11-05-2015 e 15-05-2015 no sítio do IHU.

Rótulos confundem o consumidor e pouco informam sobre quantidade de adoçante nos alimentos

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Ana Paula Bortoletto Martins, graduada em Nutrição pela Universidade de São Paulo - USP, mestre e doutora em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Atualmente é pesquisadora em alimentos do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor - Idec e pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde - NUPENS.

As indicações de "diet, light e zero" nos rótulos dos alimentos "são utilizadas apenas como uma ferramenta de marketing para estimular o consumo desses produtos, que ficam com uma imagem de serem mais saudáveis, quando na verdade eles deveriam ser consumidos apenas por pessoas com restrições alimentares", afirma Ana Paula Bortoletto Martins, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Publicada em 15-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1H71dYH

Uso combinado de agrotóxicos não é avaliado na prática

Entrevista com Karen Friedrich, graduada em Biomedicina pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestre e doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente integra o quadro do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde - INCQS, da Fundação Oswaldo Cruz e da UNIRIO, onde leciona. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Vigilância Sanitária da Fiocruz. Também é membro do GT Saúde e Ambiente da Abrasco.

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A atualização do Dossiê da Abrasco referente aos alimentos contaminados por agrotóxicos, não só indica que 70% dos alimentos analisados foram cultivados com o uso de inseticidas, como informa que o glifosato, "o agrotóxico mais usado no Brasil", não foi analisado nos testes e, portanto, a expectativa é de que "a contaminação seja muito maior", disse Karen Friedrich, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone.

Publicada em 14-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1cAlD4d

“O resíduo se renova, enquanto o catador se desgasta”. Cargas de trabalho e desgaste da saúde física e mental

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Tanyse Galon, bacharel em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP e doutora em Enfermagem pela USP. Atualmente é enfermeira no Hospital da USP em Ribeirão Preto.

"Na medida em que os catadores e catadoras buscam a sobrevivência por meio da coleta de recicláveis, dando uma característica de mercadoria ou produto vendável a algo que não tinha mais valor, eles vivenciam nesse processo várias cargas de trabalho e desgaste da saúde física e mental", constata a enfermeira em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Publicada em 13-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1Fgnx5m

Monoculturas e agrotóxicos são as causas do sumiço das abelhas

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Betina Blochtein, graduada em Ciências Biológicas, mestre em Zoologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e doutora em Biologia pela Universidade de Tübingen, na Alemanha. É diretora do Instituto do Meio Ambiente e professora na Faculdade de Biociências da PUCRS, com atuação na graduação em Ciências Biológicas e no Programa de Pós-Graduação em Zoologia.

"Estamos olhando só para abelhas sociais, que são criadas em colmeias, que têm foco na criação de mel ou mais recentemente na polinização. Não estamos olhando para as abelhas nativas da fauna silvestre, que estão prestando um serviço de polinização para manutenção dos ecossistemas ou mesmo contribuindo para o aumento de produção agrícola", adverte a bióloga em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone.

Publicada em 12-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1AZcS9X

Sínodo: a tentativa de um olhar pastoral sobre as famílias

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Cesar Kuzma, teólogo, casado, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Atualmente realiza pesquisas em Teologia sistemática e pastoral e leciona na PUC-Rio.

"Não se quer mudar a doutrina, se quer sim ampliar a maneira como a Igreja a compreende, vendo a verdade revelada além do que se tem à frente. A intenção do Sínodo quer olhar o coração e não a lei. Com isso, propõe-se um olhar pastoral e não meramente doutrinário", diz o teólogo em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail.

Publicada em 11-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1cY2jik

ESTANTE

Sobre o Concílio Vaticano II

Christoph THEOBALD, *La Réception du Concile Vatican II: Accéder à la source*. Paris: du Cerf, 2009, 944pp

Por Gilles Routhier | Tradução: Vanise Dresch

"Não se trata simplesmente, de maneira encantatória, de apresentar o Vaticano II como ponto de referência ou "bússola fiável" para orientar o caminho da Igreja ao longo do século que inicia, segundo a expressão de João Paulo II, mas, sim, de nos perguntarmos o que podemos esperar, hoje, desse Concílio", pondera Gilles Routhier, ao apresentar a obra de Christoph Theobald chamada *La réception du concile Vatican II*. Tome I : *Accéder à la source*, (Paris, Cerf, coll. «Unam Sanctam, nouvelle série», 2009).

Gilles Routhier, nascido em Quebec, no Canadá, é padre e teólogo católico. Obteve o título de doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris e em História das Religiões e da Antropologia Religiosa pela Universidade Paris-Sorbonne. Especializado na recepção do Concílio Vaticano II, foi professor de Teologia Prática e Eclesiologia no Instituto Católico de Paris e atualmente ensina na Université Laval, do Canadá.

Eis a resenha.

Essa obra volumosa de Christoph Theobald é, sem dúvida alguma, uma grande contribuição – não pelo número de páginas – para o campo dos estudos sobre o Vaticano II e marca provavelmente uma etapa nas pesquisas sobre o Concílio e sua recepção, dando-lhe uma nova orientação. Tal volume não poderia ter sido escrito há dez anos, não somente por estar alicerçado na pesquisa realizada por Theobald ao longo destes anos – neste sentido, trata-se de uma obra de maturidade, que colhe os resultados de vários anos de pesquisa – mas, sobretudo, porque os últimos anos possibilitaram que as pesquisas sobre o Concílio transpusessem limites importantes.

Não me parece exagero dizer que se trata, atualmente, da contribuição mais importante nesse campo por parte de um teólogo sistemático. Essa obra encontra facilmente seu lugar ao lado das grandes obras que são *L'histoire de Vatican II*, dirigida por G. Alberigo, e *Herders theologischer Kommentar zum zweiten vatikanischen Konzil*, dirigida por G. Hilberath e P. Hünermann. Sua importância nos estudos sobre o Vaticano II resulta do fato de que Theobald desloca a questão, voltando agora nossa atenção não mais somente para a história do Concílio ou o texto conciliar a ser comentado, mas para a questão que interessará uma nova geração: "O que podemos esperar de Vaticano II?". De fato, não se trata simplesmente, de maneira encantatória, de apresentar o Vaticano II como ponto de referência ou "bússola fiável" para orientar o caminho da Igreja ao longo do século que inicia, segundo a expressão de João Paulo II, mas, sim, de nos perguntarmos o que podemos esperar, hoje, desse Concílio.

Depois de ter destacado muito brevemente a importância e a originalidade dessa contribuição para o conjunto das pesquisas atuais sobre o Vaticano II, tratarei de mostrar, num primeiro momento, como essa obra se insere nas grandes correntes atuais de pesquisa sobre o Concílio, ampliando a reflexão, para, num segundo momento, propor duas observações que a leitura estimulante da obra me sugere.

Um estudo original que está no cerne dos debates atuais

Primeiramente, destacarei três aspectos da pesquisa atual sobre o Vaticano II, indicando como o estudo de Theobald aí se insere e amplia a reflexão.

- A originalidade do Concílio definida a partir da pastoralidade ou de seu estilo

Não é a primeira pesquisa que privilegia o caráter pastoral do Vaticano II. Poderíamos dizer que esta é uma convicção compartilhada tanto pelos primeiros comentários do Concílio quanto pela imponente *Histoire du Concile*, dirigida por G. Alberigo[1]. Para o historiador de Bolonha, o caráter pastoral do Concílio, "muito rapidamente percebido como sintoma claro de um concílio novo", [2] é o que melhor caracteriza sua identidade: "Enquanto a identidade dos primeiros concílios da Antiguidade foi marcada pelas definições cristológicas, e, no caso do Concílio de Trento, estiveram no cerne do debate a controvérsia anti-protestante e o restabelecimento da disciplina eclesiástica, o Vaticano II caracteriza-se pela pastoralidade e pelo *aggiornamento*."[3] Para Alberigo, a designação "pastoral" do Concílio é o que melhor caracteriza o Vaticano II em relação aos concílios anteriores[4], o critério hermenêutico por excelência para compreender o próprio evento conciliar, e não somente seus textos.[5] Essa natureza pastoral do Concílio lhe teria sido dada por João XXIII, em seu discurso inaugural,[6] mas o próprio Concílio retomou e fez sua essa orientação, especialmente no debate sobre o *De Fontibus*, durante a primeira sessão.[7] Segundo Alberigo, a indicação de João XXIII é acolhida pelo Concílio, "a referência à sua natureza pastoral, que sugere uma chave hermenêutica para as escolhas feitas gradativamente por ele no que se refere aos argumentos a serem discutidos (por exemplo, a prioridade reconhecida à liturgia ou a importância da condição da Igreja no mundo contemporâneo) ou à maneira de dirigir-se à Igreja em termos de abertura e de exortação, em vez de imperativos."[8] A pastoralidade não somente se enraíza na vontade do Papa João, como também é retomada pelo próprio Concílio.

A tese de Theobald, mesmo não sendo substancialmente diferente daquela de G. Alberigo, situando a originalidade do Vaticano II em sua pastoralidade e enraizando esta no discurso inaugural de João XXIII, distingue-se da segunda pela definição da pastoralidade, que pressupõe uma abordagem hermenêutica da doutrina e da tradição. Esta é, a meu ver, a principal contribuição do teólogo fundamental que Theobald é. Ademais, a análise minuciosa que ele faz para embasar essa tese no conjunto do corpus do Vaticano II é inigualável. Além de mostrar que a escolha pela forma pastoral da doutrina constitui o traço distintivo do Vaticano II, representando, assim, uma ruptura em relação aos concílios anteriores e ao clima dentro do qual evoluía o catolicismo no momento do Concílio, Theobald também se destaca de seus predecessores pelo fato de documentar pacientemente a origem e o desenvolvimento dessa intuição (segunda parte), de retraçar a recepção desse princípio durante o Concílio e a marca que ele imprimiu em todo o seu corpus (terceira parte) e de acompanhar o destino que tomou durante o período de recepção do Concílio (quarta parte). Assim, a pastoralidade torna-se o fio condutor da obra: o autor retraça a emergência dela durante a preparação do Concílio, mostra a adesão dos Padres conciliares a essa orientação de João XXIII ao longo dele e mostra a dificuldade da Igreja católica em obter a mesma adesão a esse princípio durante a recepção do Vaticano II.

Essa tese foi inicialmente apresentada por Theobald em 1996, em um importante artigo ao qual ele nos remete com frequência: *"Le concile et la 'forme pastorale' de la doctrine*[9]*"*. Este texto, em que Theobald procura compreender como emergiu na Igreja católica uma nova maneira de se relacionar com o seu patrimônio dogmático no último século, é propriamente fundador. Pode-se dizer que a essência da tese já está bem determinada ali, e seus estudos posteriores levam Theobald a desenvolvê-la mais. Por isso, desde então, ele não parou de retomá-la, aprofundá-la e refiná-la,[10] até em seu estudo recente, *"Enjeux hermé-*

1 Giuseppe Alberigo, « Critères herméneutiques pour une histoire de Vatican II», *in* M. Lamberigts et C. Soetens, dir. *À la veille du Concile Vatican II*. Vota *et réactions en Europe et dans le catholicisme oriental*, Louvain, Leuven Bibliotheek van de Faculteit der Godgeleerdheid, 1992, p. 12-23 . Citdado em *Interpréter. Hommage amical à Claude Geffré,* Paris, Cerf, 1992, p. 261-275. (Nota do Entrevistado)

2 *Ibid.,* p. 271. Isso já foi mencionado pelo autor em « Vatican II et son Héritage», *in Études d'histoire religieuse,* 63, 1997, p. 10 : « Vatican II se distingue, en effet, par son net engagement "pastoral" : c'est dans ce sens qu'il dépasse la longue saison controversiste des siècles modernes, le retranchement par rapport à la société et les condamnations [...]. Le Concile n'a pas recherché non plus une réforme institutionnelle, mais s'est concentré plutôt sur la recherche d'un style "pastoral"». Ver também a nota nº 7 deste capítulo, que propõe outros elementos bibliográficos sobre a novidade do Vaticano II. (Nota do Entrevistado)

3 Ver *IBID.*, p. 10. (Nota do Entrevistado)

4 Sobre a novidade do Concílio pelo seu caráter pastoral, ver a seção «Un concilio nuovo» du texte d'Alberigo «Il Vaticano II dalle attese ai risultati : una "svolta" ?», *in* Joseph Doré et Alberto Melloni, *Volti di fine concilio*, Milan, Società editrice il Mulino, 2000, p. 413-416. Ver também, do mesmo autor «La svolta pastorale nel Vaticano II», *in Per una "nuova" pastorale ecumenica*, Rome, 1990, p. 71-76 ; *Ecclesiologia in divenir. A proposito di "concilio pastorale" e di Osservatori a-cattolici al Vaticano II*, Bologne, Istituto per le scienze religiose, 1990, 39 pages.

5 Para o historiador, é preciso superar a interpretação que consiste em distinguir entre a "letra" e o "espírito" do Vaticano II. Assim, « An approach of this kind contradicts the very nature of a council that was meant to be and is recognized as having been "pastoral", one that expressly shunned definitions and chose discourse as the literary genre for conveying its decisions. [...] In the case of Vatican II, that kind of interpretation would be an intolerable act of violence and would end the most radical denial of the conciliar event.» Voir G. Alberigo, «The Christian Situation after Vatican II» *in* G. Alberigo, J.-P. Jossua, J. A. Komonchak, dir., *The Reception of Vatican II*, Washington, The Catholic University of America Press, 1987, p. 24. (Nota do Entrevistado)

6 João XXIII, Paulo VI, *Discours au concile*, Paris, Éditions du Centurion, 1966, p. 51-70. (Nota do Entrevistado)

7 Para um panorama geral desse debate, recomendamos o artigo de Giuseppe Ruggieri, «Discussion du "De Fontibus" : le choix conciliaire pour la pastoralité de la doctrine», *in* Giuseppe Alberigo, dir., *Histoire du concile Vatican II*, t. II *La formation de la conscience conciliaire,* Paris, Cerf, 1998, p. 300-320. (Nota do Entrevistado)

8 *Ibid*., p. 274. (Nota do Entrevistado)

9 Christoph Theobald, «Le concile et la "forme pastorale" de la doctrine», *in* Bernard Sesboüe et Christoph Theobald, dir., *La parole du Salut,* Paris, Desclée, 1996, p. 470-510. (Nota do Entrevistado)

10 Ver CHristoph Theobald, «Introduction», *in L'intégrale de Vatican II*, édition bilingue révisée, Paris, Bayard, 2002, p. xiii-xxv. Christoph Theobald, «C'est aujourd'hui le "moment favorable". Pour un diagnostic théologique du temps présent», *in* Philippe Bacq et Chris-

neutiques des débats sur l'histoire du concile Vatican II",[11] em que se pergunta se o dito *princípio* de "pastoralidade", atribuído por João XXIII ao Concílio em seu discurso de abertura, marcou efetivamente todo o corpus textual.[12] O autor considera que a mudança de pontificado, no verão de 1963, teria levado a modificar a primeira orientação do Concílio, fazendo então da *Igreja* "o principal argumento" dele.[13] Para o autor, essa interpretação aclara os meandros da história da recepção do Vaticano II até os dias de hoje.[14] São teses subsidiárias ligadas à primeira, e às quais teremos de voltar. Concentremo-nos, por enquanto, na tese principal, e nela vou me demorar um pouco, pois é o que me parece constituir o cerne da obra: a definição da pastoralidade.

Para Theobald, no discurso de abertura do Concílio, João XXIII inicia "a transformação do 'dogmatismo'[15]", dando um novo marco à doutrina cristã, marco este que, posteriormente, o Concílio será chamado a receber. Ele faz, primeiramente, uma leitura "sapiencial" (e não apocalíptica) da história humana (rompendo com *Dei Filius*), confiando na capacidade de aprendizagem dos humanos e determinando com mais modéstia o papel da Igreja na história, cuja autonomia é respeitada. Em seguida, ele expõe o objetivo do Concílio (promover a doutrina), e o faz em várias etapas: 1- uma doutrina que envolve o homem em sua totalidade e humanização (antropologia); 2 – uma doutrina que se insere no presente da história (história); 3 – uma doutrina transmitida para a felicidade do homem na situação atual da história (passa-se do conteúdo da doutrina à sua recepção baseada em sua força de transformação espiritual); 4 – uma função pastoral do magistério eclesial (o magistério extraordinário da Igreja, que não se opõe a uma ou outra heresia, mas oferece à humanidade um bem, o evangelho).

Manter a doutrina em sua integridade não poderia confundir-se, para João XXIII, com um imobilismo voltado para o passado ou um desenvolvimento doutrinal de modo repetitivo. Há, então, uma nova maneira de relacionar-se com a tradição doutrinal da Igreja, que também é histórica e precisa, em vez de repetida, ser reinterpretada, uma vez que constitui uma maneira, em situações culturais diferentes, de propor o depósito da fé. A tradição doutrinal (*paradosis*) é, assim, um ato de *traditio-receptio* em diversos contextos e diversas épocas. A relação entre doutrina e história – que estava no cerne da crise modernista – é dessa maneira repensada, até mesmo redefinida.

Há, além disso, a atenção à situação cultural dos destinatários do evangelho. Para Theobald, a pastoralidade remete à consideração do destinatário ou receptor no momento da elaboração do discurso, pois não há anúncio do evangelho sem levar em conta o destinatário e sem acreditar que já está ativo nele aquilo que o anúncio traz, de modo que ele pode aderir a este com toda a liberdade.[16] A pastoralidade do Vaticano II, sem se reduzir a isso, caracteriza-se, então, pela consideração dos destinatários e do contexto histórico e cultural destes, o que remete à figura cultural da "verdade revelada".[17] Isso o leva a repensar o doutrinal, pois a pastoralidade introduz o *traditum* em lugares e espaços próprios daqueles que recebem o evangelho, o que obriga a pensar a relação entre a Igreja e o mundo.

A pastoralidade, portanto, descentra a Igreja de duas maneiras complementares que se expressam através de duas escutas: a escuta do evangelho (e da tradição doutrinal) para reinterpretá-lo e transmiti-lo em um novo contexto cultural.

De acordo com Theobald, isso gera uma mudança de ordem ou de paradigma. Passa-se, então, do conteúdo

toph Theobald, dir., *Une nouvelle chance pour l'Évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, Bruxelles, Lumen Vitae, 2004. Christoph Theobald, «Réinterroger les options théologiques et ecclésiologiques du concile», *in* Christoph Theobald et Alberto Melloni, dir., *Vatican II. Un avenir oublié*, Paris, Bayard, 2005, p. 158-188, p. 170 *sqq*. (Nota do Entrevistado)

11 Christoph Théobald, «Enjeux herméneutiques des débats sur l'histoire du concile Vatican II», *Cristianesimo nella storia,* 28/2, 2007, p. 359-380. Para uma visão geral desses debates, ver Theobald, dir., *Vatican II sous le regard des historiens*, Paris, Médiasèvres, 2006. Isso sucedeu à «virada hermenêutica» introduzida pela historicização do Concílio Vatican II, através da publicação dos cinco volumes de *Histoire de Vatican II*, ainsi qu'à travers le commentaire des textes conciliaires publiés dans le *Herders theologischer Kommentar*. Para estas obras, ver G. Alberigo, dir., *Histoire du concile Vatican II. 1959-1965*, 5 tomes, version française, Paris, Cerf, 1997-2005 ; P. Hünermann et B. J. Hilberath, dir., *Herders theologischer Kommentar zum Zeiten vatikanischen Konzil,* Fribourg, Herder, 2005. (Nota do Entrevistado)

12 C. Theobald, «Enjeux herméneutiques», *op. cit.*, p. 361. Esta hipótese já fora aventada pelo autor em C. Theobald et D. Mieth, «Éditorial», *Concilium*, 279, 1999, p. 7 : «O Concílio Vaticano II, concílio de transição, tinha plena consciência de que, logo, não só novas questões surgiriam, mas, devido ao seu próprio método aberto (forma pastoral da doutrina, sinal dos tempos, etc.), seriam encontrados novos modelos e novas maneiras de proceder.» (Nota do Entrevistado)

13 *Ibid.* (Nota do Entrevistado)

14 Recomendamos a crítica que Theobald faz à proposta de Hünermann segundo a qual a designação do "gênero literário" do corpus permite orientar sua recepção. De acordo com o jesuíta, mesmo que seja necessário lembrar o que Hünermann diz sobre a estrutura sincrônica dos textos e suas dimensões diacrônicas, podemos nos perguntar se essa estrutura tem a ver com o gênero literário ou se não é mais de ordem estilística. Theobald propõe, então, prosseguir a primeira referência de Hünermann sobre a questão com análises transversais mais precisas, levando em conta as diferenças de "gêneros" entre "constituições dogmáticas" (Igreja e Revelação), "constituições pastorais", "constituição" (Liturgia), "decretos" e "declarações", estabelecidas pelo próprio Concílio. Ver «Enjeux herméneutiques», *op. cit.*, p. 363-364. Ver também «Introduction», *in L'intégrale de Vatican II*, III et XI-XIII, *op. cit*. Theobald retoma no presente volume as categorias de classificação dos documentos do Vaticano II, p. 412 seguintes. Outro aspecto importante da análise de Hünermann é a distinção entre uma hermenêutica dos autores, aquela do texto e a dos receptores, conforme Ormond Rush, *Still Interpreting Vatican II*, New York, Paulist Press, 2004. Essa abordagem pode, contudo, reabrir o debate sobre a unidade do Vaticano II e a relação entre a unidade do evento do Concílio e a unidade de sua obra. Na presente obra, ver páginas 435-445. (Nota do Entrevistado)

15 «Le concile et la "forme pastorale" de la doctrine», p. 475. (Nota do Entrevistado)

16 Ver C. Theobald, «Enjeux herméneutiques», *op. cit.*, p. 370. Isso é também retomado pelo autor em *Le christianisme comme style*, Paris, Cerf, 2007, p. 159-169. (Nota do Entrevistado)

17 Ver C. Theobald, «C'est aujourd'hui le "moment favorable"», *op. cit.*, p. 56. (Nota do Entrevistado)

da doutrina à sua recepção, baseada em nova atenção às condições espirituais em que a humanidade evolui, e à sua interpretação com vistas a uma re-expressão.

- Um concílio que se insere no longo tempo

Definir a originalidade do Concílio Vaticano II obriga a inseri-lo no longo tempo. Trata-se de mostrar em que sentido esse Concílio se diferencia dos outros. É possível fazê-lo relacionando o Vaticano II com a história bimilenar dos concílios ecumênicos ou gerais. Trabalhos que seguem esse caminho levaram os historiadores a elaborar diversas tipologias dos concílios.[18]

Se vários trabalhos propuseram tipologias, raros foram aqueles que se empenharam tanto em seguir em seus meandros a evolução da instituição conciliar, horizonte indispensável para quem quiser perceber a originalidade do Vaticano II e chegar a compreendê-lo corretamente. Por certo, Theobald beneficiou-se muito com os trabalhos eruditos de seu confrade H. J. Sieben sobre a ideia do concílio através da história, trabalhos esses que, embora o autor dominasse perfeitamente o francês, infelizmente nunca foram traduzidos para essa língua. Alegra-me muito que as conclusões dessas pesquisas estejam finalmente disponíveis para o público francófono, através dessa publicação de Theobald.

Devo dizer que o longo percurso de história conciliar proposto na primeira parte, que visa a aclarar a originalidade do Vaticano II no horizonte da tradição conciliar, é mais elaborado e desenvolvido do que aquele encontrado até mesmo entre os historiadores contemporâneos do Concílio Vaticano II, notadamente G. Alberigo e J. O'Malley, para citar apenas estes, que, embora também tenham insistido na originalidade do Vaticano II, ao querer destacar o seu "estilo" próprio – nas palavras de O'Malley –, não ofereceram tal panorama. Acerca disso – e abro aqui um parêntese –, a exploração dos gêneros literários na obra de Theobald (p. 446-476) também me parece mais sutil e mais completa que aquela encontrada em O'Malley, embora este autor se interesse, precisamente, pela retórica do texto e pelos gêneros literários.[19]

- Uma abordagem dos textos conciliares como corpus

Antes de passarmos a abordar a ideia de corpus, preciso destacar a primeira parte da frase que compõe este título: *Uma abordagem dos textos conciliares*. Eis um elemento característico do trabalho de Theobald: um apego ao texto (e aos seus gêneros literários), uma leitura aprofundada dele, sem dúvida, um convívio assíduo com ele. Não me refiro ao comentário do texto, nem a uma história do texto, o que é diferente, mas a uma leitura do texto. É nítida a diferença em relação à *Histoire de Vatican II*, que recorre a muitas fontes. Por certo, Theobald recorre, às vezes, a elementos extratextuais, tirados dos *Acta et documenta* ou dos *Acta synodalia*, mas aproveita pouco, se não ocasionalmente, os debates conciliares. No referido capítulo, esse trabalho se distingue daqueles realizados pelos historiadores. Seria redutor, contudo, afirmar que, para Theobald, Vaticano II é somente um texto – enquanto, para Alberigo, é acima de tudo um evento. Todavia, na presente obra de Theobald, o Vaticano II é certamente um texto em primeiro lugar. Nisso, ele concorda com seus colegas teólogos H. Legrand e P. Hürnemann, cujas posições respectivas são discutidas brevemente (p. 435-445). Embora tão agarrado quanto estes teólogos ao texto do Concílio, Theobald não adota a ideia de H. Legrand de construir uma história doutrinal do Vaticano II que passaria por uma história da redação de seus textos, além de também não assumir a proposta de caracterizar esse texto como "texto constitucional", privilegiada por seu compatriota de Tübingen. Em relação aos seus antecessores, Theobald desloca o debate de duas formas: da fixação no evento (Aberigo), ele desvia nossa atenção para o texto e, do comentário do texto (Hünermann), ele nos faz passar à gênese e à estrutura do corpus (terceira parte), um corpus caracterizado por sua estrutura duplamente aberta.

Na verdade, Theobald nos remete ao texto do Vaticano II, focando nossa atenção na gênese do corpus e em sua unidade, o que o conduz a explorar sua intra- e intertextualidade. A ideia de que os textos do Vaticano II formam um verdadeiro corpus, e não se apresentam simplesmente como um conjunto de textos esparsos e dispersos reunidos apenas pela encadernação, não é nova. Outros autores afirmaram isso antes dele. Todavia, nunca se levou tão longe a empreitada de reconstruir uma sistemática de conjunto tão sólida. Mais uma vez, o trabalho de Theobald, mesmo se situando na corrente atual dos trabalhos sobre o Vaticano II, dá um passo adiante.

Theobald segue nesse esforço de construção de um corpus coerente há vários anos, aprimorando constantemente os ensaios que apresentou neste sentido em seus trabalhos anteriores, e correndo o risco, talvez, de torná-la muito sistemática. De fato, se o leitor é seduzido por essa apresentação sistemática, que encontra muitos pontos de apoio nos textos e na história

18 Para citar apenas algumas, considero as tipologias de K. J. von Hefele, que apresenta oito tipos de concílio (*Histoire des conciles d'après les documents originaux,* Paris, Letouzey et Ané, 1907, p. 4-8), e de É. Fouilloux, que registra apenas quatro («La phase ante-préparatoire», *in* G. Alberigo, dir., *Histoire du concile Vatican II, 1. Le catholicisme vers une nouvelle époque. L'annonce et la préparation*, Paris, Cerf, 1995, p. 46-57 et 63-68). Este autor retomou a questão diversas vezes, principalmente em sua introdução à publicação dos decretos conciliares (*Les conciles œcuméniques*, vol. I, *L'histoire,* Paris, Cerf, 1999). K. Schatz elaborou também uma tipologia dos concílios em sua obra *Allgemeine Konzilien – Brennpunkte der Kirchengeschichte*, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1999. On verra aussi la typologie présentée par W. Beinert, «Concile» *in* J.-Y. Lacoste, dir., *Dictionnaire critique de théologie*, Paris, PUF, p. 243 et, enfin, G. Routhier, «Il concilio ecumenico o generale» *in* G. Alberigo, G. Ruggieri, R. Rusconi, *Il Cristianesimo. Grande Atlante,* UTET, Turin, 2006, vol. II, p. 584-586. (Nota do Entrevistado)

19 Ver sua obra *Four Cultures of the West*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2004. (Nota do Entrevistado)

do Vaticano II (é nela que as referências históricas são mais numerosas, não se tratando, portanto, de uma construção gratuita) e que dá à obra conciliar uma inteligência em seu todo, ele acaba por se perguntar se, de tanto querer sistematizar, não se perde de vista um aspecto do Concílio Vaticano II que também faz parte de sua história, a saber, que esse corpus, embora apresentando uma verdadeira unidade, também tem um caráter heteróclito insuperável que resiste a qualquer sistematização.

Vemos, então, mais uma vez, como são originais os trabalhos de Theoblad, situando-se, ao mesmo tempo, na linha dos trabalhos atuais sobre o Vaticano II, que tentam abordar os textos deste como um verdadeiro corpus. Diferentemente de J. O'Malley, para Theobald, o que confere unidade ao conjunto não é um estilo particular, mas uma coerência de ordem sistemática. Ele a apresenta sob a forma de esquema ternário (p. 411), constituído por um eixo vertical e um eixo horizontal que se encontram num terceiro termo, a Igreja. Essa apresentação esquemática tão sugestiva e atrativa, que renova a inteligência desse corpus e que recebe minha adesão, é, no entanto, a meu ver, uma construção *a posteriori*, e a empreitada que consiste em querer muito fundamentá-la historicamente (p. 365-409), como se ela se impusesse a partir do desenrolar do Concílio, de onde se poderia tirar a gênese e a estrutura do corpus, é ainda muito frágil. Percebemos aqui a indispensável contribuição e o aporte original da teologia sistemática para a compreensão do Vaticano II, mas também seu limite.

Além disso, essa construção sistemática representada em um esquema comporta os efeitos perversos inerentes a qualquer esquematização. De fato, esta corre o risco de dar novamente à Revelação uma verticalidade que provavelmente vai além da intenção de seu promotor, que sempre lembra, a partir de *Dei Verbum*, que a Revelação está inexoravelmente ligada à história e à cultura, mas nunca acima dessa história e das culturas. Deste modo, a conversa entre Deus e a humanidade (*DV* 2) é um diálogo que se estabelece entre dois parceiros, o primeiro situado numa posição elevada em relação ao segundo, que aparece numa situação de inferioridade.

Certa ideia da Igreja

Passo agora ao meu segundo ponto, e o diálogo que estabeleço aqui com Theobald depende, provavelmente, do nosso posicionamento diferente nas disciplinas teológicas. Theobald, como sabemos, interessa-se pela teologia fundamental e dedicou vários trabalhos à teologia da Revelação, enquanto eu me situo na eclesiologia.

Essa obra em seu todo – principalmente a segunda e a terceira parte dela – repousa na afirmação da separação entre a orientação dada por João XXIII, em seu discurso inaugural, e a programação eclesiológica do Concílio, determinada pelo plano Suenens-Montini e retomada posteriormente por Paulo VI em seu discurso de abertura da segunda sessão (reequilibrada em seu discurso de encerramento). Esse eclesiocentrismo teria levado a um desvio do curso das águas do Concílio, e essa concentração no debate eclesiológico estaria, em parte, na origem das dificuldades encontradas no período pós-conciliar.

No que se refere a Paulo VI, que representa um pouco a figura de "mal-amado", pergunto-me se não devemos falar, sobretudo, do cristocentrismo de seu discurso de abertura da segunda sessão e, neste sentido, do déficit pneumatológico de sua perspectiva, quando comparamos sua visão àquela de seu predecessor. Na origem e no fundamento de sua diferença na retomada material da programação anunciada por João XXIII, há, ao que me parece, essa diferença fundamental.

Todavia, não é essa questão que quero destacar. Tenho a impressão de que o esforço que consiste em querer centrar o debate sobre o acolhimento da Palavra de Deus, no contexto atual e na reinterpretação da tradição em nosso tempo – o que seria diferente dos debates eclesiológicos que caracterizaram o pós-concílio –, pode levar a agir com uma ideia empobrecida da Igreja. De fato, isso corre o risco de reduzir a Igreja ao espaço em que se estrutura o jogo relacional entre os *tradentes*, e a eclesiologia a um *de personnis*, como encontrávamos outrora nos tratados de direito canônico. A eclesiologia se reduziria à boa ordem e ao funcionamento dentro de uma sociedade que persegue fins religiosos. Ela discutiria o exercício da autoridade, a colegialidade episcopal, o modo de exercício do primado etc.

Ora, o que é a Igreja se não for mais aquela assembleia, expressão concreta da resposta dada por uma parte concreta da humanidade à pregação do evangelho. Além disso, o que é a Igreja e para o que ela serve se lhe for subtraída sua dimensão missionária constitutiva? Os dois elementos são claramente afirmados pelo Vaticano II quando trata da Igreja (já em *Lumen gentium*), de modo que não se pode nem reduzir a Igreja aos *tradentes*, nem reduzir a eclesiologia à consideração da atividade destes (concebida pelo esquema de *tria munera*) e à reflexão sobre as relações que eles mantêm entre si e com as figuras institucionais dentro das quais se desenvolvem essas relações. Por certo, é bem levado em consideração o caráter missionário constitutivo da Igreja, tão claramente afirmado em *Ad gentes*, talvez a eclesiologia mais afinada do Vaticano II, como lembramos aqui. Ademais, afirma-se, felizmente, que o eixo vertical e o eixo horizontal a que nos referíamos há pouco se encontram na Igreja. Se me permitem ir mais longe, eu diria ainda que a Igreja existe somente em razão (em função) da humanidade em cujo meio ela exerce o ministério da Palavra ou para o mundo com o qual ela é solidária, e somente em razão (por causa) dessa convocação pela Palavra. Se quisermos marcar a unidade do Vaticano II, não poderemos dissociar *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes* de *Lumen gentium* e *Ad gentes*.

Sem dúvida, concordo que pode ter sucedido certo eclesiocentrismo com uma ideia deficiente e redutora da Igreja, apegando-se principalmente ao jogo relacional entre os *tradentes*. Isso existiu de fato durante o Concílio e sua recepção, mas a eclesiologia do Vaticano II sintoniza bem com uma concepção da Igreja como *creatura Verbi*, que, em lugar e contexto determinados (consideração do receptor), anuncia e interpreta o evangelho, na força do Espírito. Eu defenderia, então, uma eclesiologia bem ancorada na teologia fundamental e na missiologia, e uma teologia fundamental que assumisse a eclesiologia, em vez de uma separação marcada entre essas duas disciplinas, distintas, por certo, mas interdependentes. Aliás, é o que sugerem os trabalhos dos *periti* que transmitiram esses grandes textos do Concílio. Penso especialmente em Y. Congar, mas também em G. Philips, que presidiu os trabalhos de redação das três grandes constituições: aquela sobre a Revelação, a outra sobre a Igreja e *Gaudium et spes*. Não havia entre eles – nem entre vários outros Padres e especialistas – essa divisão das tarefas ou repartição das matérias e das tarefas entre eclesiologia e teologia fundamental. De resto, a importância atribuída ao anúncio e à recepção da Palavra (em contexto) no conjunto do corpus conciliar é testemunho disso, até o projeto – concebido já na primeira sessão (nas discussões de novembro de 1962) e retomado em 1963 e 1964 – de incluir, em *De Ecclesia*, o tratamento da questão da Revelação divina. Tinha-se a nítida impressão de que não eram duas questões isoladas, separadas uma da outra, e sim dois aspectos da mesma questão, como demonstram, aliás, os preâmbulos trinitários das diversas constituições (e do decreto *Ad gentes*).

Na figura da assembleia conciliar, nos é dada, afinal, a essência da figura da Igreja: trata-se de uma assembleia concreta que, na invocação do Espírito, escuta o evangelho entronizado todas as manhãs, que governa esta assembleia para transmiti-lo aos homens dos dias de hoje; assembleia ao mesmo tempo descentrada e aberta. Não temo muito um eclesiocentrismo que trabalhe a partir de tal compreensão da Igreja. Temo apenas a redução da ideia de Igreja.

Tudo começa com João XXIII?

Passo agora ao meu último ponto: o papel fundamental atribuído a João XXIII, que figura como "o discípulo bem-amado", na valorização e na proposição do princípio de pastoralidade – muito rapidamente associado ao princípio de ecumenicidade.

Depois de examinar o desenvolvimento da "consciência hermenêutica de João XXIII" (p. 233-257), destacando e analisando apuradamente seu discurso de abertura *Gaudet mater Ecclesia* como momento decisivo que anuncia a transposição de um limiar, toda a terceira parte examina "a recepção conciliar do princípio de 'pastoralidade'" (especialmente o primeiro capítulo dessa terceira parte, p. 281-364). Com grande rigor e atenção, Theobald retraça então o percurso de recepção intraconciliar do princípio de pastoralidade. Por fim, na quarta parte, cujo subtítulo anuncia o conteúdo, "A manifestação pós-conciliar do princípio de 'pastoralidade'" (p. 495-700), Theobald nos conduz por outro percurso, retraçando desta vez, num voo panorâmico, a recepção do princípio de pastoralidade no período dos quarenta anos que nos separam do Vaticano II. Tudo isso anuncia a quinta parte, em que ele nos fala da urgência de realizar, durante a recepção, o mesmo aprendizado que tiveram de fazer os Padres conciliares durante o Concílio, ou seja, a conversão ao princípio de pastoralidade: recepção, interpretação criativa do evangelho para os dias de hoje.

Essa construção complexa, portanto, é perfeitamente coerente, e o fio condutor de toda essa abordagem nos é dado com o princípio de pastoralidade definido por João XXIII, em seu discurso de abertura do Concílio. Ao longo de muitos capítulos, tem-se a história do fluxo e do refluxo do princípio de pastoralidade durante o Concílio e sua recepção, visto que essa história, que vive momentos de "adesão ao princípio" – o que leva a novos aprendizados – é também comandada por outro programa, o qual leva a uma bifurcação em relação ao programa inicial e ao destacamento do princípio de pastoralidade. O relato, então, vai de João XXIII ao leitor atual e à Igreja, aos quais se dirige essa obra em última instância, leitor e Igreja, que podem ser considerados seus leitores implícitos ou seus destinatários e que, hoje, seriam chamados a aderir ao princípio de pastoralidade e a realizar os aprendizados ligados a ele.

No longo tempo, esse relato situa o princípio de pastoralidade no horizonte dos dois primeiros milênios cristãos e dos vinte primeiros concílios ecumênicos ou gerais (primeira parte), enquanto que, no curto tempo, o horizonte é antes a época moderna, com dois momentos cruciais, o Concílio Vaticano I, com sua constituição *Dei Filius*, e a crise da modernidade. É, sobretudo, neste horizonte que se destaca ainda mais nitidamente a pastoralidade, como desenvolve o capítulo 3 da segunda parte, "A fase preparatória do Vaticano II" (p. 207-258), em que são identificadas três linhas de desenvolvimento: o projeto doutrinal conduzido pela Comissão Teológica; os ensaios hermenêuticos que se manifestam aqui e ali, durante a fase preparatória, e que são tantos contrapontos em relação a esse projeto doutrinal, ou reações a ele, o que teria levado a privilegiar a ideia de um simples *aggiornamento* doutrinal e eclesiológico, que se expressa no plano de Suenens; e, por fim, a consciência hermenêutica de João XXIII. Deparamo-nos, portanto, com um triângulo, no qual o bom Papa João, sozinho, ocupa uma posição distinta.

Essa apresentação é sedutora e merece nossa atenção. Ao nos mostrar um sistema tripolar, seu mérito está, sobretudo, em nos permitir interpretar o desenrolar do Concílio e do pós-Concílio de um modo diferente que não seja o recurso a simples esquemas bi-

nários em que teríamos, de um lado, conservadores e, de outro, progressistas, uma maioria e uma minoria, etc. Teríamos, em vez disso, primeiramente, adeptos de um programa doutrinal cujo objetivo é completar o Vaticano I; em segundo lugar, adeptos de um *aggiornamento* das instituições e da doutrina que, contudo, não teriam programa *a priori*, exceto aquele que lhes será fornecido em 1962 e em que o eixo eclesiológico se torna central; e, em terceiro lugar, o bom Papa João, em sua posição solitária, defendendo o princípio de pastoralidade. Simetricamente, no momento da recepção, teríamos os adeptos de uma normatização doutrinal do Concílio, os partidários de um *aggiornamento* ocupados com a reforma das instituições ou absorvidos por questões eclesiológicas (uma eclesiologia concebida de maneira redutora) e a terceira posição – esta mais esperada que efetiva – da retomada do princípio de pastoralidade, com todos os aprendizados que isso supõe.

Não recuso essa sistematização que, ao menos, nos mostra a complexidade do jogo entre os atores ou os *tradentes*, mas, por um lado, hesito em deixar João XXIII em sua posição solitária olimpiana e apartado da Igreja, da qual ele é o pastor, e, por outro lado, lamento que o horizonte no qual essa preparação se destaca não reserve mais espaço para os movimentos de renovação pré-conciliares (ao contrário de O'Malley, que volta muito sua atenção para o século XIX, ao qual dedica um terço de sua obra). Por certo, encontramos na obra de Theobald algumas páginas (p. 198-203) sobre esses esforços de "reinterpretação global da *paradosis* cristã" que agem na Igreja desde o fim do século XIX, com destaque para o trabalho de Blondel, mas essas páginas constituem apenas um preâmbulo (capítulo 2 da segunda parte) à abordagem do trabalho preparatório para o Concílio (capítulo 3 da segunda parte).

Ora, parece-me que o Concílio não foi somente recebido, ele mesmo recebe os fermentos que trabalham o corpo eclesial.[20] Assim, esse relato não começa com João XXIII, e precisamos remontar no tempo para encontrar sua origem. Além disso, o Papa não me parece ocupar uma posição solitária, ao elaborar, graças ao seu próprio conselho, uma consciência hermenêutica original. Paralelamente às interações entre o Papa e os movimentos de renovação, as interações entre o Papa e os outros atores são também um elemento que o autoriza a desenvolver essa consciência hermenêutica. Penso que João XXIII também hesita e que sua posição só se afirma quando ele sente que, atrás dele, principalmente no colégio dos cardeais, há apoio suficiente para tornar seu projeto recebível e viável.

Eu teria muito a dizer ainda a respeito dessa volumosa obra repleta de intuições, mas estas poucas reflexões já indicam quanto ela me fez pensar e alimentou minha reflexão. Sou muito grato a Theobald por esse trabalho colossal, que impulsiona os estudos sobre o Vaticano II, e aguardo impacientemente a continuação, no segundo volume anunciado. ■

20 Ver meu artigo «Orientamenti per lo studio del Vaticano II come fatto di ricezione». In M. T. Fattori et A. Melloni (dir.) *L'Evento e le decisioni. Studi sulle dinamiche del concilio Vaticano II*. Bologne, Il Mulino, 1998, p. 465-500. (Nota do Entrevistado)

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Tema de Capa

O Papa Francisco e a Teologia do Povo

Juan Carlos Scannone apresenta uma interpretação das ações do pontificado à luz dessa corrente teológica, que fundamenta conceitos e posturas do pontífice

Por João Vitor Santos | Tradução: André Langer

Para críticos, o Papa Francisco se fragiliza quando a questão é o arcabouço teológico. De fato, Bergoglio não é teólogo. O que não quer dizer que não tenha profundidade teológica. É preciso que se reconheça que o Papa tem uma visão de Igreja e de mundo muito particular e que também se difere das perspectivas de seus antecessores. Talvez, seja essa visão que traz os ares de novidade para Santa Sé e surpreende muitos. Mas o que dá suporte, o que está na formação de Bergoglio? Há uma perspectiva teológica que comunga e que baseia sua própria teologia? Para o teólogo argentino Juan Carlos Scannone existe sim. E ela se chama Teologia do Povo.

Ao longo da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, e baseada em artigo publicado na revista La Civiltà Cattolica,[1] Scannone analisa o pontificado de Francisco pela perspectiva da Teologia do Povo. Ela disseca essa linha teológica, relacionando-a com a Teologia da Libertação. A partir de conceitos empregados por Francisco, demonstra o quanto está impregnado por essa corrente e o quanto isso o faz constituir sua percepção de mundo e Igreja. Scannone também analisa a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*[2] como documento orientador do pontificado, por onde também extravasa as ideias de teologia.

Juan Carlos Scannone é jesuíta, tem 83 anos de idade. Foi professor de diversas universidades latino-americanas e europeias, incluindo a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de San Miguel, da Universidade del Salvador. É considerado o maior teólogo argentino vivo, personagem de destaque no panorama intelectual católico do Cone Sul. Discípulo de Karl Rahner, participou como protagonista da evolução do intenso debate pós-conciliar na América Latina.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a origem da Teologia do Povo?

Juan Carlos Scannone - No seu retorno do Concílio Vaticano II,[3] o episcopado argentino criou, em

1 O artigo *Papa Francesco E la Teologia Del Popolo* foi publicado em La Civiltà Cattolica, número 3930 (2014), páginas 571-590. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Evangelii Gaudium**: Alegria do Evangelho, é a primeira Exortação Apostólica escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. Como a maioria das exortações apostólicas, foi escrita após uma reunião do Sínodo dos Bispos, neste caso, a XIII Assembleia Geral Ordinária sobre A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Ainda critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. A íntegra da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* publicada pelo sítio do Vaticano está disponível em http://bit.ly/1FbJOBc. (Nota **IHU On-Line**)

3 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo,* disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*; mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

> *Karl Rahner, embora não tenha conhecido pessoalmente a América Latina, tinha um fino sentido da atualidade teológica*

1966, a Comissão Episcopal de Pastoral - COEPAL[4] com a finalidade de montar um plano nacional de pastoral. Era formada por bispos, teólogos, pastoralistas, religiosos e religiosas, entre os quais se encontravam Gera[5] e Tello[6] – padres diocesanos professores da Faculdade de Teologia de Buenos Aires –, os outros diocesanos Justino O'Farrell (antes orionita) e Gerard Farrell (especialista em Doutrina Social da Igreja), o jesuíta Fernando Boasso (do Centro de Pesquisa e Ação Social), etc. Essa comissão foi o âmbito em que nasceu a Teologia do Povo, cuja marca já se fez notar na declaração do episcopado argentino em San Miguel (1969) – especialmente no documento VI, sobre Pastoral Popular –, que aplicava a Conferência de Medellín[7] ao país.

A COEPAL deixou de existir no começo de 1973. Mesmo assim, vários de seus integrantes continuaram se reunindo como grupo de reflexão teológica sob a liderança de Gera. Ele foi perito em Medellín e Puebla,[8] membro da Equipe Teológico-Pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM[9] e, mais tarde, fez parte da Comissão Teológica Internacional. Sua teologia foi mais oral que escrita, embora também tenha importantes escritos e muitas de suas intervenções orais foram gravadas e depois transcritas.[10] Mais tarde, eu mesmo participei dessas reuniões, junto com Gera, Farrell, Boasso, o atual vigário-geral de Buenos Aires, mons. Joaquín Sucunza, Alberto Methol Ferré – que ia do Uruguai –, etc.

O contexto histórico

O contexto político argentino dos tempos da COEPAL incluía a ditadura militar de Ongañía, a proscrição do peronismo desde 1955, a repressão do movimento operário peronista, o surgimento da futura guerrilha e um fenômeno novo, a saber, que não poucos intelectuais, professores e estudantes universitários progressistas apoiavam então o peronismo como resistência popular aos militares e movimento de protesto social, o que não havia acontecido durante as presidências de Perón. Nessa época nasceram, na Universidade de Buenos Aires, as assim chamadas Cátedras Nacionais de Sociologia, com figuras como o já mencionado O'Farrell.

Este foi o nexo entre as Cátedras Nacionais e a COEPAL, pois fazia parte de ambas. Assim é como, distanciando-se tanto do liberalismo como do marxismo, ambas as equipes de reflexão encontraram sua conceitualização na história latino-americana e argentina (real e escrita) com categorias como "povo" e "antipovo", "povos" antagônicos a "impérios", "cultura popular", "religiosidade popular", etc.

No caso de Gera e da COEPAL, tratou-se principalmente do Povo de Deus – categoria bíblica privilegiada pelo Concílio para designar a Igreja – e sua inter-relação com os povos, em especial o argentino.

4 **Comissão Episcopal de Pastoral - Coepal**: comissão constituída por bispos argentinos após o Concílio Vaticano II. Sobre a COEPAL cf. Sebastián Politi, Teología del pueblo. Una propuesta argentina a la teología latinoamericana 1967-1975, Buenos Aires, 1992, cap. 4; Marcelo González, Reflexión teológica en Argentina (1962-2010). Aportes para un mapa de sus relaciones y desafíos hacia el futuro, Buenos Aires, Docencia, 2010, cap. 2. (Nota do entrevistado)

5 **Lucio Gera** (1924–2012): teólogo, imigrante italiano que chegou à Argentina quando criança. Foi líder da Comissão Episcopal de Pastoral (Coepal), constituída pelos bispos argentinos no rescaldo do Concílio Vaticano II. Por isso é considerado um dos pensadores da Teologia do Povo (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Rafael Tello**: teólogo argentino. Ao longo de 40 anos, trabalhou a importância da cultura e do povo para o a evangelização da América Latina, sendo um dos teólogos fundadores da linha conhecida como Teologia do Povo. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**: realizou-se em Medellín, na Colômbia no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi "A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II". A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa, que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina. Ver "Documento do CELAM". São Paulo: Paulus (2005) (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Conferência de Puebla:** a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de los Angeles, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Os bispos afirmam optar por uma "Igreja-sacramento de comunhão", que "oferece energias incomparáveis para promover a reconciliação e a unidade solidária dos nossos povos"; uma "Igreja servidora", "que prolonga no decorrer dos tempos o Cristo-Servo de Javé através dos diversos ministérios e carismas"; uma "Igreja missionária", "que anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é filho de Deus em Cristo". "Documento do CELAM". São Paulo: Paulus (2005). (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Conselho Episcopal Latino-Americano - Celam:** trata-se de um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe, cuja sede está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. A entidade presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Veja uma seleção de suas obras: Virginia R. Azcuy-Carlos María Galli-Marcelo González (Comité Teológico Editorial), Escritos Teológico-Pastorales de Lucio Gera. I: Del preconcilio a la Conferencia de Puebla (1956-1981), Buenos Aires, Ágape-Facultad de Teología UCA, 2006; II: De la Conferencia de Puebla a nuestros días, ibid., 2007. Se están publicando los inéditos de Tello, v.g. La nueva evangelización. Escritos teológico-pastorales I, Buenos Aires, Ágape, 2008; id., Pueblo y cultura, Buenos Aires, Patria Grande, 2011. (Nota do entrevistado)

Note-se que uma das expressões características de Bergoglio é a de "povo fiel", cuja fé e piedade populares valoriza fortemente.

Para a COEPAL, não estava em jogo apenas "a emergência do laicato dentro da Igreja, mas também a inserção da Igreja no transcurso histórico dos povos" enquanto sujeitos de história e cultura, receptores, mas também agentes de evangelização, graças à sua fé inculturada. Foram influenciados – assim como o resto da teologia latino-americana daquela época – pela teoria da dependência, mas entenderam-na não tanto a partir do econômico, mas prioritariamente a partir da dominação política (imperial), que inclui a econômica, enquadrando ambas na libertação integral do pecado, incluindo suas consequências estruturais.

IHU On-Line - Como essa teologia compreende o conceito de povo?

Juan Carlos Scannone - A categoria "povo" é ambígua, não pela pobreza, mas pela riqueza. Pois, por um lado, pode designar o povo-nação – como nas expressões: povo argentino, povo coreano – e, por outro lado, as classes e setores sociais populares. A COEPAL o entendeu, sobretudo, na primeira acepção, a partir da unidade plural de uma cultura comum, enraizada em uma história comum e projetada para um bem comum compartilhado. Como se nota à primeira vista, a dimensão histórica é fundamental nesta concepção de "povo", que implica também – por parte de pastores e políticos – um atento discernimento dos "sinais dos tempos" na vida do povo e dos povos, que – para os fiéis – são também indicadores da vontade providente de Deus.

Na América Latina, são os pobres que, ao menos de fato, conservam como estruturante de sua vida e convivência a cultura própria de seu povo (Puebla 414), assim como sua memória histórica, e cujos interesses coincidem com um projeto histórico comum de justiça e paz, sendo que vivem oprimidos por uma situação de injustiça estrutural e de violência institucionalizada. Por isso, na América Latina, ao menos de fato, a opção pelos pobres e pela cultura coincidem. E, provavelmente, também porque são eles que deixam transparecer melhor a cultura comum de seu povo.[11]

Certa vez perguntei a Boasso[12] por que a COEPAL havia privilegiado o tema da cultura, e ele me respondeu que o havia tomado do número 53 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*[13] - GS. Contudo, a redação do número 386 do Documento de Puebla (um dos principais responsáveis fora Gera) mostra como a GS foi lida em perspectiva latino-americana, já que são inseridas as palavras "em um povo". Assim se deslocou o sentido conciliar mais humanista de cultura de ambos os primeiros parágrafos, para aquele que o Concílio relaciona depois com seu "aspecto histórico e social" e denomina de "sentido sociológico e etnológico", que a GS aborda somente depois, no terceiro parágrafo.

Por conseguinte, Puebla relê GS e muda o ângulo do enfoque de sua compreensão da cultura. Em uma reunião dos professores das Faculdades de Filosofia e Teologia de San Miguel com os da Teologia da Universidade Católica Argentina - UCA, imediatamente depois de Puebla, perguntei a Gera se os redatores haviam se dado conta desse deslocamento de ótica, e ele me respondeu dizendo que não. Ou seja, tratou-se de um ato espontâneo, não reflexo, devido provavelmente ao novo lugar hermenêutico a partir de onde se interpretava o texto (a partir da América Latina), mudança de ponto de vista que também não foi percebida como tal pelos bispos, já que não houve objeção; e que se conserva na exortação *Evangelii Gaudim* - EG.

A Teologia do Povo não passa por alto os graves conflitos sociais vividos pela América Latina, mesmo que, em sua compreensão de "povo", privilegie a unidade sobre o conflito (prioridade depois repetidamente afirmada por Bergoglio). Pois, embora não tome a luta de classes como "princípio hermenêutico determinante" da compreensão da sociedade e da história,[14] dá lugar histórico ao conflito – mesmo de classe –, concebendo-o a partir da unidade prévia do povo. Desse modo, a injustiça institucional e estrutural é compreendida como traição a este por uma parte do mesmo, que se converte assim em *antipovo*.

IHU On-Line - De que forma os conceitos de povo e religião se articulam?

Juan Carlos Scannone - O que foi dito até aqui incide na consideração da religiosidade popular. Pois, por um lado, considera-se a religião (ou, respectivamente, a atitude negativa diante do religio-

11 Sobre a inter-relação entre povo e pobres segundo COEPAL, ver: F. Boasso, ¿Qué es la pastoral popular?, Buenos Aires, Patria Grande, 1974. (Nota do entrevistado)

12 **Fenando Boasso** (1921): padre jesuíta, é formado em Filosofia pela Escola dos Jesuítas, de San Miguel, e em Teologia pela Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus, San Miguel. Conduziu estudos especializados em teologia bíblica no Instituto Católico de Paris. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Ver a Instrução da Congregação para Doutrina da Fé Libertatis Nuntius (1984) X, 2, cf. IX, 2. (Nota do entrevistado)

so) – seguindo Paul Tillich[15] – como núcleo da cultura de um povo e, por outro, faz-se referência, com Paulo VI,[16] à piedade "dos pobres e simples" (*Evangelii Nuntiandi*[17] - EN). Mas aqui também a oposição é apenas aparente se estimamos que, ao menos de fato na América Latina e provavelmente também de direito, são estes últimos que preservam melhor a cultura comum, seus valores e símbolos (inclusive religiosos), que tendem a ser compartilhados por todos, podendo ser em nossos países o germe – nos não pobres – de uma conversão ao pobre para obter sua libertação e, dessa maneira, a de todos.

Por isso, a religião do povo, se está autenticamente evangelizada, longe de ser ópio, não tem um potencial apenas evangelizador, mas também de libertação humana, como na prática mostrou a leitura popular da Bíblia. É por isso que Puebla é considerado como autêntica continuação de Medellín, embora tenha tomado da exortação EN (1975) novas contribuições sobre a evangelização da cultura e da piedade popular. Pode-se provar que o Sínodo de 1974 os havia abordado sob o influxo da Teologia do Povo, tanto graças a bispos latino-americanos como por meio de quem depois seria o cardeal Eduardo Pironio.[18] Foi assim que Paulo VI recolheu essas contribuições em sua exortação pós-sinodal, a qual, por sua vez, foi aplicada por Puebla (1979) à América Latina e enriquecida com novas contribuições, por exemplo, a de Gera na "Evangelização da cultura" e a do chileno Joaquín Alliende, em "Religiosidade popular[19]".

> ***Além das ideias novas que Francisco trouxe ao Papado há uma radical transformação no estado de espírito na Igreja e também fora dela***

América Latina próxima de Roma

Assim, produziu-se uma espiral virtuosa entre a América Latina e Roma. Pois, começada na Argentina, foi levada ao centro pelo Sínodo. Ali Paulo VI a aprofundou, sendo retomada em Puebla, onde foi novamente enriquecida, assim como em Aparecida. Agora retorna a Roma com o Papa Francisco, que volta a fazê-la frutificar e a oferece novamente à Igreja universal.

Uma importante novidade está na relevância que Puebla – na linha da Teologia do Povo – dá à "sabedoria popular", nas duas seções citadas do documento, relacionando a religião do povo com o conhecimento sapiencial que não substitui o científico, mas o situa existencialmente, o complementa e o confirma. A Teologia do Povo a considera chave como mediação entre a fé do povo e uma teologia inculturada.[20] E o Papa Francisco reconhece sua importância ao falar do conhecimento por conaturalidade, seguindo Tomás de Aquino, mas também Puebla e o Pe. Gera.

O papel do encontro de Aparecida

Mais tarde, Aparecida soube discernir na piedade popular latino-americana momentos de verdadeira espiritualidade e mística populares (Aparecida[21] 258-265, em especial 262). Já Jorge Seibold, pastoralista da Teologia do Povo, o havia assinalado ao introduzir a categoria "mística popular".[22] Como veremos, na EG o Papa refere-se duas vezes a esta. Tê-la em conta é, hoje, um novo desafio na América Latina e fora dela.

IHU On-Line – A Teologia do Povo é uma corrente ou uma atualização da Teologia da Libertação?

Juan Carlos Scannone - Em 1982, distingui quatro correntes na Teologia da Libertação latino-americana.[23] Entre elas situei a Teologia do Povo, nome que lhe foi dado por

15 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Evangelii Nuntiandi:** exortação apostólica publicada em 8 de dezembro de 1975 pelo Papa Paulo VI. Afirma o papel de cada cristão (não só os ministros ordenados, sacerdotes, diáconos e, ou religiosa, ou do pessoal da Igreja profissional) na difusão do Evangelho de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Eduardo Francisco Pironio** (1920-1998): cardeal, foi o sexto argentino adicionado ao Colégio dos Cardeais; foi o primeiro latino-americano a exercer um cargo na Cúria Romana. (Nota da **IHU On-Line**)

19 J. Alliende se refere elogiosamente ao que chama "escuela argentina de pastoral popular" en: "Diez tesis sobre pastoral popular", Religiosidad popular, Salamanca, Sígueme, 1976, p. 119. (Nota do entrevistado)

20 Sobre essa mediação, ver meu livro: Evangelización, cultura y teología, Buenos Aires, Guadalupe, 1990 (2a ed., con Introducción: ib., Docencia, 2012). (Nota do entrevistado)

21 Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus (15ª ed. 2014). (Nota da **IHU On-Line**)

22 CF. Jorge R. Seibold, La mística popular, México, Buena Prensa, 2006. (Nota do entrevistado)

23 Refiro meu artigo: "La teología de la liberación. Características, corrientes, etapas", Stromata 48 (1982), 3-40; foi escrito para obra: Karl Neufeld (ed.), Problemi e prospettive di teologia dogmatica, Brescia, Queriniana, 1983. No texto do mesmo parágrafo faço menção a: Juan Luis Segundo, Liberación de la teología, Buenos Aires, Lohlé, 1974, p. 264; al libro de S. Politi; a G. Gutiérrez, La fuerza histórica de los pobres. Lima, CEP, 1988, p. 372; y a R. Oliveros, Liberación y teología. Génesis de una reflexión (1966-1077), Lima, CEP, 1977. (Nota do entrevistado)

Juan Luis Segundo[24] ao criticá-la. Gutiérrez[25] a caracteriza como "uma corrente com características próprias dentro da Teologia da Libertação". Roberto Oliveros, reconhecendo-a como uma vertente desta, denomina-a pejorativamente de "teologia populista". Depois, a mencionada classificação – que, certamente, não é a única possível – foi aceita por teólogos da libertação, como João Batista Libanio,[26] e por seus críticos ao apresentar a Instrução *Libertatis Nuntius*.[27]

Entre as "características próprias" mencionadas por Gutiérrez, há outras de índole metodológica: o uso da análise histórico-cultural, privilegiando-a sobre a socioestrutural, sem descartá-la; o emprego – como mediação para conhecer a realidade e para transformá-la – de ciências mais sintéticas e hermenêuticas, como da História, da Cultura e da Religião, completando assim o emprego de ciências mais analíticas e estruturais; o mencionado enraizamento destas mediações científicas em um conhecimento e discernimento sapienciais pela "conaturalidade afetiva que dá o amor", que, por sua vez, as confirma; distanciamento crítico do método marxista de análise social e das categorias de compreensão e estratégias de ação que lhe correspondem.[28]

As duas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé[29] de 1984 e 1986 ajudaram a prevenir posições extremas. João Paulo II, por sua vez, em sua mensagem de 09 de abril de 1986 aos Bispos do Brasil, deu reconhecimento eclesial à Teologia da Libertação não apenas como "oportuna, mas útil e necessária", e como "uma etapa nova" na reflexão teológico-social da Igreja, contanto que esteja em continuidade com esta.[30]

O segundo encontro de El Escorial (1992) – 20 anos após o primeiro, do qual também eu havia participado[31] – foi uma prova da fecundação mútua entre a vertente principal da Teologia da Libertação e a predominantemente argentina, pois no mesmo se deu um espaço importante às problemáticas da cultura, do novo imaginário sociocultural, da sabedoria popular, etc., por exemplo, em intervenções como as de Pedro Trigo,[32] Diego Irarrázabal,[33], Antonio González,[34] Víctor Codina,[35]

24 **Juan Luis Segundo** (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (Essa comunidade chamada Igreja; Graça e condição humana; A nossa ideia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa). (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Gustavo Gutiérrez** (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

26 **João Batista Libanio** (1932-2014): padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensinou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - ISI–FAJE, em Belo Horizonte, e foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte, até sua morte. A edição número 394, de 28-05-2012, da **IHU On-Line** trouxe como tema de capa a trajetória de JB Libanio. Confira a versão digital em http://bit.ly/1EKv6N7 (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Libertatis nuntius**: documento de 1984, assinado pelo então Cardeal Ratzinger, membro da Congregação para Doutrina da Fé, trata da Teologia da Libertação em 14 apontamentos que tentam explicar sua motivação. (Nota da **IHU On-Line**) / Falo, respectivamente, de: J.B. Libânio, Teologia da libertação. Roteiro didático para um estudo, São Paulo, Loyola, pp. 258 ss.; A. Quarracino, Presentación de LN, L'Osservatore Romano (ed. sem. en español: OR), No 819 (9 sept. 1984), p. 567. (Nota do entrevistado)

28 Cf. meu trabalho: "Situación de la problemática del método teológico en América Latina (con especial énfasis en la teología de la liberación después de las dos Instrucciones)", en: El método teológico en América Latina, Bogotá, CELAM, 1994, pp. 19-51. (Nota do entrevistado)

29 **Congregação para a Doutrina da Fé:** a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

30 Cf. ese mensaje en: OR No 904 (1986), párrafo 5. (Nota do entrevistado)

31 Eu havia feito minha exposição desde o ponto de vista da Teologia do Povo, cf. "Teología y política. El actual desafío planteado al lenguaje teológico latinoamericano de liberación", Instituto Fe y Secularidad, Fe cristiana y cambio social en América Latina. Encuentro de El Escorial, 1972, Salamanca, Sígueme, 1973, pp. 247-281. (Nota do entrevistado)

32 **Pedro Trigo**: teólogo , jesuíta de origem espanhola, cidadão venezuelano. Formou-se em Filosofia da Universidade Católica de Quito , Equador (1966) e doutorado em Teologia (1980). Desde 1974 que pertence a Gumilla Centro . Centro de Acção da Investigação e Social Companhia de Jesus na Venezuela , fundada em 1969. De 2000 a 2005, participou como especialista em Concílio Plenário da Venezuela, que foi realizada em Caracas , Venezuela. Atualmente é Professor de Teologia e Filosofia na América Latina em Caracas, Venezuela, anfitriã de grupos cristãos populares, que vivem em uma área popular, entregues à vida consagrada na Venezuela. Confira entrevista concedia à **IHU On-Line**, publicada em Notícias, em 08-09-2012, no sítio IHU disponível em http://bit.ly/1PnAlgV (Nota da **IHU On-Line**)

33 **Diego Irarrázaval** (1942): religioso chileno e teólogo da Libertação. Na década de 1970 esteve envolvido em perseguição política pelo regime de Augusto Pinochet . Depois de forçado a deixar o Chile, até 2004, atuou como missionário em Chucuito no do Peru. Dirigiu o Instituto de Aymara Estudos em Peru. De 1995 a 2001 foi Vice-Presidente e de 2001 a 2006 Presidente da EATWOT , a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. Atua no Departamento de Religião da Universidade Católica Silva Henríquez (UCSH) no Chile, com foco no diálogo inter-religioso e antropologia cultural. (Nota da **IHU On-Line**)

34 **Antonio González**: frei carmelita, foi missionário em Goma, na República Democrática do Congo, na dura época dos refugiados que vinham de Ruanda. É especialista em pastoral juvenil e em ecumenismo, dirige grupos de oração. Foi nomeado secretário geral do V Centenário do nascimento de Santa Teresa, celebrado no ano de 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

35 **Víctor Codina**: jesuíta, licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Barcelona, em Teologia pela Universidade de Innsbruck, e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Desde 1982 reside na Bolívia, onde alternou a tarefa de professor de Teologia na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba com o trabalho de formação de leigos e na pastoral popular. Entre suas últimas publicações, destacamos: Para comprender la eclesiología desde América Latina (Estella: Navarra, 2008), No extingáis el Espíritu (Santander: Sal Terrae, 2008), Una iglesia nazarena (Santander: Sal Terrae, 2010) e Diario de un teólogo de postconcilio (Bogotá: Paulinas, no prelo). Dentre seus livros publicados em portugués, citamos O credo dos pobres (São Paulo: Paulinas, 1997). Ele estará na Unisinos participando do Congresso Continental de Teologia, com a conferência "As Igrejas no Continente 50

entre outros.[36] Alguns anos mais tarde, em setembro de 1996, a cúpula do CELAM, com a participação das autoridades da Congregação para a Doutrina da Fé (entre elas o então cardeal Josef Ratzinger e o arcebispo Tarcisio Bertone), reuniu em Schönstatt (Alemanha) um grupo relativamente pequeno de teólogos e especialistas latino-americanos para refletir sobre "o futuro da teologia na América Latina", pedindo-lhes o desenvolvimento de quatro temas, a saber: a Teologia da Libertação, a doutrina social da Igreja, o comunitarismo e a teologia da cultura. Eu, que também participei desse encontro, perguntei aos organizadores por que haviam escolhido estes temas; a resposta foi: porque eram considerados os temas mais relevantes para a teologia latino-americana do terceiro milênio. O primeiro deles foi encomendado a Gustavo Gutiérrez, e o quarto – por dificuldades de saúde de Gera –, ao seu discípulo Carlos Galli, com a consigna de apresentar a teologia de seu mestre. Ou seja, reconhecia-se um papel decisivo para o futuro teológico da América Latina tanto ao tronco principal da Teologia da Libertação como à corrente argentina.[37] Depois da brilhante exposição de Gutiérrez, Ratzinger louvou explicitamente seu cristocentrismo e seu sentido da gratuidade.

Nesse mesmo ano, em novembro, a Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, seção de língua flamenga, convocou outro encontro em torno da questão de uma eventual mudança de paradigma na Teologia da Libertação, "de um paradigma socioeconômico a outro cultural".[38] Desse modo, pretendia-se colocar o dedo na ferida de uma eventual alteração de eixo entre os diferentes enfoques desta teologia. Por isso, aproveitei a ocasião do encontro com Gutiérrez em Schönstatt para lhe perguntar sua opinião sobre esse assunto. Respondeu-me dizendo que o tema da cultura esteve presente desde o começo e que não houve mudança de paradigma, mas de acento. Pois bem, essa foi a resposta da maioria dos participantes do encontro de Lovaina: a premente preocupação social e econômica com a libertação não apenas continuava, senão que havia piorado, mas se havia ampliado e aprofundado com a consideração da cultura.

IHU On-Line – Como a Teologia do Povo aparece no pontificado de Francisco?

Juan Carlos Scannone - Desde que apareceu na sacada de São Pedro, depois da sua eleição, o Papa Francisco realizou gestos simbólicos, deu entrevistas, falou como chefe da Igreja e publicou uma espécie de "roteiro" de seu pontificado na exortação *Evangelii Gaudium*, que, em não poucas características, recordam a Teologia do Povo argentina. Daí a pergunta sobre as prováveis convergências da sua perspectiva pastoral com esta teologia.

Povo fiel

Chamou a atenção o gesto do Papa de pedir a bênção ao povo quase imediatamente após apresentar-se em público. Não admirou aqueles que conhecíamos o seu apreço teológico pelo "povo fiel de Deus", que implica ao mesmo tempo uma maneira específica de conceber a Igreja, o reconhecimento do "sentido da fé" do povo e do papel dos leigos no mesmo. Nisso reside a sua predileção pela expressão "povo fiel", que também é repetida na EG e que explicitamente reconhece como "*mistério* que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional" (EG 101; cf 95).[39] É esse povo em seu conjunto que anuncia o Evangelho.

Nesses textos podem-se ouvir ecos da Escritura e do Vaticano II, mas também da Teologia do Povo, sobretudo no que se refere aos povos, suas culturas e sua história. "Este Povo de Deus encarna-se nos povos da Terra,[40] cada um dos quais tem a sua cultura própria... Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar de vida que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus... A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe" (EG 115). Destaco que Francisco adota a releitura feita por Puebla, seguindo a Teologia do Povo. Recordo também que, quando o padre Bergoglio era Reitor das Faculdades de San Miguel, organizou o primeiro Congresso sobre a evangelização da cultura e a inculturação do Evangelho que aconteceu na América Latina (1985). Na conferência de abertura, falou sobre a incultu-

anos depois do Vaticano II: questões pendentes". Saiba mais em http://bit.ly/q7kwpT. Codina também foi entrevistado na edição número 404 da IHU On-Line. Confira http://bit.ly/1cDsmue (Nota da **IHU On-Line**)

36 Cf. os trabalhos destes e de outros autores, en: Joseph Comblin-José Ignacio González Faus-Jon Sobrino (eds.), Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina, Madrid, Trotta, 1993. (Nota do entrevistado)

37 Cf. G. Gutiérrez, "Una teología de la liberación en el contexto del Tercer Milenio" y C.M. Galli, "La teología latinoamericana de la cultura en las vísperas del Tercer Milenio", en: Mons. Luciano Mendes de Almeida (et al.), El futuro de la reflexión teológica en América Latina, Bogotá, CELAM, 1996, respectivamente pp. 97-165 y 245-362. A mí se me pidió el tema: "El comunitarismo como alternativa viable", ibid., pp. 195-241. (Nota do entrevistado)

38 Ver: Georg De Schreijver (ed.), Liberation Theologies on Shifting Grounds. A Clash of Socio-economic and Cultural Paradigms, Leuven, University Press-Peeters, 1998. (Nota do entrevistado)

39 O próprio Bergoglio remete, em seus estudos teológicos a sua admiração sobre que "el pueblo fiel es infalible 'in credendo' -en el creer-", e o fez dessa forma para sua própria lembrança: "cuando quieras saber lo que cree la Iglesia, andá al magisterio", "pero, cuando quieras saber cómo cree la Iglesia, andá al pueblo fiel", cf. Jorge Mario Bergoglio, Meditaciones para religiosos, San Miguel, Ed. Diego de Torres, pp. 46 s. (ver: EG 124). (Nota do entrevistado)

40 Lembro-me da tese de doutorado de Carlos Maria Galli, liderada por Gera, lamentavelmente, como inédito em sua totalidade, tem o título: El Pueblo de Dios y los pueblos del mundo. Catolicidad, encarnación e intercambio en la eclesiología actual (1993). Um de seus capítulos foi publicado como: "La encarnación del Pueblo de Dios en la Iglesia y en la eclesiología latinoamericanas", Sedoi 125 (1994). (Nota do entrevistado)

ração, citando o Pe. Arrupe,[41] pioneiro no uso desse neologismo.[42]

Por isso, o Papa Francisco, quando fala do Povo de Deus, refere-se ao seu "rosto pluriforme" (EG 116) e à sua "multiforme harmonia" (EG 117) graças à diversidade das culturas que o enriquecem. Além disso, na mesma linha da Teologia do Povo, acentua uma doutrina tradicional, quando reconhece que "Deus dota a totalidade dos fiéis com um *instinto da fé* – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere sabedoria que lhes permite captá-la intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão" (EG 119). Mais ainda, "o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas" (EG 21) de evangelização.

As quatro prioridades bergoglianas levadas ao povo

O episcopado argentino – incluído o cardeal Bergoglio –, seguindo os enfoques da Teologia do Povo e enriquecendo-os, adotou a postura da Comissão Justiça e Paz argentina, sobre passar "de habitantes a cidadãos". Isso ilumina o que o Papa Francisco escreve na EG sobre o povo-nação: "Em cada nação, os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua vida, configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada pelas forças dominantes... Mas tornar-se um *povo* é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro com uma harmonia pluriforme". Notemos a expressão típica sua: "cultura do encontro".

Já como Provincial dos jesuítas, Bergoglio anunciou e, depois, como arcebispo de Buenos Aires, explicou mais detalhadamente prioridades de governo conducentes ao bem comum,[43] a saber: 1) "superioridade" do todo sobre as partes, 2) a da realidade sobre a ideia, 3) a da unidade sobre o conflito, 4) a do tempo sobre o espaço. Segundo se diz, são tomadas da carta de Juan Manuel de Rosas (governador de Buenos Aires) a Facundo Quiroga (governador de La Rioja na Argentina) sobre a organização nacional argentina, escrita na fazenda de Figueroa em San Antonio de Areco (20 de dezembro, 1834),[44] onde Rosas não as explicita, embora as tenha em conta implicitamente. Mais tarde – já como Papa – Francisco introduziu as duas últimas prioridades na encíclica a quatro mãos *Lumen Fidei*.[45] Finalmente, as desenvolve e articula na EG, apresentando-as como uma contribuição a partir do pensamento social cristão "para a construção de um povo".

Sentido teológico-pastoral de tempo

A exortação começa com a prioridade do tempo sobre o espaço, pois se trata mais de iniciar "processos que construam povo" (EG 224; 223) na história, que de ocupar espaços de poder e/ou posse (de territórios ou riquezas). Na minha opinião, o sentir espiritual do tempo propício para a acertada decisão, seja esta existencial, interpessoal, pastoral, social ou política, é parte do carisma inaciano, conectada intimamente com o discernimento dos espíritos. Em sua teologia, Gera reconhece sua importância para profetas, pastores e políticos, e Methol[46] é conhecido por suas análises geopolíticas e por sua interpretação cristã dos sinais atuais dos tempos e da Igreja latino-americana. Bergoglio, por sua vez, como jesuíta, participa desse carisma de discernimento e, provavelmente, conhecia as mencionadas contribuições teóricas

41 **Pedro Arrupe** (1907-1990): sacerdote católico espanhol, da Companhia de Jesus. Depois de estudar quatro anos medicina, a contragosto de muitos professores e colegas entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Sempre teve grande desejo de ir para o Japão. No Japão, logo aproximou-se das pessoas, e chegaram a pensar que Arrupe seria um espião americano. Saindo de Yamagushi, foi para o noviciado do Japão, em Hiroshima, como mestre de noviços. Aí se destacou pelo seu serviço incondicional quando da queda das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Criou um hospital improvisado nas instalações semidestruídas do noviciado e foi com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heroicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e em 1963 Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. O centenário de Pedro Arrupe foi lembrado nas Notícias do Dia 14-11-2007, na nossa página eletrônica. O material está disponível em (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

42 Cf. Jorge Mario Bergoglio, "Discurso inaugural", en: Congreso Internacional de Teología "Evangelización de la cultura y inculturación del Evangelio", Stromata 61 (1985) Nro. 3-4, pp. 161-165; la alusión a la intervención de Pedro Arrupe en el Sínodo de 1974, está en la p. 164. (Nota do entrevistado)

43 Na Congregação Provincial XIV (SI Província da Argentina, 18 de fevereiro de 1974) fala, como Provincial, destes três critérios, sem falar explicitamente da superioridade da realidade sobre a ideia.. Ver a obra citada: Meditaciones para religiosos, pp. 49-50; la presentación y el desarrollo de los cuatro lo ofrece en su Conferencia como Arzobispo de Buenos Aires en la XIII Jornada Arquidiocesana de Pastoral Social (2010): "Hacia un bicentenario en justicia y solidaridad 2010-2016. Nosotros como ciudadanos, nosotros como pueblo", sobre todo en el apartado 4; todo el documento ilustra su concepción del "pueb", cf. www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2010.htm#XIV_Jornada_Arquidiocesana_de_Pastoral_Social. (Nota do entrevistado)

44 Cf. Enrique Barba, Correspondencia entre Rosas, Quiroga y López, Buenos Aires, Hyspamérica, 1984, p. 94. (Nota do entrevistado)

45 **Lumen Fidei**: Luz da Fé (em português), é o nome da primeira encíclica do Papa Francisco, assinada em 29 de junho de 2013, na Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo, publicada a 05 de julho de 2013, quase quatro meses depois do início do seu pontificado. A encíclica centra a sua temática na fé e conclui uma trilogia de seu predecessor, o Papa Bento XVI, que já havia escrito sobre a esperança e a caridade, as outras virtudes teologais, nas encíclicas Deus Caritas Est, Spe Salvi e Caritas in Veritate. Francisco assumiu o trabalho de Bento XVI que, antes de sua renúncia ao Papado, já tinha completado o primeiro rascunho do texto, ao qual foram adicionadas algumas contribuições do Papa argentino. (Nota da **IHU On-Line**)

46 **Alberto Methol Ferré**: historiador, geopolítico, teólogo, filósofo e docente. Falecido em 2009, foi um duro contestador da Teologia da Libertação. Foi um crítico áspero da obra teológica de Juan Luís Segundo, jesuíta uruguaio, um dos grandes expoentes da Teologia da Libertação. Por suas oposições à esta Teologia era um consultor muito ouvido e respeitado em círculos da Igreja Latino-Americana, como o CELAM nos tempos de López Trujillo, que lutavam arduamente contra a Teologia da Libertação. (Nota da **IHU On-Line**)

desses pensadores. Apesar de tudo, não deixa fora o espaço, mas que o considera a partir do tempo, pois coroa suas considerações dizendo: "O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos de uma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás" (EG 223).

Unidade plural e conflito

A Teologia do Povo pensava este a partir da unidade, mas reconhecia a realidade do antipovo, do conflito e da luta pela justiça. Também neste ponto há no pensamento do Papa não só um influxo inteligentemente recebido, mas um aprofundamento evangélico e teológico. Pois afirma que não se pode ignorar os conflitos, mas também não se pode ficar preso a eles ou torná-los a chave do progresso. Pelo contrário, trata-se de "aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. 'Felizes os pacificadores' (Mt 5, 9)" (EG 227), não a paz dos cemitérios, mas a paz da "comunhão nas diferenças", "um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida" (ib. 228), "um pacto cultural", "uma 'diversidade reconciliada'" (ib. 230). Pois "não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste" (ib. 228).

Recordo que Bergoglio desejava fazer sua tese de doutorado sobre Romano Guardini.[47] Consultou seus arquivos e dedicou-se à sua compreensão do dinamismo dialético (não no sentido hegeliano ou marxista!) dos contrários,[48] para aplicá-la à práxis e à história. Ali está o fundamento último de sua propiciada "cultura do encontro" na não ignorância da realidade do conflito.

> *A categoria 'povo' é ambígua, não pela pobreza, mas pela riqueza*

A realidade superior à ideia

Também entre estas existe uma tensão bipolar, pois a segunda está em função da primeira, sem se separar dela; caso contrário, existe o perigo de manipulá-la. "É preciso passar do nominalismo formal à objetividade harmoniosa" (ib. 232), afirma o Papa. Segundo ele, esse "critério leva à encarnação da Palavra e à sua colocação em prática", pois – acrescenta – "não colocar em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam o seu dinamismo" (ib. 233).

Não vejo uma conexão imediata entre esta prioridade e a Teologia do Povo – como nos casos anteriores – a não ser na crítica que esta faz das *ideologias*, tanto de cunho liberal como marxista, e em sua busca de categorias hermenêuticas a partir da *realidade* histórica latino-americana, sobretudo dos pobres.

A superioridade do todo sobre as partes e a soma das partes

O Papa conecta o princípio de superioridade do todo sobre as partes com a tensão entre globalização e localização. Quanto a esta última, ela converge com as raízes histórico-culturais da Teologia do Povo, situada social e hermeneuticamente na América Latina; e com sua ênfase na encarnação do Evangelho, inculturando-o no catolicismo popular.

Quanto à globalização, a COEPAL não a teve explicitamente em conta quando ainda era apenas emergente. Depois, fizeram-no seus continuadores, como Methol Ferré, Gerardo Farrell e os trabalhos interdisciplinares do Grupo de Pensamento Social da Igreja que tomou seu nome do último, depois de seu falecimento.[49] Farrell havia sido integrante e secretário da COEPAL, embora por sua idade seja considerado como pertencente à segunda geração da Teologia do Povo, e foi membro fundador do mencionado grupo.

Também nesse ponto, Bergoglio avança rumo a uma síntese superior que não apaga as tensões, mas que as compreende, vivifica, torna fecundas e as abre ao futuro. Para ele "o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade". E, quase na sequência, acrescenta: "É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos" (EG 236). Sem empregar

47 **Romano Guardini** (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, De La Mélancolie, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache, Paris: Points, 1953, e La Fin des temps modernes. Paris: Seuil, 1952. (Nota da **IHU On-Line**)

48 Cf. R. Guardini, Der Gegensatz. Versuche zu einer Philosophie des lebendig Konkreten, Mainz, Mathias Grünewald, 1955. (Nota do entrevistado)

49 Cf. Gerardo Farrell (et al.), Argentina: alternativas frente a la globalización, Buenos Aires, San Pablo, 1999; asimismo ver: A. Methol Ferré-Alver Metalli, El Papa y el filósofo, Buenos Aires, Biblos, 2013 (Nota do entrevistado)

a palavra, o Papa aponta para a interculturalidade.

Anteriormente, o Papa Francisco havia oferecido a fundamentação trinitária do dito: "O próprio Espírito Santo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai" (EG 117). Atração da beleza: outra característica do enfoque do Papa, que não deixa de convergir com enfoques de Methol.

IHU On-Line – A piedade é outro conceito que parece forte em Bergoglio. De que forma podemos compreender essa ideia de piedade?

Juan Carlos Scannone - Uma característica distintiva da Teologia do Povo é sua revalorização teológica e pastoral da religião do povo, de tal modo que chegou a reconhecer uma "mística popular", como o faz também o encontro de Aparecida. Em duas ocasiões a EG refere-se a esta, por exemplo, quando exemplifica a superioridade do todo sobre as partes: "A mística popular acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro, e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa" (EG 237; cf. ib. 124).

Também converge com a Teologia do Povo quando a EG relaciona a piedade popular com outros temas-chave para ambas, como são os da inculturação do Evangelho (EG 68, 69, 70) e dos "mais necessitados" e sua "promoção social" (ib. 70). Distingue as duas claramente do "cristianismo de devoções, próprio de uma vivência individual e sentimental da fé", sem negar, contudo, a necessidade de uma ulterior "purificação e amadurecimento" dessa religiosidade, para a qual "é precisamente a piedade popular o melhor ponto de partida", de acordo com a mesma exortação. Quando se refere às "relações novas geradas por Jesus Cristo", conecta-as espontaneamente com a religiosidade popular, reconhecendo suas "formas próprias".

Uma das apreciações mais ricas e profundas do Papa Francisco sobre a religião do povo foi no Rio de Janeiro, no encontro com o CELAM. Na ocasião, apresentou como expressão de criatividade, sã autonomia e liberdade laicais, no contexto de sua crítica à tentação do clericalismo na Igreja. Pois a reconheceu como uma manifestação do "católico como povo", em seu caráter comunitário e adulto da fé, ao mesmo tempo que recomendava então instâncias características da América Latina, como são os grupos bíblicos e as comunidades eclesiais de base.[50]

> ***Uma importante novidade está na relevância que Puebla — na linha da Teologia do Povo — dá à 'sabedoria popular'***

Um exemplo claro de convergência com a Teologia do Povo a EG oferece quando, citando Puebla (e Aparecida)[51] a conclui que, mediante sua piedade popular, "o povo se evangeliza continuamente a si mesmo", quando se trata de povos "nos quais o Evangelho se inculturou" (EG 122; cf. 68), pois cada um deles "é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história. A cultura é algo de dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar em face dos próprios desafios". Então, "no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua própria índole, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si". (ib) Notemos que não fala de uma mera transmissão cultural externa, mas de um testemunho coletivo vivo. Por isso acrescenta: "Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo" (ib).

Não vou citar *in extenso* esses importantes parágrafos da EG, mas observar apenas que então volta a falar de "mística popular", como "espiritualidade encarnada na cultura dos simples", e que, embora ela, "no ato de fé... acentua mais o *credere in Deum* que o *credere Deum*" – o que me faz recordar expressões de Tello –, contudo, "não é vazia de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental". Mais ainda, "comporta a graça da missionariedade, do sair de si e do peregrinar" (EG 124).

Um pouco adiante, quase calcando Lucio Gera e Puebla, ensina que "só a partir da conaturalidade afetiva que dá o amor é que podemos

50 Ver a alusão do Papa em seu encontro do CELAM (28 de jul. 2013), en: Mons. Víctor M. Fernández (et al.), De la Misión Continental (Aparecida, 2007) a la Misión Universal (JMJ Río 2013), Buenos Aires, Docencia, 2013, p. 287. (Nota do entrevistado)

51 **Conferência de Aparecida:** V Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano E Do Caribe - Aparecida, 13-31 de Maio De 2007 - Documento Final - http://bit.ly/1B11odM. V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi: "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", inspirado na passagem do Evangelho de João que narra "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Sobre essa Conferência leia a edição 224 da revista IHU On-Line, de 20-06-2047, intitulada Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência e disponível em http://bit.ly/gGMpe4. (Nota da **IHU On-Line**)

apreciar a vida teologal presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres" (ib. 125).

Mais ainda, a exortação culmina o tratamento da religiosidade popular, aceitando, com a Teologia do Povo, sua relevância não apenas pastoral, mas estritamente teológica, pois termina dizendo: "As expressões da piedade popular..., para quem as sabe ler, são um lugar *teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização" (EG 126). O Espírito sopra quando e onde quer. Pois bem, parece-me que hoje, em ambientes secularizados do Norte, onde "Deus brilha por sua ausência",[52] oferece-se humildemente do Sul o testemunho vivido e sentido da piedade "dos pobres e simples" e de sua "mística popular", como contribuição para a nova evangelização.

Mas o Papa não é ingênuo e não ignora "que nas últimas décadas houve uma ruptura na transmissão da fé cristã no povo católico"(EG 122). Ele já havia alertado para isso quando era arcebispo de Buenos Aires. Então não só ausculta suas causas (EG 70), mas aposta na pastoral urbana (EG71-75), já que "Deus vive na cidade" (DA 514), embora sua presença deva ser "descoberta, desvendada" (EG 71), não em último lugar, "nos 'não-citadinos', nos 'meio-citadinos' [e] nos 'sobrantes urbanos'" (EG 72).

IHU On-Line – Bergoglio faz sua evangelização preferencial pelos pobres? O que significa e como entender essa sua opção?

Juan Carlos Scannone - Enfatizei a estreita conexão entre a opção preferencial pelos pobres e a piedade popular como é vivida na América Latina, sobretudo nos setores pobres. Pois bem, embora toda a Igreja, inclusive os Sumos Pontífices tenham feito essa opção, não há dúvida de que a Teologia da Libertação em todas as suas correntes, também a argentina, caracteriza-se por colocar nesta opção seu ponto de partida e seu lugar hermenêutico. O novo Papa, desde a escolha do seu nome, colocou de manifesto sua acentuação do amor preferencial pelo pobre, marginalizado, excluído, desempregado, doente, incapacitado, "descartado", "sobrante", tanto que alguns disseram que suas primeiras visitas fora de Roma, a Lampedusa[53] e Sardenha,[54] e seu encontro ali com os migrantes refugiados e com os desempregados, operaram simbolicamente como verdadeiras encíclicas.

> ***Na América Latina, são os pobres que conservam como estruturante de sua vida e convivência a cultura própria de seu povo***

Não somente declara que "a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada" (EG 189), de acordo com a doutrina católica, mas que depois afirma: "Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica" (EG 198). Daí que volte a expressar o que já havia dito em outras ocasiões: "Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles" (ib).

Critica à financeirização

Francisco não deixa de ver o outro lado da mesma moeda. Por isso critica "uma economia [que] "mata" (EG 35),[55] o "fetichismo do dinheiro" e um "sistema social e econômico... injusto em sua própria raiz", devido "às ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e [de]a especulação financeira". Afirma que "Deus, em Cristo não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens", de modo que os cristãos temos com que lutar, sem violência, mas com eficácia histórica, pela "inclusão social dos pobres" e contra "a economia de exclusão e iniquidade" e "o mal cristalizado em estruturas injustas".

O tema dos pobres segundo o Papa Francisco é ponto essencial de convergência entre seu magistério, o ensino social da Igreja e a Teologia do Povo. Nesses três casos não se trata de uma mera teoria, mas de sua encarnação em práticas existenciais e sociais (inclusive estruturais), que fazem realidade a "encarnação do Evangelho" e a "revolução da ternura" (EG 88).

52 Quero dizer expressões convergentes de fenomenólogos da religião como os europeus Bernhard Welte (cf. su obra: Das Licht des Nichts. Von der Möglichkeit neuer religiösen Erfahrung, Düsseldorf, Patmos, 1980, pp. 54 ss.) y Jean-Luc Marion (ver su artículo: "Métaphysique et Phénoménologie: une relève pour la théologie", Bulletin de Littérature Ecclesiastique 94 (1993), 189-206, en especial p. 203). (Nota do entrevistado)

53 **Lampedusa:** Para saber mais sobre Lampedusa, confira a Conjuntura da Semana especial sobre o tema, em http://bit.ly/ihu-lampedusa Veja também nossa reportagem especial sobre refugiados, intitulada *Mundo em Fuga*, publicada na edição 429 da **IHU On-Line**, em 15-10-2013. (Nota da **IHU On-Line**)

54 **Sardenha:** é uma ilha do mar Mediterrâneo ocidental e uma região autônoma da Itália com população é de 1,65 milhão de habitantes e cuja capital é Cagliari. Em setembro de 2013 o Papa Francisco visitou a região para ver a situação da população desempregada. Leia o artigo *Da encíclica de Lampedusa à de Sardenha* publicado nas Notícias do Dia do IHU, disponível em http://bit.ly/1A4PcGc. (Nota da **IHU On-Line**)

55 Recentemente foi publicado o livro de Andrea Tornielli – Giacomo Galeazzi, *Papa Francesdco. Questa economia uccide. Con un' intervista esclusiva su capitalismo e giustizia sociale* (Milano, Edizioni PIEMME, 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - De que forma a "teologia latino-americana" pode contribuir para a Igreja de hoje, diante dos desafios da contemporaneidade?

Juan Carlos Scannone - Karl Rahner,[56] embora não tenha conhecido pessoalmente a América Latina, tinha um fino sentido da atualidade teológica. Por isso, percebeu já naquela época como contribuições importantes da Igreja e da teologia latino-americanas à Igreja e teologia universais, dois âmbitos característicos de sua vida e reflexão: a teologia libertadora e a religião do povo.[57] Pois bem, ambas caracterizam a Teologia do Povo e fazem também parte do ar fresco do Sul, que irrompeu na Igreja graças ao Papa vindo "do fim do mundo".

Como a realidade é superior à ideia, penso que, além das ideias novas que Francisco trouxe ao Papado, há algo ainda mais importante contribuído pela realidade de sua pessoa e seu carisma, a saber, uma radical transformação no estado de espírito na Igreja e também fora dela. Com Ricoeur[58] aceito que a história, inclusive a da Igreja e sua relação com o mundo, pode ser interpretada como um texto.[59] Faz parte do significado de um texto não apenas o que nele se diz, mas também o momento pragmático de como se diz, com que atitude existencial e ânimo espiritual, que tom afetivo e vivência o acompanham. Disso se encontram índices objetivos no estilo do texto ou na reiteração das palavras.

Pois bem, o último ano de Pontificado tomado como texto e o próprio texto da EG me parecem refletir um novo ânimo na Igreja, tanto nas intervenções do Papa, como na resposta criativa do Povo fiel. Tal estado de espírito transparece na reiteração textual, gestual e vivida de *Leitmotiv* como "gozo do Evangelho", "revolução da ternura", "cultura do encontro", etc. Eles se opõem a atitudes de acedia, desencanto e isolamento individualista; e, sobretudo, testemunham e transparentam a alegria de evangelizar e ser discípulos-missionários, o despojo gozoso, o amor preferencial pelos pobres, a misericórdia de Jesus, a esperança do Reino e de "outro mundo possível". Mas, não se trata de tonalidades separadas, mas que configuram um harmônico "sistema de atitudes" (EG 122) que transluzem e contagiam o gozo do Evangelho.■

56 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (*O Espírito no mundo*), 1939, *Hörer des Wortes* (*Ouvinte da Palavra*), 1941, *Schrifften zur Theologie* (*Escritos de Teologia*). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da **IHU On-Line**, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102, da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em http://bit.ly/maOB5H. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em http://bit.ly/02e8cX. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o **Cadernos de Teologia Pública** nº 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em http://bit.ly/18XbPcU. Em 2014 a **IHU On-Line** publicou a edição 446 intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/112CjfG. (Nota da **IHU On-Line**)

57 Ver: K. Rahner et al. (eds.) Befreiende Theologie. Der Beitrag Lateinamerikas zur Theologie der Gegenwart, Stuttgart-Berlin-Köln-Mainz, Kohlhammer, 1977; id., Volksreligion – Religion des Volkes, ibid, 1979. O mesmo Rahner o prólogo da primeira obra "Einleitende Überlegungen zum Verhältnis von Theologie und Volksreligion" (pp. 9-16), para a segura. Tive a honra de participar dos dois. (Nota do entrevistado)

58 **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da **IHU On-Line**, de 24-02-2003, disponível para download em http://bit.ly/ihuon49 e uma entrevista na edição 50 que pode ser acessada em http://bit.ly/ihuon50. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em http://bit.ly/ihuon142. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem falível* e *A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da "escola da suspeita". (Nota da **IHU On-Line**)

59 Cf. Paul Ricoeur, "Le modèle du texte: l'action sensée considérée comme un texte" y "Expliquer et comprendre. Sur quelques connexions remarquables entre la théorie du texte, la théorie de l'action et la théorie de l'histoire", en: id., Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II, Paris, Seuil, 1986, respectivamente, pp. 183-211 y 161-182. (Nota do entrevistado)

LEIA MAIS...

- **A teologia e uma nova ótica evangélica a partir dos pobres.** Entrevista com Juan Carlos Scannone, publicada na edição número 404, de 05-10-2012, disponível em http://bit.ly/1Rh8XiU.
- **Uma teologia atenta à contemporaneidade**. Entrevista com Juan Carlos Scannone, publicada na edição número 446, de 16-06-2014, disponível em http://bit.ly/1dQqcIE.

O Papa peronista, jesuíta e reformador

Austen Ivereigh mergulhou na vida de Bergoglio e o considera um "reformador". O substrato para essa reforma está nas formas peronista e jesuíta do Papa

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin | Tradução: Gabriel Ferreira

Se fosse preciso definir o Papa Francisco em apenas três palavras, certamente o jornalista inglês Austen Ivereigh usaria: peronista, jesuíta e reformador. Para ele, a combinação da definição dessas três palavras constituem as características de Bergoglio. Como argentino, conheceu de perto o peronismo[1] e passou a ser influenciado por essa forma de relação com o povo. "Mas isso não fez dele um próperonista acrítico: foi crítico feroz tanto de Menem,[2] como de Kirchner.[3] Via o movimento peronista como a expressão legítima dos valores dos argentinos comuns", explica, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Da formação jesuíta, Francisco traz a inquietação na busca por uma Igreja evangelizadora. "Como Santo Inácio, Francisco está buscando restaurar na Igreja a orientação missionária e voltada para fora, que é típica dos jesuítas", destaca. É por essa linha que Ivereigh desenrola a ideia de reforma do Papa. No entanto, o jornalista inglês ainda vai além. Para ele, Francisco merece o título de "reformador" não só pelo que propõe no Papado, mas pela história de mudanças que fez. "Eu o chamo de 'grande reformador' porque ele tem se mostrado resoluto em seu objetivo de convocar a Igreja para voltar à sua missão essencial. Isso faz dele um reformador na tradição das reformas católicas ao longo dos séculos", explica.

Austen Ivereigh é jornalista e vive em Londres. Foi editor da revista britânica The Tablet e diretor de Assuntos Públicos do ex-arcebispo de Westminster, o cardeal Cormac Murphy-O'Connor. Fundador e coordenador do Catholic Voices, que capacita as pessoas a colocar o caso da Igreja Católica nos meios de comunicação, ainda contribui para revistas e jornais.

Ele é doutor em Filosofia pela Universidade de Oxford com a tese intitulada 1993 "Catholicism and Politics in Argentina: an Interpretation, with Special Reference to the Period 1930-1960", publicada no livro Catholicism and Politics in Argentina, 1810-1960 (New York: St Martin's Press; Basingstoke: Macmillan in association with St Antony's College, Oxford, 1995). Ele também é editor do livro The Politics of Religion in an Age of Revival: Studies in Nineteenth-Century Europe and Latin America (London: Institute of Latin American Studies, 2000).

Estudioso da Igreja latino-americana, produziu uma pesquisa para analisar o fenômeno que é Francisco. O trabalho culminou no livro *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope* [O Grande Reformador. Francisco e a construção de um Papa radical, em tradução livre] (Henry Holt; 1st edition, 2014).[4]

Confira a entrevista.

1 **Peronismo** (Movimento Nacional Justicialista): o Movimento Nacional Justicialista é genericamente chamado peronismo. Os ideais são baseados no pensamento de Juan Domingo Perón (1895-1974), presidente da Argentina de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974. O Movimento transformou-se, mais tarde em Partido Justicialista, que é a força política maioritária na Argentina. Os ideais do peronismo se encontram nos diversos escritos de Perón como "La Comunidad Organizada", "Conducción Política", "Modelo Argentino para un Proyecto Nacional", entre outros, onde estão expressos a filosofia e doutrina política que continuam orientando o pensamento acadêmico e a vida política da segunda maior nação sulamericana.(Nota da **IHU On-Line**)

2 **Carlos Saúl Menem** (1930): político argentino. Governou o país entre 1989 e 1999, pelo Partido Justicialista (peronista). É atualmente senador pela província de La Rioja. Foi muito criticado por um governo de corrupção, pelo seu perdão a ex-ditadores e outros criminosos condenados da guerra suja, o fracasso das suas políticas econômicas que levaram à taxa de desemprego de mais de 20% e a uma das piores recessões que a Argentina já teve, além do pouco empenho demonstrado nas investigações do ataque terrorista à comunidade judaica em 1994, que resultou na morte de 85 pessoas. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Néstor Kirchner** (1950–2010): advogado e político argentino, foi o 54º presiddente da Argentina. Casado com Cristina Kirchner, foi sucedido por ela na Casa Rosada. (Nota da **IHU On-Line**)

4 O livro foi ampla e reiteradamente comentado nas páginas do sítio do IHU. Aqui citamos algumas das resenhas publicadas sobre o livro de Austen Ivereigh, The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope [O grande reformador: Francisco e a formação de um papa radical]. **Francisco, O Grande Reformador. Biografia do Papa escrito por Austen Ivereigh**, artigo de John Cavadini, publicada em Notícias do Dia, em 12-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Dhgt6K; **Livro explora origens argentinas do Papa Francisco**, resenha de Arthur Liebscher, publicada em Notícias do Dia, em 16-01-2015, no sítio do IHI, disponível em http://bit.ly/1HdXuen; **"O grande reformador". Uma biografia do Papa Francisco**. Artigo de **James Martin, publicado em Notícias do Dia, em 18-12-2014, no sítio do IHU, disponível em** http://bit.ly/1FjxWMi**;** Eduardo Pironio, precursor do papa Francisco. **reportagem publicada em Notícias do Dia, em 22-01-2015, no sítio do IHU, disponível em** http://bit.ly/1HcglnG**;** O papa, o conclave e a rosa branca**. Comentário de Marco Tosatti, publicado em Notícias do Dia, em 04-12-2014, no sítio do IHU, disponível em** http://bit.ly/1HcglnG**.** (Nota da **IHU On-Line**)

> ***Francisco é profundamente argentino em muitos aspectos e seu pensamento e sua teologia são muito influenciados pela tradição católica nacionalista***

IHU On-Line - Como religioso, Bergoglio esteve sempre dedicado a reformar, fazer mudanças? Como essa postura reformadora apareceu enquanto foi arcebispo de Buenos Aires e provincial dos jesuítas na Argentina?

Austen Ivereigh - Quando eu comecei a ler seus muitos artigos, escritos ao longo de 20 anos como jesuíta, nas décadas de 1970 e 1980, eu fiquei surpreso pela clareza que ele possuía, desde o começo, sobre sua missão como um reformador. As pessoas que o conheciam já naquela época ficavam espantadas com a clareza de sua visão, mesmo estando na casa dos 30 anos, quando ele se tornou provincial. Ele tinha dois objetivos principais para a reforma dos jesuítas, a qual ele continuou como Arcebispo: ordenar as atividades de acordo com uma finalidade missionária, focada nas necessidades pastorais e materiais das pessoas comuns, e combater a "mundanidade espiritual".

A expressão "mundanidade espiritual" ele tomou do teólogo Henri de Lubac.[5] Ela significa a tentativa de interpretar o Evangelho do ponto de vista de uma ideologia, ou de um interesse mundano. Ou, ainda, utilizar o Evangelho a serviço de quaisquer outros objetivos que não seja o Cristo e Sua missão. Missão essa que é fazer o amor curativo de Deus pela humanidade ser conhecido. Eu o chamo de "grande reformador" porque ele tem se mostrado resoluto em seu objetivo de convocar a Igreja para voltar à sua missão essencial. Isso faz dele um reformador na tradição das reformas católicas ao longo dos séculos, tipificada por sua própria estrela-guia, São Francisco de Assis.[6]

IHU On-Line - Por que você afirma que é impossível entender Bergoglio sem entender a história da Argentina? Como a história argentina influenciou a teologia desenvolvida por Bergoglio?

Austen Ivereigh – Francisco é profundamente argentino em muitos aspectos e seu pensamento e sua teologia são muito influenciados pela tradição católica nacionalista daquele país, a qual teve sua expressão política no Peronismo. No meu livro, mostro como ele esteve próximo de um grande número de pensadores na Argentina, Chile e Uruguai, os quais tiveram uma interpretação nacionalista da Teologia da Libertação,[7] conhecida como a Teologia do Povo. Sendo bastante simplista, é um ramo da Teologia da Libertação que rejeita as interpretações marxistas e de esquerda – isto é, pós-iluministas – da sociedade e da história ao invés de valorizar o conceito de povo como um conceito cultural.

Isso levou a uma importante diferença: os *teólogos del Pueblo* valorizavam fortemente as devoções populares e a religiosidade das pessoas comuns, enquanto os teólogos mais "científicos" tendiam a olhá-las como pré-modernas. Bergoglio foi sempre duro para que seus jesuítas, e posteriormente seus padres, estivessem presentes com o povo nos santuários e nas peregrinações.

IHU On-Line - Após ter sido eleito Papa, que relação se pode fazer desse espírito reformador de Francisco com as obras de Inácio de Loyola[8]? Quais as influências que os escritos do criador da Companhia de Jesus deram para sua formação?

Austen Ivereigh – Francisco é profunda e inteiramente jesuíta de toda uma série de modos, mas, acima de tudo, em sua visão de reforma. Sob vários aspectos, a renovação que Bergoglio procurou implementar dentro da Província jesuíta argentina estava baseada na Companhia de Jesus[9] primiti-

5 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da **IHU On-Line**, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em http://migre.me/61MbS. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Teologia da Libertação**: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96.Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em http://bit.ly/1IBwk2U. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de Julho. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Companhia de Jesus**: fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade

va. Como Santo Inácio, Francisco está buscando restaurar na Igreja a orientação missionária e voltada para fora, que é típica dos jesuítas.

Um modo de ver a reforma de Francisco é como uma restauração da ordem da Primeira e da Segunda Semana dos Exercícios Espirituais.[10] Na Primeira, do retiro de quatro semanas de Santo Inácio, as pessoas simultaneamente se reconhecem a si mesmas como pecadoras e, ao mesmo tempo, como pessoas amadas e perdoadas incondicionalmente por Deus. Essa experiência abre então suas mentes e corações para, na Segunda Semana, seguir a Cristo na Igreja.

Francisco acredita que a Igreja tem de oferecer a experiência da Primeira Semana a fim de trazer as pessoas à Segunda. É, acima de tudo, uma experiência de Deus que converte, mais do que de argumentos intelectuais ou doutrinários.

IHU On-Line - Qual foi o contexto social, político e teológico que faz surgir Bergoglio na Argentina? O que o Peronismo tem a ver com Bergoglio?

Austen Ivereigh – Bergoglio era um adolescente durante os dois primeiros períodos de Perón no poder (1946-1955) e, embora àquela época ele obviamente não fosse um peronista – ele estava envolvido na Ação Católica,[11] que estava na linha de frente do conflito Igreja-Estado nos anos finais –, ele sempre respeitou profundamente os valores que Perón procurava canalizar e articular.

> ***É crucial que o Evangelho seja apresentado sem adições e que o Papa seja uma pessoa 'normal'***

Bergoglio era próximo dos oficiais do Exército que tomaram parte do breve terceiro período de governo de Perón antes de sua morte em 1974, e foi o capelão de um movimento peronista de base, o *Guardia de Hierro*. Quando Perón morreu, Bergoglio o descreveu como "ungido pelo povo" – *ungido por el Pueblo* –, no qual ele acreditava. Mas isso não fez dele um pró-peronista acrítico: ele foi um crítico feroz tanto de Menem, nos anos 1990, e de Kirchner, nos anos 2000. Contudo, ele via o movimento peronista como a expressão legítima dos valores dos argentinos comuns.

IHU On-Line - Como foi o processo que fez com que os jesuítas levassem Bergoglio ao ostracismo? O que estava por trás?

Austen Ivereigh – Bergoglio era um provincial de muito sucesso que encheu a Companhia de Jesus argentina de muitas vocações no final da década de 1970 e na de 1980. Ele tinha uma presença dominante e cativante que tornou-se um problema, tanto para os jesuítas mais velhos na Argentina e em Roma. Discordavam da direção que ele estava tomando. É uma história dramática e complexa, e eu a conto em detalhes em *The Great Reformer* pela primeira vez.

IHU On-Line - Como se dá a volta de Bergoglio como arcebispo de Buenos Aires?

Austen Ivereigh – Ele tornou-se Bispo auxiliar em Buenos Aires pelas mãos do novo Arcebispo, Cardeal Antonio Quarracino,[12] de quem ele era próximo e que admirava profundamente Bergoglio.

IHU On-Line - Que tipo de tensionamentos a figura de Bergoglio, um Papa latino-americano, traz à centralidade europeia da Igreja?

Austen Ivereigh – Francisco representa, de muitas maneiras, uma mudança profunda na Igreja universal, na qual a América Latina – sobretudo enquanto articulada no grande encontro dos bispos do continente em Aparecida,[13] em 2007 – é agora a fonte para toda a Igreja. A mudança de uma para outra é um dos grandes dramas narrados em *The Great Reformer*.

---

de Paris, liderados por Inácio de Loyola. Seus membros são chamados jesuítas. A esses religiosos coube papel destacado nos Sete Povos das Missões, na catequização dos índios daquelas localidades e no estímulo à vida comunitária. Hoje a Companhia de Jesus dedica-se, sobretudo, ao serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo cultural e inter-religioso. A Unisinos é uma universidade pertencente à Companhia de Jesus. Para saber mais sobre a Companhia de Jesus, acesse a edição. Em 2014 foram celebrados os 200 anos da 'restauração' da Companhia de Jesus. O XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração e a IHU On-Line edição 458 da IHU On-Line, disponível em http://bit.ly/1BouNOv abordaram o tema. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Exercícios Espirituais**: criados por Santo Inácio de Loyola a fim de ajudar os outros em seu crescimento espiritual. Consistem em um modo e um roteiro para ajudar as pessoas a perceber e acolher a íntima ação de Deus em suas vidas, e acolhê-la numa dinâmica de uma participação cada vez mais efetiva na Vida e na Missão de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Ação Católica**: nome dado ao conjunto de movimentos criados pela Igreja Católica no século XX, visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja. No Brasil, a Ação Católica foi criada em 1935 pelo Cardeal Leme. No início dos anos 1960, a Ação Católica contava com três organizações destinadas aos mais jovens: a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por estudantes secundários, a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, e a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Dom Antonio Quarracino** (1923-1998): foi sacerdote ítalo-argentino, cardeal da Igreja Católica Romana, arcebispo de Buenos Aires entre 1990 e 1998. Foi sucedido por Jorge Mario Bergoglio em Buenos Aires. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Conferência de Aparecida**: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi: "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", inspirado na passagem do Evangelho de João que narra "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Sobre essa Conferência leia a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-06-2047, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência,* disponível em http://bit.ly/gGMpe4. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como Francisco agencia questões como diálogo inter-religioso, educação, política e a própria reforma da Cúria através do seu discurso sobre os pobres?

Austen Ivereigh – Para Francisco, reforma significa abrir o centro para a periferia. Significa incluir sempre a voz dos pobres e manter a Igreja concentrada nas necessidades concretas do povo. Ele é um mestre em construir relações.

IHU On-Line - O que significa "lo concreto católico" e como isso se manifesta no pontificado?

Austen Ivereigh - Significa rejeitar ideologias e abstrações e permanecer sempre enraizado na realidade, sobretudo as necessidades pastorais concretas do povo.

IHU On-Line - O que significa a dessacralização da figura do Papa? Como esse processo de dessacralização se manifesta no pontificado de Francisco e contribui para sua teologia e para a Igreja?

Austen Ivereigh – Francisco está empreendendo uma "revolução da normalidade". É crucial que o Evangelho seja apresentado sem adições e que o Papa seja uma pessoa "normal".

IHU On-Line - O senhor afirma que a grande reforma de Francisco "é uma mudança de cultura dentro da Igreja". Quais são as evidências dessa reforma e como ela está acontecendo na prática?

Austen Ivereigh – O quanto a Igreja está disposta a incorporar, em sua cultura e em suas estruturas, a reforma à qual Francisco está convocando os católicos, ainda é uma questão em aberto.

IHU On-Line - Há oposição a essa postura reformista? Como ela se manifesta? Quais são as razões dessa oposição?

Austen Ivereigh – Francisco está indo além dos limites da Igreja, e isso deixa algumas pessoas nervosas.■

LEIA MAIS...

- **Livro explora origens argentinas do Papa Francisco.** Resenha do livro *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope*, feita por Arthur Liebscher e reproduzida em Notícias do Dia, do sítio do IHU, em 16-01-2015, disponível em http://bit.ly/1HdXuen.
- **Francisco, O Grande Reformador. Biografia do Papa escrito por Austen Ivereigh**. Artigo de John Cavadini, publicado nas Notícias do Dia, em 12-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Dhgt6K.
- **A América Latina surge como a nova "Igreja fonte" com o Papa Francisco.** Artigo de Austen Ivereigh, publicado nas Notícias do Dia, em 16-03-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Iy76UB.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

A experiência inaciana e o caminho espiritual de Bergoglio

Marcelo Fernandes de Aquino analisa as relações entre os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola e a postura eclesiástica do Papa Francisco

Por Márcia Junges e Ricardo Machado

O caminho espiritual do Papa Francisco é marcado pelo reconhecimento dele próprio de que é um pecador acolhido por Deus, perspectiva que ele estende à Igreja. "Penso que em sua trajetória espiritual ele soube decantar a experiência evangélica de sentir-se pecador de estados psíquicos mais próprios de sentimentos ou complexos de culpabilidade. Esta experiência ele está propondo à Igreja", analisa Marcelo Fernandes de Aquino, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

A origem de tal postura, explica Aquino, está relacionada aos Exercícios Espirituais de Loyola. "Esta experiência é ritmada pelo discernimento – palavra decisiva nos Exercícios Espirituais feitos em chave inaciana – das várias moções que afetam o coração humano. É o ritmo das consolações e das desolações, ou do aumento da fé, da esperança, do amor altruísta, ou do seu contraditório, a desconfiança, a desesperança e o amor autocentrado", descreve.

Outro momento marcante da formação pessoal, política e religiosa de Bergoglio foi durante a feroz repressão militar na Argentina, momento em que foi, ainda jovem, provincial da Companhia de Jesus. "Pe. Bergoglio não desposou a tese do recurso à luta armada pela guerrilha urbana, por ele discernida como expressão de uma visão reducionista da história argentina. Nesse processo vivido por ele e pelos jesuítas argentinos, o provincial Pe. Bergoglio poderá ter sido autoritário aos olhos de quem aderia à resposta armada à violência da ditadura militar. Mas certamente nunca foi um conservador", avalia o entrevistado.

Marcelo Fernandes de Aquino é graduado em Filosofia na Pontifícia Faculdade Aloisianum, Itália, e especialização em Filosofia na Hoschschule für Philosophie, em Munique, Alemanha. Graduado e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. È mestre e doutor em Filosofia pela mesma universidade. Pós-doutor em Filosofia pelo Boston College, Estados Unidos, foi reitor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. Atualmente é o reitor da Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Seria adequado afirmar que o modo de proceder de Jorge Mário Bergoglio como Padre e, depois, como Papa Francisco corresponde à sua experiência espiritual feita na escola dos Exercícios Espirituais segundo Santo Inácio de Loyola[1]?

Marcelo Fernandes de Aquino – Penso que sim. Papa Francisco é, antes de mais nada, um mestre espiritual que embasa seu sentir mais profundo do mistério de Deus, do mistério do ser humano, do próprio mistério da Igreja, da realidade da natureza, da sociedade, da cultura a partir da meditação e da contemplação do amor de Deus em Jesus de Nazaré. Como mestre espiritual, Papa Francisco se deparou com a Igreja Católica Romana precisando do óleo do perdão de Deus e de muitas pessoas que foram feridas por ministros religiosos iníquos ou por estruturas eclesiásticas que se tornaram distantes do Evangelho de Jesus Cristo, como, por exemplo, a gestão do IOR, o chamado banco do Vaticano. Como mestre espiritual ele mesmo se reconhe-

1 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da **IHU On-Line**)

ce pecador, acolhido pelo abraço misericordioso do Crucificado contemplado como amigo.

Penso que em sua trajetória espiritual ele soube decantar a experiência evangélica de sentir-se pecador de estados psíquicos mais próprios de sentimentos ou complexos de culpabilidade. Esta experiência ele está propondo à Igreja como um longo e, quem sabe, sofrido colóquio em que a Igreja se reaproxima de Jesus como de um amigo misericordioso. Esta experiência é ritmada pelo discernimento – palavra decisiva nos Exercícios Espirituais feitos em chave inaciana – das várias moções que afetam o coração humano. É o ritmo das consolações e das desolações, ou do aumento da fé, da esperança, do amor altruísta, ou do seu contraditório, a desconfiança, a desesperança e o amor autocentrado. Quer me parecer que Papa Francisco está redescobrindo a vitalidade do Evangelho no cotidiano da vida da Igreja mediante uma purificação do afeto que se desgarrou do Evangelho e se tornou mundano. Mas, sobretudo, penso que ele está lendo o coração de uma Igreja que se coloca em estado de eleição. Sua inteligência, sua afetividade, sua liberdade vêm sendo testadas para ver se o testemunho de Jesus ainda ressoa em todos nós. Esta é a raiz da maravilhosa liberdade interior de que Papa Francisco dá provas. Finalmente, ele vem exercendo o ministério da consolação junto aos filhos e filhas da humanidade ferida pela comunicação da alegria e da paz que emanam do encontro com o Senhor ressuscitado.

IHU On-Line - Como Papa Francisco se relaciona, reconhecendo e criticando, com o legado cultural da modernidade pós-renascimental europeia?

Marcelo Fernandes de Aquino - Padre Jorge Bergoglio, antes, durante e, eventualmente, depois do exercício do ministério petrino de Bispo de Roma foi, é e será um discípulo de Jesus de Nazaré crucificado e morto por nós, e ressuscitado por Deus. Os discípulos da fé abraâmica sempre estiveram dentro das fronteiras das várias ilustrações que ciclicamente enunciam uma palavra de interpretação da presença humana no mundo com outros humanos e induzem à práxis da construção da cidade humana.

Os chamados livros deuterocanônicos do Primeiro Testamento no cânone católico-romano são páginas de finíssima literatura bíblica tocada pela ilustração do helenismo que se difundiu após Alexandre Magno.[2] Vejam-se os temas ligados aos núcleos semânticos "Sabedoria", "Logos" e "Espírito". Os primeiros teólogos cristãos sem dúvida se moviam nos espaços intersticiais em que se encontraram o helenismo e a apocalíptica judaica nas orlas mediterrâneas do império romano, tempo da chamada Antiguidade Tardia. Esse retrospecto é importante porque desenha o dinamismo de crítica ao ideal de captura plena da realidade na malha categorial de um sistema filosófico qualquer por parte da noética de inspiração bíblica.

Dito de outro modo, mais próximo da espiritualidade jesuíta: *Deus semper maior*! Agostinho e Tomás de Aquino inauguram, na tradição latina do pensamento teológico cristão, modelos de encontro com Platão,[3] Aristóteles,[4] Plotino,[5] Proclo,[6] Porfírio,[7] representantes expressivos do cognitivismo grego clássico e helenista. Ao tentarem absorver a realidade finita ou na ideia ou na forma substancial acabaram prisioneiros de um reducionismo que foi criticado pelos grandes autores cristãos. Papa Francisco é herdeiro desta atitude intelectual de crítica a qualquer forma de reducionismo intelectual.

Formação Intelectual

Ele passou pelo processo da formação intelectual que a Companhia de Jesus propunha aos seus estudantes nas décadas dos anos 1960 e 1970. Ou seja, frequentou autores das humanidades clássicas

2 **Alexandre III da Macedônia** ou **Alexandre o Grande** ou Magno 356-323 a.C.): foi um príncipe e rei da Macedônia, e um dos três filhos do rei Filipe II e de Olímpia do Épiro – uma fiel mística e ardente do deus grego Dioniso. Alexandre foi o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em sua juventude, teve como preceptor o filósofo Aristóteles. Tornou-se o rei aos vinte anos, na sequência do assassinato do seu pai. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006,disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento,* disponível em . (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Aristóteles de Estagira** (384–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais, por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado por muitos o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Plotino** (205-270 d.C.): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e aos 40 anos estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seleto grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Proclo Licio Diadoco** (410–487): filósofo neoplatônico cujo mérito foi desenvolver a corrente de pensamento baseada em Platão, iniciada por Plotino e depois expandida por Porfírio e Jâmblico. Proclo combina os seus próprios pontos de vista com os de seus mestres – Plutarco, Siriano, Porfírio e Jâmblico. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Porfírio (232-304 d.C.): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. (Nota da **IHU On-Line**)

e contemporâneas (José Hernández[8], Borges[9], Guardini,[10] Hopkins, passou pelo encadeamento sistemático da formação filosófica de matriz neoescolástica vigentes nos escolasticados jesuítas da época, frequentou autores da Nouvelle Théologie (de Lubac[11] e também Congar[12]). Seu percurso formativo na Companhia de Jesus o inseriu entre os que, mesmo dialogando com autores da modernidade renascimental e mesmo pós-cristã, criticam o reducionismo intelectual que se desenhou a partir da Metafísica cartesiana da subjetividade. Ou seja, a partir da desconstrução moderna da ideia de Deus pela posição autorreferencial assumida pelo eu. Sem ter sido um frequentador assíduo das obras de Kant,[13] Hegel,[14] Marx,[15] Nietzsche,[16] tomou distância do reducionismo latente ou explícito nesses autores. Seu "Mestre da Suspeita" foi sem dúvida Inácio de Loyola e sua escola de Exercícios Espirituais. Seu mestre na prática do discernimento espiritual, penso ter sido Padre Fiorito, jesuíta argentino que lhe transmitiu a afeição por Pedro Fabro,[17] o afável companheiro de Inácio de Loyola na nascente Companhia de Jesus.

8 **José Hernández** (1834-1886): foi um poeta, político e jornalista argentino, conhecido, principalmente, pelo livro Martín Fierro, considerado o livro pátrio da Argentina. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Jorge Luiz Borges** (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia. Sobre Borges, confira a edição 193 da **IHU On-Line**, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério,* disponível para download em http://bit.ly/ihuon193. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Romano Guardini** (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, *De La Mélancolie*, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache, Paris: Points, 1953, e *La Fin des temps modernes*, Paris: Seuil, 1952. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Uma de suas importantes contribuições foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Yves Marie-Joseph Congar** (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos "exílios". Sobre Congar a **IHU On-Line** publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 08-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos à editoria Memória da 102ª edição da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em http://bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em http://bit.ly/ihuon417. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link http://bit.ly/ihuon217 a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em http://bit.ly/ihuon261, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em http://bit.ly/ihuon430. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista "Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem", concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon327. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em http://bit.ly/IHUOn449. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. A edição 15 dos **Cadernos IHU** em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche,* e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado,* na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência,* concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em http://bit.ly/nqUxGO. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/HzaJpJ. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Pedro Fabro** (1506-1546): jesuíta francês, primeiro discípulo e companheiro de Santo Inácio de Loyola. Foi ordenado em 1534. Com Francisco Xavier e Inácio de Loyola é reconhecido como um dos fundadores da Companhia de Jesus. Leia o artigo "O modelo de Papa Francisco: Pedro Fabro, «padre reformado» publicado no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1cKIpGL. (Nota da **IHU On-Line**)

O mestre espiritual Padre Bergoglio tornou-se progressivamente um "Mestre da Suspeita" na perspectiva da mística inaciana.

IHU On-Line - Quais são as consequências desse itinerário intelectual e espiritual?

Marcelo Fernandes de Aquino - Penso que a grande consequência se expressa na ação de Pe. Bergoglio e agora na ação de Papa Francisco. Lembro que Inácio de Loyola legou à Companhia de Jesus o itinerário de uma experiência mística de Deus que se resume em "procurar e encontrar Deus em todas as coisas, e todas as coisas em Deus". Nadal outro grande dentre os primeiros jesuítas, cunhou a expressão "contemplativo na ação" para significar o perfil de um jesuíta. Perfil de um homem de ação. Papa Francisco não é um teórico. Não passou pela formação doutoral de um intelectual jesuíta. A ação que emana do homem Jorge Bergoglio, o Papa Francisco da Igreja Católica Romana, se arraiga em sua experiência mística de um *Deus semper maior* que deixa suas pegadas no coração dos homens e mulheres que o procuram. Resgatando a expressão "o divino impaciente", já aplicada a Francisco Xavier,[18] penso que Papa Francisco é outro divino impaciente. Sua ação é sustentada por um processo de discernimento às vezes complexo, nem sempre compreensível imediatamente. Cabe perguntar-se: uma certa impaciência voluntariosa do homem Jorge Mário Bergoglio, que não age por impulsos, traria algum tipo de risco em seu processo de eleição agindo já como Bispo de Roma e Papa Francisco? E aqui se toca o tema das tensões que caracterizaram seu tempo de Superior Provincial dos jesuítas argentinos.

IHU On-Line - Em que medida o modelo decisório de Francisco se inspira no modo de proceder da Companhia de Jesus?

Marcelo Fernandes de Aquino - O modelo decisório da Companhia de Jesus passou por um tempo de volta às fontes durante o governo do Pe. Pedro Arrupe,[19] Superior Geral da Companhia de Jesus de 1965 a 1983, sendo que de 1981 a 1983 ele esteve impossibilitado de exercer plenamente sua autoridade. Ou melhor, exerceu sua autoridade pelo testemunho de sua obediência no contexto do seu sofrimento espiritual e físico. No tempo de seu governo geral, Pe. Arrupe liderou o processo de renovação conciliar da Companhia de Jesus. Liderou a implementação da formulação renovada da sua Missão como "serviço da fé e promoção da justiça" no contexto de forte tensionamento interno da Ordem. Implementou o resgate da tradição do discernimento espiritual caído em certo esquecimento. Implementou a reorganização das casas dos jesuítas que passaram a se compreender e a se denominar como comunidades. As grandes obras apostólicas passaram por processo de avaliação estratégica.

Todo esse conjunto de vivências reverberavam nos indivíduos jesuítas e suas comunidades e províncias. Como se sabe, a obediência é a pedra angular do corpo apostólico da Companhia de Jesus. Ela tensiona o encontro das liberdades em processo de encontrar a vontade de Deus. Não é um processo fácil, nem sempre dá certo, mas nos momentos maiores e mais sofridos vividos pelos jesuítas vem dando certo. Tudo leva crer que a impaciência do jovem Superior Provincial Pe. Bergoglio foi um complicador no quadro de dilaceração institucional vivido na Argentina dos anos sessenta, setenta e oitenta. Durante os anos de feroz repressão de qualquer forma de oposição por parte do regime militar argentino, Pe. Bergoglio não desposou a tese do recurso à luta armada pela guerrilha urbana, por ele discernida como expressão de uma visão reducionista da história argentina. Nesse processo vivido por ele e pelos jesuítas argentinos, o provincial Pe. Bergoglio poderá ter sido autoritário aos olhos de quem aderia à resposta armada à violência da ditadura militar. Mas certamente nunca foi um conservador. Nem entregou nenhum de seus coirmãos jesuítas, nem qualquer outra pessoa, ao aparato repressor argentino. Antes, hoje as evidências apontam para sua ação silenciosa de resgate de muitos das malhas da tortura.

IHU On-Line - Poderia explicitar melhor sua afirmação?

Marcelo Fernandes de Aquino - Reconheço que me movo com dificuldade neste terreno, cuja topografia espiritual e cultural não conheço em toda sua profundidade, e no qual desponta a figura emblemática de Perón.[20] Hoje pode se dizer com mais serenidade que Perón desencadeou o primeiro processo histórico de formação de uma consciência de classe pela população pobre, pelos descamisados argentinos, mantidos apartados do bem-estar de uma economia que era das mais pujantes nos inícios do século XX.

O jovem Jorge Bergoglio certamente se alimentou culturalmente deste processo de conscientização de classe vivido pelo povo mantido

18 **São Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. Leia também *Francisco Xavier: o aventureiro de Deus*. Entrevista especial com o jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet sitio do IHU, disponível em http://bit.ly/1ILDIsq. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Pedro Arrupe** (1907-1990): sacerdote católico espanhol, da Companhia de Jesus. Depois de estudar quatro anos medicina, a contragosto de muitos professores e colegas entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Sempre teve grande desejo de ir para o Japão. No Japão, logo aproximou-se das pessoas, e chegaram a pensar que Arrupe seria um espião americano. Saindo de Yamagushi, foi para o noviciado do Japão, em Hiroshima, como mestre de noviços. Aí se destacou pelo seu serviço incondicional quando da queda das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Criou um hospital improvisado nas instalações semidestruídas do noviciado e foi com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heroicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e em 1963 Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. O centenário de Pedro Arrupe foi lembrado nas Notícias do Dia 14-11-2007, na nossa página eletrônica. O material está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Juan Domingo Perón** (1895-1974): foi um militar e político argentino, presidente de seu país de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974. (Nota da **IHU On-Line**)

nas periferias do bem-estar de uma burguesia mais voltada para a Europa. Povo, pobres, periferia, piedade popular são categorias que emergem dos encontros existenciais do Pe. Bergoglio desde sua juventude. Povoarão a Teologia da Libertação em seu viés argentino, mais distante da Analítica Crítica da economia capitalista feita por Marx e posteriores seguidores. O viés mais cultural-popular proposto por Pe. Bergoglio cheirava mais, por assim dizer, o barro e a lama das favelas portenhas que o perfume da razão ilustrada dos centros e salões de discussão da classe média argentina. Hoje alguns tendem a analisar o embate entre a direita argentina via forças armadas e segmentos empresariais, por um lado, e guerrilha urbana, por outro lado, como uma verdadeira guerra civil da classe média argentina. Quer me parecer que entre a lama e a pobreza que ele via nas periferias e uma razão instrumental desarraigada da nutrição do afeto, Pe. Bergoglio provavelmente terá optado entre as duas primeiras.

Em todo caso, lembro que se é verdadeira esta leitura, como Provincial jesuíta Pe. Bergoglio organizou um verdadeiro corredor ou rota de fuga para inúmeras pessoas ameaçadas de tortura e de morte pela repressão militar. Hoje é bem mais seguro fazer este tipo de análise. A grande maioria das pessoas envolvidas no drama histórico da Argentina dos anos sessenta, setenta, oitenta eram pessoas honradas – excetuando os torturadores e assassinos –, que queriam o bem e o progresso de seu país.

IHU On-Line - A partir de suas afirmações, como entender melhor as linhas programáticas do pontificado de Papa Francisco?

Marcelo Fernandes de Aquino - Para ele trata-se de voltar ao Evangelho de Jesus o Cristo da fé da Igreja. Quer me parecer que a abóboda da Teologia bergogliana, por assim dizer, seu princípio superior e inspirador é o princípio Misericórdia, que inclusive aparece em seu brasão pontifício. Há sinais de sua proximidade ao legado espiritual de Papa Paulo VI.[21] Este grande e humilde artesão da implementação das linhas programáticas do Vaticano II.

Destaco brevemente alguns encaminhamentos: 1) reconhecimento da frequente omissão da hierarquia eclesiástica frente à chaga da pedofilia, responsabilização criminal dos padres pedófilos e responsabilização canônica de bispos que acobertaram estes abusos; 2) distensionamento e atitude evangélica para com a Associação de religiosas norte-americanas postas sob injustas acusações por segmentos adversos a elas nos Estados Unidos e Roma; 3) saneamento das zonas cinzentas do IOR, o Banco do Vaticano, e construção de políticas de controle antimáfia na gestão do mesmo; 4) progressiva reconfiguração teológica do múnus petrino do Bispo de Roma, vivido menos no espírito de um "Soberano Pontífice", chefe de uma monarquia absolutista, e mais no espírito de uma ainda incipiente e não totalmente articulada estrutura sinodal da Igreja; 5) serena e misericordiosa atenção às novas configurações individuais e familiares hoje amparadas por legislação civil respeitosa de conflitantes diferenças a modelos culturais do existir pessoal e familiar.

Concluo, lembrando que a recepção de um Concílio Ecumênico se distende num arco de tempo muito longo. Papa Francisco está retomando um dos fios importantes da meada que tece a comunhão eclesial, e que tinha ficado abandonado nestas últimas décadas. A beatificação de D. Oscar Romero já é um bom sinal desta retomada. ■

21 **Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **Será a humanidade absorvida pelo mundo dos objetos, hoje virtuais?** Uma pergunta que não cala. Entrevista com Marcelo Fernandes de Aquino, publicada na IHU On-Line 374, de 26-09-2011, disponível em http://bit.ly/1QqLRVW.
- **A pós-metafísica e a narrativa de Deus.** Entrevista com Marcelo Fernandes de Aquino, publicada na IHU On-Line 308, de 14-09-2009, disponível em http://bit.ly/1crTBbU.
- **Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel.** Entrevista com Marcelo Fernandes de Aquino, publicada na IHU On-Line 217, de 30-04-2007, disponível em http://bit.ly/1KPBR5l.
- **A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia.** Entrevista com Marcelo Fernandes de Aquino, publicada na IHU On-Line 245, de 26-11-2007, disponível em http://bit.ly/1FS53sr.
- **Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil.** Cadernos IHU ideias - 187ª edição, disponível em http://bit.ly/1Psc18o.

Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio

Massimo Faggioli compreende o pontificado pela perspectiva do Concílio Vaticano II. Para ele, o Papa aceita o encontro eclesiástico "como um dado fundamental da Igreja de hoje"

Por João Vitor Santos | Tradução Sandra Dall'Onder

A novidade contida em Francisco, reconhecida por teólogos, leigos e religiosos, está em pensar uma Igreja aberta para o povo, mais simples e comprometida com o diálogo. São ares que renovam o oxigênio de uma entidade secular para que encare desafios da modernidade e pós-modernidade. Para o historiador Massimo Faggioli, a própria escolha de Bergoglio, um bispo latino-americano, em 2013 revela o desejo de renovação na Igreja. Renovação que aparece também na leitura que tem do Concílio Vaticano II. Cinquenta anos depois desse encontro eclesiástico, tem-se o primeiro Papa que aceita as orientações conciliares e pensa a partir delas. "João Paulo II e Bento XVI eram homens do Concílio Vaticano II e seus pontificados estavam empenhados em corrigir as trajetórias do Concílio. Francisco aceita o Concílio como um dado fundamental da Igreja de hoje", destaca.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Faggioli apresenta a ideia de reforma creditada ao Papa como a vontade de deixar a Igreja "mais terrena" e atual. "O catolicismo do Papa Francisco se expressa na capacidade de combinar o antigo e o novo, o radicalismo evangélico e as devoções", completa. Em outro ponto, destaca que toda essa novidade não é aceita com unanimidade. Isso se manifesta numa oposição ao estilo bergogliano. "Há uma oposição institucional (aqueles do *status quo* eclesiástico), a oposição teológica (as mesmas pessoas que estão contra o Vaticano II) e uma oposição política (aqueles que veem Francisco como um Papa que não entenderia a necessidade de o catolicismo ser politicamente conservador)", explica. Por fim, ainda apresenta sua leitura sobre o conceito de misericórdia e o significado do jubileu proposto por Francisco.

Massimo Faggioli é doutor em História da Religião e professor de História do Cristianismo no Departamento de Teologia da University of St. Thomas, de Minnesota, Estados Unidos. Seus livros mais recentes são *Vaticano II: A luta pelo sentido* (Paulinas, 2013); *True Reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium* (Liturgical Press, 2012); e, em espanhol, *Historia y evolución de los movimientos católicos. De León XIII a Benedicto XVI* (Madrid: PPC Editorial), 2011.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que momento se encontrava a Igreja quando Jorge Mario Bergoglio surgiu como novo Papa?

Massimo Faggioli - A Igreja estava em um momento de grave crise, não só pelos escândalos da Cúria Romana, mas também pela sensação clara de que o catolicismo não poderia suportar mais os atrasos em relação ao Concílio Vaticano II[1]

1 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II.*

(liturgia, o ecumenismo, a eclesiologia, etc.). A renúncia de Bento XVI é também, em certo sentido, o reconhecimento da crise de um paradigma teológico. Neste sentido, Jorge Mario Bergoglio-Francisco de 2013 é um Papa diferente do que teria sido se ele tivesse sido eleito em 2005.

IHU On-Line - O que significa dizer que Francisco dessacraliza a figura do Papa? Como isso aparece em relação aos pontificados anteriores?

Massimo Faggioli - Francisco dessacraliza a figura do Papa no sentido de retirar todos os elementos da Corte Romana, até mesmo pela áurea infalível do passado. Quando Francisco fala sobre si mesmo e seu passado na famosa entrevista com Antonio Spadaro,[2] SJ, para a *Civiltà Cattolica*,[3] nos dá um vislumbre extraordinário de sua biografia em termos muito humanos. Francisco segue no caminho aberto por João XXIII[4] e seus sucessores, com a diferença de que sua carreira eclesiástica não foi linear, mas muito "acidentada" e cheia de imprevistos. Isto nos proporciona uma contribuição fundamental para o tema de seu pontificado, a misericórdia.

IHU On-Line - De que forma Francisco dialoga com o Concílio Vaticano II e em que aspectos se diferencia de João Paulo II e Bento XVI?

Massimo Faggioli - João Paulo II e Bento XVI eram homens do Concílio Vaticano II e seu pontificado estava empenhado em corrigir as trajetórias do Concílio. Francisco aceita o Concílio como um dado fundamental da Igreja de hoje, sem o compromisso de rediscutir o pós-concílio. É uma diferença fundamental. Em certo sentido, Francisco é o primeiro Papa totalmente pós-Concílio, não sente nenhuma nostalgia do pré-Concílio.

IHU On-Line - Em que aspectos o seu comportamento pós-Conciliar contribui para reformar a Igreja e como?

Massimo Faggioli - Essencialmente em uma recepção total do Concílio Vaticano II, mas especialmente através da intuição crucial de *Gaudium et Spes*[5] sobre a relação entre a Igreja e o mundo: uma aceitação da dimensão humana e histórica da Igreja, sem romper com a vocação profética da Igreja no mundo. As reformas que Francisco propõe visam tornar a Igreja mais terrena, mas não abstraí-la do mundo concreto.

IHU On-Line - Para além das questões conciliares, mas considerando a história da Igreja, quem inspira o Papa Francisco? Quem seria o antecessor mais próximo de Francisco?

Massimo Faggioli - O mais próximo é certamente João XXIII. Há muitas semelhanças não apenas entre suas biografias, mas também entre os seus pontificados. Mas há também, do ponto de vista intelectual, afinidades com Paulo VI,[6] especialmente com a exortação *Evangelii Nuntiandi*[7] de Paulo VI.

IHU On-Line - Quem é a oposição a Bergoglio e como ela se articula?

Massimo Faggioli - Existem raízes diferentes entre eles. Há uma oposição institucional (aqueles do *status quo* eclesiástico), a oposição teológica (as mesmas pessoas que estão contra o Vaticano II) e uma oposição política (aqueles que veem Francisco como um Papa que não entenderia a necessidade de o catolicismo ser politicamente conservador).

Aqueles que se opõem a Francisco têm uma mistura destas três mentalidades diferentes. Mas o maior obstáculo certamente está representado pelas Conferências Episcopais, pelos bispos nomeados nos trinta anos anteriores, especialmente em certos países, como os Estados Unidos.

IHU On-Line - Com o anúncio do "Jubileu da misericórdia"[8], o Papa Francisco imprime uma mu-

50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

2 A entrevista pode ser lida, em português, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1ILE1n7. (Nota da **IHU On-Line**)

3 A entrevista foi reproduzida pelo sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Rdtoxb. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um Papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Gaudium et Spes**: constituição sobre a Igreja no mundo atual; a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma) "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, *intitulada A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi Papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Evangelii Nuntiandi**: exortação apostólica editada em 8 de dezembro de 1975 pelo Papa Paulo VI. Afirma o papel de cada cristão em difundir o Evangelho de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Juleu da Misericórdia** (Ano Jubilar): anunciado pelo Papa Francisco em 13 de março de 2015, o "jubileu extraordinário" é centrado na "misericórdia de Deus". Terá início a 8 de dezembro deste ano e percorrerá todo o ano de 2016. O Ano Jubilar é uma comemoração religiosa da Igreja Católica, celebrada dentro de um Ano Santo, mas o que difere deste é que a celebração jubilar é feita de 25 em 25 anos. A celebração cristã se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, de

dança, uma "reorientação" na Igreja? Como e de que tipo?

Massimo Faggioli - O catolicismo do Papa Francisco se expressa na capacidade de combinar o antigo e o novo, o radicalismo evangélico e as devoções. Um desses casos é o Jubileu extraordinário da misericórdia, anunciado em 13 de março e delineado com a bula pontífica publicada em 11 de abril, *Misericordiae Vultus*[9] Os elementos tradicionais são baseados naqueles do instrumento jubilar do cristianismo medieval, mas o contexto em que aparece a decisão do Papa promete um jubileu diferente do ano de 2000.

Nesse sentido pleno de significado é o amplo parágrafo no qual Francisco justifica a escolha da data de 8 de dezembro de 2015: "No quinquagésimo aniversário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele evento. Para ela começou um novo curso de sua história" (parágrafo 4). A longa citação do discurso de abertura do Concílio por João XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*,[10] teve importância semelhante à citação na exortação *Evangelii Gaudium*. A escolha de um jubileu sobre o tema da misericórdia a partir de uma ruptura histórica que começou com o Concílio Vaticano II confirma os paralelos entre Francisco e João XXIII e entre as duas estações histórico-teológicas.

Francisco não deixa de recordar a potencialidade ecumênica e inter-religiosa do jubileu — uma das continuações do Jubileu de Wojtyla, entre tantas inconstâncias. O tempo e o modo do Jubileu de Francisco, bem como algumas passagens temáticas da bula, demonstram um jubileu menos centrado em Roma e menos trabalhado através de grandes eventos. A ênfase em relação aos pobres e à periferia, a ênfase na corrupção e na tentação do dinheiro promete um jubileu de natureza diferente daquele de João Paulo II. Foi há apenas quinze anos, mas parece que se passou um século.

IHU On-Line - A figura de Francisco caiu nas graças da imprensa internacional. A que atribui isso?

Massimo Faggioli - A imprensa gosta de novidades e este é definitivamente um fator para a simpatia em relação ao novo Papa. Mas existem novidades substanciais no Papa Francisco que chamam a atenção: os pobres, a imigração e o estilo de vida do Papa. Estas são coisas que se enquadram na percepção que a opinião pública mundial (católica ou não) tem da Igreja Católica, de que a Igreja Católica também deveria se preocupar. Neste sentido, a atenção da imprensa e a dos fiéis em todo o mundo é muito semelhante.

IHU On-Line - Em artigo publicado no Global Pulse,[11] em fevereiro deste ano, o senhor destaca as conversas com jornalistas durante os voos como marca das viagens do Papa Francisco. Por quê?

Massimo Faggioli - Porque nessas ocasiões Francisco sempre disse coisas notáveis, quase como se a distância de Roma o fizesse sentir-se livre para enfrentar temas novos e diferentes. Mas há também o conhecimento de que, ao viajar, a cobertura da mídia sobre o Papa é maior e por isso é o momento certo para falar certas coisas.

IHU On-Line - No mesmo artigo, o senhor diz que o "Papa Francisco entra no sistema de simulacros da nossa sociedade através da porta pós-moderna da mídia global". O que significa?

Massimo Faggioli - O sistema dos "simulacros" (para citar o filósofo francês Jean Baudrillard[12]) é típico do sistema de comunicação global como um sistema de símbolos cuja realidade factual, o conteúdo, pode ser preenchido ou permanecer vazio. Francisco tem consciência da necessidade de preencher de conteúdo a sua dimensão midiática. Neste sentido, Francisco é comparado a João Paulo II, menos estrela, mas mais consciente dos riscos do sistema da mídia.

IHU On-Line - Que leitura geopolítica e geocultural Francisco tem da Europa? E do mundo?

Massimo Faggioli - Do ponto de vista global, a eleição de Bergoglio ao Pontificado tem o significado de uma correção de rota dada à Igreja Católica a partir do ponto de vista da geopolítica do catolicismo. A Igreja latino-americana, que se tornou o laboratório da doutrina social da Igreja sob o comando de Paulo VI, sofreu durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Primeiro houve a luta contra a Teologia da Libertação,[13] depois um claro eurocentrismo. Esta parte do

onde temos a tradição judaica como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Misericordiae Vultus**: bula pontífica, documento expedido pela Santa Sé e que institui o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. A versão portuguesa pode ser lida em http://bit.ly/1JNgbpO. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Gaudet Mater Ecclesia** ("Mãe Igreja alegra-se"): é a declaração da abertura do Concílio Vaticano II. Papa João XXIII abriu o Concílio e, na sequência de uma missa, leu a declaração de abertura. No discurso, ele rejeitou os pensamentos de "profetas da desgraça que estão sempre prevendo o desastre" no mundo e no futuro da Igreja. Salientou a natureza pastoral, não doutrinal, do Conselho: A Igreja não precisa repetir ou reformular doutrinas e dogmas existentes, mas sim tem a ensinar a mensagem de Cristo à luz de tendências em constante mudança do mundo moderno. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Leia: *A Igreja contextualizada e liberacionista do Papa Francisco*. Artigo de Massimo Faggioli disponível em http://bit.ly/1AaojxI. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Jean Baudrillard** (1929-2007): filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros, entre os quais destacamos: *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Teologia da Libertação**: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96. Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

catolicismo mundial surgiu a partir do conclave com o cardeal jesuíta, apesar de uma evidente falta de representação no Colégio dos Cardeais. No momento do conclave de 2013, a América Latina teve 42% de católicos em todo o mundo (cerca de meio bilhão de um total de 1,2 bilhões), mas apenas 19 de 117 cardeais, contra os 62 da Europa (onde vive agora apenas 25% de todos os católicos). É uma nova geopolítica, que reconsidera o hemisfério sul como decisivo para o destino do mundo e da Igreja. O papel da Europa no catolicismo global deve ser todo repensado. ■

LEIA MAIS...

- **Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção**. Entrevista com Massimo Faggioli, publicada na IHU On-Line 401, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/1KPFMix.
- **Sínodo: dos ''valores inegociáveis'' à ''gradualidade''**. Artigo de Massimo Faggioli, publicado em Notícias do Dia, de 10-10-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1cSIRDD.
- **A Igreja contextualizada e liberacionista do Papa Francisco**. Artigo de Massimo Faggioli, publicado em Notícias do Dia, de 05-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1zQevto.
- **O ecumenismo 2.0 do Papa Francisco**. Artigo de Massimo Faggioli publicado em Notícias do Dia, em 04-08-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PGoNQz.
- **Iraque, o "problema americano" do Papa Bergoglio**. Artigo de Massimo Faggioli, publicado em Notícias do Dia, em 21-08-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1pNkYjy.
- **Contra os fanáticos, é preciso de mais teologia**. Artigo de Massimo Faggioli, publicado em Notícias do Dia, em 20-01-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1yD7fPv.
- **Os católicos e a política diante do Isis**. Artigo de Massimo Faggioli, publicado em Notícias do Dia, em 18-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1bP7wau.

Siga-nos no instagram

@_ihu

https://instagram.com/_ihu/

E se as reformas não chegarem e uma nova primavera for mera ilusão? Os desafios de um pontificado

Vito Mancuso destaca que o Papa busca uma aproximação maior com as pessoas pela linguagem. Nela, traz elementos humanos, reais e palpáveis aos seus discursos e adota posturas que sustentam essa ideia

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin | Tradução Moisés Sbardelotto

A característica "mais notável" do pontificado de Francisco pode ser reconhecida na linguagem adotada pelo Papa, diz Vito Mancuso em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail. Para o teólogo, a "escolha dessa linguagem é uma expressão direta do conteúdo que ele está dando ao seu pontificado". É como se sua mensagem fosse orientada diretamente pelos princípios discursivos que adota em suas ações. Nesse caso, para entender o Papa, é tão importante olhar a mensagem e a forma como é transmitida. No entanto, Apesar de o Papa ter adotado uma linguagem mais próxima do povo, Mancuso afirma que "ainda é cedo para estabelecer se Francisco conseguirá ser realmente reformista ou mesmo revolucionário, porque a sua ação ainda deve se fundamentar em atos de governo concretos e em reformas introduzidas", pondera.

O teólogo italiano também desenvolve a ideia de Francisco como "um fenômeno paradoxal". Isso porque ao mesmo tempo em que tem adesão ao povo cada vez mais maior – que adota e se identifica com sua linguagem – desperta dúvida e certo descrédito no episcopado – que é para quem a linguagem surpreende e desloca. É o que tipifica como uma "oposição interna por parte da ala intransigente da Igreja Católica, da qual fazem parte cardeais importantes, incluindo o prefeito a Congregação para a Doutrina da Fé, Gerhard Müller, bispos, teólogos, responsáveis de movimentos eclesiais, líderes de opinião e episcopados importantes, como o polonês e o italiano". Para Mancuso, somente "depois do encerramento do Sínodo em outubro próximo, teremos ideias mais claras sobre quanto pesam os opositores do Papa Francisco entre as hierarquias católicas".

As influências e leituras do Concílio Vaticano II e os significados de conceitos abordados por Francisco também aparecem nessa entrevista, entre outros temas. Ao abordar do tem das "reformas de Francisco", o teólogo faz uma provocação: "levando em consideração a hipótese de que Francisco fracassasse. O que aconteceria se as reformas desejadas não chegassem ao fim e as expectativas de uma nova primavera se revelassem como apenas ilusões?".

Vito Mancuso é teólogo italiano. Atualmente é professor de "História das Doutrinas Teológicas" na Universidade de Pádua. Ele é autor de uma vasta obra teológica. Destacamos algumas como Il principio passione. La forza che ci spinge ad amare (Milano: Garzanti, 2013); La vita segreta di Gesù. I vangeli apocrifi spiegati (Milano: Garzanti editore, 2014); Io Amo. Piccola filosofia dell'amore (Milano: Garzanti editore, 2014) e Questa Vita (Milano: Garzanti editore, 2015). A obra Eu e Deus. Um guia para perplexos (São Paulo: Paulinas, 2014) foi publicada em português.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos positivos do pontificado de Francisco e quais aspectos mereceriam mais atenção?

Vito Mancuso – Acima de tudo, é uma questão de estilo, que é ainda mais evidente quanto mais o comparamos com os antecessores. Com Francisco, temos outro estilo de se apresentar: não mais Sumo Pontífice, mas "bispo de Roma", como ele se definiu no dia da eleição; outra habitação: não mais o apartamento Papal e a *villa* em Castelgandolfo,[1]

1 **Castel Gandolfo**: é uma cidade localizada a 24 quilômetros ao sudeste de Roma no Lazio região da Itália . Com vista para o Lago Albano, Castel Gandolfo tem uma população de aproximadamente 8 mil 834 habitantes e é considerada uma das cidades mais belas da

mas o internato de Santa Marta[2]; outra cruz peitoral, não mais de ouro, mas de ferro; temos um outro tipo de sapatos, não mais vermelhos, tão excêntricos, mas pretos, tão normais. E ainda as suas viagens em carros pequenos, a escolha de trazer consigo a maleta preta de trabalho e outra gestão do tempo, como quando decidiu faltar a um solene concerto de música clássica que previa a sua presença, o que um cultor da etiqueta como Bento XVI[3] nunca teria feito. Em suma, um estilo de vida austero, bem pouco principesco e protocolar.

A linguagem de Francisco

Mas a característica mais notável diz respeito à linguagem: quanta diferença, não digo em comparação com o rigoroso *plurale maiestatis* que reinava até Paulo VI,[4] mas mesmo apenas em relação aos longos discursos lidos (muitas vezes preparados por outros) de João Paulo II[5] e de Bento XVI, que, até nas coletivas de imprensa, nunca poderiam ter usado as populares-cas expressões de Francisco. Mas assim também se expressa a proximidade total com o povo que esse Papa mostra continuamente.

Mas se Francisco, com a sua linguagem, está introduzindo realmente algo de inédito na história pontifícia, e eu diria até mesmo de escandaloso para o presunçoso protocolo pontifício e para os ouvidos dos católicos tradicionalistas, certamente não é de brincadeira: a escolha dessa linguagem é uma expressão direta do conteúdo que ele está dando ao seu pontificado. Como pode falar um Papa que não quer carros de luxo, que não está no apartamento Papal, que não endossa cruzes e anéis de ouro, que renuncia sistematicamente a todos os sinais do poder? Exatamente como fala esse Papa, que faz da proximidade com o povo a estrela-guia do seu ser pontífice e que, portanto, se alegre por poder relatar que, um dia, em Buenos Aires, a um homem que tentava corrompê-lo, ele teria dado, mais do que de bom grado, "um chute onde o sol nunca bate".

Ainda mais decisivo é o ponto de vista que muitas vezes o Papa assume: um inédito olhar *extra moenia* ou "fora dos muros", que não pensa que o mundo a partir da fortaleza-Igreja, mas, exatamente o contrário, pensa a Igreja a partir do mundo. Nos seus raciocínios, não há vestígios da costumeira perspectiva eclesiástica centrada no bem da Igreja e na defesa a priori da sua doutrina, da sua história, dos seus privilégios, dos seus bens, tão frequentemente objeto de cuidado zeloso por parte dos eclesiásticos de todos os tempos. Ao contrário, há um pensamento que tem como alvo unicamente o bem do mundo. Por isso, o Papa chegou a dizer uma vez que o problema mais urgente da Igreja é o desemprego dos jovens e a solidão dos idosos, ou, outra vez, a declarar como escandaloso o fato de que as mulheres ganhem menos do que os homens.

É esse novo ponto de vista não eclesiocêntrico que o leva à escolha de não insistir nos chamados "valores inegociáveis" de vida-escola-família, tão fundamentais para Bento XVI, e de não querer entrar na vida dos indivíduos como quando, a propósito dos gays, disse: "Quem sou eu para julgar?". E que gera nele aquele estilo conciliar permanente, desejado, no seu tempo, pelo cardeal Martini,[6] e que o levou a convocar o Sínodo sobre a Família em dois capítulos, precedendo-o com uma consulta popular em todo o mundo sobre os temas espinhosos da moral da família. Ainda nessa perspectiva, obviamente, não deve ser esquecida a repetida preferência pelos pobres e o consequente novo crédito à teologia da libertação condenada por Wojtyla e Ratzinger, o fato de falar da Igreja como de "um hospital de campanha", o ataque contra o clericalismo e o estilo cortesão da Cúria.

Ainda sou questionado sobre quais aspectos mereceriam mais atenção. A resposta é simples: são esses mesmos aspectos, mas que deveriam ser aprofundados e levados a termo, gerando verdadeiramente aquela reviravolta em nível estrutural de que a Igreja Católica precisa.

IHU On-Line - Como o pontificado de Francisco está sendo avalia-

Itália. Dentro dos limites da cidade encontra-se o Palácio Apostólico de Castel Gandolfo , que serve como residência de verão e retiro de férias para o Papa. Embora o palácio está localizado dentro das fronteiras de Castel Gandolfo, tem estatuto extraterritorial como uma das propriedades da Santa Sé e não está sob jurisdição italiana. Hoje, é a residência oficial do Papa emérito Bento XVI. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Casa de Santa Marta**: é o alojamento em que os cardeais eleitores ficam, durante os conclaves. A Casa Santa Marta foi reformada pelo Papa João Paulo II, em 1996, e anteriormente se chamava Abrigo Santa Marta. Desde que foi eleito Papa, Francisco optou em viver em Santa Marta, ocupando apenas um de seus aposentos. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): Foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Papa João Paulo II** (1920 - 2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Carlo Maria Martini** (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, disponível em http://bit.ly/R8SdaX, sob o título *"A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?"*. Confira, ainda, a cobertura dada pelo IHU à morte de Martini: *Morreu Martini, o bispo do diálogo*, em http://bit.ly/TIgXZR; *Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso*, em http://bit.ly/NKt6uv; *"A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade". Entrevista com Massimo Cacciari*, em http://bit.ly/UkM4Np; *A "dura viela" da morte, segundo Martini*, em http://bit.ly/TIhSJS. (Nota da **IHU On-Line**)

do na Itália, entre os católicos e a Igreja italiana?

Vito Mancuso – Entre as pessoas na Itália há muita empatia por Francisco, como, aliás, em todo o mundo. Mas o mesmo não pode ser dito sobre o clero e especialmente os bispos. O episcopado italiano, desde sempre, na sua maioria, em posições conservadoras e tradicionalistas, é um dos mais frios em nível mundial no seguimento do Papa Francisco.

Não devemos nos esquecer de que, historicamente, a Igreja italiana nunca foi livre das fusões com a política. A Igreja italiana, liderada primeiro pelo cardeal Ruini[7] e depois pelo cardeal Bagnasco,[8] deveria recitar não poucos *mea culpa* por não ter denunciado suficientemente a imoralidade pública e privada de quem governou a Itália durante anos (refiro-me, obviamente, a Berlusconi[9]), do qual, ao contrário, chegou-se até a contextualizar benignamente as blasfêmias públicas para obter favores políticos, por exemplo, em relação à aula de religião nas escolas públicas.

Agora, com o Papa Francisco, tudo isso acabou na Igreja italiana? Não sei. É verdade que na Itália também há outro governo, mas até agora os homens do poder eclesiástico são quase sempre os mesmos; nem as novas figuras brilham particularmente por inteligência e coragem.

No entanto, uma novidade muito importante diz respeito à luta contra a máfia. O Papa Francisco declarou na Calábria: "Os mafiosos estão excomungados". Finalmente, a luta da Igreja contra o crime organizado tornou-se mais firme e coerente. O Papa também chegou a dar o nome específico da máfia calabresa, hoje a mais poderosa da Itália: "A 'Ndrangheta é isto: adoração do mal e desprezo pelo bem comum", e acrescentou: "Esse mal deve ser combatido, deve ser afastado, é preciso dizer-lhe não". E sancionou a excomunhão. Obviamente, é preciso bem mais do que isso para erradicar o fenômeno, mas, para a Igreja, não se trata de pouca coisa.

IHU On-Line - O senhor menciona a existência de um "fenômeno paradoxal" em relação ao pontificado de Francisco porque, de um lado, há um crescimento popular de aceitação do pontificado e, por outro, o crescimento da oposição interna contra o Papado. Pode nos explicar quais são as razões desse "fenômeno paradoxal" e como ele tem se manifestado ao longo desses dois anos do pontificado?

Vito Mancuso – Estamos efetivamente diante de um fenômeno paradoxal: o crescimento contínuo do favor popular em relação ao Papa Francisco e, contextualmente, o crescimento igualmente contínuo da oposição interna a ele por parte da ala intransigente da Igreja Católica, da qual fazem parte cardeais importantes, incluindo o prefeito a Congregação para a Doutrina da Fé, Gerhard Müller,[10] bispos, teólogos, responsáveis de movimentos eclesiais, líderes de opinião e episcopados importantes, como o polonês e o italiano. Seguramente, depois do encerramento do Sínodo em outubro próximo, teremos ideias mais claras sobre quanto pesam os opositores do Papa Francisco entre as hierarquias católicas.

Tal paradoxo (aumento do favor popular e aumento da oposição hierárquica) é explicado de forma bastante simples: é a perfeita radiografia do descolamento de boa parte da hierarquia eclesiástica em relação à vida real, aquele descolamento do qual o cardeal Carlo Maria Martini[11] falava, dizendo: "A Igreja ficou 200 anos para trás".

Vícios do clericalismo

No seu primeiro ano, Francisco talvez acreditasse que poderia converter a mente dos prelados, mostrando o que significa ser autoridade na Igreja, com o seu estilo simples e austero de vida. No segundo ano, porém, ele teve que reconhecer que é preciso mais, porque, enquanto ele vive em cerca de 70 metros quadrados, há cardeais que não renunciam em nada ao luxo e, acima de tudo, há muitos outros totalmente contrários a segui-lo nas reformas. Assim se explica, a meu ver, a repetida insistência do Papa contra os vícios do clericalismo, que culminou na pregação à Cúria do dia 22 de dezembro de 2014, com a denúncia dos 15 males da burocracia vaticana,[12] resumíveis em uma só: a identificação com o poder. A batalha, de fato, é entre misericórdia

7 **Camillo Cardeal Ruini**: (1931): é cardeal italiano, Vigário-Geral emérito para a Diocese de Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Angelo Bagnasco** (1943): cardeal italiano e arcebispo de Gênova e presidente da Conferência Episcopal Italiana - CEI (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Silvio Berlusconi** (1936): líder político do partido Força Itália, que criou especificamente para sua entrada na vida política. É o proprietário do império midiático italiano Mediaset, além de empresário de comunicações, bancos e entretenimento. É a pessoa mais rica da Itália, segundo a revistas *Forbes*, e o 37º mais rico do mundo. Pela segunda vez é o primeiro-ministro da Itália. Foi acusado inúmeras vezes de corrupção e ligações com a Máfia. Gerou polêmica na Europa ao apoiar a Guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Dom Gerhard Ludwig Müller** (1947): cardeal, Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, Presidente da Pontifícia Comissão Ecclesia Dei, Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e Presidente da Comissão Teológica Internacional. Foi ordenado presbítero da Diocese de Mainz a 11 de fevereiro de 1978 e nomeado bispo de Ratisbona a 1º de outubro de 2002. Deixou a diocese para assumir vários cargos da Cúria Romana com a nomeação a 2 de julho de 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Carlo Maria Martini** (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, disponível em http://bit.ly/R8SdaX, sob o título *"A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?"*. Confira, ainda, a cobertura dada pelo IHU à morte de Martini: *Morreu Martini, o bispo do diálogo*, em http://bit.ly/TIgXZR; *Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso*, em http://bit.ly/NKt6uv; *"A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade". Entrevista com Massimo Cacciari*, em http://bit.ly/UkM4Np; *A "dura viela" da morte, segundo Martini*, em http://bit.ly/TIhSJS. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **15 doenças e tentações à Curia Romana**: No final de 2014, o Papa Francisco recebeu em audiência membros da Curia Romana para os tradicionais votos de Boas Festas. No seu discurso, referiu as quinze doenças da Cúria convidando todos a pedirem perdão a Deus que "nasce na pobreza da gruta de Belém para nos ensinar a potência da humildade". A íntegra do discurso, em português, pode ser lido no sitio do **IHU:** http://bit.ly/1DwVmvZ (Nota da **IHU On-Line**)

e poder, entre Igreja "hospital de campanha" funcional às necessidades das pessoas e Igreja suma autoridade, à qual as pessoas devem obedecer, entre Igreja dos pobres e Igreja poderosa entre os poderosos. Ninguém sabe como vai acabar essa batalha que começou há dois anos, mas certamente os cardeais e os curiais que se opõem a Francisco são a expressão daquilo que, por séculos, foi o Papado, de modo que reformar a sua mentalidade significa reformar o Papado como poder absoluto.

Com o Papa Francisco, de fato, passou-se de um Papado de perfil substancialmente doutrinário (segundo o qual o Papa é aquele que explica, ensina, corrige e, assim, governa) a um Papado de perfil existencial e espiritual (o Papa é aquele que entende, compartilha, sofre e se alegra com e, assim, governa), mas não está nada claro se essa transformação radical é apreciada e desejada pelos bispos e pelos cardeais. Para além da retórica das declarações oficiais, quantos deles estão dispostos a seguir Francisco até o fim, passando de uma Igreja na cátedra a uma Igreja "hospital de campanha", a deixar os privilégios do poder e a ter "o mesmo cheiro das ovelhas"? Se fosse preciso realizar o conclave hoje, quantos cardeais eleitores votariam novamente em Bergoglio?

O pontificado, com a conclusão do Sínodo, encontra-se diante de uma prova decisiva: a de ver ou não confirmado o estilo novo por ele impresso na ação da Igreja e, portanto, inevitavelmente, também na sua identidade.

IHU On-Line - Como interpreta a ideia de que o Papa propõe uma "reforma" na Igreja? Em quais pontos o Papa vê a necessidade de fazer mudanças? Quais são os indícios de que essas mudanças estão sendo feitas nos dois últimos anos?

Vito Mancuso - Ainda é cedo para estabelecer se Francisco conseguirá ser realmente reformista ou mesmo revolucionário, porque a sua ação ainda deve se fundamentar em atos de governo concretos e em reformas introduzidas. Até agora, a única verdadeira reforma estrutural me parece ser a que envolveu o Instituto para as Obras de Religião - IOR[13], o que certamente não é pouca coisa, mas não é suficiente. A Cúria Romana é tal e qual. Também não foram tomadas decisões a propósito dos grandes problemas que dizem respeito à estrutura da Igreja, dos quais é preciso pôr nos primeiros lugares os critérios de nomeação dos bispos, uma real liberdade de ensino teológico, a efetiva promoção da mulher em nível de partilha do poder, abrindo ao menos para o diaconato feminino, a concessão dos sacramentos aos divorciados recasados, o status das pessoas homossexuais e da sua afetividade. Trata-se de tornar o governo da Igreja Católica mais conforme com a vontade do Vaticano II, de incidir na relação com a política, cessando para sempre a compra e venda de favores entre cardeais e ministros, de pôr ordem entre os bispos e os superiores das ordens religiosas, chamando todos novamente a um estilo de vida sóbrio e conforme com os valores evangélicos, de sustentar sobre bases novas o recrutamento e a formação do clero.

Temas éticos

Em relação aos temas éticos, a questão mais candente certamente é a da procriação responsável. Aqui, o Papa, dizendo ter se encontrado com uma mulher grávida do oitavo filho, depois de ter tido sete por cesariana, chegou a afirmar que uma maternidade não controlada e não responsável equivale a tentar Deus ("Mas a senhora quer deixar sete órfãos? Mas isso é tentar Deus"). Como estamos distantes da imagem de mãe tão cara ao catolicismo tradicional, que se sacrifica totalmente pelos filhos, chegando até a morrer para pô-los no mundo! Mas tudo isso ainda permanece apenas em nível de episódio, de *"fioretto"*, sem encontrar expressão na doutrina, que deve ser completamente revista a propósito do tema específico da contracepção.

Para evitar a procriação indiscriminada condenada pelo Papa, a Igreja hoje propõe os chamados "métodos naturais", mas se trata de um procedimento que só alguns casais conseguem implementar; as estatísticas dizem que, entre os católicos praticantes, aqueles que o observam variam de 8% a 1%. Consciente dessas coisas, o cardeal Martini, na sua última entrevista, publicada no dia seguinte à sua morte,[14] havia declarado: "Devemos nos perguntar se as pessoas ainda ouvem os conselhos da Igreja em matéria sexual: a Igreja ainda é uma autoridade de referência nesse campo ou somente uma caricatura da mídia?". Na mesma linha se expressou, em fevereiro 2014, o cardeal Kasper[15] na conferência ao consistório extraordinário sobre a família: "Devemos ser honestos e admitir que, entre a doutrina da Igreja sobre o matrimônio e sobre a família, e as convicções vividas de muitos cristãos, criou-se um abismo".[16] O Papa sabe muito bem que essa é a situação, mas deve enfrentá-la e, até agora, não o fez.

IHU On-Line - O senhor chama atenção para o fato de que Francisco trabalha com o objetivo de ter uma Igreja que seja aberta ao primado da consciência, à modernidade, e que consulta fiéis sobre temas de moral. Como esses aspectos aparecem no pontificado dele? Pode comentar cada uma delas?

13 **Instituto para as Obras de Religião (IOR)**: mais conhecido como Banco do Vaticano, é uma instituição financeira ligada a Santa Sé e localizada na Cidade do Vaticano. A instituição é presidida por um diretor executivo ligado a um comitê de cardeais e ao Papa. Foi criada na Segunda Guerra Mundial para administrar as contas dos principais clérigos. (Nota da **IHU On-Line**)

14 A íntegra da entrevista, em português, pode ser lida no sítio do IHU, disponpivel em http://bit.ly/1FtxcHQ. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Walter Kasper (1933):** teólogo alemão, cardeal, foi responsável, na Cúria Romana, pela relação da Igreja Católica com as outras Igrejas Cristãs. (Nota da **IHU On-Line**)

16 A íntegra do pronunciamento, em português, pode ser lida no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Gjdw8r. (Nota da **IHU On-Line**)

Vito Mancuso – Quando se fala de ética, trata-se, em primeiro lugar, de responder a esta pergunta: existe o bem, o bem como algo universal e objetivo que vale para todos, sem depender das circunstâncias, ou tudo depende das circunstâncias e não existe o bem, mas só o conveniente? Essa é a pergunta número um da teologia moral. A pergunta número dois decorre logicamente: admitindo-se que esse bem universal exista, qual é, como se reconhece, quem o pode reconhecer?

A resposta do catolicismo é simples e clara: 1) existe um bem comum a todos os homens, universal, objetivo, que não depende das circunstâncias, ou dos sentimentos, ou das emoções, mas que se substancia na natureza das coisas; 2) tal bem consiste naquilo que favorece a vida e, como tal, todo homem o reconhece mediante a luz da própria consciência.

A capacidade de conhecer o bem objetivo mediante a consciência subjetiva é expressada pelo catolicismo com o conceito clássico de *sindérese*, definido pelo Catecismo[17] como "a percepção dos princípios da moralidade" (art. 1.780). A *sindérese* exprime a capacidade luminosa de cada consciência humana de reconhecer o bem, até prescindindo do próprio interesse e das diversas circunstâncias históricas e geográficas, a capacidade de saber se estamos fazendo o bem ou não, fundando assim a capacidade de juízo responsável, fundamentado, por sua vez, na realidade da liberdade. Normalmente, referimo-nos a essa dimensão dizendo "luz da consciência" ou também "voz da consciência".

Primado da consciência

O primado da consciência, portanto, não é ontológico, mas gnoseológico. Mas, nesse último nível, ele é absolutamente essencial, expressa o espírito interior mais autêntico do catolicismo. E é precisamente a partir de tal primado da consciência que devemos abordar os temas que a modernidade propõe, sobretudo, em nível ético. Como eu já lembrei, o cardeal Kasper destacou que, "entre a doutrina da Igreja sobre o matrimônio e sobre a família, e as convicções vividas de muitos cristãos, criou-se um abismo", mas a afirmação de Kasper sobre a família vale, a meu ver, para muitos outros âmbitos da doutrina católica; ou, melhor, eu penso que vale para o próprio conceito de *doutrina*, entendida como sistema de verdades estabelecidas que o crente é obrigado a professar e sobre a qual supervisiona a Congregação para a Doutrina da Fé, que antes de 1965 se chamava "Sacra Congregação do Santo Ofício" e, antes de 1908, chamava-se "Sagrada Congregação da Romana e Universal Inquisição".

Listar os muitos elementos que distanciam o ensinamento da Igreja da realidade não é difícil; são aqueles já nomeados acima, a doutrina sobre a regulação da natalidade com o fracasso prático e teórico da *Humanae vitae* de Paulo VI, a identidade sexual e a homossexualidade, em relação à qual é preciso deixar de falar de doença, como ainda se faz muitas vezes. Depois, há o pântano da bioética, da qual não se sai continuando a repetir "nãos" principalmente à fecundação assistida, o destino dos embriões congelados, o diagnóstico dos embriões antes do implante, o princípio da autodeterminação em nível de testamento biológico.

Depois, há os problemas eclesiológicos que, ainda em 1987, Hans Küng[18] definia como "chatas velhas questões", sobre as quais também já falei: os critérios de nomeação de bispos, a colegialidade como método de governo, o celibato do clero, a liberdade de pesquisa em âmbito teológico, a questão laical, a questão feminina, a reforma da Cúria Romana, o respeito pelos direitos humanos dentro da Igreja – do qual que "o tráfico de noviços" denunciado pelo Papa é um aspecto desconcertante.

IHU On-Line - Um dos conceitos que Francisco usa é o de misericórdia. Em que sentido o termo é usado nos discursos do Papa?

Vito Mancuso – A misericórdia expressa a identidade da mensagem cristã. É o núcleo daquilo que, classicamente, é chamado de "evangelho" e que, literalmente, significa, como se sabe, "boa notícia". A boa notícia que a Igreja deve entregar ao mundo é a misericórdia, a ternura do coração, que, antes de ser um sentimento, é uma realidade ontológica, expressa a essência da vida, da qual se compreende a natureza pensando na relação mãe-filha. A Igreja ou está em função desse anúncio fundamental, ou é como o sal que perde o seu sabor e que não serve para nada, exceto para ser pisoteado pelos homens. O Papa está nos ajudando a redescobrir tudo isso.

IHU On-Line - Qual tem sido o papel geopolítico do Papa Francisco? Ao longo desses dois anos, vimos suas intervenções em discursos contra a intervenção militar na Síria, o discurso sobre a necessidade de reconciliação entre Cuba e EUA, por exemplo, seguidos de discursos chamando atenção para as implicações sociais e econômicas da globalização. A partir disso, como avalia a atuação geopolítica de Francisco e qual sua intenção com esses discursos?

17 **Catecismo:** o Catecismo da Igreja Católica surgiu após a Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos em comemoração ao vigésimo ano de encerramento do Concílio Vaticano II, em 25 de janeiro de 1985. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé – por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos. Confira no sítio do IHU, em http://migre.me/Ros7, a edição 240 da revista **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". (Nota da **IHU On-Line**)

Vito Mancuso – O papel geopolítico de Francisco é notável. Pode-se compreendê-lo pelo fato de ele ter contribuído para evitar a intervenção militar ocidental na Síria e, especialmente, pelo fato de ter favorecido a histórica reconciliação entre Cuba e EUA. Até mesmo a dura reação do primeiro-ministro da Turquia a propósito das declarações Papais sobre o genocídio armênio mostra quanta importância é atribuída ao Papa no contexto mundial. Depois, há as passagens de aproximação à China e o fato de ele ter se tornado um farol para o Sul do mundo e para os pobres.

Na Itália, um observador como Eugenio Scalfari, fundador do jornal La Repubblica e não crente, escreveu que, graças a Francisco, "Roma tornou-se novamente a capital do mundo... Roma, a cidade do Papa Francisco, é o centro do mundo". Scalfari, obviamente, fala da liderança espiritual, da qual o Ocidente tem uma imensa necessidade para continuar acreditando nos grandes ideais da humanidade, tradicionalmente definidos como bem, justiça, igualdade, solidariedade, fraternidade. Em um mundo onde tudo é poder e cálculo, a figura desse Papa faz com que se compreenda que nem tudo no ser humano é redutível a poder e cálculo, que ainda há espaço para a gratuidade, para o amor genuíno, para a vontade de bem pelo bem.

O seu fracasso seria o fim da luz que se acendeu na existência de todos os seres humanos, também em muitos não crentes como Scalfari. Lembram isso os cardeais, os monsenhores e os teólogos que estão fazendo de tudo para bloquear e fazer com que fracasse a ação reformadora do Papa Francisco.

IHU On-Line - Em vários momentos de seu discurso, o Papa chamou atenção para os atos de violência que estão ocorrendo no mundo, mencionando, por exemplo, a morte de mais de cem crianças que foram trucidadas no Paquistão, a cultura de rejeição ao outro, "as formas equivocadas de religião", lembrou o massacre em Paris, e também comentou a situação dos cristãos massacrados e perseguidos no Oriente, fazendo alusão ao Estado Islâmico. Além disso, reiterou que "jamais se deve permitir que as crenças religiosas sejam usadas na causa da violência e da guerra". Como o senhor lê esses exemplos?

Vito Mancuso – A questão crítica pode ser formulada deste modo: quem ataca e mata os cristãos pretende atingir a religião de Jesus ou a religião do Ocidente? É claro que, nem em um caso nem em outro, a violência teria a menor justificativa; no entanto, não é de pouca importância saber por que o cristianismo, hoje, no mundo é a religião mais perseguida. Na história, de fato, não foi assim. Nela, as relações entre religiões nunca foram pacíficas, e também no passado podem ser assinalados episódios de violenta repressão da qual os cristãos foram objeto, assim como, aliás, podem ser assinalados episódios em que a violência era exercida pelas Igrejas cristãs, em primeiro lugar pela católica, também em forma institucional e continuada. Volta, portanto, a pergunta: por que, nestes anos, o cristianismo tornou-se objeto de tal violência? Por que justamente hoje? Eliminando os cristãos, pretende-se atingir os seguidores de Jesus ou os representantes do estilo de vida ocidental percebido como uma ameaça mortal para a própria identidade?

Não há respostas fáceis, e eu certamente não as tenho. O que eu gostaria de dizer é que, além de combater o terrorismo com rigor, deve ser empreendida uma grande batalha de purificação do cristianismo, para fazer com que ele se assemelhe cada vez mais à mensagem de Jesus e cada vez menos a uma legitimação do poder. E eu acho que o que o Papa Francisco está fazendo nessa perspectiva é simplesmente extraordinário.

IHU On-Line - Como o cristianismo pode ser uma resposta aos desafios da modernidade? Que respostas o cristianismo tem a oferecer para a modernidade?

Vito Mancuso – Em parte, já tocamos nesses assuntos. No entanto, aproveito para aprofundar o conceito de modernidade. Ele significa, da forma como eu o entendo, o primado da pessoa. Com a modernidade, inicia aquele processo que leva o indivíduo a ser mais importante em relação às organizações estatais, empresariais ou eclesiásticas. Daí a grande dificuldade pela qual passou e está passando a teologia e a moral.

Tomemos a posição católica tradicional em relação tanto às pessoas homossexuais, quanto às pessoas divorciadas e ao papel atualmente ocupado pelas mulheres dentro do governo da Igreja. Por que hoje elas são insustentáveis? Exatamente pelo primado do indivíduo. A esse respeito, de fato, é preciso coerência: não se pode proclamar em palavras o respeito pelas pessoas homossexuais como filhas de Deus de igual dignidade e, depois, julgar a sua condição como condenada pela lei natural e pela Bíblia; ao contrário, se realmente se quer mostrar de modo concreto o respeito de que se fala, é preciso pôr em ação hermenêuticas consequentes tanto da lei natural (que deve ser entendida, em sentido formal, como harmonia das relações, e não como definições de papéis e de comportamentos), quanto das páginas bíblicas que condenam as pessoas homossexuais (relegando tais páginas ao lado daquelas que promovem a guerra ou a inimizade para com as outras religiões e que não merecem ser levadas em consideração). Ou seja, é preciso chegar ao evangélico "não julgar" e "não condenar".

Do mesmo modo, se realmente se quer que a misericórdia tenha primado para os divorciados em segunda união, é preciso pôr em ação uma disciplina canônica dos sacramentos que lhes concedem se aproximar deles sem qualquer discriminação. Do mesmo modo, por fim, se realmente se quer que a mulher tenha mais poder dentro da Igreja, deve-se proceder em consequência e, como já disse, abrir-lhes ao menos e desde já ao diaconato (o fato de que as mulheres podem

ter acesso ao diaconato é testemunhado pelo Novo Testamento, basta lê-lo e aplicá-lo).

IHU On-Line - Quais são as perspectivas para a Igreja com o pontificado de Francisco? Para onde ele está direcionando a Igreja?

Vito Mancuso – Eu não sei aonde Francisco está guiando a Igreja, e talvez nem mesmo ele saiba. Como todo verdadeiro caminho de novidade procede conhecendo apenas o próximo passo e não os passos que virão depois, assim também acontece com Francisco. O importante é caminhar para a frente, sem cair e sem voltar atrás. Está em jogo o papel da Igreja Católica inteira: há o direito dos batizados de terem uma Igreja para confiar, na qual os bispos são escolhidos por efetivas qualidades e não por jogos de poder, e sejam sóbrios como os apóstolos e não opulentos como os magnatas, onde o banco vaticano do IOR esteja ao menos no nível ético de um banco comum, onde não haja a sujeira denunciada na sua época por Bento XVI, onde os homens e as mulheres de hoje se sintam em casa, por serem entendidos também nos seus erros e não julgados por uma mentalidade friamente doutrinal, onde os escândalos de pedofilia não sejam escondidos, e os culpados, encobertos.

O que está em jogo é uma Igreja digna da paixão dos inúmeros sacerdotes honestos que lhe dedicaram a vida, assim como das religiosas e dos religiosos. É por uma Igreja desse tipo que o Papa Francisco trabalha, insistindo no primado da consciência, na abertura à modernidade, na consulta dos fiéis sobre os temas da moral, no novo crédito à teologia da libertação, na preferência pelos pobres, em uma linguagem capaz de chegar a todos. Bergoglio sabe que o primeiro passo da Igreja é voltar a acreditar no Evangelho, acima de tudo na sua cúpula; isto é, ele sabe que a evangelização diz respeito, acima de tudo, à hierarquia eclesiástica.

Quem hoje ainda defende o "não" aos sacramentos para os divorciados em segunda união, o "não" à contracepção, o "não" às relações pré-matrimoniais, o "não" à bênção aos casais gays está fora do mundo, no sentido de que não entende a sua evolução. E, com isso, priva-se da possibilidade da ação peculiar que o Evangelho pede a quem a ele adere, ou seja, o amor.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?

Vito Mancuso – Gostaria de acrescentar uma reflexão, levando em consideração a hipótese de que Francisco fracassasse. O que aconteceria se as reformas desejadas não chegassem ao fim e as expectativas de uma nova primavera se revelassem como apenas ilusões?

Eu acho que, para o catolicismo, seria um golpe terrível, porque as enormes esperanças que esse Papa está despertando se transformariam em uma decepção igualmente enorme, e o contragolpe sobre a credibilidade da Igreja poderia ser devastador, se não letal. Não morreria a espiritualidade, que desde sempre está enraizada no coração humano, bem antes do nascimento do cristianismo. Não morreria nem mesmo o cristianismo, que encontraria outras formas para se expressar, como fez em outros lugares do mundo. Ao contrário, nos encaminharíamos irreversivelmente para a morte da Igreja Católica hierárquica assim como a conhecemos, porque ninguém poderá e quererá mais ter confiança em uma estrutura que se demonstrou relutante em seguir um cristão sincero e um homem bom como Jorge Mario Bergoglio. O fracasso do Papa "que veio do fim do mundo" marcaria o fim da Igreja hierárquica e institucional. Não sei se é isso que querem os inúmeros cardeais, bispos e curiais que se opõem a ele, mas acho que é bom que eles saibam disso. ■

LEIA MAIS...

- **"Um erro: o Papa falou como se estivesse no bar."** Entrevista com Vito Mancuso, publicada em Notícias do Dia, em 18-01-2015, no sitio do IHU, disponível em http://bit.ly/1IXoMq4
- Quando a Igreja renuncia à beleza. Artigo de Vito Mancuso, publicado em Notícias do Dia, em 18-12-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Ha3m8B
- **"A desobediência também pode renovar a Igreja"**. Entrevista com Vito Mancuso, publicada em Notícias do Dia, em 25-04-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Pe9aoz
- **"A experiência de fé não parte das doutrinas"**. Entrevista com Vito Mancuso, publicada em Notícias do Dia, em 09-11-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Pe9fbU
- **O ofício de Pedro**. Artigo de Vito Mancuso, publicado em Notícias do Dia, em 05-03-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1F99j6d
- **Vaticano II. Um vento de ar puro hoje aprisionado**. Artigo de Vito Mancuso, publicado em Notícias do Dia, em 20-09-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1E2gx6J
- **Ave Maria laica**. Artigo de Vito Mancuso, publicado em Notícias do Dia, em 16-09-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1KXJTt3

O amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco

Leonardo Boff aponta os conceitos centrais no pontificado de Francisco. Para o teólogo, são posturas que renovam e quebram a centralidade europeia

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin

Para o teólogo Leonardo Boff, já nos primeiros momentos do pontificado Bergoglio deu sinais que trazia mudanças, que queria movimento no comando na Igreja. "Ele introduziu rupturas na forma secular de apresentar o exercício e a missão do Papado", destaca. Boff chama atenção para o fato de Francisco não se apresentar como o membro de uma corte, e sim como um pastor que não só conduz o rebanho, mas o ouve. Muito disso orientado pela leitura que faz da Teologia da Libertação, tomando como princípios ideias de amor e misericórdia. "O amor e a misericórdia são categorias centrais de sua teologia e prática na linha da tradição de Jesus. Não era este o sentimento face aos portadores de poder sagrado, anteriores ao Papa Francisco", completa, em entrevista concedia por e-mail à **IHU On-Line**.

A origem latino-americana desse Papa também está cheia de significados. Leonardo Boff encara o Papado de Francisco como "uma nova dinastia de Papas que não virão mais da velha e, de certo modo, envelhecida cristandade europeia". Segundo ele, há uma abertura para outro mundo católico, com realidades e particularidades muito distintas da europeia. "Na Europa, vivem apenas 25% dos católicos. Mais de 65% nas Américas e na África e o restante na Ásia. Com isso, surge uma figura de Papa mais ligada à pastoral, à inculturação nas várias culturais regionais, e por isso mais pastor que doutor", exemplifica.

Leonardo Boff é teólogo da libertação, escritor, professor e conferencista, além de assessor de movimentos sociais e das comunidades eclesiais de base. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres* (Petrópolis: Vozes, 2015); *São Francisco de Assis. Ternura e vigor* (8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000); *Ética da vida* (Rio de Janeiro: Sextante, 2006); e *Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância* (Petrópolis: Vozes, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre a Teologia do Povo,[1] de Francisco, e a Teologia da Libertação[2]?

Leonardo Boff - As diferenças são de método, e não de conteúdo e de objetivos. Ambas se propõem à libertação. A Teologia do Povo parte do povo oprimido ou da cul-

1 **Teologia do povo** (Teologia del Pueblo)**:** linha teológica surgida na Argentina após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín (Colômbia, 1968) como uma interpretação da Teologia da Libertação desde a perspectiva dos mais pobres, do povo. Entre os principais teólogos da teologia do povo estão Lucio Gera, Rafael Tello, Justin O'Farrel, Juan Carlos Scannone e Carlos Maria Galli. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Teologia da Libertação:** escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada Teologia da libertação, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96. Leia também a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2012, intitulada Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

> ***O Papa Francisco tem consciência de que o tempo do relógio corre contra nós. Temos urgência de curar as feridas que infligimos à** mãe Terra **e de controlar o aquecimento global***

tura silenciada e busca a libertação através da potenciação dos valores vividos pelo povo, com seu *ethos* próprio, suas festas e tradições. A Teologia da Libertação, como veio formulada, primeiramente, por Gustavo Gutiérrez,[3] se preocupava, antes de tudo, na identificação das causas que levaram o povo a ser oprimido. Para isso se utilizaram de forma meramente instrumental, sem incorporar a ideologia subjacente, das categorias da tradição crítica, elaborada principalmente por Marx.[4] Este mostrava que o pobre, na verdade, é feito pobre, é um empobrecido como consequência da exploração que a classe capitalista faz sobre a classe operária.

A versão argentina evita a questão de classe, parte do povo oprimido como um dado imediato, sem precisar identificar as causas que o levaram a esta situação. Talvez tenha evitado o recurso da tradição crítica para evitar a desconfiança e perseguição dos militares que se opunham a qualquer sinal que denotasse presença de categorias marxistas. Mas essa é uma interpretação minha. Cabe enfatizar que estas teologias não se opõem, mas se compõem. E, também, nem uma quer ser alternativa à outra, pois ambas assumem os mesmos objetivos.

IHU On-Line - Que novidade o Papa Francisco apresenta? E para onde ele quer levar a Igreja?

Leonardo Boff - A novidade é a própria figura do Papa Francisco. Ele introduziu rupturas na forma secular de apresentar o exercício e a missão do Papado. Prefere ser chamado bispo de Roma que coordena toda a Igreja na caridade (por isso é Papa de toda a Igreja) e não pelo poder sagrado, codificado pelo direito canônico.

Ele deu centralidade à categoria de "Igreja povo de Deus" e não uma comunidade-sociedade hierarquicamente organizada. Com isso conferiu uma igualdade fundamental a todos os fiéis da comunidade eclesial e fez dos portadores de poder sagrado servidores do povo, com "cheiro de ovelha", e por isso mais pastores que autoridades eclesiásticas. Despaganizou a figura do Papa, libertando-o de todos os símbolos de poder. Especialmente a capinha sobre os ombros toda ornada (mozzeta), expressão do supremo poder dos imperadores.

É o primeiro Papa que se enfrenta diretamente com o sistema do capital, como a causa maior do sofrimento de grande porção da humanidade. Não fala dos pobres. Vai lá onde estão, abraça-os e convive com eles.

IHU On-Line - Como a ideia de colegialidade aparece no Papado de Francisco e quais seus significados?

Leonardo Boff - A ideia da colegialidade faz parte de sua concepção de como deve ser o exercício do bispo de Roma e do Papa da Igreja universal, não de forma monárquica e absolutista, mas de forma descentralizada e compartida. A categoria foi introduzida pelo Vaticano II.[5] No entanto, nunca ganhou praticidade, pois, novamente, tudo se centralizava na figura do Papa. Esse fato era chamado pela teologia de "cefalização", como algo exacerbado e desequilibrador das relações internas na Igreja. Agora, a colegialidade per-

3 **Gustavo Gutiérrez Merino** (1928): é um teólogo peruano e sacerdote dominicano, fundador da Teologia da Libertação. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon327. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

tence ao próprio exercício de governo da Igreja.

Com isso invalida o que se sabe: onde impera o poder, aí não existe amor e desaparece a misericórdia. Com Francisco, o amor e a misericórdia são categorias centrais de sua teologia e prática na linha da tradição de Jesus. Não era este o sentimento face aos portadores de poder sagrado, anteriores ao Papa Francisco.

IHU On-Line - Que perspectivas o senhor vê para o Papado de Francisco? Quais seus maiores desafios?

Leonardo Boff - Creio que o Papa Francisco inaugura uma nova dinastia de Papas que não virão mais da velha e, de certo modo, envelhecida cristandade europeia. Na Europa, vivem apenas 25% dos católicos, enquanto no terceiro e quarto mundo (se nos é permitido ainda falar assim) vivem as grandes maiorias. É mais de 65% nas Américas e na África e o restante na Ásia. Com isso, surge uma figura de Papa mais ligada à pastoral, à inculturação nas várias culturais regionais, e por isso mais pastor que doutor ou professor e mestre da fé. Será o testemunho de um cristianismo despojado, pobre, próximo das pessoas, e por isso atrai mais pelo fascínio do que pela endoutrinação.

Seus maiores desafios residem ao fato de viver em Roma e de ser, de certa forma, refém de hábitos clericais seculares, palacianos, principescos que imperam ainda no Vaticano e em seus palácios. Tais hábitos mais escandalizam os fiéis do que remetem à figura do Nazareno, homem do povo, pobre e amigo dos pobres. No clero e nos bispos tradicionais do mundo inteiro, que foram socializados neste modelo de bispo, de padre ou de religioso/a encontrará críticos, resistentes e até opositores diretos.

IHU On-Line - Que conceitos norteiam a fundamentação teológica de Francisco?

Leonardo Boff - A singularidade deste pontificado reside no fato de que não pode ser enquadrado em nenhuma escola teológica e em nenhum estilo conhecido de exercício de seu poder. Ele é único, extremamente original e surpreendente. Antes de tudo, concebe a Igreja como uma casa aberta na qual todos podem aceder, sem nenhuma precondição doutrinária ou moral. É como um hospital de campanha que acolhe especialmente os vulneráveis e os que andam, desgarrados, em busca de algum sentido de vida. Abriu a Igreja ao mundo moderno sem os senões e as severas críticas tão enfatizadas pelos Papas anteriores.

> ***A reforma da Cúria está em curso. Não podemos delinear ainda seus contornos. Mas será uma cúria mais simples, de hábitos severos, realmente a serviço das Igrejas locais***

Do mundo moderno passou ao mundo dos pobres, feitos os primeiros destinatários de sua ação pastoral. E do mundo dos pobres passou para o cuidado do grande pobre que é o planeta Terra, ameaçado em sua vitalidade que pode comprometer o futuro de nossa civilização. Para ele, o importante não é a Igreja em si, mas a humanidade e a Terra e de que maneira a Igreja pode colaborar na sua salvaguarda.

Qual a sua teologia? A Tradição de Jesus que não é feita de doutrinas, mas de exemplos de amor, de misericórdia, de alegria de sermos filhos e filhas de Deus. É o evangelho vivo que se expressa no encontro com o Cristo simples, pobre e amigo dos pecadores. Estimo que seja o primeiro Papa dos últimos 500 anos que ouviu os reclamos dos reformadores do século XVI. Eles pediam uma reforma na cabeça e nos membros e uma volta à viva *vox evangelii*, uma volta à viva voz do evangelho. Este que significa o encontro íntimo, confiante e amoroso com o Salvador e Libertador de todos os seres humanos.

IHU On-Line - Em que medida a *Evangelii Gaudium*[6] propõe uma renovação nos ares da Igreja? Como ela orienta o pontificado de Francisco?

Leonardo Boff - Na *Evangelii Gaudium* aparece aquilo que praticamente fora esquecido na pregação cristã, especialmente dos Papas que se entendiam antes como mestres e doutores da Fé: o elemento de alegria, presente na própria palavra Evangelho. O anúncio deve produzir leveza de espírito, entusiasmo pela vida e verdadeira alegria espiritual por sermos resgatados por Cristo e feitos filhos e filhas de Deus, não apenas os batizados, mas toda a pessoa que vem e que existe neste mundo.

O texto ainda critica tão duramente os que se fixam em doutrinas e não revelam em seus gestos

6 **Evangelii gaudium**: A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, na especulação financeira, na corrupção generalizada e na evasão fiscal. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo, 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

e rostos a expansão primaveril do Evangelho. Chama-os de caras de vinagre, gente de Sexta-feira Santa e outras palavras severas que fazem de meu livro *Igreja: Carisma e Poder* (1984), condenado especialmente pelas críticas feitas aos hábitos rígidos da hierarquia, quase um livro de piedade.

O Papa Francisco trouxe uma verdadeira primavera para a Igreja e lhe devolveu o caráter de lar espiritual que se havia largamente perdido. A instituição eclesiástica parecia antes um pesadelo do que um motivo de alargamento das dimensões do coração e da alma. A *Evangelii Gaudium* orienta o pontificado para esse conjunto de valores jesuânicos, derivados da prática do Jesus histórico. Valores que, durante o tempo, foram recobertos por títulos de magnificência tão poderosos que devíamos quase fazer um ato de fé de que se tratava verdadeiramente de um homem no meio dos homens.

IHU On-Line - A partir dos discursos de Francisco, é possível dizer que ele está propondo reformas? De que ordem são essas reformas? Como aparecem na prática?

Leonardo Boff - A grande reforma é o modo como fala, atua, se movimenta e entra em diálogo com todo mundo. Nele aparece a bondade e a benevolência de nosso Deus. Ele não apenas comparece como um grande líder religioso, mas como um líder político, escutado com respeito. Interfere em função da fome, da paz, das guerras com grande número de vítimas. Conclama os dirigentes dos povos ao diálogo e ao encontro para além das diferenças.

Para mim esta é a grande reforma, pois nos remete ao que fazia Jesus quando esteve entre nós, sempre do lado dos mais fracos, sensível ao sofrimento humano, profético contra aqueles que perderam a capacidade de sentir e de chorar face à miséria humana que eles mesmos produzem.

Em termos internos, a reforma da Cúria está em curso. Não podemos delinear ainda seus contornos. Mas será uma cúria mais simples, de hábitos severos, diria, até pobres, realmente a serviço das Igrejas locais e ao que afeta à universalidade da Igreja. Tudo indica que irá inserir mulheres no governo, pois elas constituem mais da metade da Igreja Católica. Um ponto me parece relevante: as questões que antes eram interditas de serem discutidas, até sob pena de punições caso fossem abordadas publicamente, como as questões de moral sexual, dos contraceptivos, de matrimônios desfeitos, de divórcios e novas núpcias, da situação dos homoafetivos, agora têm a discussão estimulada pelo Papa Francisco. Quer se certificar do sentimento dos cristãos e não apenas dos bispos e dos padres.

> *A Evangelii Gaudium* **orienta o pontificado para esse conjunto de valores jesuânicos, derivados da prática do Jesus histórico"**

É difícil prever qual é o resultado desta abertura. Seguramente podemos dizer que a Cúria não será mais como antes. Se orientará pela conversão pastoral com misericórdia e compreensão da situação humana e dos cristãos. Se alguém cair, sempre haverá para ele a chance de se levantar, pois os sacramentos, particularmente a eucaristia, não são feitos para os santos, mas para aqueles que mais energia interior e força precisam.

IHU On-Line - Como as discussões das questões ecológicas aparecem na fala do Papa?

Leonardo Boff - Desde cedo o Papa Francisco tem se preocupado com as questões ecológicas. Sem falsa modéstia posso dizer que, através do embaixador argentino no Vaticano, pude fazer chegar ao Papa, a pedido dele, materiais sobre a questão ecológica. Especialmente um documento que ajudei a elaborar para o núcleo teórico de uma nova Organização das Nações Unidas - ONU a ser postulada por mais de 100 países — o documento se intitula "Declaração Universal do Bem Comum da Terra e da Humanidade" — e ainda outros materiais.

Estimo que será um documento profético e de grande apelo aos chefes de Estado e a todos os cidadãos do mundo a preservarem a única casa comum que temos, caso contrário iremos na direção de um abismo. Mas infunde em todos a esperança de que este não será o destino da natureza e da Terra que um dia foram assumidas pelo Verbo que lhes garantirá um destino feliz.

O Papa Francisco tem consciência de que o tempo do relógio corre contra nós. Temos urgência de curar as feridas que infligimos à *mãe Terra* e de controlar o aquecimento global e mitigar seus efeitos maléficos. Quer suscitar a consciência dos cristãos e de todas as Igrejas para assumirmos a missão de sermos os cuidadores e os guardiães desta herança sagrada que Deus nos confiou.

IHU On-Line - Que diálogo inter-religioso Francisco imprime?

Leonardo Boff - O Papa Francisco está reforçando um caminho que vinha sendo construído por muitos no diálogo entre as Igrejas: o de se reconhecerem mutuamente e juntas se colocarem a serviço da humanidade. Francisco não as nega, como aconteceu anteriormente, o título de Igrejas. Para ele, estas Igrejas são portadoras da herança de Jesus, sem a pretensão de ex-

clusividade por parte de nenhuma delas.

Com as religiões, fez gestos comovedores e altamente corajosos. Ele, por exemplo, entrou numa mesquita e se voltou à Meca, rezando ao único Deus que vem sob outro nome. Também foi ao muro de orações dos judeus e lá rezou como eles. Assim, Francisco se mostra antes um místico do que um teólogo. Ele sente que Deus é servido e amado de muitas formas e por muitos caminhos e que, juntos, devemos manter a chama sagrada do Divino que arde no coração de cada pessoa e no inteiro universo.

IHU On-Line - Qual é a importância da Conferência de Aparecida,[7] em 2007, da qual Bergoglio foi o relator do documento final? Como o resultado dessa conferência aparece no Papado de Francisco?

Leonardo Boff - O documento de Aparecida é para o Papa Francisco uma espécie de mapa pelo qual orienta sua trajetória. É sabido que foi um dos seus principais elaboradores. Restituiu à reflexão o método do ver, julgar e agir e arrancando sempre das realidades concretas a partir das quais se processa o anúncio alegre da salvação. Francisco, por ocasião de sua entronização ao pontificado, deu às presidentes Dilma Rousseff e Cristina Kirchner o referido documento. Disse a elas que aí estava o principal de sua visão de Igreja e de mundo e como deveria ser entendida sua prática de pontífice.

> *A grande reforma é o modo como fala, atua, se movimenta*

Efetivamente aparece aí a dimensão pastoral dos fiéis e de todos os bispos e padres. E mais: pede-lhes uma conversão pastoral para que se sintam no meio do povo como quem anda como caminhante, para animar, orientar e não deixar que ninguém fique para trás. No meu entender, em tempos de crise da Igreja e do mundo, Deus se apiedou de todos nós e nos enviou um Francisco de Roma. Ele é mais que um nome. É a expressão de um projeto de Igreja e de mundo que se inscreve no arco dos valores da tradição de Jesus, feita de ternura, de bondade, de compaixão e de amor incondicional. Estes temas aprofundei no livro *Francisco de Assis - Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja* (Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2013). ■

7 **Conferência de Aparecida**: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", inspirado na passagem do Evangelho de João que narra "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Sobre essa Conferência leia a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-06-2047, intitulada Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência e disponível em http://bit.ly/gGMpe4. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a Terra ameaçada**. Entrevista com Leonardo Boff, publicada em Notícias do Dia, de 16-10-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1cbMGTm.
- **"Com Francisco, diálogo contínuo embora a distância".** Entrevista com Leonardo Boff, publicada em Notícias do Dia, de 17-09-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1RhjZVm.
- **Ser mais com menos: eis o futuro da humanidade**. Entrevista com Leonardo Boff, publicada em Notícias do Dia, de 24-06-2009, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1P4eOK0.
- **Apoio ao Papa Francisco contra um escritor nostálgico.** Artigo de Leonardo Boff, publicado em Notícias do Dia, em 07-01-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1HdxMa2.
- **Realmente não existem verdades absolutas**. Artigo de Leonardo Boff, publicado em Notícias do Dia, em 28-09-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PGrYrH.
- **Como reproduzimos a cultura do capital**. Artigo de Leonardo Boff, publicado em Notícias do Dia, em 20-04-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1bPbBvw.

O Papa que salvou a Igreja do suicídio. Um grande milagre

Gianni Vattimo diz que Bergoglio surge para livrar a Igreja do suicídio. O espírito provocador do Papa suscita revoluções, embora ainda tenha muito a trilhar

Por Márcia Junges e João Vitor Santos | Tradução: Sandra Dall'Onder

Na perspectiva de Gianni Vattimo, a Igreja Católica caminhava dura e firmemente para um abismo. De lá, provavelmente se jogaria, presa às suas convicções. Isso, até que surge Bergoglio e começa a mudar esse curso da história. "Os dois primeiros anos do pontificado de Francisco me parecem um grande milagre do Espírito Santo, especialmente porque eles salvaram a Igreja do suicídio que parecia próximo dos Papas anteriores", diz em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. O filósofo ainda destaca o espírito revolucionário de Francisco. "O Papa diz aos jovens para *hacer lio*, criar confusão. Ou seja, ter um pouco de espírito anárquico, em um mundo cada vez mais integrado e controlado pelo poder econômico e militar", destaca.

No entanto, Vattimo reconhece que um dos grandes desafios do Papa é uma revolução de fato. Isso porque a primeira batalha se dá "dentro de casa". "Francisco pode ajudar na transformação da sociedade, para que ela se torne mais humana. Isso se o Papa for capaz de revolucionar, antes de tudo, a Igreja", pondera. Ele também aponta questões que precisam evoluir na gestão bergogliana de uma entidade conservadora e patriarcal. "Em termos de relações de gênero ainda falta um passo decisivo, a admissão das mulheres ao sacerdócio. E também a questão do celibato clerical. Um ponto muito delicado para a vida dos padres."

Gianni Vattimo é filósofo e político italiano, considerado como um dos expoentes do pós-modernismo europeu. Discípulo de Luigi Pareyson, graduou-se em Filosofia, na cidade de Turim, em 1959. Especializou-se em Heidelberg, Alemanha, com Karl Löwith e Hans-Georg Gadamer, cujo pensamento introduziu na Itália. Em 1964, tornou-se professor de Estética na Universidade de Turim e, a partir de 1982, de Filosofia Teorética. De sua produção intelectual, destacamos, Acreditar em acreditar (Lisboa: Relógio D'Água, 1998); Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso (São Paulo: Record, 2004); e O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna (São Paulo: Martins Fontes, 1996).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em termos gerais, como avalia os dois primeiros anos do pontificado de Francisco?

Gianni Vattimo - Os dois primeiros anos do pontificado de Francisco me parecem um grande milagre do Espírito Santo, especialmente porque, em certo sentido, eles salvaram a Igreja do suicídio que parecia próximo aos Papas anteriores. Suicida, me parecia, então, a pretensão de impor uma moral fóbica sexual, tanto pelo interesse em atividades econômicas conhecidas, quanto pelos escândalos do banco do Vaticano. Em ambas as questões, Francisco mostrou sinais de mudança radical.

IHU On-Line - Quais são seus avanços e limites?

Gianni Vattimo - Os progressos são os que eu citei acima, embora até agora não tenha visto resultados em termos de dogma e disciplina eclesiástica. É verdade que o Papa parou de falar constantemente de contracepção, preservativos, etc. Mas em termos de relações de

> *Insistindo na solidariedade, Francisco, simplesmente faz o seu trabalho, retoma e enfatiza os valores centrais da tradição cristã*

gênero ainda falta um passo decisivo, a admissão das mulheres ao sacerdócio. E também a questão do celibato clerical. Um ponto muito delicado para a vida dos sacerdotes.

IHU On-Line - Ao falar de indiferença e ternura, o Papa Francisco invoca, respectiva mas indiretamente, a Gramsci[1] e Che Guevara.[2] Como essas referências permeiam os dois primeiros anos de seu Papado?

Gianni Vattimo - Não me parece exagerado aproximar o Papa a Gramsci e a Che Guevara. Na verdade, um ato que não parece exagerado seria a beatificação, além de Dom Romero, do próprio Che Guevara. Mas eu percebo que seria esperar muito. Eu vejo poucas razões para aproximar Gramsci ao Papa, na verdade, eu nunca havia pensado sobre isso, embora a ideia gramsciana de hegemonia pode se aproximar à noção de uma transformação espiritual da vida social que o Papa também quer promover.

IHU On-Line - Em que medida o "pensiero debole"[3] se apresenta agora como uma dobra do pensamento sacramental?

Gianni Vattimo - Certamente insistir na caridade e na misericórdia, a atenção aos necessitados, a rejeição à guerra, são elementos que aproximam o pensamento fraco à pregação Papal. Eu diria mais: o pensamento fraco é acima de tudo um pensamento que rejeita a metafísica absoluta, e até mesmo os religiosos absolutistas. Eu não vejo Francisco dizendo, por exemplo, que "fora da Igreja não há salvação", condenando ao inferno pessoas como o Dalai Lama,[4] por exemplo. Não que Francisco seja um homem de pouca fé, eu acho, mas a caridade nele se sobrepõe à verdade, e isto, guardadas as devidas proporções, sustenta o pensamento fraco.

IHU On-Line - Ao falar sobre a globalização da indiferença, em que medida Francisco evoca a categoria da solidariedade, importante na filosofia que o senhor desenvolve?

Gianni Vattimo - Insistindo na solidariedade, Francisco simplesmente faz o seu trabalho, retoma e enfatiza os valores centrais da tradição cristã, embora muitas vezes sejam obscurecidos pela prática da Igreja. Estes são os valores cristãos que alimentam o pensamento fraco, que eu sempre concebi como uma "aplicação" ou uma tradução filosófica do Evangelho.

IHU On-Line - Em que sentido essas características refletem um viés revolucionário no trono de Pedro?

Gianni Vattimo - Certamente, em muitos aspectos Francisco parece um Papa "revolucionário". Alguns até mesmo o acusam de ser simplesmente um comunista. Eu não sei se é, mas deveria ser, especialmente agora que o ideal comunista foi arruinado pelas práticas de "comunismo real", o stalinismo e o totalitarismo soviético. Também gosto de falar que os horrores dos regimes comunistas foram produzidos principalmente pela pretensão de imitar de forma acelerada a sociedade capitalista e a sua estrutura industrial. Quanto à revolução, Francisco pode ajudar na transformação da sociedade, para que ela se torne mais humana. Isso se o Papa for capaz de revolucionar, antes de tudo, a Igreja. A Igreja "franciscana" é o primeiro passo no sentido de uma presença política dos cristãos, capaz de levar a cabo o fim da alienação.

IHU On-Line - Para além de seu impacto eclesiástico, qual é a importância política de Francisco?

Gianni Vattimo - Eu não sei quantas divisões tem o exército do Papa, como Stalin perguntava ironicamente. O seu peso político no "concerto das nações" é difícil de avaliar. Ele pode produzir nos cristãos ao redor do mundo uma transformação espiritual e cultural que lhes tire a ideia de serem defensores da ordem exis-

1 **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal L'Ordine Nuovo, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da **IHU On-Line**, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*, disponível para download em http://bit.ly/ihuon231. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Che Guevara** (Ernesto Guevara de la Serna ou El Che, 1928-1967): um dos mais famosos revolucionários comunistas da história. Foi tema da edição 239 da **IHU On-Line**, de 08-10-2007, disponível em http://migre.me/2pebG. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Pensiero debole** (pensamento fraco): é um conceito introduzido na filosofia pelos filósofos italianos Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, entre os principais expoentes do pós-modernismo europeu, para descrever uma grande mudança de ética no modo de conceber a filosofia, que teve lugar a partir do meio do século XX. Esta alteração, introduzida de acordo com Vattimo e Rovatti, de pensadores contemporâneos, como Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, é caracterizada pela queda de uma série de pressupostos fundamentais da filosofia clássica e da tradição filosófica ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Dalai Lama**: líder político do Tibete. *Dalai* significa "Oceano" em mongol e "Lama" é a palavra tibetana para *mestre, guru*. O título "Oceano de Sabedoria" é dado pelo regime mongoliano. (Nota da **IHU On-Line**)

tente. O Papa diz aos jovens para *hacer lio*, criar confusão. Ou seja, ter um pouco de espírito anárquico, em um mundo cada vez mais integrado e controlado pelo poder econômico e militar. Anarquia com o único limite da caridade.

IHU On-Line - Vindo do "fim do mundo", em que medida Francisco traz uma nova perspectiva e um ethos característico do Terceiro Mundo à Igreja?

Gianni Vattimo - Francisco é de qualquer forma um Papa — então podemos esperar muito dele, mas não tudo (uma frase de Claudel[5]: "a nós sacerdotes supremos um passo maior não é permitido"). Não só a doutrina mas também a Cúria colocam limites difíceis de ultrapassar. A santificação de Che Guevara ainda está longe. Mas o fato de vir de muito longe é importante, no fundo é o Papa mais próximo da Teologia da Libertação.[6]

IHU On-Line - Hoje, qual é o sentido e o desafio de ser cristão e católico?

Gianni Vattimo - Eu repetiria o que disse acima: no mundo de hoje é importante criar confusão, não permitir que esqueçamos o ser, como diria Heidegger.[7] Isto é, que tudo esteja raso no funcionamento da grande máquina do capitalismo. *Hacer lio* também significa sentir que se pode ir para outro mundo, tanto para o futuro revolucionário quanto, se houver, para a vida eterna.

IHU On-Line - Como analisa os esforços de Francisco em promover o diálogo inter-religioso e a fraternidade entre diferentes confissões?

Gianni Vattimo - O diálogo inter-religioso sempre me deixa muito intrigado: não acho que exista uma única verdade na base das várias doutrinas religiosas, também não sei se vale a pena pensar sobre a conversão dos povos — que, afinal, até agora têm seguido os seus soberanos, começando por Constantino. Mas esses diálogos servem para limitar o fanatismo, para diminuir um pouco o peso da fé em favor da caridade.■

5 **Paul Claudel** (1864-1955): de nome artístico de Louis Charles Athanaïse Cécile Cerveaux Prosper, foi um diplomata, dramaturgo e poeta francês, membro da Academia Francesa de Letras e galardoado com a grã-cruz da legião de honra. É considerado importante como escritor católico. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96.Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em http://bit.ly/ihuon185, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em http://bit.ly/ihuon187. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica,* que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem12. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon328, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado,* na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* - pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana.* (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **Gramsci e Papa Francisco, segundo Vattimo**. Artigo do Gianni Vattimo, publicado em Notícias do Dia, em 18-03-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1zRQoN6.
- **Comunismo hermenêutico, ética cristã, globalização e política contemporânea**. Entrevista com Gianni Vattimo, publicada em Notícias do Dia, em 11-12-2012, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1zRQEfc.
- **Liberdade. Uma herança do cristianismo**. Entrevista com Gianni Vattimo, publicada na edição 287, de 30-03-2009, disponível em http://bit.ly/1zRQEfc.
- **Evangelho: as palavras divinas de Jesus**. Artigo de Gianni Vattimo, publicado em Notícias do Dia, em 05-06-2013, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1K6bsmi.
- **Os ateus também têm seu deus.** Artigo de Gianni Vattimo, publicado em Notícias do Dia, em 08-11-2009, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1JHi6vV.
- **A religião é inimiga da civilização?** Artigo de Gianni Vattimo, publicado em Notícias do Dia, em 02-03-2009, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1L1SVFe.

O espírito pastoral de Francisco e o desafio de desacomodar bispos e teólogos

Para John O'Malley, o pontificado é orientado por ações pastorais práticas, diretas e ligadas ao povo. Postura que impõe um dos maiores desafios do Papa

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin | Tradução: Gabriel Ferreira

A orientação básica do pontificado de Francisco é a mesma dada por Santo Inácio à Companhia de Jesus: "a ajuda das almas", diz John W. O'Malley à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail. O historiador esclarece que os demais Papas também tinham essa preocupação, mas a diferença em relação a Francisco "é que ele é mais prático", "mais sociológico. Como bem se sabe, ele é um tanto cético em relação a abstrações, especialmente em situações pastorais. A concretude de seu vocabulário sugere essa orientação, por exemplo, o 'cheiro das ovelhas'". Por conta dessas características do atual Papa, um dos seus "maiores desafios" será "lidar com os bispos (e alguns teólogos) que foram treinados para pensar as situações pastorais de modos muito diferentes (...), isto é, mais dedutivo, mais prescritivo, mais abstrato e menos inclinado a tentar alcançar uma acomodação às situações reais", pontua.

O historiador lembra ainda que Francisco é o primeiro Papa dos últimos 50 anos que não participou do Concílio Vaticano II,[1] o que considera "uma vantagem". "Penso que Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI ainda estavam enfrentando as batalhas do Concílio. Francisco é livre de tais memórias. Ele estudou teologia logo após o Concílio acabar. Ele foi capaz de entender a mensagem básica do Concílio e me parece que tem se apropriado dele perfeitamente", explica. Na entrevista, O'Malley ainda fala da recepção do pontificado nos Estados Unidos. "Francisco é admirado por mais pessoas, católicos e outros, do que qualquer outro Papa anterior", destaca. No entanto, lembra que a visita ao país em outubro será importante para avaliar essa relação. "Acho que Obama e Francisco vão se dar bem, mas não estou certo se o mesmo se dará com outros departamentos. Ele falará ao nosso Congresso. O discurso poderia ser o fim da lua de mel de muitos americanos", avalia, lembrando que as posições de Francisco são distintas dos Republicanos, maioria no Congresso.

John W. O'Malley é doutor em História pela Universidade de Harvard. Atualmente é professor de Teologia da Georgetown University, de Washington (EUA). É membro da Fundação Guggenheim, da Academia Norte-Americana de Artes e Ciências e da Sociedade Filosófica Norte-Americana. Especialista em Concílios, com especial atenção ao Concílio de Trento e ao Concílio Vaticano II, é autor de *The Jesuits: A History From Ignatius to the Present* (Pennsylvania: Rowman & Littlefield Publishers, 2014), *What happened at Vatican II* [O que aconteceu no Vaticano II] (Cambridge, MA: Harvard University Press/Belknap. Press, 2008) e *A history of the Popes* [Uma história dos Papas] (Lanham, MD: Sheed and Ward, 2006). Leia em português os livros Os primeiros jesuítas (São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004).

Confira a entrevista.

1 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/o2e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é a marca do pontificado de Francisco? Quais são as linhas gerais que o orientam?

John W. O'Malley - No meu livro *Os primeiros jesuítas*,[2] eu disse que a orientação básica que Santo Inácio deu à Companhia de Jesus era "a ajuda das almas". Essa expressão ocorre em praticamente todas as páginas de sua vasta correspondência com os jesuítas, uma vez que ele foi eleito o Superior Geral. Não consigo pensar em uma melhor expressão para resumir a orientação do Papa Francisco desde que ele se tornou Papa.

O que isso significa? Não estão todos os Papas preocupados com a "ajuda das almas"? A diferença em relação a Francisco é que ele é mais manual, mais indutivo do que dedutivo, mais disposto a levar em conta a experiência – em uma palavra, mais prático. Em certo sentido, mais sociológico. Como bem se sabe, ele é um tanto cético em relação a abstrações, especialmente em situações pastorais. A concretude de seu vocabulário sugere essa orientação, por exemplo, o "cheiro das ovelhas".

IHU On-Line - Quais são seus maiores desafios?

John W. O'Malley - Penso que um de seus maiores desafios é lidar com os bispos (e alguns teólogos) que foram treinados para pensar as situações pastorais de modos muito diferentes dos de Francisco, isto é, mais dedutivo, mais prescritivo, mais abstrato e menos inclinado a tentar alcançar uma acomodação às situações reais. Penso, por exemplo, no predomínio do divórcio (oficial ou não!) em muitos países. Francisco está pedindo implicitamente que eles pensem diferentemente sobre tais situações, na linha do que eu indiquei acima.

Ele está pedindo que todos os católicos pensem mais abertamente e se preocupem menos com eles mesmos. Ele quer que a Igreja "vá para a periferia" e alcance-a. Isso requer uma mudança no programa para muitos padres, bispos e mesmo para os fiéis – uma mudança do programa do Papa Bento XVI, que estava contente com uma Igreja menor, desde que mais pura, mais fiel. Francisco absolutamente não pensa dessa forma.

IHU On-Line - Quais são as diferenças do Vaticano com os jesuítas e como, com a eleição do Papa, essas diferenças e, inclusive, semelhanças se manifestam?

John W. O'Malley - Durante os pontificados de Paulo VI e de João Paulo II, houve momentos de uma severa tensão entre o Vaticano e os jesuítas, mas com o Papa Bento tais momentos praticamente desapareceram. Essa situação tem se mantido assim com o Papa Francisco. Com Francisco, no entanto, há obviamente uma relação mais calorosa, como ficou manifesto em sua "conversa" com Antonio Spadaro,[3] S.J., o editor da *Civiltà Cattolica*, que foi pensada para as revistas jesuítas em todo o mundo. O Papa é cuidadoso para não parecer favorecer os jesuítas em detrimento de outras ordens. É importante lembrar que um de seus nove conselheiros especiais é o Cardeal Sean O'Malley, um capuchinho. Não existem jesuítas naquele círculo mais próximo.

IHU On-Line - Qual é o significado da escolha de Bergoglio como Papa sendo ele um jesuíta?

John W. O'Malley - Não vejo um grande ou especial significado no fato de ele ser um jesuíta. Ele foi eleito porque é Jorge Mario Bergoglio, um homem que os cardeais pensaram que poderia fazer o trabalho que precisava ser feito.

IHU On-Line - Como as discussões do Concílio Vaticano II evoluíram até hoje dentro da Igreja? Há mudanças com a chegada de Francisco? Quais?

John W. O'Malley - Francisco é o primeiro Papa em 50 anos que não participou do Concílio. Na minha opinião, isso é uma vantagem. Penso que Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI ainda estavam, em certo nível psicológico profundo, enfrentando as batalhas do Concílio. Francisco é livre de tais memórias. Ele estudou teologia logo após o Concílio acabar. Ele foi capaz, na serena atmosfera da sala de aula, de entender a mensagem básica do Concílio e me parece que tem se apropriado dele perfeitamente.

Comparado com seus predecessores, ele apenas raramente se refere ao Concílio pelo nome. Penso que isso se dá porque o Concílio faz tanto parte dele que ele o toma por certo e garantido. Por exemplo, ele não fala muito sobre o diálogo inter-religioso. E ele não o faz por conta do seu histórico como arcebispo de Buenos Aires. Seu diálogo com o rabino Abraham Skorka[4] foi sem precedente em toda a história da Igreja Católica. Nenhum prelado católico, antes ou depois do Concílio, jamais sentou com um líder de outra religião para empreender, por meses a fio, um diálogo aberto como o fez Bergoglio com Skorka. Isso é absolutamente espantoso! E é também muito corajoso!

IHU On-Line - Qual a leitura que Bergoglio faz do Concílio Vaticano II? Como a leitura que ele faz do Concílio se manifesta em seu pontificado?

John W. O'Malley - Uma vez que o Papa Francisco fala tão raramente sobre o Concílio, só podemos compreender a sua leitura pela análise de suas ações. Eu penso que para ele a mensagem básica seja a "ajuda das almas", especial-

2 *Os primeiros jesuítas* (Baurú: Edusc, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

3 Leia a edição 73 do Cadernos de Teologia Pública *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais*, disponível em http://bit.ly/1AacavN. (Nota da IHU On-Line)

4 **Abraham Skorka** (1950): rabino argentino, biofísico e escritor. É também reitor do Seminário Rabínico Latino-Americano em Buenos Aires, rabino da comunidade judaica Benei Tikva, professor de bíblica e literatura rabínica no Seminário Rabínico Latino-americano e professor honorário de Direito hebraico na Universidad del Salvador, em Buenos Aires. (Nota da **IHU On-Line**)

mente como está expresso no documento final, "A Igreja no mundo atual" – *Gaudium et spes*. Esse documento começa com aquelas belas palavras, "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo". Esse é o mote de Francisco como Papa.

Quando o Concílio foi aberto, o Papa João XXIII disse aos bispos que ele os queria no Concílio para mostrar que a Igreja é "a amorosa mãe de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade". Eu não poderia dar uma melhor descrição da compreensão que Francisco tem do Concílio. "Não tenham medo de carinho"; um ano de misericórdia; e assim por diante.

IHU On-Line - Como as propostas do Concílio aparecem na Igreja atualmente? Que leitura se pode fazer do Concílio hoje, mais de 50 anos depois?

John W. O'Malley - Essa é uma grande questão. Assim, eu tenho que ser bastante seletivo para tentar respondê-la. Como o Concílio aparece hoje? A forma mais concreta na qual posso pensar é, neste momento, no Sínodo sobre a Família. O Papa Francisco o tem transformado para torná-lo um encontro muito mais próximo do que o Concílio pretendia. Diferentemente de outros sínodos posteriores ao Vaticano II, neste os participantes foram encorajados a "falar honestamente". Eles não estavam em Roma simplesmente para chancelar um documento já preparado. Em outras palavras, o Sínodo sobre a Família se aproxima, mais do que os sínodos anteriores, da implementação da doutrina da colegialidade episcopal.

Diferentes formas nas quais o Concílio pode ser interpretado? Há provavelmente milhares de formas! No entanto, há duas interpretações básicas: (1) o concílio não fez nenhuma mudança importante; (2) ele foi um grande ponto de viragem na história da Igreja Católica. Na minha opinião, a interpretação número 2 é claramente a correta. Isso não significa que a Igreja Católica não seja a mesma antes e depois do Concílio. Mas quer dizer que o Concílio foi um grande evento que reorientou significativamente a Igreja. Para ir além dessas generalizações, temo eu, seria preciso não um parágrafo, mas um livro!

IHU On-Line - A escolha de Bergoglio quebra com a centralidade europeia exercida dentro da Igreja? Por quê?

John W. O'Malley - Sem dúvida, a eleição de um Papa "do fim do mundo", como o Papa Francisco descreveu a si mesmo na noite em que foi eleito, é extremamente importante. É um lembrete "gráfico" da catolicidade da Igreja Católica, assim como uma lembrança de que vivemos em um mundo global no qual um evento em Pequim é acompanhado no Rio no mesmo momento em que acontece.

Para os católicos, a Europa terá sempre certa eminência, simplesmente por causa de Roma, a Sé de Pedro e o lugar de seu martírio. Mas a eleição de Bergoglio volta os olhos da Igreja para um mundo mais amplo, para uma profundidade e um drama nunca contemplados antes.

IHU On-Line - Qual a repercussão do pontificado de Francisco nos Estados Unidos, especialmente junto ao governo norte-americano?

John W. O'Malley - De acordo com todas as pesquisas que foram feitas desde que foi eleito, o Papa Francisco é admirado por mais pessoas, católicos e outros, do que qualquer outro Papa anterior, até mesmo João Paulo II. Esse número tem permanecido bem constante por dois anos. Será interessante observar se haverá alguma mudança durante ou após a sua visita em outubro.

Acho que Obama e Francisco vão se dar bem, mas não estou certo se o mesmo se dará com outros departamentos do governo, incluindo a Suprema Corte, onde seis dos nove juízes são católicos. Ele também falará ao nosso Congresso. Eu ouvirei esse discurso com o maior interesse, porque o que Francisco tem dito sobre economia, sobre o cuidado com os pobres, sobre imigração e refugiados, sobre os males da guerra e sobre o meio ambiente (entre outras coisas) é muito diferente do que muitos membros do Partido Republicano defendem – e os Republicanos estão em maioria no Congresso. O discurso poderia ser o fim da lua de mel de muitos americanos com o Papa Francisco.

IHU On-Line - Como a Igreja dos EUA avalia o pontificado de Francisco, especialmente após o caso da investigação Vaticana sobre as irmãs da Conferência de Liderança das Religiosas – LCWR[5]**?**

John W. O'Malley - De maneira geral, o Papa Francisco é tão popular nos EUA quanto no resto do mundo. Isto é, uma esmagadora maioria dos católicos gosta dele e de suas atitudes. A investigação vaticana sobre as freiras americanas, que começou durante o pontificado de Bento XVI, irritou grande parte dos católicos americanos, que se sentem muito gratos às freiras por seus maravilhosos serviços em escolas e hospitais. Recentemente, quando a investigação terminou com um resultado felizmente favorável a elas,

5 **Conferência de Liderança das Religiosas (Leadership Conference of Women Religious – LCWR)**: é uma associação de líderes de congregações de religiosas católicas nos Estados Unidos. A conferência tem mais de 1.400 membros, que representam mais de 80% por cento das cerca de 50 mulheres religiosas nos Estados Unidos. Fundada em 1956, a conferência apoia os seus membros para realizar de forma colaborativa o seu serviço de liderança para promover a missão do Evangelho no mundo de hoje. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publica um amplo material sobre o grupo nos Notícias do Dia, das quais destacamos os seguintes: Documentário traz respostas de irmãs à avaliação doutrinal da LCWR, disponível em http://bit.ly/1rQSntW; LCWR anuncia prêmio máximo a teóloga criticada pelos bispos dos EUA, disponível em http://bit.ly/1rQSGVw; Mandato do Vaticano sobre a LCWR é "inaceitável", afirma superiora das Irmãs da Misericórdia, disponível em http://bit.ly/1kiHiRS. No pontificado de Francisco, as investigações terminaram. Para uma ampla informação sobre o desfecho e suas repercussões confira o sítio do IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

as pessoas elogiaram Francisco por tal justa e sábia decisão.

Entretanto, há uma pequena minoria de católicos que é mais "tradicional" em seu entendimento sobre o papel do Papa e são bastante conservadores política e economicamente. Eles são bastante sonoros em suas críticas ao Papa. Um importante colunista do *New York Times* disse abertamente que Francisco está destruindo a Igreja e que suas atitudes poderiam levar ao cisma.

Contudo, no momento essas são vozes solitárias. Todos preveem que a visita de Francisco aos EUA no próximo outono dará um impulso ainda maior à sua popularidade. No entanto, isso não é ainda um fato comprovado. Isso vai depender bastante do que ele disser quando se dirigir ao Congresso americano. Muitos dos congressistas são católicos, mas tendem a ser econômica e politicamente conservadores e a favorecer políticas referentes a problemas de justiça social, imigração, ecologia e assim por diante, que divergem bastante daquelas do Papa. Muitos católicos (assim como outros, é claro), apoiam as políticas desses congressistas. Será interessante observar o que irá acontecer e se os discursos do Papa diminuirão o amor que virtualmente todo mundo sente por ele no presente.

IHU On-Line - Sobre o Sínodo de Outubro, qual o significado desse tipo de encontro que suscita a colegialidade no pontificado de Francisco?

John W. O'Malley - Chamo atenção ao papel-chave que o Arcebispo Bergoglio desempenhou no reavivamento do CELAM[6] alguns anos atrás. O Vaticano II queria que as conferências episcopais exercessem um papel maior na Igreja pós-conciliar e conferiu a elas uma autoridade considerável. Embora as conferências não sejam a mesma coisa que a doutrina da colegialidade, elas estão estreitamente conectadas com ela. No começo dos anos 1980, o papel delas foi, entretanto, gradualmente diminuído. Ao reavivar o CELAM, Bergoglio indiretamente estava reavivando a colegialidade.

Por que a família? Eu realmente não sei. Entretanto, acho a escolha desse tópico consonante com a orientação do pontificado em direção aos problemas reais e concretos e a busca de solução para eles. A família continua sendo a unidade básica e mais fundamental da sociedade ao redor do mundo, não importando como a família seja definida. A Igreja Católica tem uma série de ensinamentos referentes a ela e diversas regras que a governam. Não é preciso ser um gênio para imaginar que no mundo de hoje a postura da Igreja está sendo desafiada por como muitas pessoas vivem *de facto* suas vidas. Como o Sínodo deixou claro, há muitos problemas que a Igreja deve encarar - divórcio (e anulações), poligamia, coabitação antes ou sem casamento e uniões de pessoas do mesmo sexo.

Termino com as palavras de Francisco, utilizadas para concluir o Sínodo no ano passado: "Queridos irmãos e irmãs, agora temos ainda um ano para amadurecer, com verdadeiro discernimento espiritual, as ideias propostas e encontrar soluções concretas às tantas dificuldades e inumeráveis desafios que as famílias devem enfrentar; dar respostas aos tantos desencorajamentos que circundam e sufocam as famílias. [...] Que o senhor nos acompanhe!". ■

6 **Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam)**: trata-se de um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe, cuja sede está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. A entidade presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **O Concílio do impulso para a reconciliação**. Entrevista com John W. O'Malley, publicada na IHU On-Line 401, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/1P4bONQ.
- **"Um outro concílio? Só se for em Manila ou no Rio, não em Roma"**. Entrevista com John W. O"Malley, publicada nas Notícias do Dia, de 23-01-2010, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PsmlgA.
- **Entre o amor e o ódio, Deus e o conhecimento. A complexa história jesuítica**. Entrevista John W. O'Malley, publicada nas Notícias do Dia, de 23-01-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1dQvbce.
- **Uma história de renúncias Papais.** Artigo de John W. O'Malley, publicado em Notícias do Dia, em 03-03-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PiD6QA.
- **Dez formas para confundir os ensinamentos do Vaticano II**. Artigo de John O'Malley, publicado em Notícias do Dia, em 28-01-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1FkcvOe.
- **Francisco vive a mensagem do Concílio em palavras e ações**. Artigo de John O'Malley, publicado em Notícias do Dia, em 27-09-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1e1fTSd.

O filho do Concílio e a luta contra o clericalismo

Para Andrea Grillo, a chave para entender Francisco é o Concílio Vaticano II, que lhe traz inspiração para revisitar conceitos como de hierarquia católica

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin | Tradução: Moisés Sbardelotto

Traduzir a Igreja Católica para o mundo atual. Essa parece ser a principal bandeira do pontificado de Francisco, segundo a leitura de Andrea Grillo. Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o teólogo italiano destaca que o Papa demonstra anticlericalismo. Ou seja, quer pensar uma Igreja mais horizontal, sem engessamentos hierárquicos que impõem doutrinas e visões de mundo. Essa colegialidade se manifesta, por exemplo, na importância que dá para discussões nos sínodos. Para Grillo, numa demonstração muito clara dos princípios do Concílio Vaticano II, o pontificado tem "muitos elementos declaradamente anticlericais, que chegam a renovar de modo salutar a tradição Papal e episcopal".

Essa ideia de trazer a Igreja para o mundo de hoje não é desconsiderar a tradição. Pelo contrário, Grillo vê na tradução o essencial para manter viva a tradição. "A 'escola conciliar' demonstra amplamente que há um caminho para poder confirmar a grande tradição católica, assumindo a responsabilidade de uma 'tradução' e de uma 'atualização' da doutrina e da disciplina", pontua. Ao longo da entrevista, o teólogo italiano também discute pontos polêmicos, como as críticas que Francisco recebe. Entre elas, o fato de não ser teólogo. O que, para muitos, eleva o poder de setores da cúria como a Congregação para Doutrina da Fé. "Se há uma coisa clara é que o papel da Congregação para a Doutrina da Fé nunca foi e seguramente nunca poderá ser o de 'dar estrutura teológica' aos pontificados", afirma. "A Congregação não tem o Papa a seu serviço, mas é ela que se coloca a serviço do Papa", conclui.

Andrea Grillo é filósofo e teólogo italiano, leigo, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral, de Pádua, é professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender o "fenômeno Francisco"?

Andrea Grillo - O simples fato de chamar Francisco de "fenômeno" indica um dado de grande relevância. Por um lado, usa-se essa expressão como que diante da "manifestação de algo maior e inesperado". É como dizer: "Francisco é um fenômeno", ou seja, a manifestação de algo verdadeiramente grande, tocante, extraordinário. Eu diria: é a súbita manifestação, justamente na cúpula da Igreja Católica, do Concílio Vaticano II,[1] plenamente implementado,

1 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preco-

de repente. Esse é realmente um fenômeno muito particular.

No entanto, é preciso dizer que, ao mesmo tempo, fala-se de "fenômeno Francisco", quase para se distanciar de algo que "se entende pouco". Se são bispos ou cardeais que falam assim – e os há – porque temos bispos e cardeais analfabetos de Vaticano II. Eles são desprovidos das categorias elementares para "entender" não só Francisco, mas também a Igreja dos últimos 50 anos. Para eles, o pontífice, tendo saído do leito habitual e normativo, fala uma língua quase desconhecida.

Francisco, com a sua aparição no dia 13 de março, pôs em evidência estes dois aspectos: há uma grande parte da Igreja Católica que o descobriu subitamente como um "fenômeno" do qual tinha um "pressentimento". Mas há um setor da Igreja, muito menos extenso, mas não desprovido de poder, que o considerou desde o início com "ressentimento". Pressentimento popular e ressentimento hierárquico são "dados" desse biênio de pontificado, dados que não podem ser postos no mesmo plano, mas que devem ser considerados com atenção.

IHU On-Line - Qual é a proposta de Francisco ao propor o sínodo sobre a família? Que respostas a Igreja busca dar às novas configurações familiares da contemporaneidade?

Andrea Grillo – Parece-me que uma característica fundamental do pontificado de Francisco está concentrada em duas palavras, que encontram no Sínodo sobre a família uma imediata e embaraçosa verdade: são dois modos de chamar a Igreja, que a definem como "não autorreferencial" e como "hospital de campanha". Nessas denominações, a Igreja encontra-se particularmente "posta à prova", quando se trata de estabelecer uma relação com a família contemporânea. Justamente sobre esse assunto, tão delicado e decisivo, os limites de uma postura autorreferencial e "sectária" da Igreja surgem continuamente. Elaboramos, sobretudo nos últimos 150 anos, uma "doutrina sobre o matrimônio" que nos torna incapazes não só de responder às questões, mas também de formular as perguntas corretas. A prova disso é a contraditoriedade das propostas sobre temas "quentes", como, por exemplo, a "comunhão dos divorciados recasados".

Francisco sabe muito bem que uma Igreja não autorreferencial, acima de tudo, deve modificar esses pontos escandalosos da própria disciplina oficial. A "escola conciliar" demonstra amplamente que há um caminho para poder confirmar a grande tradição católica, assumindo a responsabilidade de uma "tradução" e de uma "atualização" da doutrina e da disciplina. Mas, justamente sobre o matrimônio, parece que devem ser montadas as barricadas sobre detalhes disciplinares secundários...

IHU On-Line - Qual é o significado e quais as características da "colegialidade" no pontificado de Francisco?

Andrea Grillo – A colegialidade é a forma ordinária de uma Igreja "não autorreferencial", porque pressupõe que mesmo apenas para constatar a realidade é preciso uma abordagem "dialógica". Colegial, como lógica do "primado" na Igreja Católica – que tem, na sua cúpula, não só o Papa, mas também o Colégio Episcopal –, é a indicação de um "método para enfrentar as questões". Eu diria que é quase "óbvio" que Francisco, vindo de uma tradição abertamente inspirada no Vaticano II, faz dessa grande experiência eclesial o "estilo" não só do seu Papado, mas também do modo pelo qual a Igreja enfrenta as questões do mundo contemporâneo, à luz do Evangelho e da experiência dos homens, segundo a *Gaudium et Spes*[2] nº 46.

IHU On-Line - Como o Papa Francisco aborda a questão das novas configurações da família?

Andrea Grillo – Parece-me que a essa pergunta não se deva responder segundo uma lógica de "valores". Aqui eu vejo de maneira indistinta, num curto espaço de tempo, a verdadeira novidade de Francisco em relação aos Papas que o precederam imediatamente. Acima de tudo, pelo fato de não aceitar uma postura apologética do Papado. Por isso, Francisco escreveu que "a realidade é superior à ideia": isso significa que a família, o amor, a intimidade, a geração não são "ideias claras e distintas" que os homens e as mulheres devem simplesmente "aplicar", mas são grandes realidades, complexas, em evolução, a partir das quais transparece e através das quais se realiza o amor de Deus.

Não se trata, acima de tudo, de demonizar um inimigo, mesmo quando existam práxis problemáticas. Trata-se de anunciar, sobretu-

nizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo,* disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et Spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

do, a misericórdia e a bênção de Deus. Nisso, Francisco é justamente o primeiro Papa "filho do Vaticano II". Esse não é um mérito dele, mas é a força da tradição católica, que soube gerar um Papa com essas características, devidas à sua formação, à sua pastoral, à sua linguagem, às suas leituras, que brotaram dos textos e dos gestos conciliares.

IHU On-Line - Qual o significado do sínodo no pontificado de Francisco? No que se diferencia dos outros pontificados?

Andrea Grillo - O Sínodo é a primeira grande realização de um estilo eclesial e de um método de trabalho, que parece ser marcado, ao menos nas intenções que o projetaram, por uma característica: a ausência de clericalismo. Muitas vezes, sobre esse ponto, criou-se certo equívoco. Há alguns, mesmo na Cúria Romana, que confundem o clericalismo com o catolicismo. E que, portanto, com base nesse erro, podem chegar a dizer que existem elementos "anticatólicos" no magistério de Francisco.

Na realidade, há muitos elementos declaradamente anticlericais, que chegam a renovar de modo salutar a tradição Papal e episcopal. Sobretudo na Cúria Romana, mas às vezes também nas periferias eclesiais, há uma certa confusão. Somos tentados a pensar que, para defender a Igreja Católica, é preciso defender a todo o custo a sua postura clerical. E essa atitude distorcida, note-se bem, não diz respeito apenas aos "clérigos", mas, infelizmente, contagia também os "leigos".

IHU On-Line - Qual a sua avaliação da primeira etapa do Sínodo no ano passado? Como foi a recepção entre os bispos e como imagina que deva ser na conclusão dessa segunda etapa?

Andrea Grillo - A avaliação da primeira fase do Sínodo é positiva, cheia de aberturas, mesmo que manifeste as dificuldades para "entender a linguagem e o estilo" que o Papa Francisco quis retomar, 50 anos depois, diretamente da experiência conciliar. Digamos a verdade: para muitos, foi um "balde de água fria". Até mesmo o simples fato de que o Papa, desde o início, tenha pedido a todos "parrésia",[3] perturbou profundamente todos os defensores do clericalismo formal, para o qual tudo é possível, menos ser sinceros. O aspecto cortesão do Sínodo dos Bispos, que as últimas décadas viram crescer exponencialmente, sofreu um profundo revés e tentou reagir, vingar-se, montar barricadas, escrever livros preventivos, agitar as massas e a "rede".

Nessas reações, infelizmente, distinguiram-se também "teólogos", acostumados a serem "chefes de claque" e agora, repentinamente, transformados em "*defensores fidei*". São casos em que, na minha opinião, está em jogo tanto a competência teológica quanto a maturidade humana. E me pergunto: como se faz para anunciar realmente a "misericórdia" se nos tornamos cúmplices de uma Igreja que alimenta, em matéria familiar, fingimentos e hipocrisias? Eu acrescento, além disso, uma notícia que literalmente me escandalizou. Soube que um dos maiores responsáveis do Sínodo Extraordinário, quando voltou para a sua diocese, decidiu que o questionário em vista do Sínodo de outubro próximo devia ser preenchido somente por ele. É um sinal do clericalismo secular, duro de matar.

IHU On-Line - Qual o significado do Jubileu da Misericórdia no pontificado de Francisco? E no que está baseado o conceito de misericórdia para Francisco? Por que esse aparece como um dos conceitos centrais de seu pontificado?

Andrea Grillo - O tema da misericórdia, que agora assumiu também a relevância de um "tema jubilar", é uma espécie de "fio de ouro" do pontificado. Ele é, em grande medida, uma herança do Concílio Vaticano II, como bem atesta a dupla citação que encontramos no início da bula *Misericordiae Vultus*,[4] em que são cotados os dois discursos "extremos" do Concílio, ou seja, o discurso de abertura, de João XXIII,[5] e o discurso de encerramento, de Paulo VI,[6] em que ambos os pontífices fazem da misericórdia a "cifra" da novidade conciliar, contrapondo o "usar o remédio da misericórdia" ao "abraçar as armas do rigor".

Certamente, a misericórdia de que fala Francisco não pode ser compreendida na linha da devoção polonesa como "divina misericórdia", que perde esse horizonte comunitário e conciliar e desliza para um desvio devocional e privado.

IHU On-Line - É possível encontrar um fio condutor nas homilias de Francisco? Como as linhas mestras de seu pontificado aparecem nas homilias?

Andrea Grillo - O fio condutor a ser encontrado nas homilias de Francisco não é tanto em nível de conteúdo – que embora muitas vezes é absolutamente relevante –, mas, acima de tudo, em nível de "forma" e de "estilo". O próprio fato de que um Papa, todos os dias, às 7h, na missa que concelebra, profira regularmente uma homilia, representa, objetivamente, um fato que abala o restante da

3 Na retórica, *parrésia* é descrita como franqueza, confiança ou ousadia para falar em público. (Nota da **IHU On-Line**)

4 ***Misericordiae Vultus***: bula pontífica que institui o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. A íntegra do documento, em português, pode ser lida em http://bit.ly/1JNgbpO. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um Papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, foi o Sumo Pontífice de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

Igreja. Mas, também aqui, a chave de leitura é o Concílio Vaticano II, do qual Francisco é filho legítimo e, ao mesmo tempo, natural.

Em relação aos antecessores, Francisco tem uma vantagem sem igual: sendo filho do Concílio, não sente a responsabilidade de ter sido padre no Concílio. Justamente essa responsabilidade pesou tanto sobre os antecessores – pense-se no tormento de Paulo VI, nas hesitações de João Paulo II[7] e nos retrocessos de Bento XVI[8] –, todos os quais eram diretamente "padres" do Concílio. Eles viam o Concílio como seu "filho", um filho com o qual se preocupavam, enquanto, neste caso, é o Papa que considera o Concílio como pai. E assim, cotidianamente, ele celebra comunitariamente, concelebra e profere a homilia. Quanta distância de Papas acostumados a celebrar privadamente, sem concelebração e sem homilia. Quanto incide sobre a sua pastoral esse "bom hábito", apreendido do Concílio como leite materno.

IHU On-Line - O senhor defende que "se uma tradição é forte, ela sempre sabe se traduzir em formas novas". Mas a que se refere especificamente? Como a tradição se traduz em novas formas no pontificado de Francisco?

Andrea Grillo - A tradição, se quiser permanecer viva, deve se traduzir. Ou, melhor, poderíamos dizer que o elemento mais típico de uma tradição é justamente o de "transmitir" não a si mesma, mas o mistério de Deus. Nessa sua função, ela tem a necessidade de nunca se tornar um monólito, a ser colocado em um museu, como uma estátua de mármore. A força de uma tradição reside na sua capacidade de se traduzir em formas sempre novas, cada vez mais adequadas. A tradição não é uma doutrina a ser aprendida ou uma norma a se obedecer, mas uma história para se fazer parte, segundo a liberdade com que o Espírito a move e a inspira.

No reinado de Francisco, a tradução é acima de tudo uma questão de "linguagem" e de "estilo". A palavra de Francisco é apenas aparentemente "simples". Digamos, ao contrário, que ela é direta, é imediata, mas também é curada, cinzelada, finamente pensada. São superficiais – ou ressentidos – aqueles que não veem como é acurada a "tomada de palavra" que Francisco repete continuamente, com tato, com tom, com timbre requintado. Linguagem e estilo de um Papa americano. E dois dos máximos especialistas do Concílio Vaticano II – Routhier[9] e O'Malley,[10] ambos americanos – reconhecem que a novidade fundamental desse Concílio está em uma nova linguagem e um novo estilo.

IHU On-Line - Qual deverá ser o papel da Congregação Doutrina da Fé no pontificado de Francisco? Quais as possibilidades de a Congregação desempenhar um papel mais ou menos central no pontificado de Francisco, a partir da crítica de que Francisco tem "pouca estrutura teológica"?

Andrea Grillo - Se há uma coisa clara, que ninguém pode pôr em discussão, é que o papel da Congregação para a Doutrina da Fé – ex-Santo Ofício – nunca foi e seguramente nunca poderá ser o de "dar estrutura teológica" aos pontificados. Se alguém pensasse – em qualquer nível hierárquico – que poderia "reestruturar" o magistério de Francisco, ou de João XXIII, ou de João Paulo I,[11] estaria totalmente fora da tradição e proporia uma tradução dela completamente incorreta e bastante perigosa.

A Congregação não tem o Papa a seu serviço, mas é ela que se coloca a serviço do Papa. Trata-se de um serviço qualificado, com margens também de reserva crítica, mas não se trata, em caso algum, de substituição ou de normalização. Ao contrário, parece-me que a questão deve ser invertida: como Francisco poderá dar "estrutura teológica conciliar" ao serviço oferecido pela Congregação? Em outras palavras, como se poderá evitar que, na Igreja Católica, o consenso sobre o "saber comum e vinculante" seja garantido por procedimentos e por órgãos de concepção pré-moderna? A Congregação, de fato, responde ainda a lógicas que o teólogo Hünermann,[12] há alguns anos, comentando a *Notificação* a Jon Sobrino,[13] definiu, com razão,

7 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi Papa da Igreja Católica de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Gilles Routhier** (1953): nascido Canadá, é padre e teólogo católico. Especializado na recepção do Concílio Vaticano II, foi professor de Teologia Prática e Eclesiologia no Instituto Católico de Paris e atualmente ensina na Université Laval, do Canadá. Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio. Entrevista com Gilles Routhier, publicada na IHU On-Line 401, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/1K8kLCj. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **John W. O'Malley**: Considerado um dos historiadores da Igreja mais respeitado e reconhecido dos Estados Unidos é doutor em História pela Universidade de Harvard. Especialista em Concílios, com especial atenção ao Concílio de Trento e ao Concílio Vaticano II, é autor de What happened at Vatican II [O que aconteceu no Vaticano II] (Cambridge, MA: Harvard University Press/ Belknap. Press, 2008) e A history of the Popes [Uma história dos Papas] (Lanham, MD: Sheed and Ward, 2006). Leia as entrevistas publicadas pelo IHU: - **O Concílio do impulso para a reconciliação**. Entrevista com John W. O'Malley, publicada na edição 401, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/1P4bONQ; - **"Um outro concílio? Só se for em Manila ou no Rio, não em Roma"**. Entrevista com John W. O"Malley, publicada nas Notícias do Dia, de 23-01-2010, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1PsmlgA; Entre o amor e o ódio, Deus e o conhecimento. A complexa história jesuítica. Entrevista John W. O'Malley, publicada nas Notícias do Dia, de 23-01-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1dQvbce. (Nota da IHU On-Line)

11 **João Paulo I** (1912-1978): nascido Albino Luciani, foi Papa da Igreja Católica por um mês, entre 26 de agosto de 1978 até a data da sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Peter Hünermann** (1929): é teólogo, professor emérito da cátedra de teologia dogmática na Universidade de Tübingen, na Alemanha. De suas obras, destacamos *Offenbarung Gottes in der Zeit. Prolegomena zur Christologie* (Münster, 1989) e *Über-Setzung oder Der Glaube an die Kraft des Gotteswortes in unserer Zeit. Predigten zum Kirchenjahr* (Münster, 1984). (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Jon Sobrino**: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província

como exercício do controle da doutrina segundo as lógicas do Ofício Inquisitorial do século XVI.

Todos os Estados modernos superaram essa configuração pré-moderna, que, ao contrário, resiste na Igreja. Como pensar o "consenso sobre a doutrina" de forma não pré-moderna? Esse é o verdadeiro tema da discussão, sobre a qual o Papa Francisco já começou a trabalhar, sugerindo, por exemplo, que alguns temas doutrinais sejam delegados às Conferências Episcopais. Justamente sobre esse ponto, não por acaso, levantaram-se os defensores de uma configuração pré-moderna, chegando a definir como "anticatólica" tal hipótese. Sobre isso, é preciso abrir um amplo debate, é preciso "sair" de estilos e linguagens velhos e inadequados, e entrar em lógicas novas e vivas.

IHU On-Line - Que leitura Francisco tem do Concílio Vaticano II?

Andrea Grillo - Como antecipei antes, com Francisco, que é o "primeiro Papa filho do Concílio", o Vaticano II passa da função de "léxico" à função de "cânone". Podemos dizer que, em muitos aspectos, até agora, o Vaticano II tinha entrado na vida da Igreja, sobretudo, como um "léxico novo", um modo de falar e de definir, que muitas vezes deixava inalterado o cânone tridentino. Com Francisco, nós vemos o efeito dessa "passagem de léxico a cânone". Isso significa que, nas "estruturas fundantes da vida eclesial", começa a se afirmar uma "lógica nova": a colegialidade sinodal, o primado da misericórdia, a crítica do clericalismo e a prioridade de uma Igreja pobre são apenas alguns dos sinais dessa passagem, que agora inicia de verdade.

Passaram-se 50 anos desde o Concílio. Só depois de duas gerações poderíamos ter, como Papa, um homem que foi formado, pensou, rezou, celebrou, dialogou apenas na lógica do Vaticano II. A irreversibilidade do Vaticano II, para Francisco, é questão de biografia.

IHU On-Line - Como se dá a atualização e a tradução da tradição da Igreja através da "teologia de Francisco"?

Andrea Grillo - Podemos dizer assim: o que distingue Francisco dos predecessores é uma questão sutil, mas decisiva. Para Francisco, a tradução da tradição não é mais uma possibilidade, mas uma necessidade. Até Bento XVI, os Papas puderam pensar que a "tradição" bastava a si mesma e que toda intervenção sobre ela podia comprometê-la. Com Francisco, manifestou-se, de repente, uma consciência muito lúcida do fato de que a tradição vive apenas de traduções.

É óbvio que, traduzindo, pode-se trair. Mas não há alternativa à tradução. Aqui está a novidade. Até Francisco, podia-se pensar que era possível simplesmente "conservá-la". Com Francisco, ficou claro - 50 anos depois da feliz intuição de João XXIII - que a Igreja não é um museu a se preservar, mas um jardim a se cultivar.

IHU On-Line - Em relação à liturgia, o que mudou do pontificado de Bento XVI para o pontificado de Francisco? Monsenhor Marini,[14] que era o mestre de cerimônias de Bento XVI, continua como o mestre de cerimônias de Francisco. O que isso significa?

Andrea Grillo - Eu não gostaria que nós fôssemos reduzidos a julgar Francisco apenas pelas "nomeações" que ele faz ou não faz. Francisco, em muito menos de dois anos, soube eliminar da liturgia Papal - e, em grande parte, também do discurso sobre a liturgia - toda aquela "*patina retrò*" que caracterizara o pontificado anterior. E mesmo aqueles que haviam cavalgado aquela moda, mais ou menos oportunistamente, agora se limitam a fazer o seu serviço, segundo as lógicas naturalmente conciliares de Francisco. Esse me parece ser um sinal de bom senso.

Não devemos esperar hoje que o Papa faça algo de espetacular na liturgia. Era ontem que devíamos estar estupefatos e desconcertados com as formas surpreendentes e anticonciliares que gozavam de crédito e de proteção de cima. Talvez nem toda a Cúria Romana entendeu o que está em jogo na liturgia. Não faltaram discursos, mesmo durante esse último biênio, de autoridades litúrgicas, que merecem ser imediatamente esquecidas.

IHU On-Line - Em que aspectos considera que a *Sacrosanctum concilium*[15] deveria ser renovada?

da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo "Cartas a las Iglesias", além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teólogia Concilium. A **IHU On-Line** produziu uma edição especial, intitulada Teologia da Libertação, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em http://migre.me/UHKa. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: *Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino*, disponível em http://migre.me/UHKF, *'Jon Sobrino, com o tempo, será reabilitado', afirma Ernesto Cavassa*, disponível em http://migre.me/UHL3, *Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé*, disponível em http://migre.me/UHLk, *O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga*, disponível em http://migre.me/UHLN. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Monsenhor Guido Marini** (1965): é um sacerdote católico italiano e atual Mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Sacrosanctum Concilium**: constituição sobre a Sagrada Liturgia. Foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II. Não foi objeto de muita controvérsia, pois a adaptação da liturgia já era frequente em muitíssimas comunidades eclesiais. Poderá mesmo dizer-se que esta constituição foi o primeiro fruto do Concílio, por já estar, em boa parte, a ser levada à prática antes de ter sido discutida e aprovada. O que não significa que o documento de base tenha passado facilmente entre os padres conciliares. Sobre o tema, confira a edição 58 dos **Cadernos Teologia Pública**, intitulado *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio*, de autoria de Andrea Grillo e disponível para

Andrea Grillo – Concordo com o uso do verbo "renovada": certamente, a *Sacrosanctum Concilium*, depois de 50 anos, também precisa ser "renovada", contanto que não se fale, ao invés, de "reformar". Reformar a reforma foi um slogan com que se tentou "esquecer e remover o Vaticano II". Eu acredito que a "renovação" não deve se referir ao texto da *Sacrosanctum Concilium*, mas ao modo de interpretá-lo e fazê-lo entrar na vida da comunidade.

A *Sacrosanctum Concilium* propõe à Igreja um novo paradigma de participação nos "ritos e orações" e, em vista dessa participação, projeta uma grande Reforma dos ritos. Mas a Reforma não é o fim, é só o meio. Renovar a *Sacrosanctum Concilium* significa, hoje, trazer novamente ao primeiro plano não a Reforma, mas o fim da Reforma: ou seja, a iniciação à vida cristã mediante ritos e orações.

IHU On-Line - O pontificado de Francisco tem um programa? Para onde imagina que esteja levando a Igreja?

Andrea Grillo – Rumo àquele objetivo que João XXIII e Paulo VI tinham expressado – na sua linguagem – em termos semelhantes ao discurso que hoje Francisco propõe à Igreja, 50 anos depois. De um lado, valorizando a "pastoral" como tradução da linguagem e do estilo da Igreja. Mas, de outro, também como "melhor inteligência da tradição", descobrindo o "fio dourado" da misericórdia como chave de leitura da experiência eclesial.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Andrea Grillo – Tudo aquilo de que eu falei até aqui, ocorreu dentro do aniversário conciliar. Esse primeiro biênio de Papado está entre 2013 e 2015, ou seja, nos anos de aniversário dos 50 anos do Concílio. E justamente na conclusão do Concílio o Papa previu um "relançamento" com o Jubileu da Misericórdia.[16] Isso tem um valor simbólico alto e irreversível: com o Papado de Francisco, o Concílio entra na fase da "normalidade eclesial". A partir de agora, será normal pensar na vida cristã dos católicos com um Concílio que passa de "léxico" a "cânone". Com Francisco, isso inicia solenemente, além de todas as hesitações e as contorções que os seus antecessores sentiram e provocaram.

Eu gostaria de repetir: a irreversibilidade do Concílio é questão também "biográfica". Francisco não deve contar entre os seus méritos o fato de ter nascido justamente em 1938, de ter se formado na Argentina justamente nos anos conciliares e de ter absorvido, desde jovem, o estilo, a linguagem e a visão eclesial enraizada no Vaticano II. Francisco, a partir desses pontos de vista, é a mais clara expressão da virada que o Vaticano II imprimiu na tradição católica: a semente foi lançada há 50 anos, a maturação ocorreu durante esse cinquentenário de "elaboração eclesial", e o fruto maduro apareceu, de repente, mas não sem bons motivos, no dia 13 de março de 2013. ■

download em http://bit.ly/KWvYrk. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Jubileu da Misericórdia** (Ano Jubilar): anunciado pelo Papa Francisco em 13 de março de 2015, o "jubileu extraordinário" é centrado na "misericórdia de Deus". Terá início a 8 de dezembro deste ano e percorrerá todo o ano de 2016. O Ano Jubilar é uma comemoração religiosa da Igreja Católica. A celebração se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum".** Artigo de Andrea Grillo, publicado no Cadernos de Teologia Pública 56, disponível em http://bit.ly/1H7bswg;
- **Por uma "Ecclesia" verdadeiramente "Universa".** Entrevista com Andrea Grillo, publicada em **Notícias do Dia**, de 29-05-2011, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1zRJffJ.
- **O Concílio Vaticano II foi um evento linguístico**. Entrevista com Andrea Grillo, publicada em Notícias do Dia, de 02-07-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1EikgP1.
- **150 anos antes do Sínodo, escravidão e ''lei natural''**. Artigo de Andrea Grillo, publicado em Notícias do Dia, em 23-02-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1BcRDqm.
- **As críticas ''de esquerda'' ao Papa Francisco**. Artigo de Andrea Grillo, publicado em Notícias do Dia, em 08-01-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1tMSghq.
- **Francisco é Papa: pressentimento e ressentimento**. Artigo de Andrea Grillo, publicado em Notícias do Dia, em 14-04-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1F6Og31.
- **A grande família ferida do Sínodo**. Artigo de Andrea Grillo, publicado em Notícias do Dia, em 20-10-2014, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1HgIP58.
- **Lineamenta: critérios para responder às perguntas**. Artigo de Andrea Grillo, publicado em Notícias do Dia, em 10-03-2015, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1K679Y5.

Os ares de um Papa que oxigena a Igreja

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler analisam o pontificado pela perspectiva das mudanças que Francisco propõe. Mudanças que ainda não se efetivaram, mas que indicam movimentos

Por Marcia Junges e João Vitor Santos | Tradução Andriolli Costa

"A maioria vê Francisco como um sopro de ar fresco". Assim Todd A. Salzman e Michael G. Lawler definem como o atual pontificado é visto nos Estados Unidos. Para eles, é mais ou menos isso que Francisco faz com conceitos e posições da Igreja. Ele não os modifica, mas é como se abrisse uma janela. Por essa abertura há entrada de oxigênio, capaz de alimentar e trazer luz às discussões. É um começo. Um exemplo é quando os professores tratam do ensino moral segundo a leitura de Bergoglio. "Há certamente uma evolução no tom de Francisco quando se trata do ensino moral", argumentam. Porém, alertam: "Para que tal evolução ocorra, no entanto, Francisco precisa traduzir esta ternura e amor de uma perspectiva pastoral em mudanças substantivas no ensino doutrinal".

Os teólogos refletem sobre o papel da mulher na Igreja. "Papa Francisco tem pedido por uma 'teologia das mulheres', o que é um passo encorajador. No entanto, este pedido negligencia o fato de que não são poucas as fontes sobre teologia feminista e teologia das mulheres que claramente articulam o papel e a função das mulheres na Igreja ao longo da história." E também passam por temas como a configuração das famílias nos dias de hoje. "'Família é família', e devemos nos envolver com a realidade em que vivemos, não no modo como desejamos que ela seja", destacam ao pontuarem a necessidade de compreender as pluralidades que constituem as famílias hoje.

Num tom sóbrio, sempre destacando os avanços de Francisco sem desconsiderar os desafios que precisa enfrentar para a efetivação das suas ideias na prática, os entrevistados ainda comentam sobre união homoafetiva, mudança de uma ética sexual para social, misericórdia popular, acolhimento a divorciados e comunidade LGBT, entre outros temas. Para entender o que inspira o Papa, os professores ainda buscam referências no Concílio Vaticano II.

Todd A. Salzman é Ph.D pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Michael G. Lawler é graduado em Matemática pela Universidade de Dublin e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma. É Ph.D em Teologia Sistemática pelo Instituto Aquinas de Teologia, em Saint Louis. Ambos lecionam no departamento de Teologia da Universidade de Creighton, nos Estados Unidos. Ambos são autores do importante livro A Pessoa sexual. Por uma antropologia católica renovada, traduzido para a língua portuguesa e publicado, em 2012, pela Editora Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais aspectos do Papado de Francisco são os mais relevantes em relação ao magistério moral?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Há dois aspectos fundamentais no Papado do Papa Francisco relevantes para o magistério moral. O primeiro aspecto é a mudança da eclesiologia de Francisco da de seus predecessores (como veremos na última questão). Quando comparada com a eclesiologia mais hierárquica e autoritária dos Papas João Paulo II[1] e Bento XV[2], a eclesiologia de Fran-

1 **Papa João Paulo II** (1920 - 2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Bento XVI**, nascido Joseph Aloisius Ratzinger (1927): Foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de

> ***A eclesiologia de Francisco é uma tentativa de realizar a autêntica visão eclesiológica do Concílio Vaticano II, com sua ênfase na fraternidade ou na eclesiologia do povo de Deus***

cisco é uma tentativa de realizar a autêntica visão eclesiológica do Concílio Vaticano II[3], com sua ênfase na fraternidade ou na eclesiologia do povo de Deus. A visão eclesiológica de Francisco é evidente em sua ênfase de que o clero e os episcopados precisam escutar e servir os fiéis.

Francisco "exortou os sacerdotes do mundo a levarem a cura da graça de Deus a todos os necessitados, a estarem próximos dos marginalizados e a serem 'pastores que vivem com o cheiro de suas ovelhas'". Criticou também a cúria romana, afirmando que era a *lepra do Papado*: Ela cuida dos interesses do Vaticano que ainda são, em grande parte, interesses temporais. Essa visão vaticano-cêntrica negligencia o mundo ao seu redor, e diz que vai fazer de tudo para mudá-la. Suas tentativas de centrar tanto o clero quanto o episcopado no serviço ao povo de Deus pode ter profundas implicações sobre o ensino moral. Quando os clérigos são encarregados de viverem com as ovelhas, essa experiência não pode deixar de transformar suas perspectivas e, com sorte, talvez o modo como pensam sobre questões morais de maneira pastoral e sobre os ensinamentos da moral do magistério passe a ser visto à luz desta perspectiva transformada.

Da ética sexual a ética social

Em segundo lugar, a própria mudança de Francisco de uma ética sexual para uma ética social é uma mudança extremamente necessária na perspectiva do magistério moral. Ele percebe que a Igreja se tornou "obcecada" com questões como o abordo, contracepção e casamento gay. Ao invés disso, ela precisa se focar em servir os pobres e oprimidos, e a confrontar o pecado social que leva e perpetua a pobreza. Há muito se diz que o magistério moral possui duas abordagens éticas fundamentalmente diferentes, dependendo do fato de responderem à ética social ou à ética sexual. A abordagem da ética social está evoluindo (historicamente consciente) em diálogo com contextos sociais, históricos e culturais, e fornece princípios gerais (como *bem comum*) para guiar as pessoas na hora de discernir ações moralmente responsáveis. A abordagem da ética sexual é estática (classicista), restritiva a um modelo único, não considera contextos sociais, históricos e culturais e fornece normas punitivas absolutas que comandam pessoas a não realizarem certas ações.

O exemplo filipino

A tragédia da inconsistência de abordagens entre a ética social e sexual é resumida na viagem do Papa Francisco às Filipinas. Nesta viagem, uma jovem garota filipina – que sobreviveu nas ruas recolhendo comida do lixo e dormindo sobre papelão, perguntou: "Por que Deus deixou isso acontecer conosco?". A pobreza é endêmica nas Filipinas; uma nação de cerca de 100 milhões de pessoas, em que mais de um quarto da população vive na linha da pobreza, e 36% das crianças permanecem em condição de miséria. Muitas destas crianças vivem nas ruas, uma vez que suas famílias não têm condições de sustenta-las em casa.

Por outro lado, os bispos das Filipinas tem combativo a legalização de medidas contraceptivas no país durante anos. O acesso a tais medidas não apenas ajudaria a promover a paternidade responsável e a reduzir o número de crianças desabrigadas, mas ainda poderia reduzir a mortalidade durante o parto – devido a complicações relacionadas à gravidez. O acesso legal à contracepção poderia permitir aos pais o controle de natalidade, de modo a limitar o tamanho de suas famílias e reduzir a mortalidade infantil e a mendicância por pobreza. O ensino social católico promove esta lei; o ensino sexual católico proíbe tal lei.

2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo,disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (**Nota da IHU On-Line**)

Abertura para diálogos e discernimentos

A mudança de foco de Francisco para uma ética social pode ajudar a direcionar esta desconexão ao permitir uma maior integração do ensino social e sexual católico, que observa contextos econômicos, culturais, sociais e políticos e apresenta princípios para guiar os fiéis católicos para a paternidade/maternidade responsável, com uma consciência bem formada dentro destes contextos. A mudança eclesiológica e o foco na justiça social pode abrir oportunidades para diálogos e discernimentos sobre o conteúdo do ensino sexual do magistério. É esse ensinamento que continua a alienar muitos dos fiéis.

IHU On-Line – Em que sentido você percebe uma evolução e quais pontos precisam de mais atenção do pontífice?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Há certamente uma evolução no tom de Francisco quando se trata do ensino moral. Algo que o cardeal Kasper chama de "revolução da ternura e do amor". Esta revolução pode indicar uma evolução no conteúdo do ensinamento moral. Para que tal evolução ocorra, no entanto, Francisco precisa traduzir esta ternura e amor de uma perspectiva pastoral em mudanças substantivas no ensino doutrinal. O Sínodo da Família 2015 vai fornecer uma indicação clara da evolução no ensinamento moral da Igreja sobre sexualidade, ou se este permanecerá como é, embora com uma ênfase na misericórdia e compaixão.

Acreditamos que se uma evolução não ocorrer no ensino sexual católico, especialmente no que diz respeito a contracepção, homossexualidade, divórcio e novos casamentos, o entusiasmo dos fiéis para com as mensagens positivas de ternura, amor e misericórdia do Papa Francisco vão perder seu momento. E as pessoas continuarão a deixar a Igreja Católica para procurar em outro lugar alguma tradição que encarne amor, ternura e misericórdia em relação às normas sexuais morais.

Mulher na Igreja

O papel e função das mulheres na Igreja também precisa de mais atenção. Papa Francisco tem pedido por uma "teologia das mulheres", o que é um passo encorajador. No entanto, este pedido negligencia o fato de que não são poucas as fontes sobre teologia feminista e teologia das mulheres que claramente articulam o papel e a função das mulheres na Igreja ao longo da história e fornecem perspectivas teologicamente fundadas sobre como incluir vozes femininas nas estruturas de governança e ministérios eclesiais, o que inclui a ordenação de mulheres ao diaconato e ao sacerdócio.

> ***Quando os clérigos são encarregados de viverem com as ovelhas, essa experiência não pode deixar de transformar suas perspectivas***

IHU On-Line - Quais são os pontos mais importantes nos quais Francisco demonstra um entendimento alternativo dos ensinamentos da Igreja sobre sexualidade?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - As declarações recentes do Papa Francisco sobre complementaridade indicam uma evolução em seu pensamento sobre este conceito em relação ao entendimento do Papa João Paulo II. Pode indicar uma compreensão alternativa sobre a antropologia sexual e, por consequência, uma compreensão alternativa sobre as normas que guiam a sexualidade humana.

Para João Paulo, a complementaridade significava que duas realidades estavam interligadas, produzindo um todo que nem é e nem pode estar sozinho. Ele desenvolve esta noção seguindo linhas de gênero culturalmente baseadas de masculino/feminino que ele apresenta como linhas biologicamente baseadas como masculino/feminino. As implicações normativas do entendimento biológico da complementaridade de João Paulo significa que apenas atos sexuais do tipo heterossexual, matrimonial e reprodutivo eram moralmente aceitáveis. Todos os outros atos sexuais eram intrinsecamente ruins.

Papa Francisco abre seu tratamento da complementaridade com uma descrição genérica, que "se refere a situações em que um, de dois elementos, adiciona, completa ou preenche uma lacuna do outro". Mais do que isso, ele acrescenta que a complementaridade "é muito mais do que isso". Ele fornece quatro nuances para nós pensarmos teologicamente sobre este "mais". A primeira nuance é uma nuance das escrituras. Uma referência à carta de São Paulo aos Coríntios, que celebra o fato de que "o Espírito dotou cada um de nós com diferentes dons, de modo que, da mesma maneira como os membros do corpo humano trabalham em conjunto para o bem do todo, os dons podem trabalhar em conjunto para o benefício de cada um (cf.1 Cor 12)."

A segunda nuance de Francisco é uma ênfase na complementaridade como uma ideia dinâmica e em evolução, não a "ideia simplista de que todos os papeis e relações entre dois sexos estão fixados em um padrão único e estático".

A terceira nuance diz respeito à "crise ecológica" que aflige o casamento e a família. "Ecologia" é originalmente um conceito biológi-

co que se refere às relações entre organismos vivos e seu ambiente, mas foi estendido em nosso tempo para incluir as relações entre grupos humanos, os padrões sociais criados por estas relações e os recursos materiais disponíveis para eles. Francisco claramente tem em mente este significado contemporâneo de ecologia, a inclusão da ideia de complementaridade na ecologia humana e o papel da complementaridade nas crises presentes nesta ecologia. Ele nos convida a refletir sobre complementaridade e o modo como os pecados sociais limitam sua plena realização e impacto para "promover uma nova ecologia humana". Pecados sociais que criam uma ecologia social que restringe o impacto total da complementaridade incluem a pobreza, o racismo, o sexismo, a homofobia, a discriminação, o patriarcado e toda outra realidade social que frustrar e vai contra a dignidade e o relacionamento humano. O convite do Papa é para que encontremos uma definição mais complete e dinâmica da complementaridade que, simultaneamente, exponha estas ameaças à harmonia social, marital e familiar, e responda a elas.

A quarta nuance de complementaridade de Francisco é um foco na família como "fato antropológico", que não pode ser qualificada "com base em noções ideológicas ou conceitos importantes apenas em determinado momento na história". Experiências em nível mundial mostram que a família é definida e influenciada por instâncias culturais, históricas, sociais e legais.

Revendo conceito de família

Enquanto uma pessoa pode certamente conceber e apresentar uma noção "ideal" de família como um homem, uma mulher e seus filhos, a história e a realidade de famílias são muito mais complexas. Hoje há famílias de pais solteiros, famílias de padrastos ou madrastas, famílias adotivas, famílias de responsáveis, famílias de pais monogâmicos e não-monogâmicos e famílias de pais do mesmo sexo. Em cada um desses casos, "família é família", e devemos nos envolver com a realidade em que vivemos, não no modo como desejamos que ela seja. Também devemos avaliar a natureza das relações entre pais e seus filhos, com base em evidências científicas, não em preconceitos especulativos injustificados.

Enquanto o discurso do Papa Francisco se foca na complementaridade como aplicada ao casamento entre homens e mulheres, as quatro nuances que ele introduz abrem a possibilidade de uma reflexão teológica e antropológica contínua sobre esses conceitos e suas implicações normativas para todas as relações humanas, heterossexuais, homossexuais e bissexuais.

IHU On-Line – Até que ponto a posição de Francisco sobre pessoas LGBT e sobre as mulheres trazem novas perspectivas às suas vidas?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Por meio de palavras e ações, Francisco tem demonstrado uma inclusão e aceitação muito maior de membros da comunidade LGBT. De sua declaração sobre fieis gays ("quem sou eu para julgar...") às suas reuniões e acolhidas com um homem trans, suas declarações e ações indicam uma Igreja inclusiva que acolhe todas as pessoas, especialmente aquelas que foram marginalizadas, em parte, devido ao ensino do magistério. Estes gestos fornecem uma perspectiva positiva e bem-vinda que pode transformar as perspectivas de muitos dentro da comunidade LGBT, que passam por julgamento e condenação pela Igreja.

Para completar o processo de inclusão, no entanto, Francisco deve se mover para além das interações sociais e mudar a linguagem do ensinamento oficial da Igreja em relação a homossexualidade. Classificá-la como orientação homossexual, inclinação ou tendência "objetivamente desordenada" com uma forte propensão para "atos intrinsecamente malignos" comunica uma forte mensagem de julgamento e condenação sobre a própria identidade sexual de alguém.

A preocupação de Francisco com as mulheres (e seus filhos), especialmente em termos de pobreza, e seus alertas para responder a estruturas sociais que perpetuam a pobreza e a opressão trouxeram esperança para muitas mulheres. Como afirmamos na segunda questão desta entrevista, seu pedido por uma "teologia das mulheres" deve ser seguido de um maior diálogo e integração mais completa de mulheres em papeis ministeriais e de liderança na Igreja.

IHU On-Line – Levando em conta o livro "A Pessoal Sexual" ("The Sexual Person")[4], quais aspectos deste e de outros pontos de vista do Papa Francisco apontam para uma nova moralidade sexual mais aberta na Igreja?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Em nosso livro, "A Pessoa Sexual", destacamos uma antropologia sexual fundamentada em uma "complementaridade holística". Esta complementaridade inclui orientação, complementaridades pessoais e biológicas e a integração e manifestação de todos os três acima em atos sexuais honestos, apaixonados e comprometidos que facilitam a capacidade de uma pessoa de amar a Deus, o próximo e a si mesmo de uma maneira mais profunda e santificada.

Duas implicações imediatas para a ética sexual católica se seguem caso se abraça a complementaridade holística como nosso principio fundamental para atos sexuais verdadeiramente humanos. O primeiro é que a norma moral absoluta do magistério que proíbe atos homossexuais deve, no mínimo, ser reexaminada. Sem uma consideração prévia da orientação sexual de uma pessoa, um ato sexual que viola a complementaridade hetero-genital não pode mais ser considerada ipso facto intrinsicamente ou objetivamente desordenada. A

4 A Pessoal Sexual. São Leopoldo: Unisinos, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

complementaridade genital é moralmente relevante para determinar a moralidade de atos sexuais verdadeiramente humanos, mas não é fundamental. A moralidade da complementaridade genital em atos sexuais deve ser determinada primariamente sobre a luz da orientação e da complementaridade pessoal.

A segunda implicação para uma ética sexual católica que se segue à primeira é que a fundamentação das normas morais sexuais pode precisar ser redefinida. Atualmente, o ensino do magistério pressupõe, tanto para homossexuais quanto para heterossexuais, uma relação intrínseca entre complementaridade pessoal e biológica, na qual a complementaridade hetero-genital é primária e fundamental. Nesta fundamentação, certos atos sexuais são, ipso facto, imorais por violarem a complementaridade hetero-genital – independentemente da orientação sexual e do sentido relacional do ato para a complementaridade pessoal.

Relação entre orientação e complementaridade pessoal e genital

Na complementaridade holística, há uma relação intrinsecamente integrada entre orientação e complementaridade pessoal e genital que serve como fundamento para normas sexuais. Nesta relação, tanto heteros quanto homossexuais, a orientação e a complementaridade pessoal são primárias, e são o que determinam o que constitui uma autêntica complementaridade genital em um ato sexual particular. Caso a complementaridade da orientação indique que uma pessoa é de orientação homossexual, então a complementaridade pessoal deve indicar que a complementaridade genital autêntica seria masculino-masculino ou feminino-feminino.

Atualmente, no ensino do magistério, a complementaridade hetero-genital é a fundamentação de dimensão primária para a relação essencial entre complementaridade biológica e pessoal. Em nosso modelo de complementaridade holístico, a orientação e complementaridade pessoal são as dimensões fundamentais para uma relação essencialmente integrada. As nuances do Papa Francisco ao termo complementaridade, discutidas na terceira questão, abrem caminho para o diálogo entre nossa e a sua compreensão de complementaridade, que teria profundas implicações normativas para uma moral sexual renovada na Igreja.

> ***A Igreja se tornou "obcecada" com questões como o aborto, contracepção e casamento gay. Ao invés disso, ela precisa se focar em servir os pobres e oprimidos***

IHU On-Line – Vocês acreditam que uma nova moralidade sexual renovaria o desejo dos fiéis em procurar a Igreja? Por que?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Acreditamos que a Igreja não precisa de uma nova moralidade sexual, mas de uma nova abordagem para a moralidade sexual. A atual, alega a Igreja, é baseada na lei natural, mas baseada em ações físicas e biológicas (atividade sexual, contracepção, por exemplo). Há outra abordagem sendo seguida por teólogos morais contemporâneos, incluindo nós mesmos. Desenvolvemos uma abordagem baseada não nas ações, mas nas pessoas que fazem estas ações. Acreditamos que esta abordagem é mais verdadeira para a realidade humana, porque leva em conta não apenas as ações físicas, mas também os significados pessoas tidos ao fazer estas ações. O julgamento moral envolvido, então, deve levar em conta não apenas a ação, mas o contexto da ação. Matar uma pessoa inocente é sempre imoral; matar em legítima defesa ou em situação de guerra legítima não. Assim também deve ser com o intercurso sexual.

Forçar o intercurso com uma mulher ou homem que não o deseja é sempre imoral; intercurso entre casais que se amam mutuamente pode ser perfeitamente moral, com todos os sentidos no contexto sendo positivos. A abordagem atual da Igreja é absoluta; realizar uma ação proibida, ipso facto, é imoral; nossa abordagem proposta é relacional, permitindo que a ação possa ser moral ou imoral, dependendo do contexto e sentido do ato sexual para as pessoas. Há sinais de que o Papa Francisco reconhece a legitimidade de nossa abordagem. Seu comentário sobre os gays ("Quem sou eu para julgar?") reconhece a impossibilidade, e a imoralidade, de fazer julgamentos sem conhecer todo o contexto da ação. Acreditamos que muitos dos fiéis estão machucados e feridos, em muitos casos devido aos ensinamentos da Igreja sobre sexualidade humana (ex: membros da comunidade LGBT e pessoas divorciadas e que casaram novamente) e uma abordagem fundamentada nas pessoas para julgamentos morais pode ser a cura para estas feridas, resgatando alguns fiéis para a Igreja.

O divórcio com a Igreja

Há diversas evidências estatísticas, por exemplo, de que o tratamento de pessoas divorciadas e que se casaram novamente sem anulação levou milhares para longe da Igreja. Eles não abandonaram a crença em Cristo, apenas a crença na Igreja, que não aprendeu com o próprio Cristo. O Papa Francisco parece reconhecer isso. Sua carta

anunciando o Jubileu da Misericórdia para 2016, ensina que "a própria credibilidade da Igreja é vista no modo como ela demonstra amor misericordioso e compassivo". Acreditamos que muitos desses fiéis estão procurando por uma abordagem significativa para a sexualidade humana, fundada em pessoas e relações, não em ações e na biologia, e nossa abordagem proposta – acreditamos – permitiria que a Igreja destacasse este amor misericordioso e compassivo. Na complexidade da realidade humana, uma resposta única para tudo é insuficiente".

IHU On-Line – Como vocês percebem o fim da controvérsia entre a LCWR[5] e o Vaticano? O que ela significa?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Acreditamos que a resolução desta controvérsia é resultado do "feminismo" do Papa Francisco. Ele tem sido bastante enfático sobre a igualdade entre mulheres e homens e, inclusive apontou mulheres para posições sênior no Vaticano. O exame e julgamento de mulheres religiosas foi iniciado por uma administração - tanto americana quanto romana - que era notavelmente patriarcal e que acreditava e exigia a submissão feminina para com os homens, mesmo no caso de religiosas mulheres para com bispos que não eram nem tão inteligentes e nem tão reconhecidos como cristãos pela comunidade quanto elas. Essa discrepância, na verdade, incomodou bispos americanos, que pressionaram o Vaticano para abrirem investigação contra freiras americanas. Houve ainda, como via de regra é o caso nos Estados Unidos, um fator econômico. Certos bispos americanos, cujos fundos diocesanos foram bastante prejudicados devido a pagamentos de processos de homens e mulheres abusados sexualmente por padres, queriam o controle dos fundos em posse da LCWR.

O julgamento que exonerou a LCWR e as religiosas mulheres dos Estados Unidos de todas as acusações indica que elas podem dar prosseguimento, sem preocupações, a todas as suas diversas ações cristãs fundamentais pela a Igreja, pela educação, saúde e, acima de tudo, pelo atendimento aos marginalizados; um grupo cada vez maior nos Estados Unidos.

IHU On-Line – De que forma os Estados Unidos vê/compreende o Papa Francisco?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Não há duvidas de que a maioria vê Francisco como um sopro de ar fresco. A postura condenatória das administrações recentes foi substituída pelo "amor misericordioso e compassivo", que mostra as pessoas que Francisco compreende e aprecia a complexidade e dificuldade de suas vidas. Um exemplo da mudança na visão dos católicos americanos diz respeito ao casamento gay. Em 2004, 36% dos católicos apoiava o casamento gay; em 2015, o número é de pouco menos de 60%.

Não temos duvidas de que a abordagem compreensiva e piedosa de Francisco ("Quem sou eu para julgar?"), frase que pode ser vista até mesmo no para-choque de carros nos EUA, tem contribuindo para a mudança.

Há, obviamente, uma minoria de católicos que se incomodaram e opuseram ao que eles temem seja um abandono da moralidade sexual católica tradicional. Muitas destas pessoas estão em posições de poder na Igreja e na sociedade secular americana, e tiveram influência no Vaticano no passado (e ainda têm, por meio do cardeal Burke). Esta minoria já está fazendo lobby para não levar a sério o que Francisco falar em sua visita aos Estados Unidos. Eles até mesmo o acusaram de dizer uma coisa por outra. Entretanto, ainda são minoria, e podem ser superados pelo apoio a Francisco e suas posições pela maioria dos católicos de base.

IHU On-Line – Quando Francisco visitar os EUA por ocasião do Encontro Mundial de Famílias, quais novas perspectivas devem ser abertas?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Esta é uma pergunta difícil de responder com precisão. Espera-se, como mencionado acima, duas reações para presença de Francisco no País: a de uma grande maioria e a de uma pequena, mas poderosa minoria. Como Francisco articulará para atender as expectativas de ambos os grupos? Será que ele deseja fazer isso? Não há dúvidas de que a família, como tradicionalmente compreendida, está sendo problematizada nos EUA, como abordaremos na próxima questão.

Americanos, de maneira geral, e católicos, em particular, precisam ouvir uma mensagem forte sobre o valor da família, o valor da estabilidade familiar e parental para as crianças, e as implicações negativas de divórcios mais ágeis e facilitados. Temos duvidas de que, em uma sociedade em que o valor inalienável da liberdade individual é tão enraizado, se qualquer mensagem sobre esses problemas será seguida a longo prazo. Haverá, sem dúvidas, entusiasmo imediato. Mas esse entusiasmo rapidamente desvanecerá se aqueles responsáveis pelas doutrinas familiares não aceitarem o desafio e não responderem a ele ao longo do tempo.

Esperamos por uma grande e importante questão; que Francisco estenda a definição do que inclui a família para quem Deus criou os

5 **Conferência de Liderança das Religiosas (Leadership Conference of Women Religious – LCWR)**: é uma associação de líderes de congregações de religiosas católicas nos Estados Unidos. A conferência tem mais de 1.400 membros, que representam mais de 80% por cento das cerca de 51 mulheres religiosas nos Estados Unidos. Fundada em 1956, a conferência apoia os seus membros para realizar de forma colaborativa o seu serviço de liderança para promover a missão do Evangelho no mundo de hoje. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publica um amplo material sobre o grupo nos Notícias do Dia, das quais destacamos os seguintes: Documentário traz respostas de irmãs à avaliação doutrinal da LCWR, disponível em http://bit.ly/1rQSntW; LCWR anuncia prêmio máximo a teóloga criticada pelos bispos dos EUA, disponível em http://bit.ly/1rQSGVw; Mandato do Vaticano sobre a LCWR é "inaceitável", afirma superiora das Irmãs da Misericórdia, disponível em http://bit.ly/1kiHiRS. (Nota da **IHU On-Line**).

bens do mundo. Toda mulher e homem nesta família ampliada possui um direito inalienável de compartilhar dos bens do mundo. Caso não possam fazê-lo, tem igualmente o direito de esperar que aqueles que possuem acesso a estes bens - por vezes, inclusive, mais do que o seu quinhão - compartilhem com os desprovidos.

Se o discurso de Francisco sobre a família puder estender a visão dos americanos e dos católicos americanos para além da perspectiva "eu sozinho no mundo" para uma perspectiva "nós, juntos no mundo", isso seria de grande benefício tanto para as pequenas unidades de famílias, individualmente, quanto para a grande unidade que é a família da humanidade.

IHU On-Line – Como vocês avaliam o progresso feito até hoje do pontificado de Francisco no Sínodo dos Bispos sobre a Família? Vocês acreditam que a instituição da Família está em crise? Por quê?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Acreditamos que e Francisco avançou bastante com o Sínodo dos Bispos. No Sínodo de 2014, ele permitiu uma discussão aberta e abrangente sobre uma diversidade de tópicos relacionada a ética sexual católica. Esta discussão trouxe a tona uma série divergência de opiniões no tópico da contracepção, intercurso sexual e casamento após divórcio sem anulação. Claramente, Francisco queria tal discussão. Ele não fez nada para interferir nela, como teriam feito Bento XVI e João Paulo II. O Sínodo sobre a Família de 1980 recomendou a João Paulo um estudo da antiga prática Ortodoxa da *oikonomia*, que permite o casamento após divórcio depois de um período aceitável de penitência e reconciliação. Esta reconciliação não exige a rejeição da segunda esposa.

No entanto, nem João Paulo e nem Bento fizeram nada sobre esta recomendação sinodal. A *Familiaris consortio*[6] de João Paulo foi sua reação oficial para o Sínodo e suas recomendações e, ainda que nele houvessem muitas coisas boas, tudo que fazia a respeito do divórcio e do segundo casamento sem anulação era reafirmar a doutrina tradicional. Francisco parece mais aberto à discussão desta questão.

> ***Família é família', e devemos nos envolver com a realidade em que vivemos***

Ele apontou homens e mulheres leigos para que respondessem ao Sínodo. Agora, tudo que precisa fazer é fornecer a eles o direito de votar.

Crise na família

Não há dúvida de que a instituição da família está em crise profunda. No mundo Ocidental, a maioria dos jovens estão preferindo morar juntos ao invés de se casarem, e mesmo aqueles que optam por se casar, mais tarde, acabam optando pelo divórcio em grande escala - o que traz graves impactos negativos para o casal (especialmente as esposas) e seus filhos. Judith Wallerstein em *Second Chances: Men, Women, and Children a Decade after Divorce,* detalha este impacto negativo e propõe questões realistas que precisam ser resolvidas antes que a situação possa melhorar.

Será que o próximo Sínodo se atentará a esta situação ou vai apenas, mais uma vez, simplesmente repetir palavras piedosas sobre ser fiel à palavra de Jesus - mesmo que regimes de casamento/divórcio da Igreja remetam a outras realidades históricas antes de serem palavras de Jesus-? A prática Ortodoxa da oikonomia na fidelidade, alegam eles, vem das palavras de Jesus. Os ignorantes teológicos, dos quais nem todos são leigos, é claro, não compreendem a História.

IHU On-Line – Como avaliam a atual política do Vaticano sobre o abuso sexual cometido pelo clero?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - A política atual do Vaticano sobre o abuso sexual cometido pelo clero é bastante forte, se for cumprida. Há uma anunciada tolerância zero para padres abusadores, e há diversos exemplos internacionais desta política sendo aplicada. A política funciona apenas, é claro, até o ponto em que cada bispo individualmente a segue, e tem havido diversos casos bem noticiados nos EUA de bispos que ignoraram ou falsearam esta política. Na análise final, uma política forte é apenas uma medida paliativa para reduzir o abuso sexual cometido por clérigos e não-clérigos.

Muito mais importante que isso é a educação, que vai na raiz do problema em cada caso individual. Educação sobre igualdade de dignidade, incluindo a dignidade sexual, de todas as pessoas humanas é necessária para todos os homens e mulheres. É necessária, ainda, educação específica para o clero sobre como a dignidade sexual de cada homem e mulher se relaciona aos seus votos de celibato. Houve casos em que padres abusadores argumentaram que sua conduta abusiva não representava uma violação de seus votos de celibato pois este estava relacionado apenas a conduta sexual com mulheres. Não acreditamos, como alguns tem tão contundentemente sugerido, que o celibato está na raiz do abuso sexual cometido pelo clero, mas sim na compreensão ingênua do que ele significa, bem como do significado de uma relação sexual.

6 **Familiaris consortio:** Exortação Apostólica, do Papa João Paulo II, de 22 de novembro de 1981, "sobre a função da família cristã no mundo de hoje". O documento foi editado após a realização do Sínodo dos Bispos celebrado em Roma de 26 de Setembro a 25 de Outubro de 1980. (Nota da **IHU On-Line**)

Além disso, a contínua prática de proteção institucional da Igreja para além de crianças e jovens inocentes e vulneráveis reflete uma eclesiologia que está sendo transformada no Papado de Francisco. Sua mudança de foco eclesiológico de uma Igreja de poder, autoridade e controle, para uma Igreja de serviço, diálogo e comunhão, prioriza a segurança, proteção e assistência às crianças do que segurança, proteção e assistência à reputação institucional da Igreja. Francisco é um defensor convicto dos pobres e vulneráveis, especialmente das crianças, e as políticas sobre abuso sexual devem ser cumpridas com a rápida remoção de um sacerdote que cometa abuso infantil, assim como bispos que no passado, presente ou futuro tentem dar cobertura aos abusadores - ou que utilizem meios jurídicos para oprimir e assediar as vítimas do abuso sexual.

IHU On-Line – Como teólogos da lei moral católica, qual é a Igreja que gostariam de ver destacada pelo pontificado de Francisco e as novas configurações de família?

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler - Há dois modelos principais da Igreja em atividade no catolicismo contemporâneo. Um é o modelo hierárquico, que é praticamente uma pirâmide, com os episcopados em um pontiagudo topo e os leigos em uma larga base. Este modelo é autoritário e todas as decisões, teológicas ou não, são tomadas pelo Magistério episcopal. O outro é um modelo de comunhão, em que os fiéis, "dos bispos até o último membro dos leigos" (*Lumen gentium12*), estão ativamente envolvidos nas políticas da Igreja e não podem errar quando mostram "concordância universal em assuntos de fé e morais" (ibid.). A Igreja foi o principal objeto de atenção do Concílio Vaticano II. O documento do Concílio na Igreja, *Lumem gentium*, é seu documento principal, e a fundação deste texto central, por concordância quase unânime, é a noção teológica da comunhão.

Francisco já deu sinais de que aprecia este modelo de comunhão, e gostaríamos que ele continue a desenvolver este modelo encontrando maneiras de envolver os leigos, tanto progressistas quanto conservadores, nas políticas da Igreja. Percebemos que uma Igreja organizada em um modelo de comunhão é muito mais difícil de ser comandada, mas apenas esta Igreja - na qual todos estão comprometidos com o "amor misericordioso e compassivo" para cada um e para todos os seus irmãos e irmãs - será capaz de superar as atuais divisões burocráticas, alheias a caridade e não-cristãs que hoje apresentam o Corpo de Cristo ao mundo.

> ***Francisco tem demonstrado uma inclusão e aceitação muito maior de membros da comunidade LGBT***

O modelo de comunhão eclesiológica também fornece maior consideração e autoridade para uma consciência bem informada dos fiéis. Reconhecendo que a autoridade desta consciência possui profundas implicações no modo de vida dos católicos e suas famílias. Os dados sociológicos sobre católicos e suas posturas sobre assuntos como relacionamento homossexual, casamento com pessoas do mesmo sexo, contracepção, pessoas que vivem juntas sem estarem casadas, divorciados e aqueles em segundo casamento, mostram que muitos católicos vivem segundo suas consciências, independente da condenação consistente destes atos. Uma comunhão eclesiológica respeita a autoridade da consciência bem informada e promove diálogos e discernimento de modo a respeitas as perspectivas destas consciências.

Por sua vez, uma hierarquia eclesiológica tenta negar e suprimir a autoridade da consciência bem informada quando as conclusões a que chega discordam das normas restritivas e absolutas do magistério hierárquico sobre as questões sexuais e familiares. Esperamos que Francisco encoraje os fiéis a se informarem para desenvolver suas consciências, e a se empoderar para segui-las, mesmo que estas posturas vão de encontro aos ensinamentos falíveis do magistério sobre normas sexuais. A tensão criada por conflito pode ser ocasião para diálogo e discernimento, o que é encorajado pelo Papa Francisco no Sínodo ordinário e extraordinário da Família.■

LEIA MAIS...

- **A maneira católica de escolher o bem.** Artigo de Michael G. Lawler e Todd A. Salzman publicado nas Notícias do Dia, de 02-03-2015, disponível em http://bit.ly/1PoGNEe;
- **Por uma nova moralidade sexual**. Entrevista especial com Todd Salzman e Michael Lawler publicada nas Notícias do Dia, de 20-02-2013, disponível em http://bit.ly/1JlUVtb;

O Pontificado e a comunidade LGBT: há de fato uma acolhida da Igreja?

Audiências de Francisco com LGBTs ainda não representam mudança de postura na Igreja. É a opinião de Francis McDonagh, que encara os encontros como uma iniciativa que ainda precisa avançar

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin

O Papado de Francisco tem encantado a muitos por atos simples, pastorais e que dessacralizam a figura de "sua santidade". Na Inglaterra, como no resto do mundo, não é diferente. Segundo o jornalista Francis McDonagh, as perspectivas desse Papa de fato reorganizam a lógica que vinha sendo empregada pelos antecessores. "Esse novo jeito de ser Papa teve um impacto positivo na imensa maioria dos católicos", diz, ao lembrar o espírito de mudança, de reformador, presente em Francisco. Porém, a abertura que propõe não pode ser vista como uma mudança de postura na Igreja. A ideia de McDonagh fica mais clara quando analisa questões de gênero e aproximações da comunidade LGBT no pontificado. "Dizer: 'Quem sou eu para julgar os gays?' é bom para quebrar o gelo, mas é preciso dar seguimento teórico, prático, canônico", pontua.

O jornalista destaca que é preciso revisitar e reformular antigos conceitos do catolicismo para então afirmar que a Igreja acolhe e aceita a todos de fato. "Este tema, gênero e orientação sexual, requer uma releitura crítica da Bíblia, assim como uma abertura maior ao trabalho das ciências naturais e sociais do último século", aponta. Nesses casos se coloca a discussão para além da orientação bergogliana de teologia popular. "Nem uma teologia popular nem uma Teologia da Libertação fossilizada, estacionária, é adequada. Por mais que se esforce, parece preso em modos de pensar patriarcais e machistas — e aqui a piedade popular com relação a Nossa Senhora não ajuda".

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Francis McDonagh também analisa as posturas de Francisco diante de temas polêmicos como a reforma da Cúria Romana e escândalos de abusos sexuais envolvendo o clero. Para ele, embora haja muito que avançar, não se pode desconsiderar que o Papa está abrindo o caminho para uma Igreja mais plural. "Vai na linha de João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II, com a famosa imagem de abrir as janelas para deixar entrar ar fresco. Compartilha com o Papa do Vaticano II uma abertura ao diálogo com o mundo", sintetiza.

Francis McDonagh é jornalista, correspondente para a América Latina da revista britânica *The Tablet*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é e como entender a "teologia do Papa Francisco"? Que novas perspectivas pastorais e teológicas o pontificado de Francisco traz para a Igreja?

Francis McDonagh - Um amigo que é pastor da Igreja da Escócia (presbiteriana) fez esta reflexão: "Será que Francisco é o primeiro Papa protestante? Seu desejo de reformar a burocracia do Vaticano faria com que Martinho Lutero[1] estourasse em cantos de louvor. Sua visão de instalar uma jurisprudência eclesiástica transparente (e também em relação com os poderes públicos) segue o proceder de João Calvino[2] na Igreja de Genebra.

1 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, *intitulada Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em http://bit.ly/ihuon280. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em

E seu estilo pastoral não está tão distante daquele descrito por John Wesley[3] quando disse: 'O mundo é minha paróquia'. Será que o Papa se aproxima aos poucos de uma prática pastoral protestante que delega o magistério ao povo de Deus?".

Não vou entrar no debate sobre a relação da 'teologia popular' e a Teologia da Libertação. Gustavo Gutiérrez diz que a teologia popular é uma corrente da Teologia da Libertação, outros duvidam. Minha impressão é que, para Jorge Bergoglio, mais importante que seus estudos teológicos foi a crise pela qual passou como provincial dos jesuítas da Argentina. Ele próprio reconheceu que foi muito autoritário como provincial, também foi feito provincial muito novo. Mudou, se engajou com a pastoral das periferias. Aí, acho que se defrontou com as complexidades das vidas vividas na precariedade, onde as definições teológicas e as regras canônicas são postas à prova.

Será que é daí que vem a importância do conceito da misericórdia no atual discurso dele? No entanto, não sei se o conceito de misericórdia tem suficiente força, suficiente conteúdo, para enfrentar a tradição doutrinal do Vaticano. Um problema é a formação teológica e ideológica estreita da maioria dos bispos: por mais brilhantes intelectuais que sejam, foram formados numa visão pré-crítica da Bíblia e numa atitude defensiva contra as ciências naturais e sociais. A isso, em parte, se deve a derrota da pauta do Papa Francisco no Sínodo Extraordinário de 2014.

Ao mesmo tempo, o Papa está ampliando o processo de consultas, como consultou Leonardo Boff na preparação da encíclica sobre o meio ambiente e nomeou a Comissão 'G8' de cardeais para assessorá-lo. É significativo que essa comissão tenha apenas um único integrante italiano e vários 'do fim do mundo': Congo, Índia, Austrália. Este processo pode compensar as limitações de uma determinada perspectiva teológica.

IHU On-Line - Por que Bergoglio incentiva a piedade popular? Qual é a importância da teologia popular para a teologia católica?

Francis McDonagh - Outra vez uma perspectiva presbiteriana: a piedade popular é uma forma do catolicismo romano vivo na América Latina muito debatida, contestada e celebrada. Permite ao Papa atual lembrar à Igreja europeia, especialmente à cúpula romana, que a própria expressão europeia da fé pode ser simplesmente mais uma forma de piedade popular. Não é isso o que Juan Luis Segundo[4] sugeriu ao então cardeal Ratzinger na sua famosa resposta à Instrução sobre a Teologia da Libertação? Mas, por outro lado, tem suas debilidades: como estabelecer uma piedade plural (talvez seja de utilidade aqui a obra de David Tracy[5]), como ser crítica da religião de massa e as suas manifestações.

IHU On-Line - Como a Igreja da Inglaterra está avaliando o pontificado de Francisco?

Francis McDonagh - Esse novo jeito de ser Papa teve um impacto positivo na imensa maioria dos católicos. Abandonar o Palácio Apostólico para um albergue de peregrinos fez com que o Papa passasse a ser uma pessoa normal, ou pelo menos um bispo entre outros bispos e não um monarca. Na verdade, deve-se pensar Inglaterra como Reino Unido (Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales). Outra observação preliminar importante é que se trata de uma população pouco praticante do cristianismo tradicional e com uma cultura esmagadoramente secular. Ainda assim, o estilo simples de Papa Francisco tem repercutido na opinião pública. O diário conservador *Daily Telegraph* o chamou 'o Papa do povo', enquanto para o *Observer* (liberal) ele é 'comprometido com o mundo' e 'um homem da mudança'. Qualquer fala deste Papa é notícia.

Dentro da Igreja católica há uma atmosfera nova. Paul Vallely,[6] jornalista e biógrafo do Papa, diz: "em qualquer lugar aonde eu vá, vejo que Francisco revitalizou e rejuvenesceu os membros comuns da Igreja. São animados. Agora, a gente se orgulha de ser católico, porque seus amigos seculares agora olham a Igreja de uma maneira diferente. Estamos entusiasmados; encontro esse entusiasmo por todo lado. Os únicos com ressalvas são os guerreiros da cultura ou os membros conservadores da hierarquia, mas eles mesmos são ambivalentes, pois reconhecem os ganhos

países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/10BIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **John Wesley** (1703-1791): clérigo anglicano e teólogo cristão britânico, líder precursor do movimento metodista. Ao lado de William Booth é considerado um dos dois maiores avivacionistas da Grã-Bretanha. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Juan Luis Segundo** (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto (*São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (Essa comunidade chamada Igreja; Graça e condição humana; A nossa ideia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **David Tracy** (1939): licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros, citamos *The Achievement of Bernard Lonergan* (1970); *Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology* (1975); *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism* (1981); *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope* (1987); e *Dialogue with the Other* (1990). Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo **IHU**, para fazer a conferência *Entre o apocalíptico e o apofático. O fazer teológico na universidade*, hoje, a partir da pós-modernidade no *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI,* acontecido em maio de 2004. Ele concedeu entrevista à **IHU On-Line** nº 103, de 31 de maio de 2004. Confira o artigo "O Deus oculto: o resgate da apocalíptica", de David Tracy em: NEUTZLING, Inácio (org.), *A teologia na universidade contemporânea.* (São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005, p. 85-98). (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Paul Vallely:** Jornalista e biógrafo do Papa Franciso, autor do livro , Pope Francis: Untying the Knots [Papa Francisco: Desfazendo os nós, em tradução livre) confira o seu artigo "Papa Francisco quer retomar "uma Igreja para os pobres"" no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PQWgrE. (Nota da **IHU On-Line**)

que a sua imensa popularidade traz para a Igreja. Ao mesmo tempo que desconfiam da sua espontaneidade, da sua despriorização das questões sexuais e da sua ênfase numa Igreja pobre para os pobres, não conseguiram desvencilhar-se de uma eclesiologia que os obriga a aplaudir o Papa".

IHU On-Line - Quais são as reações na Inglaterra sobre a investigação das acusações de comportamentos sexuais inapropriados contra o cardeal escocês Keith O'Brien[7]?

Francis McDonagh - Aqui há que distinguir Inglaterra e Escócia. Em Londres o caso do cardeal O'Brien é visto mais em termos gerais: o escândalo de um cardeal da Igreja Católica que é objeto de acusações aparentemente bem fundadas de abuso sexual contra subordinados, para os quais tinha um dever de proteção.

Segundo meu amigo pastor, cuja paróquia faz fronteira com a paróquia da Catedral Católica de Edimburgo, os fiéis católicos estão entristecidos, pois O'Brien era um pastor querido. 'O impacto do caso teria sido de empurrar a Igreja Católica da Escócia mais para dentro de si. Perdeu o desejo agressivo que tinha com O'Brien e seu antecessor, Winning, de ocupar o espaço público.'

O'Brien foi uma das lideranças católicas de Grã-Bretanha mais proeminentes, tido com liberal e uma voz forte contra os mísseis nucleares Trident, baseados na Escócia. Um aspecto interessante é que o presidente da comissão de apuração dos fatos estabelecida pela Igreja Católica da Escócia é um ex-moderador (Presidente) da Igreja da Escócia.

IHU On-Line - Como o Papa se posiciona em relação à comunidade LGBT e ao tema das relações homoafetivas?

Francis McDonagh - Mudou realmente qualquer coisa na Igreja Católica com relação às pessoas LGBT desde que Jorge Bergoglio foi eleito Papa? Será que ele quer seguir uma política de 'Não pergunte, não conte' — como antes nas forças armadas norte-americanas — para a Eucaristia? Dizer: "Quem sou eu para julgar os gays?" é bom para quebrar o gelo, mas é preciso dar seguimento teórico, prático, canônico. É como a observação do Papa Francisco sobre a teoria de gênero, de que representa uma 'colonização ideológica'. Talvez demonstre as limitações da teologia pessoal do Papa, pois este tema, gênero e orientação sexual, requer uma releitura crítica da Bíblia, assim como uma abertura maior ao trabalho das ciências naturais e sociais do último século.

Para isso nem uma teologia popular nem uma teologia da libertação fossilizada, estacionária, é adequada. É notável que ele tenha dificuldade em lidar com a situação das mulheres na Igreja. Por mais que se esforce, parece preso em modos de pensar patriarcais e machistas — e aqui a piedade popular com relação a Nossa Senhora não ajuda.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre os encontros que o Papa tem tido com representantes da comunidade LGBT? Qual o significado desses encontros?

Francis McDonagh - Esses encontros foram um bom marketing para a Igreja Católica, mas que tipo de teologia o Papa está construindo em diálogo com as pessoas LGBT? Não sei até que ponto a prática pastoral da Igreja está sendo informada pelos encontros com pessoas LGBT.

IHU On-Line - Como avalia os discursos do Papa sobre os efeitos da globalização no mundo e as implicações sociais e econômicas?

Francis McDonagh - Nisso o Papa continua na linha da doutrina social da Igreja aberta por seus antecessores. Estende a temas novos como o meio ambiente e mudanças climáticas, mas num tom mais urgente, mais impactante.

IHU On-Line - Para onde o pontificado de Francisco quer levar a Igreja Católica?

Francis McDonagh - Talvez vamos em direção a uma Igreja mais plural na teologia, na piedade, que poderia representar a volta a uma tradição mais antiga, antes da imposição do 'pensamento único' do Vaticano, na qual o Papa 'preside na caridade'. Vai na linha de João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II, com a famosa imagem de abrir as janelas para deixar entrar ar fresco. Compartilha com o Papa do Vaticano II uma abertura ao diálogo com o mundo, no espírito da solene proclamação com a qual começa *Gaudium et Spes*: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo".■

7 **Keith Michael Patrick O'Brien** (1938): foi arcebispo de St. Andrews e Edimburgo 1985-2013. Também foi líder da Igreja Católica na Escócia e chefe da Conferência dos Bispos de seu país. Renunciou ao cargo de arcebispo em fevereiro 2013, após a publicação de alegações sobre envolvimento sexual com jovens padres. Em 20 de março de 2015, o Vaticano anunciou que ele havia renunciado os direitos e privilégios de um cardeal, embora mantivesse esse título. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

— **Os gays e a Igreja: ''uma caixa de Pandora".** Entrevista com Francis McDonagh, publicada nas Notícias do Dia, de 31-01-2013, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1Ju9Q2k.

Avanços simpáticos, mas não suficientes

Christine Schenk, teóloga e diretora emérita do grupo FutureChurch, analisa o pontificado de Francisco a partir das questões de gênero.

Por Patricia Fachin | Tradução: Gabriel Ferreira

O Papa tem dito "algumas boas coisas" sobre a presença das mulheres na Igreja, e demonstrado uma "certa simpatia" em relação às questões LGBT. Contudo, apesar das "afirmações informais", o pontífice "tem tomado poucas atitudes para tornar a presença das mulheres na Igreja uma realidade", do mesmo modo que sua "simpatia não ajuda muito quando a mensagem geral é que uma pessoa homossexual é 'intrinsecamente desordenada'", critica Christine Schenk, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Na entrevista a seguir, Christine Schenk analisa o pontificado de Francisco à luz das questões de gênero, especialmente a partir do papel e da participação das mulheres na Igreja. Para ela, a justificação de que a "não-ordenação de mulheres existe porque Jesus quis dessa forma, na verdade difama Jesus que não ordenou ninguém, mas incluiu tanto mulheres e homens em seu discipulado da Galileia". A expectativa em relação a mudanças neste aspecto, entretanto, são distantes. "Seria ótimo se o Papa Francisco reabrisse a discussão sobre a ordenação sacerdotal de mulheres, mas eu não espero que isso aconteça. Ao invés disso, os líderes da Igreja continuarão a discursar sobre a inclusão das mulheres em todos os papéis que não requerem ordenação. Isso é uma boa coisa, mas apenas se afasta da verdadeira questão, especialmente quando há tantas mulheres exercendo ministérios e servindo como pastoras escolhidas, mas às quais não se permite que preguem ou celebrem a Eucaristia", frisa.

Irmã norte-americana, Christine também comenta o recente desfecho do caso envolvendo as irmãs da LCWR, os bispos norte-americanos e a Santa Sé. Na avaliação dela, o episódio foi bem conduzido, "graças ao Papa Francisco". Outro tema que despertou "grandes expectativas" nesses dois primeiros anos do pontificado de Francisco, foi a participação dos leigos no Sínodo sobre a Família. Contudo, enfatiza, "este ano as questões preparatórias parecem muito mais 'discurso de Igreja' e são menos acessíveis". Apesar disso, informa, "o escritório do Sínodo dos Bispos tem sido acolhedor no que diz respeito a encontrar-se e aceitar contribuições de diversos grupos. Isso não teria acontecido em Papados anteriores". Christine Schenk é mestre em Teologia, e co-fundadora e diretora Executiva Emérita do movimento FutureChurch.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as características do documento "O Sensus Fidei na vida da Igreja",[1] publicado no ano passado pela Comissão Teológica Internacional? Por que o considera "surpreendente"?

Christine Schenk - O documento *Sensus Fidei* reconhece formalmente o importante papel que os católicos exercem no desenvolvimento dos ensinamentos da Igreja, tanto hoje como durante toda a história, e afirma a voz interior da consciência como o árbitro final. Afirma também que essa voz interior preservou por diversas vezes os ensinamentos da Igreja, tal como no século IV d. C. quanto à controvérsia ariana, quando muitos bispos negaram a divindade de Cristo, enquanto os fiéis comuns nunca hesitaram em afirmá-la.

IHU On-Line - Como ponto positivo do documento "O Sensus Fidei na vida da Igreja", a senho-

1 O sítio do IHU publicou uma série de notícias sobre o documento "*Sensus Fidei*", entre elas, "As 10 citações principais do documento '*Sensus Fidei*' do Vaticano", disponível em http://migre.me/pSKzU. (Nota da **IHU On-Line**)

> *Uma fé madura inclui digladiar-se com algumas questões difíceis para as quais frequentemente não há uma resposta habitual ou pronta*

ra menciona que os fiéis poderão discernir se um ensino ou prática em particular que encontram na Igreja está ou não coerente com a verdadeira fé pela qual vivem na comunhão da Igreja. O que isso significa?

Christine Schenk - Note-se que é o próprio *Sensus Fidei* que afirma o discernimento dos fiéis, não eu. Por exemplo, o item 60 diz:

"O *sensos fidei fidelis* torna os fiéis aptos a 1) discernir se um ensinamento particular ou prática que eles encontram na Igreja é ou não coerente com a verdadeira fé pela qual eles vivem em comunhão com a Igreja; 2) distinguir o que é essencial e o que é secundário naquilo que é pregado; e 3) determinar e colocar em prática o testemunho de Jesus Cristo que eles devem dar no contexto histórico e cultural particular no qual vivem" (60).

Essa declaração afirma a realidade de que os católicos batizados são chamados à maturidade espiritual em Cristo. Historicamente, muitos de nós pararam de crescer na fé quando deixamos as aulas de catequese de primeira comunhão ou de Crisma. Tornamo-nos acostumados a ceder as tomadas de decisão àquilo que qualquer "Padre" diz, mesmo quando isso vai contra o que nós sabemos ser verdade em nossos corações e mentes. O ensinamento tradicional sobre o controle de natalidade é um bom exemplo. Poucos católicos seguem ou acreditam naquele ensinamento porque sua própria fé e experiência de vida têm lhes mostrado uma verdade diferente. Uma fé madura inclui digladiar-se com algumas questões difíceis para as quais frequentemente não há uma resposta habitual ou pronta. Uma fé madura reconhece que a crença na divindade de Cristo é mais central ao catolicismo do que a crença no ensinamento da Igreja acerca do controle de natalidade. Uma fé madura não é paralisada pelas complexidades da cultura do século XXI, mas encontra formas criativas de lutar para salvar o mistério operante de Jesus Cristo no interior dessa cultura... um mistério amoroso e dinâmico que é tão antigo quanto sempre novo.

IHU-On-Line - Se os fiéis podem ter autonomia em relação ao que consideram coerente entre sua vivência de fé e as posições da Igreja, qual passa a ser o papel da Igreja nessa relação?

Christine Schenk - É importante perceber que todos e cada um de nós é, de fato, "a Igreja". Os fiéis leigos não estão separados daqueles membros hierárquicos que tomam as decisões. Então, quando você fala sobre "o papel da Igreja nessa relação", parece-me que você está separando a Igreja hierárquica da Igreja "Povo de Deus" quanto, na realidade, nós somos todos partes da mesma Igreja e temos todos importantes papéis a desempenhar a fim de determinar como melhor viver a Boa Nova da prática libertadora de Jesus, o Evangelho no século XXI, hoje!

Se nossa experiência vivencial, no poder do Espírito, coloca-nos repetidamente em desacordo com o ensinamento "oficial" da Igreja, então isso precisa ser trazido à atenção da nossa liderança, uma vez que aquela pequena voz pode bem ser uma condução do Espírito para toda a Igreja, não apenas para nossa situação individual. Claro que isso deve ser cuidadosamente discernido com outros fiéis através da Igreja. Os predecessores do Papa Francisco desencorajaram esses questionamentos, discernimentos e discussões honestos. É saudável para toda a Igreja que o Papa Francisco esteja agora encorajando uma discussão aberta ao menos sobre algumas questões que se apresentam como problemáticas à consciência, tais como a prática pastoral que nega a plena participação dos católicos divorciados e recasados na Eucaristia.

Agir de acordo com a consciência

O Catecismo da Igreja Católica ensina que: "O homem tem o direito de agir em consciência e em liberdade a fim de tomar pessoalmente decisões morais. 'O homem não deve ser forçado a agir contra a própria consciência. Nem deve também ser impedido de atuar segundo ela, sobretudo em matéria religiosa'". Claro está que o ensinamento católico também enfatiza que uma consciência individual não existe no vácuo: "A consciência deve ser informada e o juízo moral esclarecido. Uma consciência bem formada é reta e verídica; formula os seus juízos segundo a razão, em conformidade com o bem verdadeiro querido pela sabedoria do Criador".

Assim, se alguém, cuja consciência é educada e cuidadosamente formada, encontra-se em conflito com ensinamentos secundários e não-essenciais da Igreja, como se deve agir? Há alguns excelentes critérios, desenvolvidos pelos bispos e teólogos americanos, disponíveis para nos guiar. Em 1968, em resposta a uma ampla rejeição pública à encíclica *Humanae Vitae*, que bania a contracepção, a carta pastoral dos bispos americanos "Human Life in Our Day" (A vida humana em nossos dias), propôs três normas de dissensão: "A ex-

pressão de dissensão teológica com respeito ao magistério está correta somente se as razões são sérias e bem-fundadas, se a maneira de diferir não questiona ou impugna a autoridade magisterial da Igreja e é tal que não cause escândalo".

Aqui está um link para o artigo que escrevi que lista algumas excelentes orientações desenvolvidas por teólogos para mediar conflitos problemáticos entre a consciência e os ensinamentos não-essenciais da Igreja: http://ncronline.org/blogs/simply-spirit/conscience-sensus-fidei-and-sisters

Note-se estas afirmações introdutórias importantes:

"A discordância começa como um ato de consciência e continua como parte de uma vida comprometida na Igreja. Não é habitual, mas erige-se em questões particulares a partir de nossa preocupação para com a verdade. Ela requer certa disciplina a fim de ser bem conduzida. O valor que deve nos guiar em todos os casos deve ser o bem comum. A divergência das autoridades institucionais da Igreja deve sempre ser para a Igreja, para o crescimento presente e futuro de toda a comunidade em verdade e amor. A divergência responsável ocorre no contexto de uma aceitação profunda e duradoura do Evangelho de Jesus Cristo e da tradição da Igreja que o interpreta".

IHU On-Line - A senhora já declarou que a doutrina atual da Igreja sobre o papel das mulheres, sobre os direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros e sobre o controle de natalidade são exemplos óbvios de decisões tomadas sem consulta aos fiéis. Com o Papa Francisco tem abordado essas questões em seu pontificado?

Christine Schenk - O Papa tem dito algumas boas coisas sobre uma "presença mais incisiva" das mulheres na Igreja, mas tem tomado poucas atitudes para tornar essa presença uma realidade. Dito isso, noto que nos últimos três meses houve quatro conferências diferentes sobre o papel das mulheres[2] (patrocinadas por grupos independentes e por entidades do Vaticano, tal como o Pontifício Conselho para a Cultura. O fato de que tais eventos estão ocorrendo no Vaticano pode indicar algum pequeno progresso.

No que diz respeito às questões LGBT, as afirmações informais do Papa mostram certa simpatia de sua parte, mas simpatia não ajuda muito quando a mensagem geral é que uma pessoa homossexual é "intrinsecamente desordenada". A Igreja institucional precisa aceitar e desenvolver o seu ensinamento sobre a Lei Natural. É um fato aceito cientificamente que a homossexualidade é uma variação que ocorre naturalmente na espécie humana. É um presente a ser celebrado, e não rejeitado. Nossos bispos e aqueles da hierarquia que têm o poder de tomar as decisões precisam escutar a experiência de fé dos católicos LGBT. Em minha opinião, membros de comunidades gays, como a *Dignity* e a *New Ways Ministries*[3] têm mostrado repetidas vezes que eles estão entre os mais fiéis e amorosos cristãos entre nós. A fé das pessoas gays irá, por fim, auxiliar para que a instituição mude seu ensinamento. Nós devemos agradecer a Deus de joelhos, todas as noites, pela fidelidade e pelo presente que são nossos irmãos e irmãs gays.

> ***A fé das pessoas gays irá, por fim, auxiliar para que a instituição mude seu ensinamento***

O Papa não tem falado muito sobre controle de natalidade, com exceção de seu discurso nas Filipinas e de sua infeliz declaração de improviso dizendo que as pessoas não deveriam "se reproduzir como coelhos".

IHU On-Line - Como avalia os encontros que o Papa tem feito com representantes da comunidade LGBT[4]? O que esses encontros representam para a relação entre a Igreja e a comunidade LGBT?

Christine Schenk - Eu desconheço qualquer encontro oficial entre o Papa e organizações LGBT. Sei que ele se encontrou individualmente com transgêneros e prisioneiros gays em uma visita pastoral. Embora isso seja algo a ser bem recebido, até que ele faça mudanças nas políticas da Igreja, os gays irão permanecer como cidadãos de segunda-classe e desrespeitados na Igreja institucional. E, por falar nisso, as pessoas LGBT também são a Igreja, na medida em que todos são o Povo de Deus).

IHU On-Line - Como interpreta os discursos do Papa Francisco, nos quais ele chama atenção para a "colonização ideológica das questões de gênero"?

Christine Schenk - Eu fico um pouco confusa com o termo – que penso foi usado pelo Papa nas Filipinas, em um discurso que procurou nuançar a admoestação da *Humanae Vitae* para uma abertura de vida com o reconhecimento de que há "casos particulares" nos quais a proibição da contracepção pode não se aplicar. É claro que os bispos filipinos se opuseram vigorosamente à nova lei do governo permitindo

2 As conferências estão disponíveis no link http://ncronline.org/blogs/simply-spirit/are-things-looking-women-church. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Leia a entrevista LGBT. Esperança de mudança na acolhida e no ensino da Igreja. Entrevista especial com Jeannine Gramick publicada nas Notícias do Dia, de 19-04-2015, publicada no sítio do IHU e disponível em http://bit.ly/1LdxMrX. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Sobre o tema, confira a notícia "Grupo católico gay recebe tratamento VIP no Vaticano pela primeira vez", publicada no sítio do IHU e disponível no link http://migre.me/pSKPB. (Nota da **IHU On-Line**)

acesso à métodos contraceptivos. Novamente, essa é uma daquelas decisões nas quais devem estar envolvidas as pessoas que estão mais em foco – os casais casados.

Para mim, é inconcebível que os bispos estejam tomando decisões sem ter de aceitar as consequências – que em muitos casos envolvem muitas crianças e muito poucos recursos para sustentá-las. Parece um caso clássico de culpar as vítimas sob a veste de termos sociológicos sofisticados como "colonização ideológica". Ninguém está forçando ninguém a usar métodos de controle de natalidade; assim, não entendo isso. Dito isso, pode haver abusos dos quais eu não estou ciente e preciso admitir a possibilidade da minha própria cegueira cultural, uma vez que eu sou de um país de primeiro mundo tristemente "colonizador", cujo governo não ousaria forçar a contracepção (ou o casamento gay) a ninguém sem seu consentimento.

Meu ponto principal é que os casais católicos filipinos deveriam ter sido os principais tomadores de decisão acerca da contracepção, não bispos filipinos, homens e celibatários.

IHU On-Line - Que mudanças espera da Igreja e do pontificado de Francisco em relação a esses temas?

Christine Schenk - Eu espero que o Papa designe mais mulheres para posições superiores da infraestrutura do Vaticano. Suas posições acerca do salário igualitário para mulheres etc, teriam muito mais credibilidade, entretanto, se ele inaugurasse a conversação sobre ordenação de mulheres para o diaconato permanente. É provavelmente esperar demais que ele reabra a discussão sobre ordenação de mulheres como sacerdotes, mas enquanto as decisões substantivas permanecerem nas mãos dos sacerdotes ordenados, as mulheres irão sempre, e em todos os lugares, ser segunda classe e sem voz de decisão na Igreja. A menos, é claro, que haja um movimento para mudar o Código Canônico para que o poder de decisão se embase no Batismo, ao invés de repousar conceitualmente na ordenação. Isso simultaneamente forneceria um caminho para as mulheres, e, de fato, para todos os fiéis leigos, para terem direito à voz decisiva.

Em última instância, isso também levaria a um ministério balanceado em relação aos gêneros, uma vez que frequentes pesquisas (tanto nos EUA quanto internacionalmente) têm mostrado que uma maioria de católicos apoia a existência de sacerdotes mulheres e casados. Eu duvido que alguma dessas coisas irá ocorrer no pontificado de Francisco, mas sementes podem ser plantadas para o futuro.

> ***Até onde sei, Francisco não tem dado atenção às questões levantadas pelos padres reformistas***

IHU On-Line - Por que se introduziu a discussão sobre a igualdade de gênero dentro da Igreja? Que mudanças espera nessa área?

Christine Schenk - Essa discussão é inevitável no contexto do século XXI, no qual as mulheres, em muitos países, são chefes de estado, diretoras de corporações internacionais e esperam ter as mesmas oportunidades que os homens. Juntamente com as nações árabes, a Igreja Católica pratica *apartheid* de gênero. Declarações conciliatória vindas de Roma nunca podem mitigar essa verdade desconfortável até que homens e mulheres participem igualmente nos ministérios e nas tomadas de decisão da Igreja. Dizer que a não-ordenação de mulheres existe porque Jesus quis dessa forma, na verdade difama Jesus que não ordenou ninguém, mas incluiu tanto mulheres e homens em seu discipulado da Galileia. A prática atual da Igreja manifesta uma lastimável ignorância acerca dos estudos bíblicos contemporâneos, bem como as pesquisas históricas sobre Jesus e, francamente, é completamente constrangedora. Seria ótimo se o Papa Francisco reabrisse a discussão sobre a ordenação sacerdotal de mulheres, mas eu não espero que isso aconteça. Ao invés disso, os líderes da Igreja continuarão a discursar sobre a inclusão das mulheres em todos os papéis que não requerem ordenação. Isso é uma boa coisa, mas apenas se afasta da verdadeira questão, especialmente quando há tantas mulheres exercendo ministérios e servindo como pastoras escolhidas, mas às quais não se permite que preguem ou celebrem a Eucaristia.

Dito isso, o Papa e os bispos que decidem poderiam ganhar novamente certa credibilidade quando falam sobre "a questão das mulheres" restaurando, ao menos, a antiga tradição de diaconisas da nossa Igreja. Isso poria fim ao silenciamento das mulheres católicas no púlpito, uma vez que aos diáconos é permitido pregar na missa. Tal como é hoje, as mulheres podem ensinar Homilética em nossos seminários, mas estão proibidas de pregar, elas mesmas, na missa. Quão louco é isso?

A questão das diaconisas está ainda sobre a mesa da Congregação para a Doutrina da Fé. Infelizmente, o atual prefeito dessa Congregação, o Cardeal Gerhard Müller, é conhecido por se opor a essa ideia. Assim, eu duvido muito que isso irá acontecer enquanto ele estiver no comando.

No que diz respeito ao mundo anglófono, o Papa e os bispos poderiam e deveriam restaurar o lecionário de 1998, aprovado por todas as conferências episcopais anglófonas no mundo, apenas para ser barrado pelos clérigos em Roma, que o substituíram por uma nova e desajeitada tradução de 2010. A linguagem da tradução de 1998 é muito mais aces-

sível, tanto para homens quanto para mulheres. Veja estes links: http://www.thetablet.co.uk/blogs/1/603/the-new-missal-has-failed e http://www.thetablet.co.uk/letters/8/4883/open-letter-to-english-speaking-bishops

IHU On-Line - Como analisa o recente desfecho do caso envolvendo as irmãs da LCWR[5], os bispos norte-americanos e a Santa Sé, nos EUA?

Christine Schenk - Esse foi, definitivamente, um caso em que ambos ganharam; tanto as irmãs e o Papa Francisco herdaram um grave desvio de justiça e tiveram sucesso em dirimir uma situação escandalosa. Certos bispos americanos que começaram essa coisa grotesca foram desacreditados e não mais estão em altas posições na Igreja, graças ao Papa Francisco. Deve-se notar, no entanto, que o Papa Bento XVI indicou o atual chefe da Congregação para a Vida Religiosa, Cardeal Braz de Aviz. Portanto, o Vaticano percebeu que ele havia sido gravemente malconduzido por teimosos prelados americanos mesmo antes de Francisco tornar-se Papa. No lado positivo, para nós, irmãs americanas, nosso trabalho e modo de viver contemporaneamente a vida religiosa, tem sido confirmado não apenas por dezenas de milhares de católicos comuns, que saíram em nossa defesa, mas agora também pelo próprio Vaticano. Irmãs têm agora um perfil público mais respeitado, assim como gozam de uma visão muito positiva por parte dos cidadãos americanos. Isso está nos auxiliando a atrair novos membros e fornecer um grande impulso para nossos ministérios dirigidos aos marginalizados.

Aqui está um link para um trailer de um filme recentemente lançado sobre as irmãs americanas e suas lutas contra a difamação por parte de certos bispos católicos (*Spoiler*: eu sou uma delas): http://radicalgracefilm.com.

5 Sobre o tema, veja a ampla cobertura das Notícias do Dia do sítio do IHU em www.ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - A senhora também chama atenção para o papel a ser desempenhado pelos leigos no desenvolvimento do ensino moral da Igreja. Que atenção Francisco tem dado a essa discussão em seu pontificado? Ainda nesse sentido, como avalia a participação dos leigos no Sínodo para a Família[6]?

Christine Schenk - Eu tinha grandes expectativas pela participação dos leigos no Sínodo sobre a Família quando o Vaticano afirmou, ano passado, que aquelas questões preparatórias para a primeira sessão do Sínodo deveriam ser compartilhadas tão amplamente quanto possível. Infelizmente, este ano as questões preparatórias parecem muito mais "discurso de Igreja" e são menos acessíveis. No entanto, muitos grupos de leigos, especificamente o *FutureChurch*, estão investindo pesadamente em levar as visões dos católicos comuns aos membros do Sínodo: http://ourcatholicfamily.org/listening

Se o os padres sinodais vão ou não prestar atenção é, obviamente, outra questão. Ainda assim, sei que o escritório do Sínodo dos Bispos tem sido acolhedor no que diz respeito a encontrar-se e aceitar contribuições de diversos grupos. Isso não teria acontecido em Papados anteriores.

Seria incrível se o Sínodo sobre a Família tivesse "especialistas" que fossem também leigos, e recebesse contribuições de grupos de fora de sua zona de conforto. Penso especialmente em representantes de grupos LGBT e a comunidade reformista internacional da Igreja. Não espero, no entanto, que isso aconteça, mas seria bastante saudável para a Igreja se assim fosse.

IHU On-Line - O que a senhora compreende por "reformas na Igreja"? Como esse tema das reformas tem aparecido nos discursos de Francisco?

Christine Schenk - Penso que para Francisco "reforma" signifique, predominantemente, reforma das políticas financeiras do Vaticano, reforma da Cúria e uma certa descentralização das decisões que já começou. Essa já é uma agenda enorme em si! O convite direto de Francisco, para as conferências episcopais ao redor do mundo, para que mandem propostas sobre padres casados é um exemplo muito importante, especialmente à luz do encolhimento do número de padres no mundo todo. O bispo brasileiro Erwin Kraütler[7] e o Cardeal Hummes devem ser parabenizados por encorajar essa discussão na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Tais "reformas", na medida em que levantam discussões e propõem ações para a Igreja universal, são sementes que estão apenas começando a brotar, mas que podem levar a uma realidade católica nova e mais participativa no futuro.

IHU On-Line - Em que consiste a proposta dos líderes de organizações de sacerdotes reformistas? A proposta deles já foi apresentada ao Papa Francisco? Que atenção Francisco tem dado a essa questão?

Christine Schenk - Até onde sei, Francisco não tem dado atenção às questões levantadas pelos padres reformistas até agora. Em todo caso, essa proposta é também apropriada ao nível das conferências episcopais nacionais, e eu sei que a *FutureChurch* está trabalhando nisso: http://futurechurch.org/actions/openletter/2014/

Veja também a mais recente Carta Aberta das comunidades e padres reformistas ao redor do mundo: http://ncronline.org/news/global/reform-groups-letter-francis-stop-combining-parishes-megaparishes

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Christine Schenk - Apenas agradecer por suas instigantes questões! ■

6 Sobre o tema, confira as entrevistas e notícias publicadas no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br). (Nota da **IHU On-Line**)

7 Dom Erwin já concedeu inúmeras entrevistas ao site do IHU, as quais estão disponíveis na página eletrônica do IHU em www.ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

Francisco e os discursos para "desacomodar"

Na avaliação da diretora executiva do grupo FutureChurch, Deborah Rose-Milavec, Francisco traz uma atmosfera nova para a Igreja avançar na agenda sobre o papel das mulheres

Por Patricia Fachin | Tradução: Gabriel Ferreira

Movido pelo desejo de "retorno às tradições mais primitivas da Igreja" no sentido de "reconhecer tanto homens quanto mulheres como líderes das comunidades de fé", o grupo *FutureChurch* nasceu nos EUA, motivado pelos "ensinamentos do Vaticano II" e há 25 anos acompanha pautas relacionadas à governança e organização da Igreja. A diretora executiva do grupo, Deborah Rose-Milavec, tem participado dos debates sobre "o papel e a plena igualdade das mulheres na vida da Igreja". Recentemente, entre os dias 13 e 17 do mês passado, ela esteve no encontro internacional de associações sacerdotais e grupos reformistas de leigos, em Limerick, na Irlanda. Segundo ela, no evento, "durante uma discussão bastante aberta e honesta, ficou claro que há muito sofrimento relativo à exclusão das mulheres da governança, liderança e dos ministérios ordenados — e como isso causa divisão e afeta a totalidade da vida da nossa Igreja".

Contudo, pontua, os discursos do Papa Francisco sobre o tema demonstram que "há uma crescente evolução no quadro das posições do Papa no que diz respeito às mulheres". Entre as declarações do pontífice, Deborah destaca, na entrevista a seguir concedida à **IHU On-Line** por e-mail, o comentário do Papa de que "'mais peso e mais autoridade deveriam ser dados às mulheres', tanto na Igreja quanto na sociedade. Uma de suas declarações mais recentes foi ainda mais radical, afirmando que é um escândalo que às mulheres sejam pagos menores salários do que aos homens".

O otimismo em relação aos discursos de Francisco não se mantém quando o tema é a crítica ao que ele denomina "ideologia de gênero". Sobre as posições do Papa a esse respeito, Deborah é categórica: "Em suma, Francisco está mal informado sobre esse ponto". Na interpretação dela, "o que" o Papa conhece sobre o tema, "provavelmente aprendeu dos escritos de João Paulo II, que por sua vez foram explorados por pessoas que tendem a assumir as mais radicais noções de teoria de gênero e as mais literais leituras do Gênesis, e aplicá-las amplamente, como se elas fossem a norma.

Deborah Rose-Milavec é mestre em Teologia e bacharel em Estudos Internacionais. Foi diretora executiva da New Choices Agência Domestic Violence Prevention e diretora do Programa para a Comissão de Serviço da American Friends. Atualmente atua no comitê sobre as mulheres, no grupo *FutureChurch*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o grupo reformista norte-americano *FutureChurch*?

Deborah Rose-Milavec - *FutureChurch* é uma organização reformista nacional de 25 anos, com a missão de buscar mudanças que abrirão a todos os católicos romanos a oportunidade de participar plenamente da vida e da liderança da Igreja.

FutureChurch trabalha por:

- Estruturas justas, abertas e colaborativas para a governança, adoração e organização católicas;
- Um retorno à antiga tradição da Igreja, com sacerdotes tanto casados quanto celibatários;

> ***Ainda que não advoguemos a ordenação das mulheres ao sacerdócio, nós lutamos para que as mulheres sejam reconhecidas e tratadas como coiguais e plenas parceiras na Igreja***

• Um retorno às tradições mais primitivas da Igreja, modeladas a partir da prática inclusiva de Jesus, de reconhecer tanto homens quanto mulheres como líderes das comunidades de fé;

• Acesso regular à Eucaristia, o centro de toda a vida e culto católico, para todos os católicos.

As atividades do *FutureChurch* nascem de uma espiritualidade baseada na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, da Eucaristia, das crenças dos fiéis movidas pelo Espírito e dos ensinamentos do Vaticano II.

IHU On-Line - Que avaliação faz do encontro internacional de associações sacerdotais e grupos reformistas de leigos, que ocorreu entre os dias 13 e 17 de abril, em Limerick, na Irlanda?[1] Como o tema do papel e da plena igualdade das mulheres na vida da Igreja foi abordado?

Deborah Rose-Milavec - O grupo de Limerick, que inclui os chefes das organizações de sacerdotes e de organizações leigas reformistas de dez países, discutiu:

1. O papel e a plena igualdade das mulheres na vida da Igreja. Durante uma discussão bastante aberta e honesta, ficou claro que há muito sofrimento relativo à exclusão das mulheres da governança, liderança e dos ministérios ordenados — e como isso causa divisão e afeta a totalidade da vida da nossa Igreja. Você pode ver meu relatório completo acerca dessa parte da conferência em: (http://archive.constantcontact.com/fs189/1101674625527/archive/1120821225401.html).

2. Governança da Igreja – os participantes clamaram por mais transparência por parte da hierarquia e respeito pelo direito de todos os católicos de participarem inteiramente da vida da Igreja. Ainda ontem, dia 12 de maio, foi lançada uma Carta Aberta pelo grupo dirigida ao Papa Francisco, pedindo que ele revitalize as paróquias a fim de manter o espírito da Igreja vivo. Você pode ler essa carta aberta em: (https://www.futurechurch.org/sites/default/files/2342_Open%20Letter%20to%20Pope%20Francis_engl_final_.pdf), bem como nosso press release (https://www.futurechurch.org/press-releases/international-catholic-leaders-call-on-pope-to-revamp-parish-structure-and-management).

3. Sobre o Sínodo para as Famílias – o encontro pediu plena participação dos católicos que são membros da comunidade LGBT, bem como dos divorciados, recasados, membros de famílias inter-religiosas e outras pessoas marginalizadas na vida da Igreja. Também pediu-se que a Igreja preste particular atenção às mulheres que estão vivendo em situação de pobreza, opressão e violência.

4. Ecologia – A Igreja vive no contexto do mundo real de hoje e os participantes apoiaram um claro reconhecimento de temas ligados à justiça social e aos problemas ecológicos, de maneira especial o aquecimento global e a biodiversidade. Eles manifestaram suas esperanças, de modo particular, no desenvolvimento de uma teologia e uma ética cristãs ecológicas à luz da próxima encíclica do Papa Francisco sobre ecologia e justiça social.

IHU On-Line - Como a discussão sobre o papel da mulher na vida da Igreja tem aparecido nos discursos de Francisco?

Deborah Rose-Milavec - O Papa Francisco não pode ser facilmente rotulado no que diz respeito a esse tema. Ele tem dito que deseja uma "presença mais incisiva" das mulheres na Igreja. Ele entende também que a Igreja tem um grande déficit quando se trata de uma "teologia das mulheres". Ele está ciente de que estão faltando elementos importantes e está procurando compreendê-los. Muitos de seus comentários sobre as mulheres refletem uma versão atualizada das prescrições do Papa João Paulo II. Seus comentários sobre complementaridade, na conferência de novembro ocorrida em Roma sobre "Complementaridade e Família", organizada pela Congregação da Doutrina da Fé, indicou que ele não abraça inteiramente as noções de João Paulo II que qualificam a igualdade entre os homens e as mulheres, com uma reafirmação do modelo tradicional de papéis baseado no sexo.

No encontro do Conselho Pontifício para a Cultura, em Fevereiro, ele argumentou que a Igreja deveria ajudar a "garantir a liberdade de escolha" para mulheres que decidirem assumir postos de liderança na Igreja e na vida pública, enquanto também mantêm seus "papéis insubstituíveis" como mães em seus lares. Refletindo essa busca por um entendimento mais profundo, ele disse procurar um "novo paradigma" na guerra

1 Sobre o encontro veja a informação publicada no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1PQXRoM. (Nota da **IHU On-Line**)

dos gêneros, afirmando que ainda que as sociedades ocidentais tenham deixado para trás o modelo de "subordinação", há também "efeitos negativos".

Posicionamento sobre as mulheres

Parece que há uma crescente evolução no quadro das posições do Papa no que diz respeito às mulheres. Em abril ele afirmou que as diferenças entre homens e mulheres "não é de oposição ou subordinação, mas de comunhão e criação", dizendo ainda que "mais peso e mais autoridade deveriam ser dados às mulheres", tanto na Igreja quanto na sociedade. Uma de suas declarações mais recentes foi ainda mais radical, afirmando que é um escândalo que às mulheres sejam pagos menores salários do que aos homens.

Muitas pessoas pensam que o tema dos papéis das mulheres seja uma das áreas mais fracas do Papa Francisco. Ainda assim, seu foco em justiça social é provavelmente o caminho mais claro para papéis ainda maiores para as mulheres. Suas mais recentes declarações mostram como esse Evangelho fundacional que clama por justiça irá moldar a evolução de suas ideias sobre o lugar e o papel das mulheres na Igreja. Além disso, ele traz uma atmosfera inteiramente nova para a Igreja avançar sobre esse tema em sua disponibilidade para discussões abertas e para "desacomodar".

Pela primeira vez, um grupo de mulheres que não foram escolhidas a dedo pelos oficiais do Vaticano por sua conformidade com os aspectos mais conservadores dos ensinamentos e leis da Igreja, foi convidado para dentro do Vaticano durante o evento "Vozes de Fé", ocorrido dia 8 de março, em Roma, para falar sobre seu amor pela Igreja e seus sonhos de uma maior participação das mulheres na Igreja. Você pode ver uma transcrição desse painel de discussão em: (http://www.futurechurch.org/sites/default/files/Full%20Transcript%20of%20March%208th%20Panel%20Discussion-VOF.pdf).

IHU On-Line - O que o grupo *FutureChurch* considera que seja uma participação adequada das mulheres na Igreja?

Deborah Rose-Milavec - O *FutureChurch* tem trabalhado por 25 anos para proporcionar oportunidades para que as mulheres participem integralmente da vida e da liderança da Igreja. Nós trabalhamos dentro das paróquias de modo que, ainda que não advoguemos a ordenação das mulheres ao sacerdócio, lutamos para que as mulheres sejam reconhecidas e tratadas como coiguais e plenas parceiras na Igreja.

> ***Papa Francisco tem sido brilhante no que se refere à criação de novos modelos para a governança da Igreja***

Nós também temos sido atuantes em Roma, trabalhando por maiores papéis de liderança para as mulheres e pleiteando a abertura do diaconato permanente às mulheres, de modo que suas vozes, que são tão raramente ouvidas, possam legitimamente proferir a homilia e proclamar o Evangelho na missa. Nós também temos um projeto chamado *The Million Voices* ("As milhões de vozes"), que defende um diálogo aberto na Igreja, incluindo o diálogo sobre a ordenação de mulheres. A credibilidade da Igreja fica prejudicada quando se procura silenciar os católicos no que diz respeito a um assunto tão importante.

IHU On-Line - Recentemente você declarou que estão pensando na criação de um conselho de mulheres para atuar junto ao Vaticano. Em que consiste essa proposta?

Deborah Rose-Milavec - O Papa Francisco tem sido brilhante no que se refere à criação de novos modelos para a governança da Igreja. Seu "G-9"[2] é um exemplo do seu estilo sábio e colaborativo. O Conselho para a Proteção dos Menores, sob a direção do Cardeal Sean O'Malley,[3] é outro modelo para a futura governança da Igreja. Dos 17 membros, quase metade são mulheres. Nós pensamos que esses modelos podem ser replicados quando se trata das esperanças do próprio Papa Francisco de criar mais espaço para as mulheres na Igreja. Nós precisamos de mais mulheres em postos de liderança e tomada de decisão nos dicastérios e muito ainda pode ser feito já agora para desvincular a tomada de decisão da ordenação, no Código de Direito Canônico, mas também nas mentes daqueles que hoje exercem papéis de liderança e que tradicionalmente têm entregue toda a liderança e as tomadas de decisão nas mãos de homens clérigos.

Acreditamos também que um conselho ou comissão de mulheres, que trabalharia em conjunto e aconselharia o Papa no que diz respeito à evolução dos papéis das mulheres na Igreja, teria um sucesso similar, assim como outros conselhos/comissões colaborativos/de aconselhamento.

IHU On-Line - Como o Papa tem abordado a questão LGBT em seus discursos? Você comentou recentemente que o fato de ele receber membros de grupos LGBT sinaliza uma abertura e um diálogo entre esses grupos e a Igreja. O que isso significa?

Deborah Rose-Milavec - Essa não é precisamente a minha área de especialidade e não é específico

2 **Grupo do G-9**: grupo de nove cardeais consultores que ajudam o Papa no processo da reforma da cúria e no governo universal da Igreja. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Sean Patrick O'Malley** (1944): é o cardeal arcebispo de de Boston, EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

da nossa missão, mas, em geral, eu acredito que toda a Igreja torna-se mais inteira quando aqueles que têm o poder de tomar decisões estão em um autêntico diálogo com aqueles que têm sido tradicional e dolorosamente excluídos. Isso inclui os católicos divorciados e recasados, católicos LGBT e outros que, por variadas razões, não se aliam estritamente com os costumes e regras católicos. O Papa Francisco está evocando a "misericórdia" amplamente, devotando todo um ano a ela e, para além disso, nós precisamos ver que há sabedoria, fé e amor nas vidas de muitos que têm sido excluídos.

IHU On-Line - Em seus discursos, Francisco também faz críticas à teoria de gênero e chama atenção para o que ele denomina de "ideologia de gênero". Como você interpreta esses discursos?

Deborah Rose-Milavec - Em suma, Francisco está mal informado sobre esse ponto. O que conhece sobre isso, ele provavelmente aprendeu dos escritos de João Paulo II, que por sua vez foram explorados por pessoas como a Ir. Sara Butler,[4] que tende a assumir as mais radicais noções de teoria de gênero e as mais literais leituras do Gênesis, e aplicá-las amplamente, como se elas fossem a norma. Eu acho que Francisco estaria aberto para aprender como noções de justiça de gênero estão intimamente alinhadas com suas ideias fundacionais sobre justiça social.

IHU On-Line - Como avalia o processo de elaboração do Sínodo para a Família? Quais foram os aspectos positivos e os pontos que mereceriam mais atenção? O grupo *FutureChurch*, juntamente com outros grupos reformistas, enviou uma petição ao cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário-geral do Sínodo dos Bispos, e aos bispos do mundo, solicitando que houve uma maior diversidade de leigos participando do Sínodo. Receberam resposta?

Deborah Rose-Milavec - Eu apresentei pessoalmente a petição "Nossa família católica — ampliando o círculo" ao Sínodo dos Bispos em Roma. Tive uma conversa muito boa com uma das pessoas da equipe que passou adiante nossa carta aberta e a lista dos candidatos a auditores e especialistas sugeridos para o Sínodo para a Família 2015. Ele concordou que nós precisamos ter católicos divorciados e recasados no Sínodo para falar aos bispos.

IHU On-Line - O grupo *FutureChurch* também aponta "uma crise pastoral na Igreja". Como essa crise se manifesta? Pode nos dar alguns exemplos?

> ***Seu foco em justiça social é provavelmente o caminho mais claro para papéis ainda maiores para as mulheres***

Deborah Rose-Milavec - A Igreja continua a perder católicos (ex-católicos são o segundo maior grupo nos EUA), especialmente jovens católicos. Em parte, isso ocorre porque nós temos tido muitas décadas de uma Igreja mais curvada ao dogmatismo do que à misericórdia e ao amor. O Papa Bento XVI chegou mesmo a falar sobre uma Igreja "menor e mais pura". Enquanto isso pode satisfazer alguns, o Papa Francisco vê de outra forma e eu acredito que seu caminho é mais orientado ao Evangelho. Isso certamente tem aberto as mentes e corações de muitos, incluindo aqueles que não são católicos, a um modelo mais convidativo, mais misericordioso e mais justo de catolicismo.

IHU On-Line - Você acompanhou as discussões entre os bispos norte-americanos, a Leadership Conference of Women Religious - LCWR e da Congregação para a Doutrina da Fé? Como avalia o desfecho dos desacordos entre eles, a partir do acordo assinado recentemente?

Deborah Rose-Milavec - Sim, acompanhei[5] e dei a seguinte declaração: Deborah Rose-Milavec, diretora-executiva do grupo reformista *FutureChurch*, que faz parte da coalizão *Nun Justice*, disse que o grupo está feliz por ver que o "cerco" devido a acusações improcedentes chegaram ao fim. Sem dúvida, esse pungente ataque foi manifestamente injustificado. Ainda assim, em meio ao agora suspenso escrutínio e à desconfiança da Congregação para a Doutrina da Fé, a LCWR[6] encontrou um caminho de diálogo respeitoso que foi um modelo para toda a Igreja e mesmo um auxílio para aqueles que emitiram o mandato. *FutureChurch* aplaude o Papa Francisco por encontrar-se com as lideranças da LCWR e expressa seu respeito e agradecimento por seu fiel serviço ao Evangelho. Estamos profundamente gratos pelos muitos católicos que se ergueram e permaneceram firmes em solidariedade para

4 **Irmã Sara Butler**: é professora de Teologia Dogmática na Universidade de Santa Maria do Lago – Mundelein Seminary – de Chicago, Estados Unidos. Integrou a Comissão Teológica Internacional, órgão consultivo do Vaticano. Sara Butler no passado fez declarações pela ordenação de mulheres, mas atualmente defende a tradição de um clero exclusivamente masculino. (Nota da **IHU On-Line**)

5 O debate entre os bispos norte-americanos, a Leadership Conference of Women Religious – LCWR e a Congregação para a Doutrina da Fé, bem como o desfecho do caso, foi abordado pelo sítio do IHU. Notícias referentes ao assunto estão disponíveis na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br). (Nota da **IHU On-Line**)

6 A Leadership Conference of Women Religious - LCWR é uma associação de líderes de congregações de religiosas católicas nos Estados Unidos. A conferência tem mais de 1400 membros, que representam mais de 80% das cerca de 51.600 mulheres religiosas nos Estados Unidos. Fundada em 1956, a conferência apoia os seus membros para realizar de forma colaborativa o seu serviço de liderança para promover a missão do Evangelho no mundo de hoje. (Nota da **IHU On-Line**)

com nossas irmãs nos últimos três anos.

A coalizão *Nun Justice*, da qual a *FutureChurch* tem sido principal parceira, também fez uma declaração em seu *press release*, a qual diz o seguinte:

O projeto *Nun Justice* alegra-se em ver que o Vaticano suspendeu a investigação contra *Leadership Conference of Women Religious* - LCWR. Esta declaração conjunta é o testemunho da obstinada determinação das irmãs líderes da LCWR de perseverar no diálogo com aqueles que injustamente as difamaram. É bastante adequado que, no Ano dedicado à Vida Consagrada, os oficiais tenham ao menos reconhecido as boas obras e a impressionante liderança das irmãs.

O projeto *Nun Justice* acredita que deve haver um pedido de desculpas para as irmãs, mas o término das investigações é um grande passo em si mesmo. Uma vez que nenhum Papa anterior jamais encontrou-se com a liderança da LCWR, é um grande sinal o fato de o Papa Francisco ter se encontrado pessoalmente com elas. Que esse encontro possa inaugurar uma nova era de comunicação positiva entre o Vaticano e as lideranças femininas da Igreja.

"Como de costume, o exemplo vivo das mulheres nos inspirou", disse Erin Saiz Hanna, um dos membros da coalizão. "As irmãs responderam a essa demonstração de abuso patriarcal encontrando formas de resistir a essa intrusão e transformaram o processo através da articulação de um diálogo inclusivo."

> ***Eu acho que Francisco estaria aberto para aprender como noções de justiça de gênero estão intimamente alinhadas com suas ideias fundacionais sobre justiça social***

"É minha firme esperança de que a Congregação para a Doutrina da Fé institua processos e procedimentos dialógicos similares no tratamento de outras questões disputadas na Igreja", disse Francis DeBernardo, outro dos membros da coalizão.

Desde que o inquérito foi anunciado, milhares de católicos têm se manifestado para pôr um fim a essa desnecessária e aviltante "investigação". Nós estamos gratos pelo fato de que o imenso valor do trabalho das religiosas esteja sendo reconhecido. No entanto, nós também permanecemos atentos, uma vez que alguns aspectos da declaração comum, que ainda estão para ser implementados, podem ser interpretados como uma restrição do direito de consciência das irmãs.

Ao longo dos últimos cinco anos, o projeto *Nun Justice* organizou um apoio maciço às religiosas. Dezenas de milhares de católicos solicitaram medidas ao Vaticano e participaram de centenas de manifestações públicas, jornadas de oração, vigílias e eventos de mídia. Suas vozes têm sido um grande meio de fazer avançar o processo devidamente, elevando a voz da liderança das mulheres e promovendo a justiça na Igreja.

Para uma visão geral acerca do trabalho do projeto *Nun Justice* referente à investigação do LCWR, visite nunjustice.org.

O projeto *Nun Justice* é um movimento de base apoiado pelas seguintes organizações: American Catholic Council, Association for the Rights of Catholics in the Church, Call To Action, Catholics for Choice, CORPUS, DignityUSA, FutureChurch, New Ways Ministry, Quixote Center, RAPPORT, Voice of the Faithful, WATER: Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual, Women's Ordination Conference. ■

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O Papa que deixa os livros e se volta à humanidade

Felix Wilfred destaca um Francisco que não se dedica a estudos teóricos e publicações, buscando um contato direto com o povo através de suas mensagens

Por João Vitor Santos e Patricia Fachin | Tradução: Gabriel Ferreira

O que os católicos do mundo todo esperam de um Sumo Pontífice? Para o teólogo indiano Felix Wilfred, a resposta é clara: "O mundo não espera que um Papa escreva livros, a partir de seus estudos, explicando a fé cristã e as doutrinas. Há tantas pessoas no mundo para fazer isso! O que o mundo espera de um Papa é que ele se dirija à humanidade com uma mensagem de esperança, amor e compaixão", diz em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E para ele, nesses dois anos, Francisco tem feito exatamente isso: deixou livros, estudos e se voltou ao povo.

Ao longo da entrevista, o teólogo indiano aprofunda suas impressões sobre a recepção do Papa Francisco no oriente. Também avalia suas visitas a Filipinas e Sri Lanka, com uma perspectiva de pontuar as diferenças entre Bergoglio e seus antecessores nos aspectos do diálogo inter-religioso. "O Papa Francisco assume uma abordagem diferente para com as religiões. Ele enfatizou a importância da união das religiões pela causa da paz e para responder às questões candentes da humanidade de hoje", destaca.

Felix Wilfred é chefe do Departamento de Estudos Cristãos, Faculdade de Filosofia e pensamento religioso, da Universidade de Madras, Chennai. Também é presidente da Revista Internacional de Teologia *Concilium* e colaborador da Enciclopédia Católica Nova, Lexikon für Theologie und Kirche, Quaestiones disputatae, ambas publicações alemãs. Além disso, contribui para Os teólogos modernos (Cambridge, UK) e Dicionário do Cristianismo Cambridge, Universidade de Cambridge, Reino Unido.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como você avalia os primeiros dois anos do pontificado de Francisco? Quais são seus principais pontos positivos e quais seus desafios?

Felix Wilfred - Sinto que o Papa Francisco tem trazido uma primavera de alegria e esperança para a Igreja Católica. Nós estamos acostumados a associar o Papado à infalibilidade, à excomunhão e aos anátemas. Há uma notável transição no que diz respeito ao novo Papado do Papa Francisco. Isso pode ser caracterizado como uma transição do anátema ao "quem sou eu para julgar?". Isso diz tudo sobre o Papa Francisco e seu pontificado. Ele é um Papa humilde e quer abandonar a imagem de uma Igreja arrogante e onisciente que finge poder tudo julgar. A humildade do Papa Francisco pôde ser vista já a partir do momento em que ele apareceu no balcão da basílica de São Pedro, inclinou-se diante do povo e pediu que eles o abençoassem. Esse foi um gesto revolucionário inédito na história do Papado.

Em sua recente visita às Filipinas, ele se encontrou com crianças de rua vivendo em uma pobreza abissal. Quando uma garotinha narrou seus sofrimentos e tormentos em meio a lágrimas e perguntou ao Papa por que Deus permite que ela sofra, Francisco abraçou-a e admitiu que não sabia a resposta. Esses e muitos outros gestos do Papa revelam sua personalidade como um humilde servo de Deus e de seu povo. Sua humildade e abertura são encantadoras. Sem nenhuma inibição, ele pode encontrar as pessoas, ouvi-las e participar em solidariedade de seus sofrimentos. Ele consegue se colocar na posição do imigrante pobre ou do refugiado e falar de nossa fé a partir daquela posição. Isso torna a fé viva e cheia de sentido.

IHU On-Line - Bergoglio é um Papa latino-americano e argentino. Qual a influência que isso tem em suas relações para com o Oriente? Como o mundo oriental — dentro e fora da Igreja — acolhe os discursos e atitudes de Francisco?

Felix Wilfred - É verdade que o Papa Francisco pode não ter muita experiência com a Ásia, suas civilizações, religiões, etc., ainda que em certo ponto de sua trajetória ele tenha querido ir como missionário para o Japão — algo que não foi possível devido à sua saúde. Para ser franco, pela primeira vez, nós sentimos que aqui está um Papa que pode nos entender e entender a nossa situação na Ásia, que pode vibrar conosco.

Isso está em forte contraste com os dois Papados anteriores. João Paulo II[1] vinha de um país comunista e tinha como sua maior agenda salvar a Igreja e o mundo de uma ide-

1 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

ologia ateísta. O Papa Bento XVI[2] tinha como agenda salvar a Europa da ideologia e do secularismo. Gostaria de lembrar aqui que um dos teólogos asiáticos — Balasuriya[3] — foi mesmo excomungado sob o governo do Papa Bento XVI. Papa Francisco não está tão focado na impureza da doutrina tanto quanto está interessado na impureza da desumanização. Ele se mostra como sendo um Papa verdadeiramente pastoral, e não um Papa doutrinal.

Ainda que ele não seja um especialista em religiões asiáticas, sua abordagem aberta, humilde e pastoral causa grande impacto nos povos de outras tradições religiosas. Quando o Papa João Paulo II visitou o Sri Lanka em 1995, houve um enorme protesto liderado pelos monges budistas. A razão foi que o Papa João Paulo II havia expressado, em uma entrevista, que o Budismo não é uma religião, mas uma filosofia negativa. Para ele, assim como para o Papa Bento XVI, religião significa doutrinas e crenças. Papa Francisco assume uma abordagem diferente para com as religiões. Quando ele encontrou-se com representantes de outras tradições religiosas no Sri Lanka durante sua recente visita, ele enfatizou a importância da união das religiões pela causa da paz e para responder às questões candentes da humanidade de hoje.

O mundo não espera que um Papa escreva livros, a partir de seus estudos, explicando a fé cristã e as doutrinas. Há tantas pessoas no mundo para fazer isso! O que o mundo espera de um Papa é que ele se dirija à humanidade com uma mensagem de esperança, amor e compaixão. E isso é exatamente o que o Papa Francisco faz.

IHU On-Line - Qual a relevância do Papa Francisco para a vida das Igrejas na Ásia?

Felix Wilfred - No passado, muitos bispos asiáticos, apesar do ensinamento da colegialidade, sentiam que eles não eram realmente ouvidos e entendidos por uma burocracia curial romana centralizada. As Igrejas da Ásia queriam liberdade para ser capazes de perseguir suas missões em contexto, em um continente com uma pequena minoria cristã. A centralização romana era um obstáculo real à missão da Igreja na Ásia. A liberdade e a ação legítimas dos cristãos asiáticos não podiam se expressar.

A situação era provavelmente a mesma nas outras partes do mundo. Sentindo o mal feito pela centralização, o Papa Francisco, já dentro do primeiro mês após sua eleição, anunciou a reforma da Cúria Romana como uma agenda das mais importantes. Foi igualmente importante para ele ter um grupo de colaboradores pastoralmente orientados para assisti-lo na realização de sua missão pastoral para a Igreja.

Esperança asiática

Na Ásia, nós ficamos muito felizes com essa agenda reformista do Papa. Houve no passado alguns esforços para reformar a Cúria Romana. Essas reformas foram, na maioria das vezes, internas, de reorganização de um aparato burocrático para seu melhor funcionamento. O Papa Francisco, ao contrário, quer uma profunda e radical reforma da Cúria Romana, uma transformação em suas atitudes, valores, pessoal, *modus operandi*, etc. O fato de que ele possua um grupo de consultores advindos de diferentes partes do mundo é um bom presságio sobre como a governança da Igreja se tornará menos legalista e mais pastoral.

Atualmente, eu sou o presidente da Revista Internacional de Teologia *Concilium*. Nós temos um número especial sobre **"A reforma da Cúria Romana"** para apoiar essa agenda do Papa Francisco. Nós também mandamos cópias em italiano e espanhol para ele. Eu sinto que as Igrejas na Ásia e em outras partes do mundo irão ganhar muito se o Papa Francisco também fizer uma revisão do atual Código de Direito Canônico, aumentando o poder das conferências episcopais. Sinto que o Papa Francisco pode não ser capaz de reformar efetivamente a Igreja, a menos que ele também revise o Código. Nós, na *Concilium*, decidimos fazer um número especial sobre **"A revisão do Código de Direito Canônico"**. Esse número, que ainda devo editar, sairá no final de 2016. ■

2 **Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Tissa Balasuriya** (1924-2013): foi sacerdote católico e teólogo no Sri Lanka. Em 1971, fundou o Centro para a Sociedade e Religião; quatro anos mais tarde fundou a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. Em 1990, publicou o livro *Balasuriya Mary and Human Liberation*. Em 1994, os bispos do Sri Lanka advertiram que o livro incluía conteúdo herético porque ele deturpou a doutrina do pecado original e lançou sérias dúvidas sobre a divindade de Cristo. Balasuriya apresentou uma defesa teológica de 55 páginas à Congregação para a Doutrina da Fé, que a rejeitou. (Nota da **IHU On-Line**)

87

LEIA MAIS...

- **Narrativas de Deus, hoje. Fluidez e abertura**. Entrevista com Felix Wilfred, publicada em Notícias do Dia, em 13-09-2009, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1REDoQl.
- **Jesus pertence ao conjunto da humanidade**. Entrevista com Felix Wilfred, publicada na edição 248, de 17-12-2007, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1JdgrQM.
- **O monoteísmo como base ideológica para o autoritarismo e a centralização**. Entrevista com Felix Wilfred, publicada na IHU On-Line 311, de 19-10-2009, disponível http://bit.ly/1HdI9KZ.
- **Fluidez e abertura nas narrativas de Deus na sociedade pós-metafísica**. Entrevista com Felix Wilfred, publicada na IHU On-Line 308, de 14-09-2009, disponível em http://bit.ly/1cwS1F2.

O desafio da conversão pastoral e de um novo modelo de Igreja

Sérgio Coutinho lança seu olhar para a Igreja no Brasil e analisa como se refletem os dois anos de pontificado de Francisco entre os leigos e o clero

Por Patricia Fachin e Leslie Chaves

O anseio por uma Igreja "em saída", que leve Jesus para todos os espaços, tem emergido como uma das principais linhas condutoras do pontificado de Bergoglio nesses dois anos. A análise é de Sérgio Coutinho, que considera, entretanto, que as palavras de Francisco têm recebido mais aceitação do que propriamente "os gestos mais proféticos" do Papa. Segundo o historiador, há uma intenção clara de solidificar o caráter missionário da Igreja, buscando uma aproximação maior com a sociedade, sobretudo com os estratos mais pobres da população. Trata-se da busca de uma mudança de mentalidade e de estrutura em direção à perspectiva do discípulo-missionário, que se propõe a "tocar a carne de Cristo", destaca o Coutinho em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Essa proposta se evidencia em diversos documentos como, por exemplo, as resoluções da 53ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, onde são apresentados os rumos da Igreja no país. Nesse documento especificamente, a CNBB se posicionou acerca das desigualdades, da situação dos povos indígenas e da vida política brasileira, da qual se propõe a participar com autonomia. Em relação à ação evangelizadora, é acolhida a visão do Papa Francisco de uma Igreja missionária e misericordiosa, porém, de acordo com Coutinho, "o conteúdo teológico das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora - DGAE é muito mais avançado que a prática dos próprios bispos que aprovaram o texto. Há um descompasso entre a teoria e a prática, que é ainda muitíssimo autorreferencial e pouco em 'saída'". A mudança de mentalidade e a conversão pastoral foram apontadas pelo historiador como os grandes desafios da Igreja contemporânea.

Na entrevista, Sérgio Coutinho ainda faz uma avaliação dos reflexos da conjuntura política brasileira na atuação da Igreja no país e aponta que as denúncias de corrupção e a tensão política, com o acirramento de posições mais conservadoras na sociedade, acabaram incidindo no perfil da nova presidência da CNBB. Externamente, apesar de manter certa cautela, a instituição se preocupa em continuar o diálogo com a sociedade e o atual governo, mas internamente mantém "um controle cada vez maior sobre o papel dos assessores(as) das 12 Comissões Episcopais Pastorais, reduzindo-os a apenas secretários-executivos", frisa.

Sérgio Ricardo Coutinho é professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura de Brasília e da disciplina "Serviço Social, Religião e Movimentos Sociais", no curso de Serviço Social do Centro Universitário IESB de Brasília.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a Igreja no Brasil tem recebido o pontificado de Francisco nesses dois anos?

Sérgio Coutinho - Como em todo mundo, aqui também o impacto do Papa Francisco é bem evidente entre o povo, de modo geral, e na Igreja entre os leigos, que aprovam muito seu jeito de ser, gestos e palavras. Ele mesmo, de próprio punho, escreveu e enviou cartas para dois importantes eventos eclesiais no Brasil: para o 13º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, em 2014, e para o 11º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, em 2015. Junto ao nosso povo católico, de modo especial junto ao laicato das comunidades e à juventude mais engajada nas pastorais, se reconhece sua linguagem por uma "Igreja pobre e para os pobres".

Já em relação ao clero e ao episcopado no Brasil, o "efeito Francis-

co" ainda é um pouco mais lento na recepção dos seus gestos mais proféticos, mas suas palavras têm sido muito consideradas e usadas abundantemente. Para isso, basta ver todo o material visual da última Campanha da Fraternidade onde, pela segunda vez, a CNBB usou uma imagem do Papa para ilustrar seu cartaz (a primeira vez foi em 1968 com a imagem de Paulo VI) em que aparece repetindo o gesto de Jesus no lava-pés e, além disso, a ampla citação da Exortação *Evangelii Gaudium*[1] e do mais recente texto da Bula *Misericordiae Vultus*[2] nos documentos da CNBB.

IHU On-Line- Em artigo recente, o senhor comentou que as nomeações episcopais para o Brasil poderão significar "a continuidade do espírito wojtyliano-ratzingeriano", com pouca preocupação pastoral-missionária. Em que fundamenta esses comentários?

Sérgio Coutinho - A primeira fundamentação está, como não poderia deixar de ser, no longo pontificado de João Paulo II[3] e de todo o processo de implementação e formação de quadros internos para levar a cabo o projeto de uma Nova Evangelização. Projeto este pautado por aquilo que o Pe. João Batista Libânio[4] chamou de "volta à grande disciplina", e pelo que a socióloga francesa Danièle-Hervieu-Léger[5] chamou de "concentração católica", ou seja, formação de quadros clericais (e também laicais) fortalecidos em sua "identidade católica", visando enfrentar o duro inimigo da "ditadura do relativismo".

Neste sentido, o celeiro de onde saem os bispos no Brasil são os formados majoritariamente para dar continuidade a um modelo de Igreja "autorreferencial" e isto fica muito evidenciado no perfil acadêmico-moral-pastoral da maioria dos bispos recém-nomeados: formadores/reitores de Seminários, especialistas em Direito Canônico e/ou Teologia Moral (canonistas moralistas).

IHU On-Line - A partir da sua crítica às nomeações episcopais, como vê o discurso e as ações de Francisco em relação à preocupação pastoral-missionária?

Sérgio Coutinho - O Papa Francisco tem um programa pastoral muito claro e ele já tinha deixado claro ainda no pré-conclave. Abandonar uma Igreja "doente", curvada sobre si mesma como aquela mulher dos Evangelhos, por uma Igreja "acidentada", ferida e enlameada (*Evangelii Gaudium* 49), que não tem medo de correr riscos. Quais seriam os riscos? O primeiro, de errar o caminho, mas ele prefere errar tentando, a ficar estacionado numa suposta segurança; e outro risco é de "sofrer acidentes" e morrer, e ele tem abordado muito intensamente a experiência dos milhares de mártires contemporâneos. Penso que a beatificação de Dom Oscar Romero[6] sinaliza o modelo de Igreja que ele deseja.

IHU On-Line - Qual a importância da Conferência de Aparecida, em 2007, em que Bergoglio foi relator do documento final? Como as linhas mestras desse documento aparecem no pontificado de Bergoglio?

Sérgio Coutinho - Não há dúvida que seja o desejo de uma Igreja "em saída", que não trancafie Jesus em seu interior, mas o "liberte" para que caminhe em direção às periferias existenciais. Desta forma, as linhas mestras são: conversão pastoral, mudança de mentalidade e de estrutura em direção a uma Igreja decididamente missionária; e assumir a perspectiva do "discípulo-missionário" que caminha em direção aos pobres, que visa tocar a "carne de Cristo".

IHU On-Line - Que avaliação faz da eleição da nova presidência da CNBB, com a nomeação de dom Sérgio da Rocha e o vice-presidente, dom Murilo Krieger?

Sérgio Coutinho - A eleição de Dom Sérgio da Rocha[7] e de Dom Mu-

1**Evangelii Gaudium:** a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Misericordiae Vultus**: bula pontífica, documento expedido pela Santa Sé e que institui o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **João Batista Libânio** :1932-2014): padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensinou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - ISI–FAJE em Belo Horizonte, e foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte, até sua morte. A IHU On-Line dedicou o tema de capa da edição 394, de 28-05-2012, intitulada J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos, disponível em http://bit.ly/1B7ntzv, para tratar do seu legado. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Daniele Hervieu-Léger**: socióloga e diretora do Centro de Estudos Interdisciplinares dos Fatos Religiosos na École de Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, em Paris. É autora de inúmeros livros, entre os quais citamos Le pélerin et le converti. La religion en mouvement (Paris: Flammarion, 1999) e Catholicisme, la fin d'un monde (Paris: Bayard, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Dom Oscar Romero** (1917–1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Confira nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, *Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres*, disponível para download em http://bit.ly/18Dkkb4. Leia, também, as notícias publicadas em 09-11-2009, *El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero*, em http://bit.ly/15FzAYv e em 20-05-2007, *Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência*, em http://bit.ly/15FzCPU. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Dom Sérgio da Rocha** (1959): nascido em Dobrada, no estado de São Paulo, atualmente é Arcebispo Metropolitano de Brasília, delegado eleito para a Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a Família e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. (Nota da **IHU On-Line**)

rilo Krieger[8] precisa ser compreendida com um maior distanciamento no tempo. Acaba, de certa forma, por remeter à chegada do PT ao poder em 2002.

Para explicar um pouco melhor as eleições precisamos minimamente tipificar os grupos que formam o episcopado brasileiro. Há cinco anos, escrevi um artigo no sítio do IHU (http://bit.ly/1Jrlr2a), em que tentei construir uma tipologia dos bispos brasileiros. Agora ele está um pouco mais sofisticado, mas nada que complique muito a análise.

Na verdade, são tipos-ideais weberianos, ou seja, são tipos puros que não conseguiremos encontrar todos os seus elementos explicitamente visíveis na realidade. A realidade sempre se mostra muito mais dinâmica e complexa, mas pode ajudar-nos a entender melhor as várias tendências internas no episcopado brasileiro. Nesta tipologia não vamos remeter aos já clássicos termos vindos da política, como direita-conservadores, esquerda-progressistas ou centro-moderados (ou como eu mesmo usei naquele referido artigo: "concentração católica", "de libertação" e "moderados-conservadores"), pois as diferentes posições dos bispos não devem ser encontradas em filiações políticas ou ideológicas, mas em pontos de vista teológicos sobre Cristologia, Eclesiologia e Antropologia cristã. Assim, teríamos bispos:

a) ***Neopelagianos***: Como diz o Papa Francisco, são "autorreferenciais" que focam na "segurança doutrinal ou disciplinar" (*Evangelii Gaudium* 94), com forte "pretensão de dominar o espaço da Igreja" por meio de "um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja" (*Evangelii Gaudium* 95);

b) ***Neoagostinianos***: Também muitos deste grupo assumem uma postura "autorreferencial" e seguem a esteira deixada pelo cardeal teólogo Joseph Ratzinger (depois Papa Bento XVI): possuem uma postura cautelosa na relação Igreja-mundo, defendem a "identidade católica" com um foco cristocêntrico (a necessidade absoluta de Cristo para a salvação) e um arraigado eclesiocentrismo normativo (clericalismo e corporativismo);

c) ***Neotomistas***: Com um foco reinocêntrico, estão comprometidos com a missão de pregar, servir e testemunhar o reinado de Deus na história e no mundo dos pobres, e se identificam muito com o projeto do Papa Francisco de uma Igreja "em saída" (*Evangelii Gaudium* 49).

Tendo como referência o número total de bispos com direito à voto, ou seja, 294 bispos, e observando alguns dados da avaliação e observando a intenção de voto (a melhor forma de verificar é pelos resultados dos 1os Escrutínios) para os cargos da Presidência, Consep[9] e delegado do CELAM,[10] teríamos a seguinte composição quantitativa:

Neopelagianos: 20% (58 bispos);

Neoagostinianos: 50% (147 bispos);

Neotomistas: 30% (89 bispos).

Evidentemente é um dado hipotético, mas não muito longe da realidade. Para isso fiz a seguinte contabilidade a partir dos votos recebidos por três nomes que podem muito bem ser classificados como neotomistas, apesar de todas as ressalvas que se possa ter: Dom Sérgio Castriani (arcebispo de Manaus) e Dom José Belizário (arcebispo de São Luís). Dom Sérgio ficou em segundo lugar com 22% e Dom Belizário com 10% (32% no total) no 1º escrutínio para o cargo de vice-presidente da CNBB. Já na escolha do nome para delegado do CELAM, Dom José Belizário bateu dois cardeais (Dom Orani Tempesta[11] e Dom Odilo Scherer[12]) com 30% dos votos. Interessante notar também que nas eleições para a Comissão Pastoral que acompanha as Pastorais Sociais, D. Guilherme Werlang (bispo de Ipameri) alcançou 44%.

Uma conta parecida poderia ser feita para os neopelagianos. Observando os votos que Dom Murilo Krieger e Dom Odilo Scherer receberam no 1º escrutínio para o cargo de presidente, conseguiram 11% e 8%, respectivamente. Na escolha de delegado para o CELAM, Dom Odilo recebeu 13% dos votos e Dom Murilo alcançou 44% para o cargo de vice-presidente no 1º escrutínio.

Os neoagostinianos são o "fiel da balança", pois, dependendo do tema, podem se aproximar de cada um dos polos. Isto pode ser observado na eleição de Dom Sérgio da Rocha para a presidência da CNBB, onde foi amplo o consenso entre todos os grupos, alcançando 73% dos votos.

Assim, podemos compreender melhor o que foram estas eleições.

Em 2003, quando Lula chega à Presidência da República, a CNBB elegeu dois nomes com ampla experiência na Cúria Romana e que representavam os grupos mais identificados com o projeto da "Nova Evangelização" e com o perfil teológico-pastoral "neopelagiano" e "neoagostiniano" e,

8 **Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger** (1943): nascido em Brusque, Santa Catarina, é o arcebispo de Salvador, Primaz do Brasil e Vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Conselho Episcopal Latino-americano e Caribe - Celam**: trata-se de um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe, cuja sede está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. A entidade presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Dom Orani João Tempesta** (1950): nascido em São José do Rio Pardo, SP, é o atual arcebispo do Rio de Janeiro. É cardeal e monge da Ordem Cisterciense e cardeal-arcebispo católico brasileiro. Foi o terceiro bispo de São José do Rio Preto e nono arcebispo de Belém do Pará. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Dom Odilo Pedro Scherer** (1949): nascido em Cerro Largo-RS, é Arcebispo Metropolitano de São Paulo. É parente distante do falecido Cardeal Dom Vicente Scherer. (Nota da **IHU On-Line**)

por isso mesmo, com um cuidado redobrado com o novo governo. Os eleitos foram Dom Geraldo Majella Agnelo[13] (primaz do Brasil) e Dom Odilo Scherer (auxiliar de São Paulo), como presidentes e secretário-geral respectivamente, sendo Dom Celso Queiroz (bispo de Catanduva) o representante dos neotomistas na vice-presidência. Todos sabem que os cargos de presidência e secretaria-geral são os mais importantes em função, não só da visibilidade, mas da linha pastoral que vai ser colocada em curso.

Também o CONSEP foi praticamente todo tomado por bispos daqueles grupos, como Dom Aldo Pagotto (arcebispo da Paraíba) para a Comissão das Pastorais Sociais, Dom Walmor Oliveira de Azevedo (arcebispo de Belo Horizonte) para a Comissão da Doutrina da Fé, Dom Rafael Llano Cifuentes (bispo da Opus Dei de Nova Friburgo) para a Comissão da Família.

Nesta época, por pressão exercida pelo então Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri (atual cardeal secretário do Sínodo dos Bispos), a CNBB desejava um acordo entre o governo brasileiro e a Santa Sé em vista da segurança jurídica para a Igreja em diversos pontos. Além disso, havia o desejo de também retomar a presidência do CELAM que há muitos anos não tinha um brasileiro ali (o último tinha sido Dom Aloísio Lorscheider em 1979). A Igreja do Brasil vinha construindo lentos passos para melhorar as relações com o CELAM e com a Cúria Romana. E as coisas facilitaram muito quando, em 2005, o Papa Bento XVI, surpreendentemente, indicou o Santuário de Aparecida para a realização da V Conferência Geral do CELAM. O efeito imediato foi a meteórica ascensão de Dom Odilo: nomeado arcebispo de São Paulo e, em seguida, cardeal.

13 **Dom Geraldo Majella Agnelo** (1933): nascido em Juiz de Fora-MG, é o cardeal arcebispo-emérito da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, Primaz do Brasil. Teve papel de destaque na criação da Pastoral da Criança no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

Em 2007, a Assembleia Geral da CNBB acontece poucos dias antes da chegada de Bento XVI ao Brasil e da abertura da V Conferência. Naquele contexto, Lula tinha sido reeleito e estava com ótima popularidade.

As eleições desta vez foram amplamente favoráveis aos neotomistas, elegendo Dom Geraldo Lyrio Rocha (presidente e arcebispo de Mariana), Dom Luís Soares Vieira (vice-presidente e arcebispo de Manaus) e Dom Dimas Lara Barbosa (secretário-geral, auxiliar do Rio de Janeiro e mais próximo dos neoagostinianos). Logo de cara a CNBB conseguiu encampar seu candidato para a presidência do CELAM em 2007: o cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis (arcebispo de Aparecida).

Esta presidência estabeleceu amplo diálogo com o Governo Federal sempre mediado pelo fiel escudeiro de Lula, Gilberto Carvalho.[14] O ponto alto foi, sem dúvida nenhuma, a aprovação do Acordo Brasil-Santa Sé em 2008. No entanto, as coisas começaram a esquentar quando o governo propôs o Plano Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH3). Na Assembleia Geral de 2010 os neopelagianos estavam firmemente decididos a se opor ao projeto (chamado de bolivariano e relativista) e acusavam a presidência da CNBB de se esquivar e de não ter uma posição clara sobre o conteúdo moral do Plano. E neste mesmo ano, quando das eleições presidenciais, aqueles dois grupos fazem campanha aberta contra a candidatura de Dilma Rousseff, chegando até mesmo o assunto ao Papa Bento XVI que se manifestou durante a visita Ad Limina[15] dos bispos do Regional Nordeste 5 (Maranhão).

Tudo levava crer que os neopelagianos e parte dos neoagostinianos iriam conseguir novamente a presidência da CNBB em 2011. Pelo contrário, e mantendo uma linha de continuidade, se mantiveram na presidência os neotomistas com Dom Raymundo Damasceno,[16] Dom José Belisário (arcebispo de São Luís) e Dom Leonardo Steiner (bispo de São Felix do Araguaia).

Esta presidência se pautou por uma postura de diálogo com a sociedade e com o governo de Dilma Rousseff, mas mantendo autonomia crítica. E ainda mais, esta presidência foi beneficiada e ainda mais legitimada após a renúncia do Papa Bento XVI em fevereiro de 2013 e a eleição do Papa Francisco (não custa lembrar que Dom Damasceno funcionou como um "king-maker", juntamente com Dom Cláudio Hummes,[17] na eleição de Bergoglio contra a candidatura de Dom Odilo Scherer).

Com a reeleição de Dilma, agora em 2014, e as denúncias de corrupção e a crise política que se instalou, com o acirramento de posições mais conservadoras na sociedade (até mesmo Dom Aldo Pagotto[18] foi fotografado vestindo verde e amarelo, com um apito na boca, e gritando "Fora Dilma!", "Fora PT!"), acabou escorrendo para dentro da CNBB.

14 **Gilberto Carvalho** (1951): nascido em Londrina-PR, é um político brasileiro. Foi ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República do Brasil entre janeiro de 2011 e janeiro de 2015. Braço-direito do ex-presidente Lula. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Visita ad limina – Visita ad limina apostolorum** (em português: "visita aos túmulos dos Apóstolos"): é uma obrigação dos bispos diocesanos e outros prelados da Igreja Católica de a cada 5 anos se encontrarem com o Papa, visitando os túmulos dos apóstolos São Pedro e São Paulo, em Roma. Nesse encontro os bispos apresentam um relatório sobre o estado pastoral das suas dioceses ou prelaturas e ouvem a apreciação e os conselhos do Papa sobre elas. Para facilitar a visita, os bispos são organizados de acordo com as comissões nacionais e regionais. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Dom Raymundo Damasceno Assis** (1937): nascido em Capela Nova-MG, cardeal brasileiro, é atual arcebispo de Aparecida, membro do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais e da Pontifícia Comissão para América Latina, na Santa Sé. Foi, também, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, entre os anos de 2011 e início de 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

17 Dom Frei Cláudio Hummes (1934): é um frade franciscano, sacerdote católico brasileiro. Foi o décimo oitavo bispo de São Paulo, sendo seu sexto arcebispo e quarto cardeal. Na Cúria Romana foi prefeito da Congregação para o Clero. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Dom Aldo Di Cillo Pagotto** (1949): nascido em São Paulo-SP, é arcebispo da Paraíba. É primo do falecido cardeal de São Paulo, Agnelo Rossi. (Nota da **IHU On-Line**)

Desta forma, neste ano de 2015 tudo poderia indicar para a vitória de um neopelagiano. Dom Murilo Krieger, representante do primeiro grupo, assumiu uma posição dúbia. Fez declarações contrárias, na rede de notícias Zenit, ao Projeto de Reforma Política que a CNBB tinha assumido conduzir ainda na Assembleia de 2011. E no mês seguinte escreveu um artigo incentivando seus fiéis a assinarem o mesmo projeto de iniciativa popular. Como se diz no popular, "jogou para a torcida", especialmente para aqueles bispos anti-Petistas. Acabou conseguindo a vice-presidência.

Dom Sérgio da Rocha, como dissemos, foi o grande consenso entre os bispos. Consegue transitar por todos os grupos. Isto porque foi arcebispo em uma arquidiocese de periferia (Teresina) antes de se transferir para Brasília, foi presidente da Comissão da Doutrina da Fé e é um bispo com "cheiro de ovelhas". Já Dom Leonardo Steiner,[19] reeleito para a Secretaria-geral, revela a continuidade de uma CNBB externamente preocupada em continuar o diálogo com a sociedade e o atual governo, mas com uma maior cautela, pois agora terá um presidente que atuará com mais firmeza que D. Damasceno. Internamente, vai continuar com o mesmo processo de redução de gastos e de captação de recursos, e de controle cada vez maior sobre o papel dos assessores(as) das 12 Comissões Episcopais Pastorais, reduzindo-os a apenas "secretários-executivos".

IHU On-Line - Quais os principais resultados da 53ª Assembleia Geral da CNBB? O que a 53ª Assembleia demonstra sobre os rumos da Igreja no Brasil?

Sérgio Coutinho - Podemos distinguir dois âmbitos: ad extra e ad intra. Ad extra — Na sua relação com a política e com a sociedade, a 53ª Assembleia Geral se apresentou bastante profética ao lançar mensagens duras sobre a desigualdade, sobre o momento político e sobre a situação dos Povos Indígenas. Estes textos estão entre os melhores que a CNBB já produziu em toda a sua história. Os bispos deram um recado para os vários grupos "integristas" católicos de que ela vai continuar sim participando da vida política do país, assumindo uma posição de autonomia, na mesma linha apontada pelo documento do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes*.[20] Ad intra — A composição do próximo CONSEP ficou assim distribuída: quatro neotomistas, sete neoagostinianos e um neopelagiano. Será este conjunto que vai trabalhar neste quadriênio para a implantação das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora - DGAE (2015-2019).

Sobre as DGAE, os bispos resolveram falar em "continuação e reorganização" do documento. A continuação se verifica no Objetivo Geral, na estrutura fundamental do documento, em algumas fontes magisteriais, no estilo do documento, em sua linguagem e na redação de diversos números. A reorganização se verifica no conteúdo de uma quantidade significativa de números. As atuais Diretrizes têm 131 números, dos quais 68 são inteiramente novos.

Além disso, o Magistério do Papa Francisco é amplamente acolhido, principalmente a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. É também significativo o acolhimento dos temas presentes nos discursos do Papa aos bispos durante a Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro (aos Bispos do Brasil e aos dirigentes do CELAM) e na Bula *Misericordiae Vultus*. Nas Diretrizes 2011-2015, o Documento de Aparecida era citado em 110 notas; nas atuais, é citado em 68. A *Verbum Domini* era citada em 25 notas; agora, em 23. A novidade maior das atuais Diretrizes é a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, citada em 65 notas.

No capítulo I (*Partir de Jesus Cristo*) se encontram a cristologia e a eclesiologia do documento. Na cristologia, à ênfase nas atitudes de "gratuidade" e "alteridade", juntou-se, como ênfase principal, a temática do "Reino de Deus" e sua centralidade na vida, na pregação e nos sinais realizados por Jesus Cristo. Inseriu-se também uma reflexão trinitária, que destaca a missão do Filho e do Espírito Santo como manifestação do amor do Pai, que quer a salvação de todos.

A eclesiologia foi mais explicitada, atendendo ao que foi pedido pela Assembleia Geral de 2014. A ação evangelizadora é apresentada como consequência da fidelidade da Igreja a Jesus Cristo, o que implica que também a sua relação com o Reino de Deus e com o mistério da Santíssima Trindade. A missão da Igreja é continuação da missão de Cristo. Ela existe no mundo como "ícone da Trindade", para anunciar o Reino de Deus e testemunhá-lo. Acolhe-se ainda a ênfase do Papa Francisco em uma Igreja "em saída", "casa aberta do Pai", "misericordiosa", que continuamente se renova em vista da missão que lhe foi confiada.

No capítulo II (*Marcas de nosso tempo*), a análise do contexto no qual a Igreja é chamada a cumprir a sua missão evangelizadora é feita numa *perspectiva pastoral*, à luz

19 **Dom Frei Leonardo Ulrich Steiner** (1950): nascido em Forquilhinha-SC, é um frade e sacerdote franciscano brasileiro, segundo bispo da Prelazia de São Félix, de 2005 a 2011. Atualmente é Bispo Auxiliar de Brasília. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Gaudium et Spes:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes,* confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

do Evangelho, como discernimento dos sinais dos tempos.

A mudança de época é mantida como característica global de "leitura" das características de nosso tempo. Nisso se verifica não apenas uma continuidade com relação às Diretrizes anteriores, mas, sobretudo com a *Evangelii Gaudium* e com o Documento de Aparecida. Procurou-se acolher a reflexão que o Papa Francisco faz da globalização, especialmente a constatação da "globalização da indiferença" e a urgente necessidade de "globalização da solidariedade".

Na análise do desafio pastoral que as tendências culturais representam (individualismo, fundamentalismo, relativismo e outros reducionismos), se explicita que o critério principal é antropológico. À luz do Evangelho e de sua Tradição, a Igreja anuncia uma antropologia integral. A partir dela se evidenciam as concepções redutivas do ser humano presentes em nosso tempo.

Inspirada na *Evangelii Gaudium*, as Diretrizes compreendem as consequências para o âmbito religioso e, em particular, para a Igreja Católica, a partir da "crise do compromisso comunitário". O anúncio de Jesus Cristo convida ao encontro com Ele, à conversão e à vivência eclesial da fé, propondo-se, para tanto, "uma figura de comunidade eclesial acolhedora e missionária" (*Evangelii Gaudium* 26).

Acontece que o conteúdo teológico das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora é muito mais avançado que a prática dos próprios bispos que aprovaram o texto. Há um descompasso entre a teoria e a prática, que é ainda muitíssimo autorreferencial e pouco "em saída".

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios da Igreja no Brasil?

Sérgio Coutinho - Penso que o grande desafio seja o da mudança de mentalidade ou o de uma "conversão pastoral". Isso envolve bispos, padres, religiosos e leigos. O "mundanismo espiritual" entrou forte na Igreja no Brasil nestes últimos 30 anos e fortaleceu muito um modelo de Igreja "neopelagiana autorreferencial". Muitos fizeram carreira como os ardorosos defensores da ortodoxia católica frente aos "hereges" da Teologia da Libertação. Agora estão um pouco sem saber o que fazer com um Papa que critica abertamente o capitalismo, que usa expressões típicas do marxismo (como a "idolatria do capital") e que diz que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres, e deveríamos até mesmo nos ajoelharmos quando um pobre entra na Igreja.■

LEIA MAIS...

- **Os "novos" bispos de Francisco no Brasil: mudar para que as coisas continuem as mesmas.** Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 19-02-2015, disponível em http://bit.ly/1CM6tRU.
- **"Quo vadis" Igreja no Brasil?** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 13-02-2014, disponível em http://bit.ly/1F40ASI.
- **Sínodo Extraordinário sobre a Família: a busca de uma resposta a partir da ética do discurso.** Entrevista especial com Sérgio Coutinho. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 20-11-2013, disponível em http://bit.ly/1F9X2QY.
- **Uma Igreja missionária: a reforma de Papa Francisco**. Entrevista especial com Sérgio Coutinho. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 01-08-2013, disponível em http://bit.ly/1Eo4ktL.
- **Igreja e sociedade: o projeto de Francisco**. Artigo de Sérgio Ricardo Coutinho. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 25-06-2013, disponível em http://bit.ly/1KRvLkU.
- **51ª Assembleia Geral da CNBB. Vinho novo em odres velhos?** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 14-04-2013, disponível em http://bit.ly/1F405Io.
- **A recepção de Francisco no Brasil. Entre o início e o fim de uma "primavera".** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 24-04-2013, disponível em http://bit.ly/1GTyXJ3.
- **O fim de um pontificado de transição: de onde saiu e para onde nos leva***?* Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 14-02-2013, disponível em http://bit.ly/1dStxH6.
- **O crescimento de correntes teológicas e eclesiológicas.** Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 404, de 05-10-2012, disponível em http://bit.ly/1EUYenR.
- **Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos.** Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 395, de 04-06-2012, disponível em http://bit.ly/1PuOuU7.
- **Igreja: de regente a terceiro violino**. Entrevista especial com Sérgio Coutinho. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 21-04-2012, disponível em http://bit.ly/1IooLfO.
- **A CNBB depois da última assembleia geral. Uma análise**. Artigo publicado na **IHU On-Line** número 362, de 23-05-2011, disponível em http://bit.ly/lbUqKv.

Um pontificado de novidades e resistências

De acordo com a teóloga Tina Beattie, Francisco inaugura algumas inovações na Igreja, mas reluta em aderir aos *insights* da teologia feminista

Por Márcia Junges e Patricia Fachin | Tradução: Claudia Sbardelotto

O pontificado de Francisco é uma "novidade" porque ele "insiste repetidamente na prioridade do amor na prática sobre doutrinas abstratas" e dá "ênfase constante na Igreja pobre para os pobres", afirma Tina Beattie, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail. Apesar da inovação inaugurada pelo Papa na Igreja, é claro, frisa que "há ensinamentos doutrinários que ele não pode mudar". Tina chama atenção para o debate acerca de "quão longe ele pode ir, por exemplo, no que diz respeito à readmissão dos católicos divorciados e recasados aos sacramentos, à inclusão de pessoas em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo dentro da compreensão da Igreja da bondade do amor sexual e do casamento, à ordenação de mulheres (o que ele disse já é um assunto encerrado)".

Na avaliação da professora de teologia da Universidade de Roehampton, em Londres, "Francisco continua a repetir alguns dos ensinamentos de seus antecessores de uma maneira que mostra uma certa relutância em abraçar plenamente os *insights* e desafios de teólogas e feministas". Do mesmo modo, o Papa "tem uma atitude muito negativa em relação à teoria de gênero, continuando a promover a ideia de 'complementaridade' sexual que tem sido bastante criticada, e ele ocasionalmente faz piadas sobre as mulheres, que alguns acham banais e um pouco paternalistas", pontua.

Apesar de sua defesa das discussões de gênero, a teóloga lembra que a "ideia de autonomia deve ser usada com cautela", porque, enquanto seres humanos, somos criaturas dependentes uns dos outros. "A ideia individualista secular moderna de autonomia não é realmente compatível com a compreensão católica da criatura codependente e relacional. Dito isto, a tradição católica coloca grande ênfase no dever de cada indivíduo seguir sua consciência esclarecida, e isso significa que deve haver um controle da autoridade quando questões íntimas de tomada de decisão pessoal estão em causa", explica.

Tina Beattie é teóloga e especialista em questões de ética e de feminismo, membro da direção da revista católica britânica **The Tablet.** É autora de, entre outras obras, *Theology after Postmodernity: Divining the Void* (Londres e Nova York: Oxford University Press, 2013) e *New Catholic Feminism: Theology and Theory* (Londres e Nova York: Routledge, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a grande novidade do papado de Francisco?

Tina Beattie - O Papa Francisco foi além do estilo um tanto autoritário de seus antecessores, os Papas João Paulo II e Bento XVI, para criar uma Igreja mais acolhedora e inclusiva, que se concentra mais na alegria, no perdão e na misericórdia de Cristo do que na aplicação de regras estritas e dogmas. Ele insiste repetidamente na prioridade do amor na prática sobre doutrinas abstratas. Essa é uma novidade, e a outra é a sua ênfase constante na Igreja pobre para os pobres. Em uma época de crescentes divisões econômicas entre ricos e pobres, muitas pessoas acolhem a sua vontade de ser uma voz forte a nos lembrar da importância da justiça

> ***O Papa Francisco continua a repetir alguns dos ensinamentos de seus antecessores de uma maneira que mostra uma certa relutância em abraçar plenamente os** insights **e desafios de teólogas e feministas***

para os pobres, marginalizados, excluídos e refugiados, e seu compromisso evidente de não apenas para falar, mas fazer. Este é um papa que abraça a simplicidade da qual ele fala, e isso é inspirador.

IHU On-Line - Quais são os principais limites de seu papado?

Tina Beattie - Eu acho que é justo dizer que a Igreja, hoje, está dividida entre aqueles que acolhem o estilo de liderança mais informal e populista do Papa Francisco, e aqueles que anseiam pelo estilo mais doutrinariamente e liturgicamente conservador do Papa Bento XVI. Não é correto descrever essas distinções como "liberais versus conservadores" ou "progressistas versus tradicionalistas", mas certamente um dos desafios do Papa Francisco é lidar com essas duas posições polarizadas. E, claro, há ensinamentos doutrinários que ele não pode mudar. Há muito debate sobre o quão longe ele pode ir, por exemplo, no que diz respeito à readmissão dos católicos divorciados e recasados aos sacramentos, à inclusão de pessoas em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo dentro da compreensão da Igreja da bondade do amor sexual e do casamento, à ordenação de mulheres (o que ele disse já é um assunto encerrado).

No entanto, este é um papa que, na minha opinião, acredita verdadeiramente e confia no Espírito Santo. É a Igreja de Deus, e através da criação de um espaço mais aberto e reconhecidamente contestado para que essas coisas sejam discutidas, ele está, eu creio, permitindo ao Espírito guiar a Igreja. Eu não acho que ele sente qualquer necessidade de controlar esse processo, mesmo que como papa seu papel seja o de assegurar uma liderança sábia e o discernimento. A palavra 'discernimento' é a chave do seu papado. Como jesuíta, essa é a marca de sua espiritualidade. Ele também fala repetidamente do primado do tempo sobre o espaço — é preciso dar tempo para os processos de transformação humana, levando em conta as limitações e o contexto de falhas inevitáveis.

IHU On-Line - Quais são os avanços que foram feitos nestes últimos dois anos em relação à participação das mulheres na Igreja?

Tina Beattie - O Papa Francisco tem apelado repetidamente para que as mulheres desempenhem um papel mais significativo na Igreja, e tem havido algumas mudanças. Ele aumentou o número de mulheres na Comissão Teológica Internacional de duas para cinco, e, recentemente, a primeira mulher foi nomeada para assumir o cargo de reitora de uma universidade pontifícia — Irmã Mary Melone, no Antonianum. A nova Comissão Pontifícia para a Proteção de Menores, instituída pelo Papa Francisco, tem várias mulheres membros, incluindo a respeitada psiquiatra britânica, baronesa Sheila Hollins[1], e a sobrevivente de abuso Marie Collins[2]**.** Nos primeiros meses deste ano houve uma série de conferências e reuniões organizadas por várias instituições do Vaticano para discutir o papel das mulheres, e isso é um sinal de que as coisas estão mudando. Dito isto, o Papa Francisco continua a repetir alguns dos ensinamentos de seus antecessores de uma maneira que mostra uma certa relutância em abraçar plenamente os *insights* e desafios de teólogas e feministas.

Por exemplo, ele tem uma atitude muito negativa em relação à teoria de gênero, continuando a promover a ideia de "complementaridade" sexual que tem sido

1 **Sheila Hollins** (1946): professora de psiquiatria da deficiência de aprendizagem em St George, da Universidade de Londres. Em 2010, recebeu o título Baroness Hollins, de Wimbledon no London Borough of Merton e de Grenoside no condado de South Yorkshire. Foi presidente da Royal College of Psychiatrists 2005-2008, sucedido por Dinesh Bhugra. Também foi presidente da Associação Médica Britânica e é atualmente presidente do Conselho BMA da Ciência. Em 2014 o Papa Francisco nomeou um membro da recém-criada Pontifícia Comissão para a Proteção de Menores. Confira mais informações sobre o tema no sítio do IHU. O Papa completa a Comissão para os menores: oito mulheres e dez leigos, disponível em http://bit.ly/1IHKYXM. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Marie Collins**: irlandesa que aos 13 anos de idade foi abusada sexualmente por um padre, enquanto esteve internada em um hospital. Era a primeira vez que ficava longe de sua família. Anos depois, ela soube que, após ter obtido alta, o hospital descobrira que o padre "era um especialista em abusar das crianças internadas" e que a única "punição" da Igreja foi transferi-lo de paróquia. Hoje, ela integra a comissão que assessora o Vaticano na luta contra a pederastia na Igreja. Sobre o tema, confira no sítio do IHU: "Reunião no Vaticano sobre polêmico bispo chileno foi "muito boa", afirma sobrevivente de abusos sexuais", disponível em http://bit.ly/1EXJlPD; "Quem encobre abusos sexuais também deve ser punido". Entrevista com Marie Collins, disponível em http://bit.ly/1ebs5Qj; ''Farei ouvir a voz de uma mulher abusada por um padre'', afirma Marie Collins, disponível em http://bit.ly/1ebs5Qj. (Nota da **IHU On-Line**)

bastante criticada, e ele ocasionalmente faz piadas sobre as mulheres que alguns acham banais e um pouco paternalistas. Ele é um homem do seu tempo e da sua cultura, mas ele também está disposto a ouvir e a aprender, por isso devemos aceitar o seu conselho e reconhecer que a transformação humana leva tempo, e não podemos esperar que ele faça e esteja ciente de tudo imediatamente.

IHU On-Line - Em que medida essas modificações questionam e reveem a estrutura patriarcal da instituição eclesiástica? Quais são seus limites?

Tina Beattie - Observa-se, muitas vezes, que, para as estruturas patriarcais e instituições androcêntricas mudarem, não é suficiente apenas incluir umas poucas e selecionadas mulheres. Tem que haver uma massa crítica de mulheres, por exemplo, em comissões pontifícias, universidades e outras posições de liderança. As teólogas devem estar envolvidas na formação da doutrina da Igreja, e estas devem ser as mulheres que representam a rica e vasta diversidade da vida das mulheres católicas em diferentes culturas e contextos. Tudo isso é possível sem desafiarmos radicalmente o ensino da Igreja existente. Mais cedo ou mais tarde, porém, a questão da ordenação de mulheres terá de ser discutida e aberta a um debate teológico completo e sério. Não é possível, quando tantas outras Igrejas estão ordenando mulheres, a Igreja Católica ficar apenas içando a ponte levadiça sobre esta questão. O Papa Francisco quer que a Igreja espalhe a alegria do Evangelho, para que sejamos evangélicos, para que sejamos "boa notícia" para todas as pessoas do mundo, especialmente os pobres. Mas no mundo de hoje, uma instituição que continua a bloquear as mulheres da representação sacramental de Cristo no altar não parece ser uma "boa notícia". Cristo assumiu a carne humana, a fim de resgatar a humanidade — é a sua humanidade, não a sua masculinidade, que é o mais significativo em termos de redenção. Para que as mulheres, hoje, ouçam essa mensagem, precisamos ver que as mulheres também representam Cristo.

IHU On-Line - Por que em nenhum outro lugar a ausência da influência das mulheres se manifesta tão claramente quanto no que se refere aos ensinamentos da Igreja sobre a ética sexual e reprodutiva?

Tina Beattie - Ainda há vastos problemas em torno da doutrina da Igreja nessas áreas, no que diz respeito a uma falha para compreender e ir ao encontro das mulheres que têm dificuldade com dilemas e responsabilidades intensas nas áreas da sexualidade, da reprodução e da maternidade. Os ensinamentos oficiais da Igreja e os pronunciamentos papais ainda romantizam a maternidade e não levam suficientemente a sério os desafios da mortalidade materna, a superpopulação e a necessidade de que as mulheres tenham direitos sexuais e reprodutivos como uma expressão de nossa própria responsabilidade ética. Além disso, em um mundo em que tantas meninas e mulheres ainda carecem de qualquer agência ou controle sobre o que acontece com elas sexualmente, é eticamente chocante negar-lhes o acesso à contracepção segura.

> ***Não é possível, quando tantas outras Igrejas estão ordenando mulheres, a Igreja Católica ficar apenas içando a ponte levadiça sobre esta questão***

O aborto é uma questão muito complexa, e eu conheço muito poucas mulheres católicas que abraçariam o movimento pró-escolha acriticamente. O objetivo deve ser o de impedir o aborto — nas palavras de Hillary Clinton, torná-lo seguro, lícito e raro —, mas não se salva a vida de crianças não nascidas tornando o aborto ilegal — isso simplesmente garante que muitas mulheres morram junto com a criança abortada. Esse é um dilema ético extremamente complexo, mas as mulheres devem falar para as mulheres sobre essas questões. A ideia de uma hierarquia de homens celibatários proclamando-se à autoridade moral final sobre os corpos das mulheres, sobre a sua sexualidade e a sua capacidade reprodutiva simplesmente garante que nossas filhas afastem-se da Igreja em massa, porque elas percebem que é uma situação ridícula.

IHU On-Line - Nos dias de hoje, qual é o sentido das exortações e controles da Igreja sobre a sexualidade, sobretudo a feminina?

Tina Beattie - Claro, há uma necessidade de que homens e mulheres pensem juntos sobre o que significa expressar a nossa sexualidade de forma responsável e amorosa, e assumir a responsabilidade total dos filhos que geramos. Eu não acho que muitas pessoas gostariam que a Igreja ficasse calada sobre tais questões. Mas também há um forte elemento de controle em alguns dos ensinamentos sobre a sexualidade. Em todas as culturas, o sistema feminino reprodutivo é de enorme importância e está sempre sujeito a elevados níveis de controle e vigilância, mas com o advento dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero, esse modelo já não tem qualquer credibilidade. Precisamos de uma transformação ética.

IHU On-Line - Em que medida essas diretivas da Igreja sobre a sexualidade feminina representam um entrave à consecução de sua autonomia enquanto sujeitos?

Tina Beattie - A ideia de autonomia deve ser usada com cautela. Como seres humanos, somos criaturas relacionais — dependentes uns dos outros e responsáveis uns pelos outros. A ideia individualista secular moderna de autonomia não é realmente compatível com a compreensão católica da criatura codependente e relacional. Dito isto, a tradição católica coloca grande ênfase no dever de cada indivíduo seguir sua consciência esclarecida, e isso significa que deve haver um controle da autoridade quando questões íntimas de tomada de decisão pessoal estão em causa. A Igreja pode educar, orientar, informar e orar, mas ela não deve coagir, forçar e intimidar, nem deve procurar usar a lei para fazer valer aqueles que são princípios fundamentalmente morais de virtude e caráter individual.

IHU On-Line - Por que você afirma que Francisco tem uma tendência a romantizar a maternidade? O que isso significa em termos práticos?

Tina Beattie - Veja acima. As qualidades de nutrir, cuidar e oferecer carinho associadas à maternidade devem ser as qualidades de cada cristão, e, de fato, o próprio Papa Francisco manifesta essas qualidades, em grande medida. Mas as mães são humanas, e as mulheres muitas vezes enfrentam grandes injustiças, dificuldades e lesões no que diz respeito às nossas capacidades maternais. A Igreja deve cair na real sobre a maternidade, e isso significa cair na real sobre o fato de que, a cada dia, 800 das mulheres mais pobres do mundo morrem de causas relacionadas à gravidez e ao parto, e milhares sofrem lesões. Isso é o equivalente a dois aviões Jumbo caindo a cada dia, e ainda assim os documentos oficiais da Igreja nunca mencionam isso como um desafio ético sério. E embora seja impossível avaliar com precisão quantas mulheres morrem devido a abortos inseguros, os números estão em dezenas de milhares a cada ano. Esses são desafios complexos. Eles têm a ver com justiça econômica e social e não apenas com a ética sexual. A comunidade internacional tem feito grandes progressos na redução da mortalidade materna e infantil nas últimas duas décadas, mas a ansiedade da Igreja sobre a contracepção e o aborto mostra que em vez de liderar esses esforços, ela tem sido muito frequentemente um obstáculo.

> ***Por que iria me afastar disso apenas por causa de algumas dificuldades temporais com ensinamentos morais que muito poucas pessoas, afinal de contas, seguem?!***

IHU On-Line - Qual é o nexo que une pobreza e mortalidade entre as mulheres? Qual é o papel da Igreja para mudar esse cenário? Como Francisco poderia interferir nesse sentido?

Tina Beattie - Cerca de 99% das mortes maternas ocorrem na África Subsaariana e na Ásia entre as mulheres mais pobres do mundo. Quando uma mãe morre, isso também tem um impacto devastador sobre seus filhos sobreviventes. As vidas das mulheres são corroídas pela mortalidade infantil e, claro, pela incapacidade de limitar o número de filhos. No entanto, há também evidências abundantes de que as campanhas de contracepção não são suficientes. Quando as mulheres são escolarizadas, e quando a mortalidade infantil é reduzida, os números da população começam a declinar e as mulheres têm menos filhos. A Igreja está certa sobre isso, e tem dito isso muitas vezes. Isso é importante, porque ainda as nações ocidentais, por vezes, promovem políticas agressivas de controle populacional que tiram os direitos e a autonomia das comunidades pobres e das mulheres em particular. Portanto, nesse aspecto, a Igreja poderia ser uma campeã dos direitos das mulheres pobres. Mas para uma mulher escolarizada limitar o número de filhos, ela precisa de acesso à contracepção segura. Essa é a pedra de tropeço para os ensinamentos da Igreja.

IHU On-Line - Frente à sua posição crítica sobre a Igreja Católica, por que continua ligada ao catolicismo, especificamente?

Tina Beattie - A fé católica nos diz que o mundo é agraciado por Deus, que nós participamos no ser de Deus e que a beleza da criação é uma manifestação da graça divina. Ela oferece uma visão sacramental da criação e o nosso lugar nela, e suas doutrinas centrais da encarnação, redenção, amor trinitário e da solidariedade com os pobres são para mim as crenças de formação em torno das quais gira toda a minha vida e minhas aspirações. Por que iria me afastar disso apenas por causa de algumas dificuldades temporais com ensinamentos morais que muito poucas pessoas, afinal de contas, seguem?! A Igreja Católica é uma realidade humana duradoura, e é claro que existem lutas, dificuldades e diferenças enquanto discernimos o que isso significa em termos de tempo, história e uma cultura global em rápida mutação. Mas é justamente aqui onde quero colocar meus esforços e os meus compromissos.■

O pontificado e as reformas de Bergoglio. Um olhar teológico desde a Alemanha

Hermann Häring mergulha nos conceitos e ações de Francisco para interpretar os ecos do pontificado

Por Patricia Fachin e João Vitor Santos | Tradução: Walter O. Schlupp

Muitos avaliam que um dos pontos positivos da eleição de Bergoglio como Papa é o fato de ter quebrado com a dinastia eurocêntrica no Vaticano. Desde uma perspectiva germânica, Hermann Häring, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, analisa como Francisco é encarado, quais os desafios e os avanços. De imediato, o que chama atenção é a boa receptividade do povo alemão. "Passado o primeiro choque provocado pela abdicação de Bento XVI, sentimentos de identificação nacional não estão muito presentes. Independentemente da posição de alguns bispos, a Conferência Episcopal Alemã se apresenta de modo surpreendentemente neutro. Por isso alguns grupos reformadores estão insistindo cada vez mais junto aos bispos alemães para que eles se solidarizem expressamente com os objetivos reformadores do Papa", avalia.

Häring destaca que a corrente da Teologia da Libertação não é muito conhecida na Alemanha. Porém, destaca que graças a Francisco os princípios básicos desta vertente teológica voltam a ser debatidos. "A partir do seu pontificado, as ideias da Teologia da Libertação voltaram a ser propagadas abertamente por muitos grupos na Alemanha. Elas estão sendo bem recebidas entre membros de comunidades cristãs engajadas", completa.

O Concílio Vaticano II[1] é outro tema que Francisco traz para o debate. "Para grupos reformadores católicos na Alemanha, no tocante ao Papa Francisco, são importantes três impulsos conciliares: A noção de povo de Deus, o fortalecimento da colegialidade e a descentralização das estruturas eclesiais", destaca. Esses impulsos suscitam novas perspectivas. O teólogo destaca que o legado do Vaticano II já vinha sendo tratado pelos antecessores. Mas é em Francisco que as novas perspectivas se abrem. "Francisco pode enfatizar que está dando plena continuidade à posição dos seus antecessores. Mas na prática ele envereda por novos caminhos".

Hermann Häring é teólogo do Instituto para Religião, Ciência e Cultura da Universidade de Nijmegen, Holanda. Estudou teologia em Munique e é diplomado em Teologia pela Universität Tübingen. Algumas de suas obras são *Zum Problem des Bösen in der Theologie* (Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985), *Hans Küng. Grenzen durchbrechen* (Matthias-Grünewald-Verlag, 1998) e *Theologie und Ideologie bei Joseph Ratzinger* (Patmos Verlag, 2001).

Confira a entrevista.

1 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/o2e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é a repercussão dos dois primeiros anos do pontificado de Francisco na Alemanha? Como a Igreja na Alemanha vê o pontificado?

Hermann Häring - O público alemão apresenta uma postura muito positiva para com o pontificado do novo Papa. Independentemente de posições religiosas (católicos, protestantes, agnósticos, ateus) o Papa goza de muita simpatia; 78% consideram positiva a forma como ele se apresenta, apenas 13% desejariam a volta do seu antecessor.

A grande maioria das católicas e dos católicos engajados na sua Igreja recebe bem o novo pontificado: 72% o apreciam como cabeça da sua Igreja, 59% percebem nele uma vontade resoluta de reforma. Dele se esperam vigorosos impulsos concretos visando renovação, nos quais as grandes ideias do Concílio Vaticano II poderão se efetivar. Entretanto, somente 32% acreditam que ele realmente consiga implementar a modernização da Igreja.

Grupos explicitamente conservadores menores, que já se manifestavam sob Bento XVI,[2] distanciam-se interiormente do pontificado de Francisco. Veem ameaçados os valores tradicionais e as estruturas eclesiásticas, que sob Bento XVI ainda eram impostos enfática e autoritariamente. Esses nostálgicos perfazem 12%.

Neutralidade do episcopado alemão

Passado o primeiro choque provocado pela abdicação de Bento XVI, sentimentos de identificação nacional (despedida de um Papa alemão) não estão muito presentes. Independentemente da posição de alguns bispos, a Conferência Episcopal Alemã se apresenta de modo surpreendentemente neutro. Pouco se percebe de entusiasmo ativo. Por isso alguns grupos reformadores católicos estão insistindo cada vez mais junto aos bispos alemães para que eles se solidarizem expressamente com os objetivos reformadores do Papa e que se posicionem contra as recentes manifestações de resistência da Cúria.

IHU On-Line - É possível saber que leituras Francisco faz do Concílio Vaticano II? Em que pontos a leitura do Papa se aproxima e se distancia da leitura feita pelos seus antecessores, Bento XVI e João Paulo II[3]?

Hermann Häring - Para grupos reformadores católicos na Alemanha, no tocante ao Papa Francisco, são importantes três impulsos conciliares: (1) A noção de povo de Deus, (2) o fortalecimento da colegialidade e (3) a descentralização das estruturas eclesiais. Todos os três impulsos não eram rejeitados por seus antecessores, porém foram interpretados de maneira restritiva de modo a preservar o poder de Roma. Por isso, formalmente, Francisco pode enfatizar que está dando plena continuidade à posição dos seus antecessores. Mas na prática ele envereda por novos caminhos.

A noção de povo de Deus

Para o Papa Francisco a ideia de "povo" se faz nas pessoas humildes, pobres, a viverem sob opressão social (mulheres, homens, crianças). São pessoas que ele encontrava diariamente como cura d'almas na Argentina. Esse conceito, para ele, tem forte componente sociopolítico. Nesse sentido, ele se situa no legado teológico e prático da Teologia da Libertação. A Igreja deve entender-se como "enfermaria" e voltar-se para a periferia da sociedade. Diante desse tratamento socioeconômico, as questões estruturais da Igreja em termos de leigos, sacerdotes e hierarquia passam para o segundo plano.

Já no caso de João Paulo II e Bento XVI (com seu conceito de Igreja fixado no sacramento) essas questões estruturais internas eram importantíssimas. Essa diferença de abordagem é percebida como enorme contraste positivo na sociedade altamente industrializada e também na Igreja, na Alemanha.

Fortalecimento da colegialidade

Algo semelhante ocorre no fortalecimento da colegialidade. Os dois antecessores sempre voltavam a tratar a noção de colegialidade. Só que a restringiram à colegialidade dos bispos e abusaram dela para o disciplinamento monopolista do episcopado mundial. Seu argumento era de que essa colegialidade pressuporia uma unidade rigorosa (monolítica, na prática) debaixo do Papado. Francisco inverte essa ideia e a amplia formidavelmente. Assim ele atua no sentido das forças reformadoras do Vaticano II.

Descentralização das estruturas eclesiais

Ele inverte a ideia ao entender a colegialidade não como conjunto dirigido autoritariamente, de cima para baixo, mas como processo orgânico que, de baixo para cima, constrói uma comunhão de participação transparente. Isso acaba animando as pessoas para iniciativas próprias e para liberdade de manifestação própria. É verdade que até agora ele não alterou as regras oficiais de colegialidade (e provavelmente não o fará), mas ele sempre volta a estimular os bispos, por exemplo, a manifestar abertamente sua opinião, propostas e críticas. Seus antecessores não faziam isso.

A colegialidade, que oficialmente só vale para os bispos, é ampliada para todos os integrantes da Igreja. Por exemplo, ele insistiu que as listas oficiais de questões para os sínodos episcopais de 2014 e 2015 também fossem respondidas por membros do povo da Igreja. Esse limite jamais tinha sido ultrapassado por seus antecessores. Pode-se imaginar que o Papa Francisco saiba que, com esse procedimento,

2 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

ele desencadeia uma dinâmica que proporcionará cada vez mais direitos de voz para o povo da Igreja.

IHU On-line - O Papa geralmente cita os conceitos de fraternidade, colegialidade, cultura, espaço e tempo. Como interpreta esses conceitos que aparecem na fala do Papa?

Hermann Häring - O Papa se deu conta do significado da comunhão concreta e do fato de que a salvação cristã se dá não num além celestial, mas no convívio concreto das pessoas. Segundo a mensagem de Jesus, as pessoas sempre são "próximos/as", são parte, em última análise, de uma família humana universal. Por isso ele enxerga as pessoas como irmãos e irmãs. A Igreja que queira implementar essa mensagem precisa, por isso, entender-se como comunhão de pessoas com a mesma mentalidade, a colaborarem solidariamente. E por isso ele fala em colegialidade.

Esse convívio concreto entre irmãos e irmãs se realiza em meio a contextos sociais, culturais e temporais muito diversos. Salvação, para Francisco, sempre é salvação contextual. A situação fundamental dos seres humanos implica processos, estamos a caminho. Essas condições básicas da vida humana sempre precisam ser levadas em consideração, caso contrário nossa proclamação e atuação perdem a orientação e ficam suscetíveis de ser dominadas por ideologias. Por exemplo: com quem estou falando ? Com uma mulher ou com um homem? Com um pescador humilde ou com uma filha de industrial rico? Com uma colona que trabalha duro ou com um cientista erudito? Com chineses ou nigerianos?

IHU On-Line - Que conceitos teológicos ele retoma em seus discursos? Por quê? É possível identificar quais teólogos influenciam a teologia de Bergoglio?

Hermann Häring - Como conceitos teológicos centrais percebo (a) a Igreja e o evangelho, (b) o povo e os pobres, (c) a economia capitalista atual com suas consequências catastróficas.

A Igreja e o evangelho

Apesar de toda a crítica sobre a realidade da Igreja, o valor, a tarefa e a função efetiva da Igreja desempenham papel extremamente importante na teologia de Bergoglio. Somente dentro dela é que se pode realmente crer em Cristo, nela é entendido corretamente o evangelho como mensagem do reino de Deus. E ela nos proporciona a capacidade de fazer a salvação de Deus começar aqui e agora. Nesse sentido não se percebe em Francisco crítica alguma à teologia católica clássica. Nesse sentido ele também entende seu ministério segundo o primado Papal oficialmente definido.

Mas ele não trata essa Igreja de modo triunfalista, mas submete a Igreja e seus ministros (bispos e sacerdotes) aos mais rigorosos critérios. Ele admoesta (no sentido de advertir), critica e busca caminho para a renovação deles, a começar pela profunda reforma na Cúria. Esses critérios resultam do evangelho, essa mensagem de uma salvação (de libertação, solidariedade e paz) a acontecer concretamente no tempo presente entre os pobres e marginalizados. A Igreja somente adquire sua identidade ao corresponder efetivamente às expectativas do evangelho.

O povo e os pobres

Recebedor da salvação é preferencialmente o povo socialmente carente, principalmente os pobres que precisam batalhar por suas necessidades básicas (alimentação, roupa, moradia, assistência médica, formação, segurança jurídica). O desígnio da Igreja se cumpre no cuidado samaritano por eles e na presença entre eles. O coração desse homem se encontra junto a eles, ele consegue ir ao encontro dos pobres de modo franco para ficar junto a eles. De todos os cristãos ele espera que a sina dos pobres os ocupe mentalmente, atingindo seu coração emocionalmente, que chorem por eles e os ajudem. Sua viagem para Lampedusa[4] mostrou isso de modo comovente.

Economia capitalista atual com suas consequências catastróficas

O anúncio da mensagem cristã da salvação por Bergoglio inflama-se no atrito com a situação socialmente injusta, humilhante, que clama aos céus. Tal situação é produzida pelas condições econômicas mundiais, atingindo negativamente cerca de dois terços da humanidade. Sua frase "essa economia mata" foi objeto de intensa controvérsia na Alemanha. Para muitos, deixa em aberto se ele rejeita por princípio uma economia dirigida pelo capital ou se está querendo dizer que a forma atual da economia global — este capitalismo predador concreto, sem freios sociais — tem efeito injusto, mortal e catastrófico. E, por isso, cristãos não o podem aceitar de forma alguma.

O grande mérito do Papa é ter colocado essa questão no centro da sua mensagem, desafiando os cristãos da Alemanha a tomar conhecimento desse problema e enfrentá-lo. A partir do seu pontificado, as ideias da Teologia da Libertação voltaram a ser propagadas abertamente por muitos grupos na Alemanha. Elas estão sendo bem recebidas entre membros de comunidades cristãs engajadas.

Bergoglio é considerado adepto da Teologia da Libertação. Todos os *insiders* percebem nele os grandes impulsos que a Teologia da Libertação desenvolveu desde o final dos anos 1960 (muito conhecidos são os nomes Gustavo Gutiérrez,[5] Leonardo Boff,[6]

4 **Lampedusa**: para saber mais sobre Lampedusa, confira a Conjuntura da Semana especial sobre o tema, em http://bit.ly/ihulampedusa. Veja também nossa reportagem especial sobre refugiados, intitulada Mundo em Fuga, publicada na edição 429 da **IHU On-Line**, em 15-10-2013. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Gustavo Gutiérrez Merino** (1928): teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Leonardo Boff** (1938): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da **IHU On-Line**, número 209, de 18-12-2006, disponível em http://bit.ly/iBjvZq, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na **IHU On-Line** número 214, de 02-04-

JonSobrino,[7]osbisposHélderCâmara[8] e o mártir Oscar Romero[9]). No meu entender ele também foi marcado pela imagem de Igreja de Henri de Lubac,[10] a qual ele sabe combinar com a Teologia da Libertação. Sabe-se também da grande influência do teólogo da libertação argentino Lucio Gera,[11] com sua "Teologia do Povo". Lucio Gera praticamente não é conhecido na Alemanha.

IHU On-Line - Como interpreta os discursos do Papa Francisco referentes às consequências políticas dos processos de globalização industrial e econômica, especialmente quando ele se refere à "globalização da indiferença"? Qual o significado desses discursos?

Hermann Häring - Como entendo, não é preciso ter muito conhecimento teológico ou econômico para se compreender as declarações básicas do Papa sobre os mencionados processos de globalização. Ele simplesmente nos orienta a tomar conhecimento da realidade do jeito que ela é, fazer um julgamento à luz da mensagem cristã e atuar de modo correspondente.

Francisco enxerga que as vias financeiras e os meios de comunicação modernos envolvem cada vez mais o nosso globo, prendendo a humanidade inteira a um mecanismo que estruturalmente é igual por toda a parte, avançando segundo as mesmas leis. Ele ressalta que esses processos de globalização estão ficando cada vez mais anônimos, poderosos, atuais e injustos. O Papa está convicto de que todos tendemos a aceitar com apatia cada vez maior esses processos correspondentes de enriquecimento e depauperamento — uns, porque tiram proveito, os outros, por se sentirem impotentes. Ele quer que despertemos e transformemos este mundo ditado pela economia segundo as nossas capacidades. Para ele esse apelo é irrenunciável, por fazer parte da proclamação cristã e da prática do reino de Deus.

Os atuais problemas na União Econômica Europeia [sic] e o drama dos refugiados que diariamente vêm até nós pelo Mediterrâneo, em muitos casos se afogando, mostram a relevância atual da sua mensagem. Na Igreja alemã, Bergoglio já conseguiu agora que essa consciência social crítica seja discutida em público. E isso se dá principalmente em setores cristãos, com muito maior intensidade do que poucos anos atrás. Não significa que até agora se tenham encontrado soluções claras. Mas a disposição para ajudar e para a solidariedade aumentou de modo significativo.

2007, disponível em http://bit.ly/kaibZx. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em http://bit.ly/km44R2. Sua entrevista mais recente à **IHU On-Line** intitula-se *Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a Terra ameaçada* e está disponível em http://bit.ly/Qpj45L. Ele também é um dos entrevistados desta edição 464. (**Nota da IHU On-Line**)

7 **Jon Sobrino**: teólogo espanhol, jesuíta, Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo sítio do IHU em suas Notícias do Dia, bem como o artigo A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso, na edição 213 da **IHU On-Line**, de 28-03-2007, disponível para download em http://migre.me/UHJB. A **IHU On-Line** também produziu uma edição especial, *intitulada Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em http://migre.me/UHKa. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino, disponível em http://migre.me/UHKF, 'Jon Sobrino, com o tempo, será reabilitado', afirma Ernesto Cavassa, disponível em http://migre.me/UHL3, Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé, disponível em http://migre.me/UHLk, O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga, disponível em http://migre.me/UHLN. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da **IHU On-Line** número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio* em http://bit.ly/ihuon125. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em http://bit.ly/ihuon157. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da **IHU On-Line**, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara – o santo rebelde*. O material pode ser acessado em http://bit.ly/ihuon227. Veja também as entrevist*as A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Camara*, disponível em http://bit.ly/1uFCR7r; e Dom Helder Câmara: "A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina", ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em http://bit.ly/1S1nSy7. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia Dom Helder Camara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em http://bit.ly/1cL289g. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Dom Oscar Romero** (1917–1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Em fevereiro de 2015, foi beatificado pelo Papa Francisco. Confira nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, *Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres,* disponível para download em http://bit.ly/18Dkkb4. Leia também as notícias publicadas em 09-11-2009, *El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero,* em http://bit.ly/15FzAYv e em 20-05-2007, *Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência,* em http://bit.ly/15FzCPU. Dom Oscar Romero será beatificado no próximo dia 23 de maio, em San Salvador, leia mais em http://bit.ly/1LdCENO. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Lucio Gera** (1924–2012): teólogo, imigrante italiano que chegou à Argentina quando criança. Foi líder da Comissão Episcopal de Pastoral (Coepal), constituída pelos bispos argentinos no rescaldo do Concílio Vaticano II. Por isso é considerado um dos mais importantes teólogos da assim chamada Teologia do Povo. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como a *Evangelii gaudium*[12] orienta, ilumina o pontificado de Francisco? Quais são as linhas mestras que aparecem e de que modo elas sinalizam como será o pontificado de Francisco?

Hermann Häring - A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é o mais importante documento publicado até agora pelo Papa Francisco. Seu estilo linguístico simples, direto e rico em imagens elucida a pessoa de modo autêntico. Ela mostra que Bergoglio está marcado não primordialmente por ideias teológicas abstratas, mas pelo encontro vivo com pessoas simples e por uma profunda espiritualidade, ou seja, por uma inabalável confiança em Deus. Seu pontificado se nutre desses encontros e também dessa intensa experiência de fé.

Vertentes principais dessa exortação são: (1) o modelo de Igreja e Evangelho que, sem reservas, estão do lado dos pobres, (2) uma visão crítica, não distorcida, dos problemas das atuais condições econômicas e sociopolíticas e (3) a preocupação com uma pastoral que se encontre junto às pessoas, é por elas entendida e atua como exemplo.

Igreja e Evangelho ao lado dos pobres

A Igreja deve estar exclusivamente a serviço do Evangelho, portanto deve ir até as pessoas, viver com elas. O ponto crucial e teste desse amor da Igreja pelas pessoas são os pobres e marginalizados. No reino de Deus eles gozam de lugar privilegiado, têm valor teológico de primeira categoria. Por isso o Papa tem pavor de qualquer narcisismo ou triunfalismo eclesiásticos. Em primeiríssimo lugar precisamos ser uma Igreja dos pobres. Essa é a diretriz suprema da sua vontade reformadora.

Visão crítica dos problemas econômicos e sociopolíticos

A exortação critica as condições sociais não com as categorias tradicionais da moral individual (pecado, vícios pessoais, lamúria sobre o distanciamento de Deus e a secularização), mas com as categorias seculares da injustiça social (exclusão, poder do dinheiro, violência como consequência da situação associal). Exige uma renovação das condições sociais a partir da perspectiva das vítimas (ouvir os gritos, cuidar dos pobres, distribuir adequadamente a renda e os bens). Uma frase central dele é: "A realidade é mais importante que a ideia".

Preocupação pastoral popular

Entretanto, o Papa não se compreende primordialmente como analista de economia e sociedade. Seu interesse principal é pastoral. Ele quer que os curas d'alma [*Seelsorger*], homens tanto quanto mulheres, entendam as pessoas a partir da sua situação concreta, sua cultura e espiritualidade. Por isso ele dedica à proclamação, à homilia e à pregação um capítulo inteiro, que reflete sua própria experiência pastoral extensa.

A encíclica como programa de pontificado

Em resumo, entendo essa encíclica como base programática de todos os programas de renovação que esperamos de Francisco. A reforma da Cúria, para ele, é mero ponto de partida inicial. Mas ele se vincula ao mesmo tempo com a cooperação colegial dos bispos, pois não entende a Igreja como corporação autoritária. Esperamos que os bispos do mundo finalmente acordem e tomem conhecimento da autoridade espiritual do bispo de Roma e a acolham com o coração e com a mente.

IHU On-Line - Como o Sínodo para a Família[13] repercutiu na Igreja alemã? Quais foram os pontos mais discutidos entre os padres e leigos alemães?

Hermann Häring - Os sínodos de 2014 e 2015 suscitaram acaloradas discussões em todos os níveis da Igreja Católica da Alemanha, as quais ainda não terminaram. Começaram na primavera de 2014, com grande entusiasmo e elevadas expectativas. O grande número de respostas ao questionário de 2014 mostra que as noções de moral do povo católico na Alemanha são maciçamente diferentes das ideias oficiais, principalmente entre jovens. Ao longo do sínodo em outubro de 2014, porém, muitos se decepcionaram. O questionário 2015 só foi respondido por poucos católicos e católicas. Isso, por três razões, que caracterizam o trabalho romano, o qual pouco tinha aprendido com Francisco:

- O linguajar das questões era abstrato, de difícil entendimento.
- A formulação de muitas perguntas já sugeria a resposta.
- Muitas questões não levavam a sério as ideias de moral do povo.

Tirando, então, "o cavalo da chuva", as pessoas começaram a questionar o papel do Papa:

12 **Evangelii Gaudium**: Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. Como a maioria das exortações apostólicas, foi escrita após uma reunião do Sínodo dos Bispos, neste caso, a XIII Assembleia Geral Ordinária sobre A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Ainda critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Sínodo da Família**: em 2013 o Papa Francisco convocou o Sínodo sobre a família, intitulado "Sínodo dos Bispos: os desafios pastorais da família no contexto da evangelização". Na primeira etapa, o Vaticano enviou às dioceses do mundo todo um questionário de 38 perguntas sobre o tema, que serviu como um documento preparatório para a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Família, que ocorreu em outubro de 2014. Durante a III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano foi produzido um texto com 46 pontos a serem refletidos pela comunidade católica. Todo esse processo culminará na XIV Assembleia Geral Ordinária, que ocorrerá de 4 a 25 de outubro de 2015, no Vaticano, cujo tema proposto é "A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU contém um amplo material sobre o tema que pode ser acessado em ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

• Quanta influência direta o Papa pode exercer sobre o andamento do sínodo? Quanta liberdade ele concede, por exemplo, ao conservador prefeito da Congregação de Fé,[14] cardeal Müller[15]?

• Qual a posição teológica do Papa? Ele acredita que pode implementar seu moderno programa de renovação sem revisar certos pontos da doutrina de fé oficial? (Concretamente, a rigorosa e restritiva moral sexual e matrimonial.)

Destaques da Igreja na Alemanha

Os seguintes pontos foram os mais discutidos na Igreja católica da Alemanha:

• a readmissão dos novamente casados aos sacramentos. A resposta nesta questão é considerada teste da proximidade e misericórdia da Igreja para com as pessoas.

• a licença para novo casamento em determinados casos: por que se ignora a cláusula de Mt 5,32 nos documentos da Igreja?

• a aceitação de casais homossexuais a conviverem, homens como mulheres.

• Cada vez mais se discutem importantes questões de fundo:

Uma concepção moderna de sexualidade;

Neste contexto, sexo antes do casamento e a questão: que quer dizer "indissolubilidade"?

A medieval concepção de ser humano, que continua dominando na doutrina oficial;

O fato de serem homens celibatários que decidem essas questões, enquanto todos os casados são excluídos das votações.

IHU On-Line - O que significa "conduzir a Igreja para dentro do século XXI"? Francisco está fazendo isso? Como e em que aspectos?

Hermann Häring - De uma Igreja cristã mundial deve-se esperar o seguinte no séc. XXI:

1) Pluralidade cultural;

2) Abertura interconfessional e inter-religiosa;

3) Competência no diálogo com as ciências naturais e humanas modernas;

4) Competência no tratamento dos problemas globais (sociais, econômicos e políticos);

5) Tudo isso a serviço da sua mensagem de justiça, conciliação e paz entre os povos.

Quanto ao item 5: não há dúvida de que Francisco coloca todas as atividades a serviço da justiça. Em princípio, portanto, ele está bem encaminhado e deveria ser apoiado sem reservas nesse sentido. Ele não se limita a teorias e segue na frente dando bom exemplo. Isso tem valor imenso para toda a Igreja mundial.

Quanto ao item 4: no tratamento dos problemas sociais, econômicos e políticos Francisco apresenta grande interesse e elevada competência. Com razão ele dá a maior importância a esses problemas. Concretamente, ele atua no sentido de a Igreja realmente estar entre os pobres. Isso também é reconhecido em alto grau fora das Igrejas. Mas o que isso significa concretamente nos diferentes lugares? Cada região geográfica (por ex. Europa, África Central, América Latina etc.) precisa formular suas próprias respostas concretas. Em colaboração com as Igrejas de outros países da União Europeia, a Igreja Alemã é chamada a formular suas próprias respostas em função do programa do Papa, tirando consequências para sua própria conduta. Até agora isso ainda não aconteceu.

Quanto ao item 3: que eu saiba, Francisco ainda não agiu nessa área. Muito mais importante é que ele, dado o caso, não impeça contatos entre teologia e ciências e afaste influências evangelicais.

Quanto ao item 2: quanto a outras religiões, Francisco não tem problemas de contato. Sua profunda espiritualidade lhe dá a convicção de que Deus está presente em todas as pessoas e religiões. Em aberto está a questão de como ele se posiciona em questões rigorosamente dogmáticas que, no lado católico, se opõem à igualdade de valor da religião [sic; talvez a intenção do entrevistado seja dizer: das diferentes religiões]. Dificilmente se poderá esperar que ele revise as posições excludentes de *Dominus Iesus* "sobre a singularidade e universalidade de Jesus Cristo e da Igreja para a salvação" (2000). Mas, para começar, basta conseguir uma cooperação sem reservas com todas as religiões universais em relação aos grandes problemas globais (cf. item 4). Também nesse ponto o Papa dependerá de iniciativas locais. Quanto ao "Projeto Ética Mundial" e programas similares ele parece demonstrar receptividade.

Parece não haver, ainda, posicionamentos expressos sobre outras Igrejas ou denominações cristãs. Também nesse ponto está na hora de os bispos das regiões fortemente envolvidas começarem a agir. Por exemplo, da Igreja Católica da Alemanha se espera que, para o jubileu da Reforma em 2017 (início da Reforma 500 anos atrás) ela elabore uma iniciativa e a proponha ao Papa.

Quanto ao item 1: o respeito pela pluralidade cultural dentro e fora da Igreja católica é algo muito natural para o Papa.

Ao que se ouve, esse aspecto está sendo levado em consideração no preparo da reforma da Cúria. Necessário seria que um novo ordenamento básico da Igreja como um todo atribua amplos direitos às conferências episcopais conti-

14 **Congregação para a Doutrina da Fé:** a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Dom Gerhard Ludwig Müller** (1947): cardeal, Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, Presidente da Pontifícia Comissão Ecclesia Dei, Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e Presidente da Comissão Teológica Internacional. Foi ordenado presbítero da Diocese de Mainz a 11 de fevereiro de 1978 e nomeado bispo de Ratisbona a 1º de outubro de 2002. Deixou a diocese para assumir vários cargos da Cúria Romana com a nomeação a 2 de julho de 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

nentais, como nos antigos patriarcados. É difícil dizer se Francisco, para tanto, permitirá uma revisão do atual ordenamento da Igreja (revisão da ideia de primado).

Dentro dessa pluralidade, algumas regiões de cultura específica precisam receber o direito de desenvolver competências próprias e colocá-las a serviço da Igreja como um todo. Atualmente Francisco está mostrando o que uma determinada competência latino-americana (adquirida em cooperação com a teologia da libertação) pode representar para a Igreja como um todo. Igrejas asiáticas poderiam desenvolver grande competência na forma de lidar com outras religiões; Igrejas da África central, para a forma de lidar com a natureza e os ancestrais. Igrejas europeias agora já reuniram muita experiência para como viver numa sociedade secularizada. Elas precisam ser libertadas do estigma da "mundanização" [*Verweltlichung*]. Elas poderiam fazer trabalho pioneiro para um ambiente [secularizado] que ainda vai desafiar outras regiões.

Deficiência do Sínodo

Quanto aos sínodos episcopais de 2014 e 2015, perdeu-se infelizmente a oportunidade de descentralização e pluralização cultural. Teria sido muito melhor que regiões de cultura específica tivessem elaborado primeiro suas próprias ideias ao longo de um período mais longo. Numa segunda fase, então, se poderia inter-relacioná-las e elaborar um documento que conceda uma autonomia necessária para cada região.

Resumindo: em muitos aspectos o Papa está pondo a Igreja Católica em forma para o séc. XXI. Ele sabe que nem tudo pode acontecer de uma vez e sem ampla anuência eclesial. Nesse ponto ele é realista. Ele não pensa em termos de resoluções revolucionárias, mas de processos dirigidos com prudência, que por força de sua lógica interna podem levar a consequências revolucionárias.

IHU On-Line - Que respostas a Igreja tem a oferecer para os valores da modernidade? Como a Igreja deve se relacionar com a modernidade?

Hermann Häring - A Igreja Católica mundial, que é um *global player* com cerca de 1,2 bilhão de membros, deve implementar a imitação de Jesus e sua visão do reino de Deus em nossa época e em todos os lugares em que ela possa estar presente. Isso implica contínuo trabalho de tradução em termos de teoria e de prática de vida (João XXIII[16] falava de *aggiornamento*), ou seja, interpretação atualizada e vida exemplar.

Disso fazem parte:

• engajamento existencial de indivíduos e grupos em sinceridade e coerência sem reservas. Nesse ponto Francisco lidera a Igreja como exemplo inspirador;

• solidariedade incondicional e ativa com os marginalizados, empenhando-se pelo seu bem-estar concreto e na luta por estruturas justas em termos sociais, econômicos e políticos. Nessa área o Papa apresenta uma competência muito especial;

• a promoção e oferta de uma espiritualidade fundada na confiança no Deus de todos os seres humanos, ou seja, que não acaba na porta da Igreja. Todas as atividades do Papa são acompanhadas de uma espiritualidade tão autêntica a ponto de convencer as pessoas;

• a lembrança contínua dos grandes valores do convívio humano: regra de ouro, humanitarismo, amor ao próximo, principalmente a não violência e a reverência perante a vida, justiça e equidade, sinceridade e tolerância, direitos iguais e fidelidade, cuidado da conciliação e paz. Esses valores devem ser apresentados não como doutrina superior, mas como lembrança fraterna, porque são conhecidos por todos os seres humanos, baseados em sua própria experiência, porém muitas vezes são esquecidos ou reprimidos;

• protesto e resistência proféticas quando esses valores são flagrantemente desconsiderados em atos ou estruturas. Aqui entra o apoio a todos que (dentro ou fora de Igrejas e religiões) arriscam a própria vida nesse empenho e que, para interromper correntes de violência, radicalizam seu amor ao próximo em forma de amor ao inimigo.

Igreja

A Igreja precisa ser aquele lugar onde essa prática possa começar e ser testada como exemplo. A Igreja se integra na modernidade vivendo a imitação de Cristo na modernidade de forma tão atualizada quanto o fez em épocas anteriores. Importante é que ela não tema uma sociedade secularizada. Então descobriremos que a prática cristã de vida também é possível dentro da categoria secularizada, isto é, como atuação secular e com linguagem secular.

IHU On-Line - Para onde Francisco quer levar e está levando a Igreja?

Hermann Häring - Francisco deseja renovar a Igreja Católica, transformá-la numa comunidade em prontidão. Tal comunidade precisa reagir de forma objetiva ajudando nas angústias da atualidade, nos abismos apocalípticos de injustiça, violência e miséria. Para ele isso é possível dentro da imitação de Cristo. Ele quer mostrar que o Evangelho é algo totalmente moderno, que deixa a pessoa feliz também nos dias de hoje. Ele deseja fazer com que a Igreja não bloqueie essa missão por causa de narcisismo, triunfalismo e perfeccionismo. Nessa questão ele visa principalmente os bispos e os párocos [*amtliche Seelsorger*].

Agora, as Igrejas do mundo realmente o seguem? Quanto à Alemanha, a questão ainda não pode ser respondida. A maioria dos bispos hesita bastante ao reagir aos impulsos do Papa, porque até agora se portaram como cumpridores de ordens. Só que agora teriam que

16 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um Papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

desenvolver iniciativas próprias e renunciar a alguns privilégios. Mas por enquanto é difícil avaliar isso.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Hermann Häring - Ao avaliar o novo pontificado geralmente a gente se esquece de que a vida da Igreja se desenrola em vários níveis; e que é importante pô-los em sintonia. São constituídos de:

Espiritualidade

De grande importância para a Igreja como um todo me parece ser a profunda e madura espiritualidade do Papa (a qual é de cunho jesuítico). Ela é contagiante, impressiona a muitos dentro e fora da Igreja, sendo inspiradora para o "povo da Igreja" alemão. Muitas paróquias perderam o medo que tinham. Anseios, expectativas e críticas são manifestados abertamente. Esse efeito sobre a atitude e a mentalidade das pessoas é de grande significado e, a longo prazo, muito eficiente para uma renovação da Igreja.

Comunhão

A fé cristã, por princípio, vive em comunhão, a qual lhe serve de alimento. Por isso é muito importante que Francisco, em numerosos gestos e palavras, valorize a comunhão/comunidade, sua participação e a abertura em relação a ela. No longo prazo, essa inversão deverá ter efeito revolucionário. Será que as comunidades de base serão valorizadas também teologicamente a médio prazo? Caso isso não aconteça, impulsos renovadores jamais terão efeito abrangente.

Estruturas jurídicas

Como toda e qualquer comunidade, também a Igreja não conseguiria viver sem estruturas e regulamentação jurídica. Acontece que elas estão demasiado dominantes e rígidas. Francisco tenta configurar as estruturas existentes de forma a mais aberta possível. Mas ele (ainda) se sente muito preso ao arcabouço jurídico e dogmático. Será que ele vai libertar disso a si e a Igreja?

Para realmente avançar em nível estrutural, é preciso revisar não só a Cúria, mas todo o Direito Canônico com sua concepção monocrática de hierarquia e pontificado. Nesse importante quesito ainda não se lançaram dados. A biografia jesuíta do Papa não permite esperar alterações profundas aqui, porque também seria necessário discutir sobre o Papado como ministério. No longo prazo fica, pois, a pergunta se a atual estrutura realmente admite reformas fundamentais no sentido da *Evangelii Gaudium*. Precisaríamos de bispos corajosos e desassombrados para conversar com o Papa sobre isso.

Interpretações teológicas e outras

A reflexão tem papel central na Igreja católica. Ou seja, a doutrina da fé, o dogma e a teologia. Em muitos aspectos Francisco tem convicções teológicas claras que eu chamaria de conservadoras. Mas ele tem evitado fazer declarações teológicas; na teologia ele quer permanecer ouvinte. Mas cedo ou tarde isso levará a tensões com processos de renovação fundamentais (primado do Papa, papel da mulher, moral sexual...). Ainda não se pode dizer qual a solução desse problema, se é que tem solução.

Sua relação com a sociedade e o mundo

Por mais que uma Igreja se entenda como comunidade sobrenatural, como comunhão fundada por Cristo, ela não deixa de ser uma comunidade situada no mundo, que faz parte deste mundo. O grande mérito da Teologia da Libertação é que ela submeteu essa relação com o mundo a uma nova reflexão; e para a Igreja como um todo é um lance muito feliz que Francisco a desafie a reorganizar sua relação com o mundo. Talvez esse impulso seja o maior peso que Francisco coloca na bandeja das renovações.

Resumindo, pode-se dizer: além da sua espiritualidade, grandes selos de qualidade deste pontificado são a vontade resoluta de reformar e a solidariedade com o mundo atual e suas pessoas. Em todos os casos, a Igreja pode considerar-se feliz por ter esse Papa. Tomara que ele fique muito tempo no cargo.■

LEIA MAIS...

- **De "autoritário" a "fraternal": os desafios do papado no século XXI**. Entrevista com Hermann Häring, publicada nas Notícias do Dia, em 18-01-2010, disponível em http://bit.ly/1Ga1WMA;
- **Paulo, o universalismo e a Ética Mundial**. Entrevista com Hermann Häring, publicada na edição 289, de 22-12-2008, disponível http://bit.ly/1Hjq3Kj.

De Bergoglio a Francisco, o estrategista e hábil executor da política

A forma de construir alianças e encarar quem pensa diferente é trazida pelo jornalista Washington Uranga como característica do Papa desde o tempo de arcebispo de Buenos Aires

Por João Vitor Santos | Tradução: Andre Langer

Jorge Bergoglio é argentino e isso impacta na forma como encara a Igreja e o mundo. Mas o que isso significa de fato? O jornalista Washington Uranga chama atenção para a "sensibilidade" que esse "ser argentino" desperta. É como olhar o mundo fora de uma lógica eurocêntrica, ainda submerso no caldo político e cultural da Argentina. Um país que tem na política e na cultura traços fortes e particulares. E se Bergoglio é — e foi — um líder, é difícil dissociar o elemento política de sua constituição pessoal. "Bergoglio é um estrategista e um hábil executor da política. Trabalha sempre com olhar prospectivo, de longo prazo", define o jornalista, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Uranga traz elementos que são importantes para se entender os movimentos do Papa Francisco. São movimentos claramente políticos que no seu discurso e modo de agir endossam sua perspectiva. Afinal, ele subverte a lógica empregada na Cúria Romana, assume o papel de estadista e faz aproximações. E quem discorda publicamente corre o risco de receber uma ligação direta de Sua Santidade. Para Uranga, esse é o estilo bergogliano de fazer política. "Responder a quem pensa diferente é uma maneira a mais de demonstrar disposição para o diálogo com todos, é abertura permanente ao diálogo", pontua. É assim, direto, que "Francisco assume a agenda dos problemas do mundo e da sociedade. E quer comprometer a Igreja na busca de soluções para esses temas".

Washington Uranga é jornalista argentino, professor e pesquisador de comunicação. Sua área de especialização são problemas de comunicação ligados a processos de cidadania, participação, políticas públicas e planejamento de comunicação. É colunista do jornal *Pagina 12*, de Buenos Aires. Atualmente, dirige o Mestrado em Comunicação Institucional da Universidade Nacional de San Luis.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como avalia esses dois anos do pontificado de Francisco e quais são as perspectivas? Para onde está conduzindo a Igreja?

Washington Uranga - Os passos dados pelo Papa Francisco são sumamente positivos, visto de uma perspectiva de Igreja que quer se colocar a serviço da sociedade e, em particular, dos pobres e sofredores. Entendo que Francisco está tentando fazer com que a Igreja ofereça respostas aos desafios do mundo atual, partindo da base de que para fazê-lo a Igreja tem que se reformar a si mesma.

Vejo então uma linha de autocrítica à forma de governo (reforma da Cúria e dos organismos vaticanos), uma perspectiva mais sinodal (governo colegiado), correção interna em assuntos que a prejudicaram seriamente (pedofilia, administração econômica, por exemplo), e, ao mesmo tempo, o compromisso do Papa em colaborar na solução dos conflitos internacionais (Israel e Palestina, Síria, Estados Unidos e Cuba) ou a situação dos imigrantes ilegais em todo o mundo. Vejo uma Igreja que quer assumir seu compromisso histórico. Na perspectiva do Papa Bergoglio, percebe-se também uma marca eclesial latino-americana.

IHU On-Line - Em que aspectos Francisco se diferencia dos Papas anteriores? Quais os pontos em comum?

Washington Uranga - Francisco é um Papa de um país do Sul e que recolhe a trajetória da Igreja Latino-Americana, embora a Igreja na Argentina nunca estivesse muito vinculada a essa trajetória. Mas está claro que do Sul o mundo "é visto" de outra maneira e desenvolvem-se outras sensibilidades.

Francisco não se afasta da ortodoxia doutrinal e nisto não se diferencia de seus antecessores. Mas tem um olhar pastoral que procura acolher as "ovelhas perdidas". Também por isso insiste na ideia de uma Igreja que é ao mesmo tempo "mãe" e "servidora". Ao contrário de Bento XVI (que pensava numa Igreja depósito da fé e guardiã da ortodoxia), Francisco quer uma Igreja de portas abertas, onde haja lugar para todos, também para quem pensa diferente ou tomou decisões que não são consideradas "ortodoxas".

IHU On-Line - Qual o significado do pontificado de Francisco para a América Latina? Qual tem sido o impacto do pontificado de Francisco na Igreja latino-americana?

Washington Uranga - Na minha visão, a Igreja que peregrina na América Latina se sente representada em Francisco. E quando digo isto devo reconhecer que não teria pensado dessa forma antes da eleição. Os argentinos não são (tampouco na Igreja) muito "latino-americanos". Eles mesmos se dizem "diferentes". Mas creio que Francisco, para dizê-lo de alguma maneira, "converteu-se" à Igreja Latino-Americana e muitas de suas posturas respondem a uma perspectiva que é desta parte do mundo.

E a Igreja na América Latina agora sente que tem que responder àquilo que o Papa lhe pede e fazê-lo com o exemplo. Também é verdade que na Igreja Latino-Americana hoje há contradições. Há setores, particularmente do episcopado, que "resistem" ao olhar de Francisco. São grupos, bispos e organizações conservadores que dizem estar "defraudados" com Francisco. Eles tinham a ideia de um cardeal Jorge Mario Bergoglio, ou que Bergoglio modificou muitos dos seus olhares quando assumiu a condição de pastor da Igreja católica universal.

Mas, em síntese, a Igreja Latino-Americana sente-se interpelada por Francisco. Ao mesmo tempo, sabe que tem que apoiá-lo a partir da sua própria experiência pastoral e de serviço.

IHU On-Line - Qual a influência da história da Argentina na formação de Bergoglio? E, especificamente, como se dá a influência das ideias de Perón na forma como o Papa interpreta o mundo e a Igreja?

Washington Uranga - Não tenho uma resposta categórica para este ponto. Mas não há dúvida de que Jorge Bergoglio como jovem sacerdote se formou no marco da cultura popular do peronismo, entendido como movimento popular e movimento de massas. Também sua experiência religiosa foi forjada no marco de um catolicismo popular que conviveu com a experiência do peronismo. Dali, surgem marcas, pistas, que hoje ficam a descoberto na sensibilidade do Papa pelos pobres, pelos que sofrem, pelos setores populares em geral. Mesmo quem mais criticou Bergoglio na Argentina reconheceu sempre sua austeridade (a mesma que mostra no Vaticano) e sua preocupação constante com os pobres, com o próximo.

IHU On-Line - Qual foi o papel político de Bergoglio, especialmente quando foi bispo de Buenos Aires, na história da Argentina?

Washington Uranga - Bergoglio é um estrategista e um hábil executor da política. Trabalha sempre com olhar prospectivo, de longo prazo. Enquanto foi arcebispo de Buenos Aires e presidente da Conferência Episcopal teve duros enfrentamentos com o governo, especialmente durante a presidência de Néstor Kirchner.[1] Entendo que Bergoglio exigia para a Igreja católica um lugar de privilégio nas relações e a possibilidade de ter opinião qualificada sobre determinados temas próprios da gestão e da agenda pública. Kirchner tentava, precisamente, mudar esse tipo de relação com a Igreja, e as duas personalidades fortes se enfrentaram. Paradoxalmente, penso — com certa ironia — que Francisco teria recomendado ao cardeal Bergoglio agir de maneira diferente.

IHU On-Line - Como entender a relação do Papa Francisco com a família Kirchner e, agora, especialmente com Cristina Kirchner[2]?

Washington Uranga - Expliquei antes a relação com Néstor Kirchner. Com Cristina Fernández [Kirchner] a relação mudou. Essencialmente quando Bergoglio se converteu em Francisco, ambos entenderam que havia um novo marco nas relações. Era o Papa e a presidenta do país originário do Papa. Também Bergoglio (que atuava na Argentina sempre através de terceiros, fazendo conhecer seus pontos de vista em "voz baixa") se deu conta de que tudo o que dissesse seria utilizado. É inteligente. Cuidou de suas palavras e pensou cada gesto. Tanto Francisco como Cristina Fernández entenderam, como bons seres políticos, que uma melhor relação entre eles favorecia a ambos.

1 **Néstor Kirchner** (1950–2010): advogado e político argentino, foi o 54º presiddente da Argentina. Casado com Cristina Kirchner, foi sucedido por ela na Casa Rosada. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Cristina Kirchner** (1953): política e advogada argentina. Ex-senadora pela província de Buenos Aires, Cristina é a atual presidente da Argentina. Casada com o ex-presidente Nestor Kirchner, entre 2003 e 2007 foi primeira-dama do país. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como entender os gestos do Papa ao dialogar diretamente com quem o critica dentro e fora da Igreja?

Washington Uranga - Bergoglio sempre se caracterizou por dialogar com todos os atores da vida social, política e cultural. Na Argentina, tinha muita relação com o mundo político, econômico e religioso. E não somente com quem pensava igual. Movia-se em círculos em que era criticado. Na Argentina, essas vinculações eram mais discretas, a tal ponto que para alguns poderiam ser lidas como operações políticas. Mas dialogava.

Agora todos esses diálogos são públicos. E inclusive Francisco incorpora essa atitude de abertura ao diálogo à sua estratégia pastoral. Nessa tônica entende-se sua resposta ao jornalista Alfredo Leuco.[3] Responder a quem pensa diferente é uma maneira a mais de demonstrar disposição para o diálogo com todos, é abertura permanente ao diálogo.

IHU On-Line - Qual é sua avaliação dos posicionamentos de Francisco diante de temas globais como crise do capitalismo, discurso de crítica à globalização, ao meio ambiente, entre outros?

Washington Uranga - Francisco assume a agenda dos problemas do mundo e da sociedade. E quer comprometer a Igreja na busca de soluções para esses temas. Seu olhar é de que nada do que é humano tem que ser alheio à Igreja. Pessoalmente, penso que essa é uma atitude valiosa, porque é comprometida e ao mesmo tempo é missionária.

IHU On-Line - Em que medida Francisco é um fenômeno da mídia? Nesse sentido, em que ele se diferencia de João Paulo II, que também foi um Papa bastante midiático?

Washington Uranga - Os momentos históricos são diferentes. João Paulo II "saiu" do Vaticano e peregrinou pelo mundo. Coisa que seus antecessores não fizeram. Por esse motivo, foi novidade para a mídia. Foi um Papa de multidões e uma espécie de "star" religioso que o sistema da mídia "consumiu" e incorporou.

Francisco interessa aos meios de comunicação a partir de outro lugar: como estrategista religioso e político, como líder mundial, pela agenda de temas que impõe, porque fala sobre os temas que são debatidos na sociedade. Mas, pelos mesmos motivos, é possível que, apesar da popularidade de Francisco, o Papa pode passar a um segundo plano nos meios de comunicação quando as grandes corporações não aceitarem o discurso que ele impulsiona.

IHU On-Line - Como avalia a entrevista do Papa Francisco à TV Mexicana,[4] na ocasião dos dois anos do pontificado? E o que está evidenciado ali e revela a respeito da figura de Francisco?

Washington Uranga - Que Francisco está feliz (ele diz isso expressamente) em sua função. Que sente que pode contribuir para a Igreja e a sociedade e que está decidido a fazê-lo. Na entrevista, voltou a traçar, de alguma maneira, um programa para o seu pontificado. E decidiu (insinuou isso em outras entrevistas) que quando achar que cumpriu sua missão vai renunciar. Não permanecerá no Vaticano por muito mais tempo. Talvez até convoque outro concílio. ■

3 Leia a crítica de Alfredo Leuco reproduzida nas Notícias do Dia, de 16-04-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Agdiox. (Nota da **IHU On-Line**)

4 O sítio do IHU reproduziu a entrevista concedida pelo Papa à jornalista mexicana Valentina Alazraki, correspondente da Televisa no Vaticano, em 18-03-2005, disponível em http://bit.ly/1E3RHTZ. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **A reabertura do caso Angelelli, bispo assassinado pela ditadura militar argentina**. Entrevista especial com Washington Uranga, publicada em Notícias do Dia, em 04-08-2008, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1zXUkvP.
- **A Igreja Católica na América Latina e as contradições do continente**. Entrevista com Washington Uranga, publicada na IHU On-Line 320, de 21-12-2009, disponível em http://bit.ly/1KFjzDd.
- **O significado do encontro entre Castro e Francisco**. Artigo de Washington Uranga, publicado em Notícias do Dia, em 08-05-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1FikLhX.
- **A concentração da propriedade e os excluídos da comunicação**. Entrevista com Washington Uranga, publicada em Notícias do Dia, em 27-09-2009, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1AU5jkJ.

Por uma Igreja livre das amarras sistêmicas

Paulo Suess faz uma detalhada análise da perspectiva missiológica de Francisco e projeta os rumos do pontificado

Por João Vitor Santos e Ricardo Machado

Para o Papa Francisco a missão da Igreja não é de convencer ninguém a ser católico, mas ir ao encontro do outro. "Vais convencer o outro a tornar-se católico? Não, não, não! Vais encontrar-se com ele, é o teu irmão! E isto é o suficiente. E você vai ajudá-lo; o resto é feito por Jesus, o Espírito Santo faz", parafraseia Paulo Suess, ao lembrar a videomensagem enviada pelo Papa aos seus patrícios por ocasião da Festa de São Caetano.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Suess destaca que o papel dos missionários e das missionárias não é salvar almas, mas vidas. Nesse sentido traz à discussão que Francisco faz sobre uma certa racionalidade baseada na "eficiência" contemporânea. "Vivemos numa época de aceleração de todos os processos produtivos. Também os processos pastorais, que se concentram nas mãos de poucos, são marcados por essa aceleração que dificulta o encontro e acompanhamento pastoral. O mundo acelerado valoriza mais a chegada e o resultado final que o caminho e o processo", pontua.

No final de 2015 será iniciado o "Ano Santo da Misericórdia" no dia 8 de dezembro, data que marca o encerramento do Concílio Vaticano II. "O Ano Santo será iniciado com a abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro. A porta será aberta para que a Igreja se torne uma 'Igreja em saída', uma Igreja que se arrisca a um novo encontro com os povos indígenas e supera a recepção morna do Vaticano II com audácia e coragem", acentua. "Igreja em saída significa também Igreja em saída das amarras sistêmicas, significa Igreja profética que arrisca suas adaptações sistêmicas porque se põe ao lado daqueles aos quais no sistema não há lugar."

Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário – Cimi e professor no ciclo de Pós-Graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP. Entre suas publicações, citamos *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida* (São Paulo: Paulus, 2007). Em 2012 publicou o livro Impulsos e intervenções. Atualidade da Missão (São Paulo: Paulus, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a leitura que faz do pontificado de Francisco até agora?

Paulo Suess - Depois do inverno eclesial, com Francisco começou a primavera, mudou o clima. Para a colheita precisa esperar o outono que Francisco não vai alcançar. Os profetas são semeadores, abrem caminhos, descortinam horizontes. Se foram colocados em lugares de comando e poder, como o Papa, e permanecem profetas, podem suspender proibições institucionais secundárias, dar sinais radicais em nível pessoal, abrir gaiolas. Mas sair das gaiolas e retomar o voo desaprendido no decorrer dos anos não pode ser uma ordem de cima. O que o Papa quer, pelos seus próprios princípios, não pode impor. Tampouco pode contar com subordinados ainda alinhados aos pontificados anteriores. Precisa de voluntários. Quem são e onde se encontram esses voluntários com os quais Francisco pode contar na missão pela

qual foi eleito? Os que abrem mão de uma eventual carreira eclesiástica pela sua fala adulta e profética geralmente são minoria.

Nós, na América Latina, tivemos três times eclesiais que jogaram em campos diferentes, uns navegando com os ventos que a colonização trouxe às Américas, outros encostados na praia e ainda outros navegando contra os ventos: os adaptados às posturas neoconservadoras dos últimos pontificados, os confessores em *off*, que na calada da noite admitiram seu descontentamento com a condução da Igreja, e a minoria dos comprometidos com a ruptura do constantinismo eclesial, que aconteceu durante o Vaticano II,[1] conciliando continuidade doutrinal elementar e ruptura na organização institucional.

Solidão

Francisco vive uma solidão institucional muito grande. Seus críticos na Cúria já não falam mais em *off*, mas em público, como o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé que numa entrevista ao periódico *La Croix*, no início de abril, declarou que sua Congregação deve dar a devida "estruturação teológica" ao magistério do Papa Francisco. Em qualquer repartição pública esse funcionário seria imediatamente afastado.

A força deste pontificado está no apoio popular e no reconhecimento da sociedade civil mundial, conquistados pelos gestos simbólicos e reais, humanos e evangélicos, pela linguagem simples e direta e o horizonte pastoral relevante para toda a humanidade. Francisco restabeleceu o primado da pastoral sobre a teologia, não contra a teologia. A teologia permanece pano de fundo, *ancilla Domini*, serva do Senhor.

Diálogo monológico

Quantas vezes Francisco deve ter repetido o diálogo entre a estátua de bronze de Pedro do Vaticano e o Senhor, escrito pelo poeta espanhol Rafael Alberti:

"Diz, Jesus Cristo
Por que me beijam tanto os pés?
Sou São Pedro aqui sentado,
em bronze imobilizado,
não posso olhar para o lado
nem dar um pontapé,
pois tenho os pés
gastados, como vês.
Faz um milagre, Senhor!
Deixa-me descer ao rio
voltar a ser pescador
que é o que sou".

IHU On-Line - Em que consiste a proposta missionária de Francisco?

Paulo Suess - Teologia, eclesiologia, pastoral e itinerário pessoal se entrelaçam na vida e na obra missionária do Papa Francisco numa coerência evangélica e relevância sociocultural. A misericórdia de Deus nos abre os olhos para a realidade na qual o pobre é roubado e o outro desprezado. A misericórdia como justiça maior e amor maior nos faz lutar pela redistribuição dos bens e pelo reconhecimento do outro. Nessa luta encontramos o Senhor crucificado e ressuscitado. Ele nos lembra que a vida dos crucificados na história pode ser transformada através do Evangelho, que não é "doutrina estruturada", mas compaixão, solidariedade e militância.

A responsabilidade para com a realidade, que através do Evangelho pode ser transformada, nos compele a sair e descobrir no modelo de uma Igreja "em saída" a chave de uma Igreja que vai ao encontro e faz do caminho e do encontro, do acompanhamento e da presença o lugar teológico da missão. O discípulo missionário, segundo Francisco, não é o protagonista da missão. O protagonista é Jesus. O missionário é interlocutor a partir de uma mensagem que recebeu em vasos de barro. O missionário interlocutor é enviado a interlocutores e não a destinatários da missão, porque ele mesmo é destinatário. A saída exige "prudência e audácia" (EG), "coragem" e "ousadia" (EG). O modelo dessa missionariedade é a itinerância do próprio Jesus que nos envia, como ele mesmo foi enviado pelo Pai.

Em resumo: A missionariedade de Francisco costura as seguintes palavras-chave: A *misericórdia* reparadora como graça de Deus, anunciada pela *Igreja povo de Deus "em saída"* ao *encontro dos pobres e dos outros* na *realidade* ambivalente do mundo. "Em saída" significa *inserção num processo permanente de transformação e presença*, e presença significa *interlocução* e não *protagonismo*. O protagonista da missão é *Jesus crucificado e ressuscitado, caminho e verdade* na história e além dela.

IHU On-Line - Hoje, para a Igreja, o que é o trabalho missiológico?

1 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade Papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em http://bit.ly/02e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em http://bit.ly/1cUUZfC. Nessa semana, o IHU realiza o evento *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*, mais informações em http://bit.ly/VaticanoII. (Nota da **IHU On-Line**)

Paulo Suess - Desde Aparecida (2007) e ainda reforçado pelo Papa Francisco, a missiologia tornou-se Teologia Fundamental. Todos os tratados teológicos são ramos da Missiologia. Por isso "a atividade missionária «ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja» e «a causa missionária deve ser (…) a primeira de todas as causas». […] Nesta linha, os Bispos latino-americanos afirmaram que «não podemos ficar tranquilos [...] em nossos templos», sendo necessário passar «de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária»" (EG). Se "a causa missionária é a primeira de todas as causas" então a missiologia é a teologia primeira de todas as teologias.

Cabe à missiologia estabelecer os contornos de uma disciplina teológica que não pode ser confundida com a antiga apologética nem com uma missiologia genericamente secularizada cujos mandamentos as empresas modernas colocam no seu hall de entrada, portanto, nem caçadora de almas nem geradora de lucros através de promessas de um "bem-viver" escatológico.

Encontro

Em videomensagem aos seus patrícios, por ocasião da Festa de São Caetano, o Papa Francisco questiona o discurso de convencimento com a finalidade proselitista e pergunta: "Vais convencer o outro a tornar-se católico? Não, não, não! Vais encontrar-se com ele, é o teu irmão! E isto é o suficiente. E você vai ajudá-lo; o resto é feito por Jesus, o Espírito Santo faz. [...] Quando te encontrares com quem tem maior carência, o teu coração começará a aumentar, a crescer, a dilatar-se! Pois esse encontro multiplica a capacidade de amar".

Francisco é avesso ao "assédio espiritual", a verdades cristalizadas e à redução da religião a prescrições, acompanhados de castigos pelo não cumprimento das "obrigações". No encontro, dia 29 de agosto de 2014, com jovens da diocese italiana de Piacenza-Bobbio, o Papa Francisco deu também à verdade essa dimensão da atratividade e do encontro: "A gente não tem a verdade, não a carregamos conosco, mas a gente vai ao seu encontro. É o encontro com a verdade, que é Deus, mas precisamos procurá-la".

Podemos aprofundar a atração da missão e a atratividade da Igreja com uma metáfora. Os missionários e as missionárias não são caçadores de borboletas, mas zeladores das flores de um jardim que atrai as borboletas. Não salvam almas, mas vidas. Optamos por uma "missiologia jardineira" que atrai as borboletas pela beleza de suas flores e pelo odor de suas plantas.

Missão

Essa dimensão da "atratividade" da Missão está enraizada no próprio Deus-Amor. Para que todos possam tornar-se discípulos e discípulas de Deus, o Deus-Amor sai de si mesmo, desce, abraça e atrai: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair" (Jo 6,44). Nos três movimentos, no da descida, da atração e do abraço se realiza o dom de Deus: "Deus revela a sua face precisamente na figura do Servo sofredor" (*Spe salvi* 43; Is 53). Ao abraçar o leproso, São Francisco se converteu. A conversão é uma consequência desta atratividade de Deus. Na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, a unidade entre o Nazareno e o Deus-Amor é tão grande, que Jesus pode exclamar: "Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim" (Jo 12,32). A atração de Deus se manifesta no "ir ao encontro" e no "deixar-se encontrar" e é explicitada nas parábolas do Bom Samaritano e da Ovelha Perdida.

Documento

O "Documento de Aparecida" assumiu esse tópico da "atração" oriunda da força do amor (DAp 159; cf. 268, 361s). Em seu discurso aos bispos brasileiros, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude - JMJ, o Papa Francisco confirma o tópico da atração como uma atitude de encantamento missionário fundamental para toda a Igreja: "Uma Igreja que dá espaço ao mistério de Deus; uma Igreja que alberga de tal modo em si mesma esse mistério, que ele possa encantar as pessoas, atraí-las. Somente a beleza de Deus pode atrair. O caminho de Deus é o encanto que atrai" (JMJ, 27-07-2013) pelo dom do amor.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios missiológicos para a Igreja? E como a fala do Papa incide sobre o trabalho missionário?

Paulo Suess - O Papa Francisco revalidou o "Documento de Aparecida" para a Igreja universal. Observa-se, portanto, entre o magistério latino-americano e o magistério universal de Francisco uma grande afinidade no pensamento missiológico e na proposta do trabalho missionário. Ambos, Aparecida e Roma, são herdeiros do Vaticano II e do seu axioma fundamental que a Igreja é por sua natureza missionária (DAp; AG). Essa herança aponta à passagem de uma missão territorial para uma missão em que a responsabilidade do ser missionário é de todos os batizados. No Documento de Aparecida, a missão tornou-se o paradigma síntese em dois sentidos: primeiro, assume a caminhada das quatro conferências latino-americanas anteriores com seus paradigmas de descolonização, opção pelos pobres e libertação, participação e inculturação; segundo, sintetiza as múltiplas propostas do próprio documento sob o prisma da missão.

Documento de Aparecida

O Documento de Aparecida, que é um precursor da *Evangelii*

Gaudium,[2] pensa a operacionalização da natureza missionária da Igreja em três círculos concêntricos como missão paroquial, continental e *ad gentes*:

• As paróquias devem ser "comunidades de comunidades" (DAp) e transformar-se de uma comunidade de manutenção em "centros de irradiação missionária em seus próprios territórios" e em "lugares de formação permanente" (DAp).

• Na Missão Continental todo o continente "quer colocar-se em estado de missão" (DAp). Ela se dirige aos católicos batizados, porém pouco ou não evangelizados (DAp).

• "Missão *ad gentes*", significa "missão universal" da Igreja: "Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos mais diversos "areópagos" da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo *ad gentes* nossa solicitude pela missão universal da Igreja" (DAp).

Reestruturação

Francisco assume a reestruturação da missão no Documento de Aparecida e aponta para uma metodologia com cinco pilares que marcam a pastoral em chave missionária (EG):

(a) **abandonar** o cômodo critério pastoral: "fez-se sempre assim", que exige que todos sejam "ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades" (EG);

(b) "**ouvir** a todos", que às vezes, exige caminhar "à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo" (EG), outras vezes é mais indicado manter-se "no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa, e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo, porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas" (EG);

(c) "**sair** de si ao encontro do outro" aponta para uma Igreja missionária, uma Igreja "em saída". Ela aprendeu essa saída de figuras bíblicas, como Abraão e Moisés, de profetas e apóstolos. "Naquele «ide» de Jesus, [...] todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho" (EG 20, cf. 30). "A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas" (EG) e despojada. A missão é o antídoto da mundanidade espiritual que cultiva "o cuidado da aparência" e se coloca num círculo de giz da autorreferencialidade (EG). A autorreferencialidade é o oposto da alterreferencialidade que põe os interesses de Jesus Cristo na frente dos próprios interesses (EG 93).

(d) **encarnar-se** (inculturar-se) no universo do outro, porque nele "está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós" (EG). Está na lógica da encarnação na diversidade cultural pensar o cristianismo pluricultural.

(e) Quando a pastoral assume a prioridade da missão, "o anúncio **concentra-se no essencial**, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário" (EG). "Por que complicar o que é tão simples? As elaborações conceituais hão de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não afastar-nos dela" (EG).

Imperativos missiológicos

Nos verbos acima mencionados encontram-se os imperativos missiológicos:

• no "abandonar" será enfrentado o desafio do tradicionalismo e do "apegar-se" ao sobrepeso de culturas hegemônicas;

• no "ouvir" será contestado o desafio do autoritarismo que é incapaz de ouvir os outros, e a reserva contra a participação do povo de Deus;

• no "sair" será invocada a abertura de portas, caminhos e novos estilos de encontro;

• no "encarnar-se" será desafiado o colonialismo que impõe o próprio como normativo e trata o outro como tutelado;

• no "concentrar-se" ao essencial, a Igreja vai ao encontro do povo simples, contestando atitudes que procuram substituir o Evangelho pela Lei e que fazem do direito canônico e do conhecimento de todos os meandros doutrinários, os pré-requisitos preferenciais para a escolha dos seus quadros de comando.

IHU On-Line - No que consiste o processo de missão depois do Concílio Vaticano II e quais as distinções desse processo antes do Concílio?

Paulo Suess - Para continentes, cuja primeira evangelização foi hipotecada pela proximidade com o sistema colonial, o Vaticano II permitiu iniciar processos de descolonização na transmissão da fé. Os documentos conciliares permitiram um deslocamento na compreensão dos sujeitos e objetivos, dos meios e fins do conceito "missão", abriram caminhos. Na complexa realidade da teologia da missão e das atividades missionárias se cruzam até hoje todas as questões teológico-pastorais, disputadas à época do Vaticano II: a compreensão da "natureza missionária" e do ma-

2 **Evangelii Gaudium** (A alegria do Evangelho): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, é a exortação apostólica do Papa Francisco, publicada no dia 24 de novembro de 2013. Ela constitui-se no documento programático do pontificado do Papa atual. A íntegra do documento foi publicada pelas Edições Loyola e Paulus, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

crossujeito "povo de Deus", a relação entre o "sacerdócio comum dos fiéis", o "sacerdócio ordenado" e a missão dos leigos, a questão do ecumenismo e do pluralismo religioso, a missão *ad gentes* acoplada a um envio específico além-fronteiras dos chamados "arautos da missão", a relação entre "evangelização explícita" e "evangelização testemunhal" nos serviços e na diaconia das diferentes periferias do mundo.

Vaticano II

O Vaticano II contemplou a atividade e o ser missionário da Igreja basicamente nas constituições *Lumen gentium*[3] (LG) e *Gaudium et spes*[4] (GS) e nos decretos *Ad gentes*[5] (AG) e *Apostolicam actuositatem*[6] (AA); o diálogo e as relações entre católicos e cristãos não católicos, no decreto *Unitatis redintegratio* (UR), e o diálogo e as relações com as religiões não cristãs, na declaração *Nostra aetate* (NA). Esses documentos permitiram assumir novas perspectivas na teologia da missão e reorientar os rumos das atividades missionárias. Resumidamente pode-se considerar cinco passos dados pelo Vaticano II:

1 - Da exclusividade salvífica à partilha universal da graça da salvação

Até a primeira metade do século XX, os arautos da missão eram obrigados, em nome da Igreja, a negar a possibilidade de salvação aos não cristãos. Vale lembrar nesse contexto a Bula *Cantate Domino*, do Concilium Florentinum, de 1442, e sua afirmação de que ninguém que vive fora da Igreja Católica seria capaz de participar da *vida eterna* (Denzinger-Schönmetzler, n. 1351). E Francisco Xavier, ainda no ano 1552, não tinha nenhum consolo aos seus interlocutores do Japão a respeito de seus antepassados que, segundo a doutrina da época, estariam todos no inferno. Ao comparar a Bula do Florentinum com textos do Vaticano II, percebe-se facilmente a descontinuidade: "O plano da salvação abrange também aqueles que reconhecem o Criador" (LG), muitas vezes, em religiões não cristãs que "refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens" (NA). De ninguém, que procura "o Deus desconhecido em sombras e imagens, Deus está longe" (LG).

2 - Do eclesiocentrismo à centralidade do Reino

Jesus constituiu os doze "para enviá-los a pregar o Reino de Deus" (LG). A comunidade missionária vive no interior da Igreja Povo de Deus, comunidade constituída por comunidades que vivem sua missão na luta pela vida, enviadas "a pregar o Reino de Deus" (LG), procurando "por toda a parte e em tudo a justiça do reino de Deus" (AA).

A estrutura teológica dessa Igreja-Missão é trinitária porque é "Povo de Deus", "Corpo do Senhor" e "Templo do Espírito Santo" (LG). Por ser essencialmente missionária, ela não vive para si. Converter-se ao Reino é tarefa cotidiana dessa Igreja povo de Deus "para que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade" (GS). Meta e prioridade da Igreja é o Reino de Deus (LG; GS). O anúncio do Reino é historicamente relevante para além da história: "suspira unir-se ao seu Rei na glória" (LG; DAp).

3 - Do território missionário à natureza missionária

O Vaticano II iniciou processos eclesiológicos e pastorais que livraram a missão da Igreja de fixações a territórios geográficos. Desde seu batismo, os cristãos participam da "natureza missionária" como "adeptos do caminho" (At) e seguidores de Jesus Cristo. Ele é o primeiro missionário, enviado por Deus Pai ao mundo (cf. Jo 5,36s). A partir de sua "natureza missionária", a Igreja procurou assumir o deslocamento de uma Igreja que tem missões territoriais sob a responsabilidade da Congregação pela Propagação da Fé (Propaganda Fide) ou de Ordens Religiosas, missões pelas quais os fiéis fazem coletas e orações, para uma Igreja na qual a missionariedade representa a orientação fundamental de todas as suas atividades e do seu ser, em nível local (nas comunidades), regional (nas dioceses e Conferências Episcopais) e universal (Cúria Romana).

4 - Da "missão *ad gentes*" à "missão inter gentes"

3 **Lumen Gentium**, (Luz dos Povos): é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja enquanto instituição. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas. Sobre o tema, confira os **Cadernos Teologia Pública** número 4, intitulado *No quarentenário da Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et Spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Ad gentes:** em 7 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI promulgava o decreto Ad gentes, sobre a "Actividade Missionária da Igreja" um dos documentos mais relevantes e mais trabalhosos que resultaram do Concílio Vaticano II. A ele se deve toda uma revolução na forma de encarar e praticar a missão. E também o respeito pela cultura, pela história e pelas religiões dos povos a evangelizar. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Apostolicam Actuositatem** (Atividade Apostólica)**:** documento do Concílio Vaticano II, promulgado pelo Papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965. Define a missão dos fiéis leigos para tanto "levar os não crentes para a fé e para instruir, fortalecer e encorajar os fiéis a uma vida mais fervorosa". (Nota da **IHU On-Line**)

A expressão "missão *ad gentes*" pode apontar em duas direções: na dos antigos pagãos, considerados sem verdadeira religião e que seriam hoje os que se declaram ateus, ou na direção de povos de outros continentes ou países nas mais diversas modalidades religiosas.

Hoje, a "missão *ad gentes*", de fato, é "missão inter gentes", missão entre povos e continentes, entre Igrejas locais e comunidades. O paradigma da "missão inter gentes" corresponde ao espírito do Vaticano II porque:

• leva em conta a situação do pluralismo religioso e da diáspora crescente da Igreja;

• enfatiza a responsabilidade da Igreja local para a missão;

• quebra o monopólio de uma Igreja que envia missionários e uma Igreja que os recebe;

• admite a reciprocidade e conversão mútua entre agentes e destinatários da missão e da Igreja em cinco continentes e valoriza o diálogo intercultural e inter-religioso;

• sublinha a missão não como uma atividade entre indivíduos, mas entre comunidades.

5 - Da supervisão à inculturação

Os arautos da missão aprendem a trabalhar e conviver com o cultural e materialmente disponível e reconhecer "nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor" (LG). Meios sofisticados e lugares de comando são, muitas vezes, um contratestemunho para a missão. O passo da supervisão à inculturação faz parte da substituição do método dedutivo pelo método indutivo.

Na época conciliar ainda não se usava o conceito "inculturação". Termos semanticamente próximos do "aggiornamento" e da "adaptação" (SC 37; GS) eram: "autonomia da realidade terrestre" (GS 36; 56) e da cultura, "sinais do tempo" (GS) e "diálogo" (CD; UR), "encarnação" e "solidariedade" (GS). A palavra precursora da inculturação era "assunção": "Os Santos Padres proclamam constantemente que não foi sanado o que não foi assumido por Cristo" (AG). "Aggiornamento" nas macroestruturas da modernidade e "inculturação" na microestrutura traduzem o conceito "assunção" para hoje. O passo da supervisão, da distância pastoral da realidade do povo de Deus, à inculturação visa mais proximidade e relevância de estruturas, doutrinas, símbolos e liturgias ao povo de Deus. A escassez dos ministérios ordenados da Igreja ainda é uma dificuldade grande para realizar essa proximidade.

IHU On-Line - Como Francisco aborda o processo de missão?

Paulo Suess - Em vez de "aggiornamento", mas em continuidade com o significado desse paradigma, o Papa Francisco fala de "processos" que representam um aggiornamento permanente e a longo prazo. Os processos da missão obedecem à lógica do crescimento orgânico. Palavras-chave da Evangelização como "acompanhar", "inserir", "inculturar", "evangelizar" apontam sempre a processos de crescimento. Precisamos distinguir entre os processos de mudança cultural, que são lentos (cf. 129), os medos que atrasam "toda a ousadia" (EG) e a urgência da caridade de Cristo (cf. 2 Cor 5,14).

Vivemos numa época de aceleração de todos os processos produtivos. Também os processos pastorais, que se concentram nas mãos de poucos, são marcados por essa aceleração que dificulta o encontro e acompanhamento pastoral. O mundo acelerado valoriza mais a chegada e o resultado final que o caminho e o processo. Mas para a construção de um povo, "o tempo é superior ao espaço" (EG). E Francisco pergunta: "Quais são as pessoas que, no mundo atual, se preocupam realmente mais em gerar processos que construam um povo do que em obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros?" (EG). A opção pelos processos, que exige desaceleração e participação, "permite trabalhar em longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. […] É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo" (EG). A comunidade missionária "acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam" (EG 24) e não abrevia o tempo de sua presença por causa de compromissos acumulados.

Missão

A missão aposta em processos muito além do âmbito estritamente eclesial. A redistribuição da renda, que é uma exigência da justiça, e "o crescimento equitativo exige(m) algo mais do que o crescimento econômico" (EG). Exigem intervenções, freios de emergência e "processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo" (EG). As contradições da vida social sempre geram conflitos. Nossa pedagogia pastoral nos ensina que é necessário transformar o conflito "no elo de ligação de um novo processo" (EG). Para seguir nesta longa estrada, precisamos "adotar os processos possíveis" (EG) e nos lembrar: "A diversidade é bela, quando aceita entrar constantemente num processo de reconciliação até selar uma espécie de pacto cultural que faça surgir uma «diversidade reconciliada»" (230). Ao assumir o processo como categoria histórica da pastoral missionária, a *Evangelii Gaudium* consegue sintetizar a vida ativa e a gratuidade do dom da vida como horizonte dinâmico de esperança.

IHU On-Line - Em 2014, pela primeira vez na história, foi celebrada a *missa criolla* na Basílica de São Pedro, no Vaticano. O que significa esse acontecimento?

Paulo Suess - No final da tarde do dia 12 de dezembro de 2014, Festa de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina, o Papa Francisco celebrou a chamada "Missa Criolla" na Basílica de S. Pedro. O Papa não celebrou a "Missa Criolla"; presidiu uma Missa em rito romano, animada pelos cantos da Missa Criolla do compositor argentino Ariel Ramírez[7] cuja apresentação foi dirigida pelo filho, Facundo Ramirez, com seu grupo musical argentino. Participaram na animação musical desta celebração como solista, a cantora argentina Patricia Sosa, e o coro romano Musica Nuova, todos vestidos a rigor. A "Missa Criolla" é a tentativa de síntese entre a música sacra, popular e folclórica, de 1963.

Novo inquilino

Está na lógica de uma "Igreja em saída" às periferias e fascinada pela "alegria do Evangelho" nos meios populares, que ela traz algo de volta, aprendizados de simplicidade, alegria, abertura. O Papa Francisco nos mostra essa reciprocidade do "ir e vir" a cada dia. Ele vai para Lampedusa e recebe migrantes em casa, ele manda construir banheiros para os moradores de rua e os recebe na Capela Sistina. Faz parte da normalidade que assistimos com o novo inquilino do Vaticano.

A Igreja latino-americana, em sua liderança autorizada por Roma, sempre foi uma Igreja de descendentes das migrações europeias, ou dos crioulos que declararam a independência. Nunca foi uma Igreja indígena ou afro-americana. Uma "Missa Criolla" na Catedral de S. Pedro não indica avanços espetaculares de inculturação. Mas, se comparamos a manchete "A emoção do *Sanctus* da Missa Criolla na Missa do Papa Francisco" com esta outra que nos entristeceu: "Vaticano proibiu a Missa da Terra-sem-Males" sentimos os primeiros resultados de uma "Igreja em saída". Ainda estamos engatinhando embaixo da mesa da inculturação.

IHU On-Line - Qual a especificidade da atuação de um religioso em comunidades mais distantes? Como a atuação religiosa em comunidades distantes se relaciona ou é feita a partir da ideia de inculturação na perspectiva abordada por Francisco?

Paulo Suess - Depende como se faz a pergunta. Posso perguntar também: "Qual é a atuação de uma comunidade cristã cujo ministro ordenado vive muito distante dela e faz poucas vezes por ano uma visita? Como a atuação religiosa dessas comunidades se relaciona com seus Pastores de Fórmula 1, a partir do paradigma de inculturação segundo Francisco? Eu vivi essa situação 50 anos atrás no interior da Amazônia. Para muitas comunidades faziam-se duas visitas por ano: a viagem de desobriga, perto da Páscoa e, em junho, a viagem de esmolação, perto da Festa da Padroeira ("Na. Sra. da Saúde", 2 de julho). Na primeira, que no Chile se chama apropriadamente "Correria Apostólica", o povo devia desobrigar-se de seus pecados, e na segunda, por ocasião da Festa da Padroeira, pedimos esmolas, que representavam a única renda para sustentar o serviço social da paróquia.

As comunidades com Ministros Ordenados de F1 precisam romper a solidão sacramental e tornar-se consciência crítica de uma Igreja que não cumpriu sua própria exigência de construir comunidades com a Eucaristia no centro de sua vida cristã nem cumpriu suas promessas de "presença", "proximidade", "acompanhamento" e "encontro". Inculturação, nessa situação, significaria ordenar "*viri probati*", líderes de comunidades para celebrar Eucaristia; significaria lembrar-se do apóstolo Paulo que, quando o labor missionário o levou mais adiante, nunca deixou uma comunidade sem Eucaristia. A multiplicação de ministros ordenados pode ser uma contribuição aos processos de inculturação.

Propostas corajosas

O próprio Papa Francisco pede nessa questão propostas corajosas que devem surgir das regiões e apoiadas pelos bispos locais. Vivemos uma situação rara na Igreja, na qual o Papa é, pastoralmente, mais aberto e sensível que muitos dos seus ministros. A "Missa Criolla" cantada na Catedral de S. Pedro parece caviar para o povo que clama por arroz e feijão: "Nesta linha, se pode entender o pedido de Jesus aos seus discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6,37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos" (EG). As comunidades sem ministros ordenados reclamam ao lado da solidariedade social e cultural a solidariedade eucarística. E nessa perspectiva devemos também entender a advertência de Francisco: "Não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão de uma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo" (EG).

IHU On-Line - Para Francisco, o que significam os conceitos "cultura" e "povo"?

Paulo Suess - "Culturas" e "povos" apontam para o lugar da subjetividade e criatividade na pluriformidade do mundo e da Igreja.

7 **Ariel Ramirez** (1921-2010): músico, compositor e pianista argentino. É considerado uma das principais figuras do nativismo argentino. Disseminador da cultura tradicional através de uma extensa discografia. Autor de numerosas canções criollistas altamente populares e Misa Criolla, uma das obras mais importantes da música Argentina. (Nota da **IHU On-Line**)

Os dois conceitos que são em si diferentes, são também diferentes em seu uso eclesial que se reflete na fala e escrita de Francisco. Mas as duas noções, às vezes, também se cruzam, por exemplo, quando a *Evangelii Gaudium* fala do pluralismo dos modelos culturais acolhidos na diversidade dos povos que constituem a Igreja: "Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime sua genuína catolicidade" (EG). Povo é sujeito coletivo e as culturas são criações desses povos (cf. EG).

O conceito "cultura" de Francisco é uma síntese do caleidoscópio cultural que se encontra nos documentos eclesiais nos quais cultura pode ser o projeto histórico de vida de determinada etnia ou de um povo e ao mesmo tempo o projeto de vida de uma nação ou de um continente. Na *Evangelii Gaudium*, Francisco fala da "noção de cultura" como de "um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. [...] Cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia (cf. GS 36). [...] O ser humano está sempre culturalmente situado: «natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas» (GS). A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe" (EG).

Mas a palavra "cultura", no linguajar eclesial e bergogliano, pode também denominar valores e fenômenos interculturais que se encontram em todos os povos. Assim Francisco fala da cultura dos simples (EG), da cultura profissional (EG) e midiática (EG), da cultura materna (EG), da cultura do «descartável» (EG) e globalizada (EG).

Conflitos

Como muitos documentos eclesiais, também a *Evangelii Gaudium* propõe, para remediar conflitos macro ou microculturais, a evangelização e a purificação das culturas, como se a própria evangelização não fosse também impregnada de culturas que, por serem históricas, necessitam de purificação.

Também o conceito "povo" tem os múltiplos rostos da tradição eclesial, sobretudo da tradição latino-americana. Para Francisco, povo pode significar povo de Deus que é Igreja e evangeliza (EG) e é evangelizado. "Ser Igreja significa ser povo de Deus" (EG), que "se encarna nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria" (EG). Francisco está muito próximo à Teologia do Povo de Deus, desenvolvida pelo Vaticano II. Todos os tópicos relevantes do "Capítulo II: O povo de Deus", da "Constituição Dogmática *Lumen gentium*", encontram-se em seus textos (LG).

Mas, para Francisco, "povo" pode também significar "povo simples", "povo pobre", "povo católico" (EG), "povo fiel" (EG), e rebanho (EG). Os direitos individuais devem sempre servir aos direitos coletivos dos povos, sobretudo dos povos pobres que têm um lugar privilegiado no povo de Deus (EG). Nos povos indígenas devemos hoje "reconhecer Cristo sofredor" (EG): "Como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos" (EG) e a colaborar na "construção de um povo em paz, justiça e fraternidade" (EG). Nessa construção, Francisco enfatiza, em certo contraste com o individualismo europeu, princípios da teologia latino-americana (EG). Provavelmente sentindo a possibilidade de confundir suas frases de efeito com afirmações populistas, o Papa se distancia: "Longe de mim propor um populismo irresponsável, mas a economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno" (EG).

IHU On-Line - De que forma o Ano Santo da Misericórdia pode contribuir para a luta de povos como os indígenas? Qual seu significado?

Paulo Suess - A pergunta implica a necessidade de fazer a leitura política de um conceito religioso e de aferir a sua "convivência" com o conceito "justiça". Na vida do Papa Francisco, a misericórdia tem um lugar axial, como mostra seu lema episcopal: "Olhou-o com misericórdia e o escolheu" (*miserando atque eligendo*). É na casa de Mateus, cobrador de impostos e marginal social, que Jesus defende a misericórdia para com publicanos e pecadores contra o rigorismo dos fariseus. A escolha desse lema tem um vínculo biográfico importante. Foi na festa litúrgica de São Mateus, dia 21 de setembro de 1954, Dia dos Estudantes e do início da primavera, que Jorge Mario Bergoglio sentiu de um modo especial o chamado misericordioso daquele Deus, que "saiu ao seu encontro e o convidou a segui-lo". Mais tarde, em sua última entrevista radiofônica antes de ser eleito Papa, diria sobre essa experiência que fez nascer sua vocação sacerdotal: "Deus me priorizou. [...] Senti como que se alguém me agarrasse por dentro e me levasse ao confessionário".

Misericórdia

O Evangelho da misericórdia tem seu lugar na Igreja que prioriza os pobres e que, "pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças" (EG 188). Com Tomás de Aquino,[8] Francisco considera a misericórdia a maior de todas as

8 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

virtudes: "Em si mesma, a misericórdia é a maior das virtudes; na realidade, compete-lhe debruçar-se sobre os outros e [...] remediar as misérias alheias. [...] É por isso que se diz que é próprio de Deus usar de misericórdia e é, sobretudo nisto, que se manifesta a sua onipotência" (37). Pode-se pensar em três degraus: a injustiça como relação desigual e não recíproca, a justiça como reciprocidade e a misericórdia como gratuidade. A misericórdia amplia a reciprocidade da justiça pela gratuidade. Assim torna-se justiça da ressurreição. Seguindo esse raciocínio podemos dizer: o "Ano Santo da Misericórdia" potencializa a justiça em duas direções: na direção do perdão da dívida do mais fraco e na direção da cobrança da justiça que vai além da mera cobrança da lei que favorece a classe dominante.

O "Ano Santo da Misericórdia" será iniciado no dia 8 de dezembro de 2015, dia do encerramento do Concílio. Parece como um ritual dos Bororo, do Mato Grosso, cujos ritos do encerramento de uma vida sempre são ritos de iniciação festiva e prolongada de um grupo de jovens na vida do povo. O Ano Santo será iniciado com a abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro. A porta será aberta para que a Igreja se torne uma "Igreja em saída", uma Igreja que se arrisca a um novo encontro com os povos indígenas e supera a recepção morna do Vaticano II com audácia e coragem. "Igreja em saída" significa também Igreja em saída das amarras sistêmicas, significa Igreja profética que arrisca suas adaptações sistêmicas porque se põe ao lado daqueles aos quais no sistema não há lugar. ■

LEIA MAIS...

- **70% das comunidades são privadas da Eucaristia dominical. "A Igreja é a responsável por esta situação"**. Entrevista com Paulo Suess, publicada em Notícias do Dia, em 16-04-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1hKRQGM.
- **"Missas e ministros midiáticos, alinhados a padrões de marketing, podem destruir o sagrado"**. Entrevista com Paulo Suess, publicada na IHU On-Line 398, de 13-08-2012, disponível em http://bit.ly/1ALBpiv.
- **Teologia e capitalismo: incompatíveis?** Entrevista com Paulo Suess, publicada na IHU On-Line 404, de 05-10-2012, disponível em http://bit.ly/1H7jV7Z.
- **A Igreja de Francisco. ''Voltar para as fontes, e caminhar devagar no ritmo do povo''**. Entrevista com Paulo Suess, publicada em Notícias do Dia, em 06-08-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1zZyrfe.
- **Outra vez, a mão de Deus. Os sete espantos do Papa Francisco**. Artigo de Paulo Suess, publicado em Notícias do Dia, em 14-03-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1IAOKkk.
- **Dois projetos e cinco cenários**. Artigo de Paulo Suess, publicado em Notícias do Dia, em 07-03-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1cwvMip.
- **Desafio do "Bem Viver". Horizonte político e imperativo profético**. Artigo de Paulo Suess, publicado em Notícias do Dia, em 04-10-2011, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1zZzD2q.
- **Fé, fome, suor e sangue. Religiosidade e mística nordestina**. Entrevista com Paulo Suess, publicada na IHU On-Line 436, de 10-03-2014, disponível em http://bit.ly/1FkdEWf.

A lufada de ar do Concílio Vaticano II na Igreja

Gilles Routhier observa os gestos de Francisco como janelas abertas à renovação de ares no catolicismo

Por João Vitor Santos e Ricardo Machado | Tradução: André Langer

Ao optar pelo diálogo, Papa Francisco parece interpretar o Concílio Vaticano II não somente com exortações e homilias, mas, sobretudo, com gestos significativos. "Isso está claro, especialmente no nível da sua opção pelo diálogo, na Igreja, com os outros cristãos e com os crentes de outras religiões", avalia o teólogo e pesquisador Gilles Routhier em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. "Este é apenas um exemplo. Sua determinação pela liturgia renovada pelo Concílio é outro exemplo, assim como sua opção pelas Conferências Episcopais, às quais será preciso conceder um magistério doutrinal (*Evangelii Gaudium*)", complementa.

De acordo com Routhier, este modo de ser de Francisco é sensível a muitas pessoas, inclusive fora dos círculos católicos, funcionando como uma espécie de "lufada de ar fresco" na Igreja com ares do último Concílio. "No Vaticano II, a Igreja católica torna-se 'extrovertida'. Ela se volta para Deus (liturgia e revelação) e para os outros", esclarece. "Ela (a Igreja) quer enfrentar o desafio de se dirigir ao mundo contemporâneo, como convidava o discurso inaugural de João XXIII", pontua o entrevistado.

Pensar o Papa Francisco em termos puramente conceituais, teóricos, é sempre um exercício difícil de ser feito, isso porque sua teologia se evidencia de forma mais clara nas relações que o pontífice estabelece. "Para ele, a relação conta muito. É um conceito ou uma realidade: relação com Deus e com Cristo, relações com os outros, aqueles que estão longe e os pobres, em particular. Podemos também tomar outros conceitos, mas é preciso conceituar o que é sempre concreto para ele e que realça a vida: despojamento, humildade e simplicidade, serviço, saída para os outros etc.", descreve.

Gilles Routhier, nascido em Quebec, no Canadá, é padre e teólogo católico. Obteve o título de doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris e em História das Religiões e da Antropologia Religiosa pela Universidade Paris-Sorbonne. Especializado na recepção do Concílio Vaticano II, foi professor de Teologia Prática e Eclesiologia no Instituto Católico de Paris e atualmente ensina na Université Laval, do Canadá.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a leitura que o Papa Francisco faz do Concílio Vaticano II e como as linhas gerais do Concílio aparecem no pontificado dele? Quais os principais pontos que distinguem sua leitura das de Bento XVI e João Paulo II?

Gilles Routhier - Francisco não está interessado nos debates teóricos sobre a interpretação do Vaticano II. Ele não vai relançar o debate sobre esse tema, discussão que teve o efeito de dividir os católicos. Ele vai interpretar o Concílio por meio das suas ações. Isso está claro, especialmente no nível da sua opção pelo diálogo, na Igreja, com os outros cristãos e com os crentes de outras religiões. Este é apenas um exemplo. Sua determinação pela liturgia renovada pelo Concílio é outro exemplo, assim como sua opção pelas Conferências Episcopais, às quais será preciso conceder um magistério doutrinal (*Evangelii Gaudium*[1]), etc. Ele interpreta o Vaticano II acolhendo-o e colocando-o em prática. Ele interpreta também o Vaticano II através da sua atitude pastoral.

1 **Evangelii Gaudium** (A alegria do Evangelho): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, é a exortação apostólica do Papa Francisco, publicada no dia 24 de novembro de 2013. Ela constitui-se no documento programático do pontificado do Papa atual. A íntegra do documento foi publicada pelas Edições Loyola e Paulus, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

Ele reconhece que a pastoralidade deve passar ao primeiro plano, assim como a busca da dignidade das pessoas, sobretudo dos pobres. Reencontramo-nos com a *Gaudium et Spes*,[2] ou seus esforços pela paz.

IHU On-Line - Como é recebida pela Igreja a leitura do Papa Francisco acerca do Concílio Vaticano II?

Gilles Routhier - Sua opção de fundo pela volta ao Evangelho certamente incomoda alguns grupos, porque questiona os costumes, maneiras de viver, etc. Além disso, isso é sentido por muitos, inclusive fora dos círculos católicos, como uma lufada de ar fresco. Era o que muita gente estava esperando.

IHU On-Line - À luz do Concílio Vaticano II, como o pontificado de Francisco encara os desafios do mundo atual?

Gilles Routhier - No Vaticano II, a Igreja Católica torna-se "extrovertida". Ela se volta para Deus (liturgia e revelação) e para os outros: *Gaudium et Spes*, *Unitatis Redintegratio*, *Nostra Aetate*. Ela quer enfrentar o desafio de se dirigir ao mundo contemporâneo, como convidava o discurso inaugural de João XXIII. Francisco deseja também uma Igreja em saída, que não seja simplesmente autorreferencial. Ele retoma os grandes temas abertos pelo Vaticano II, mas que precisam de um novo empenho: a paz, a convivência entre as pessoas com convicções religiosas diferentes, a atenção aos pobres e aos mais fragilizados (crianças e idosos), a ecologia, tema que não foi abordado pelo Vaticano II.

Ele não retoma apenas temas do Vaticano II, mas também suas atitudes: solidariedade, serviço e diálogo com o mundo contemporâneo; anúncio do Evangelho em termos compreensíveis para o mundo de hoje, para além dos católicos, etc.

IHU On-Line - Papa Francisco é visto por muitos como um reformador. O senhor concorda? E o que é uma reforma hoje no mundo católico, o que ela permitiria e como Francisco articula essa reforma?

Gilles Routhier - Ele é, sem dúvida, um reformador, mas se quisermos compreendê-lo, precisamos ir às fontes da sua inspiração. Sua reforma é, acima de tudo, de natureza evangélica. Certamente, ele vai tocar em práticas, formas institucionais, mas seu fundamento é evangélico. Ele convida, além disso, à conversão pastoral da Igreja, de seus modos de pensar e de agir, etc. Esta conversão pastoral de natureza evangélica milita a favor da simplicidade evangélica (despojamento, *kenosis*), do ministério mais do que do magistério. Nesse sentido, ela é cristológica. Ela é descentramento da Igreja para os outros, em particular dos mais pequeninos. Também nisso ela é fundamentalmente cristológica e, nessa linha, desemboca no Vaticano II. Ele coloca no centro a pessoa e não os sistemas, as estruturas, etc. É a partir deste impulso evangélico que é preciso considerar sua reforma.

IHU On-Line - De que forma Francisco conduz a Igreja rumo ao terceiro milênio?

Gilles Routhier - Provavelmente seja muito ambicioso falar do milênio. Ele, pelo menos, vai indicar um caminho possível para a Igreja no presente século. É preciso ver se esse aceitará seguir por esse caminho, essa maneira de estar no mundo. Isso não está dado.

IHU On-Line - Como Francisco articula a ideia de colegialidade através dos sínodos? Qual o significado da escolha do tema "Família" para o Sínodo?

Gilles Routhier - Ao escolher esse tema ele aborda uma questão que afeta quase todas as pessoas. Essa não é uma questão interna à Igreja, mas uma realidade que toca todas as pessoas, a vida de todos os dias, a vida comum. Nesse sentido, essa escolha descentra a Igreja.

No Sínodo, ele quer que os bispos se expressem livremente. Não há questão tabu ou opinião que não possa ser manifestada. Ele convida a uma grande liberdade interior e exterior.

IHU On-Line - Que repercussões Francisco gera quando dessacraliza a figura do Papa? Qual o significado desses atos não solenes em seu pontificado?

Gilles Routhier - A renúncia de Bento XVI, em certo sentido, já dessacralizou a figura do Papa. Francisco persegue esse trabalho de outra maneira insistindo na simplicidade, na maneira de se vestir, de viver, de encontrar o outro, etc. Mais uma vez, ele quer ser servidor e romper de maneira definitiva com esta Igreja de corte — da qual ainda restam elementos, mesmo que Paulo VI tenha eliminado muitos — herdada da Renascença.

IHU On-Line - Como define a "teologia de Francisco"?

Gilles Routhier - A teologia não é, provavelmente, sua maior preocupação ou seu maior interesse. Dito isso, não devemos pensar que ele não tem uma reflexão profunda. Sem dúvida, ele apreende as coisas a partir de um ponto de vista pastoral (atenção à pessoa concreta) e de um ponto de vista espiritual, espiritualidade muito cristocêntrica.

2 **Gaudium et Spes:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A Igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como detectar os principais conceitos que norteiam a "teologia de Francisco"? Quais são eles e como compreendê-los?

Gilles Routhier - Eu não sei se se trata de conceitos teológicos ou se podemos falar de "teologia de Francisco". Para ele, a relação conta muito. É um conceito ou uma realidade: relação com Deus e com Cristo, relações com os outros, aqueles que estão longe e os pobres, em particular. Podemos também tomar outros conceitos, mas é preciso conceituar o que é sempre concreto para ele e que realça a vida: despojamento, humildade e simplicidade, serviço, saída para os outros, etc.

IHU On-Line - Que postura o Papa assume diante de temas polêmicos como o sacerdócio exercido por mulheres, as relações homoafetivas, o uso de métodos contraceptivos, o celibato, o divórcio e a união de casais divorciados, entre outros? Que aberturas ele propõe e aonde ele quer chegar com essa postura?

Gilles Routhier - Ele conseguiu devolver a sua dignidade a essas pessoas, não encerrá-las em categorias, mas reencontrar as pessoas concretas que são dignas. Ele não aborda as coisas a partir de categorias ou problemas, mas a partir de pessoas a encontrar, com quem dialogar, pessoas a animar, pessoas feridas e que podem ser tocadas pela misericórdia. Depois os debates se afastam da sua perspectiva, porque eles transformam os homossexuais ou as mulheres em categorias gerais, "seres de razões", abstrações. Para Francisco, não é isso. Ele parte da misericórdia de Deus dirigida às pessoas concretas. É nesta perspectiva que ele nos convida a situar as coisas, uma perspectiva relacional, e não no contexto de um debate teórico onde se fala de leis, do que é permitido e proibido e debates nos quais as pessoas e a misericórdia estão ausentes.

LEIA MAIS...

– **Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio.** Entrevista com Gilles Routhier publicada na **IHU On-Line** 401, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/1K8kLCj.

Em defesa de uma economia mais justa

Segundo Stefano Zamagni, "o Papa chama a atenção de todos, crentes e não crentes, de forma concreta", para as mazelas do modelo capitalista

Por Márcia Junges e Leslie Chaves | Tradução: Sandra Dall'Onder

Ao abordar o tema da economia, o Papa Francisco não pretende alarmar, mas fazer um apelo para que seja repensado o modelo de mercado atual. É o que afirma Stefano Zamagni em entrevista por e-mail concedida à **IHU On-Line**. "A verdade é que Francisco demonstra que entende o que muitos observadores e estudiosos fingem não ver, ou seja, que a pobreza absoluta e a desigualdade são fenômenos substancialmente diferentes", ressalta.

Para o economista, as estratégias de combate a esses dois problemas, como a redistribuição de renda e a intervenção nos processos de produção da riqueza, defendidas pelo Papa têm causado incômodo entre alguns críticos de Francisco. Ainda, "certo conservadorismo está preocupado com a falta de apoio da Doutrina Social da Igreja a um determinado modelo de economia de mercado", conclui.

Na entrevista, Zamagni analisa o sistema econômico e aponta que a organização do mercado hoje provoca um crescimento exponencial das desigualdades sociais e simultaneamente a redução das liberdades das pessoas. Ao excluir as empresas e as pessoas menos produtivas, a lógica de organização do capitalismo do modo que está posto gera uma espécie de darwinismo social, nas palavras do economista. "Na visão do Papa é este modelo de capitalismo, típico da fase atual da história, que não se sustenta hoje", afirma. Nesse contexto, "o que Francisco quer enfatizar são as formas como a riqueza é gerada e os critérios pelos quais ela é distribuída entre os membros da família humana", constata.

Stefano Zamagni atua na Universidade de Bolonha, na Itália, e já lecionou na Universidade de Parma e na Universidade Comercial Luigi Bocconi, em Milão. Desde 1991, é consultor do Conselho Pontifício "Justiça e Paz", do Vaticano, e, entre 1994-1995, foi membro da Pontifícia Academia das Ciências Sociais. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Microeconomia* (Ed. Il Mulino, 1997), *Profilo di Storia del Pensiero Economico* (Ed. Nuova Italia Scientifica, 2004), *Per una Nuova Teoria Economica della Cooperazione* (Ed. Il Mulino, 2005) e *L'Economia del Bene Comune* (Ed. Città Nuova, 2007). Em português, publicou recentemente *Economia Civil: Eficiência, Equidade e Felicidade* (Ed. Cidade Nova, 2010), com coautoria de Luigino Bruni.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as grandes linhas do pensamento social e econômico do Papa Francisco? Como essas posições se referem ao Ensino Social da Igreja, sobretudo a respeito dos últimos documentos Papais?

Stefano Zamagni - O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*[1] não pretende alarmar e sim fazer um convite sincero para que sejam reconsiderados os fundamentos do modelo de economia de mercado em voga hoje. É, portanto, um convite para sair da "escuridão do pensamento" em que esta crise nos obriga a ficar. Os mercados não são todos iguais, porque eles são o

1 **Evangelii Gaudium:** Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. Como a maioria das exortações apostólicas, foi escrita após uma reunião do Sínodo dos Bispos, neste caso, a XIII Assembleia Geral Ordinária sobre A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Ainda critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres.(Nota da **IHU On-Line**)

precipitado de projetos políticos e culturais. Existem mercados que reduzem as desigualdades e outros que as aumentam. O primeiro se chama civil, porque amplia *civitas*[2] com o objetivo de incluir praticamente todos; o segundo é o mercado incivilizado, porque ele tende a excluir e regenerar as "periferias existenciais". Na atual fase do capitalismo financeiro onde se tornou dominante o segundo tipo de mercado, os resultados estão diante de nossos olhos: eles aumentam as desigualdades sociais em um grau nunca visto em séculos anteriores; eles reduzem a liberdade substancial, não formal, de muitas pessoas. Nesta situação o Papa chama a atenção de todos, crentes e não crentes, de forma concreta.

O fato é que o discurso do Papa tem uma base teórica muito mais sólida do que alguns clichês de massa 'midiológica' querem fazer crer. Sua figura está ligada ao realismo histórico. Ligar o conhecimento e a experiência da realidade; fazer com que o pensamento seja uma prática de vida. Assim, para o Papa Francisco o Cristianismo não pode ser reduzido à ortodoxia — este é o risco do intelectualismo racional — nem à ortopráxis, uma espécie de *pathos* espiritual. Concretamente, isso significa que, para além do *factum*, o que o homem faz, existe o *faciendum*, o que pode ser feito para um novo projeto histórico.

IHU On-Line - A economia civil de mercado, ideia que o senhor desenvolve em suas reflexões acadêmicas, tem proximidade com a posição do Papa sobre como deveria ser a economia de nosso tempo? Por quê?

Stefano Zamagni - Na atual fase histórica, as implicações práticas do ensino da Doutrina Social Cristã estão ligadas à recuperação de pontos importantes daquela tradição do pensamento, que se afirmou durante o século XVIII, em Nápoles e Milão, ou seja, a economia civil. Por um lado, trata-se de redesenhar as regras do jogo, isto é, as instituições, especialmente as econômicas, que ainda são em grande parte extrativas — para usar a feliz expressão de J. D. Acemoglu e Robinson (2013)[3] — e, portanto, excluir ao invés de incluir os cidadãos. De outro lado, é necessário inserir o princípio da doação como gratuidade — e não a doação como um presente — no discurso e na prática econômica, criando todas essas iniciativas econômicas que têm como princípio regulador a reciprocidade. Pensemos nas empresas sociais, nas associações de tipo produtivo, na chamada finança ética, na soberania do consumidor, nas estruturas institucionais de governança corporativa que incluem os direitos positivos de participação dos trabalhadores, e assim por diante. É um grande incentivo para ver que o paradigma da economia civil hoje está ganhando aceitação, talvez mais no exterior do que na Itália, mesmo tendo sido criado ali.

IHU On-line - Qual é a posição do Papa Francisco acerca do modelo econômico vigente no capitalismo financeirizado e o esfarelamento dos laços sociais?

Stefano Zamagni - A tese da "recaída favorável" é conhecida na literatura econômica como a tese "do gotejamento", admitida através do aforismo — usado pela primeira vez, ao que parece, pelo economista norte-americano Alan Blinder —, segundo a qual "uma maré alta eleva todos os barcos". Durante muito tempo, o pensamento neoliberal acreditou nisso: não tinha com o que se preocupar em relação à distribuição de renda e das riquezas, porque todos melhorariam. O importante seria aumentar o tamanho do bolo (PIB) sem se preocupar com o corte das fatias individuais. Esta é a base do ditado dos conservadores: "não nos preocupemos com os pobres porque cada rico a mais será um pobre a menos". Bem, o Papa nos diz que nas atuais condições históricas (globalização dos mercados e financeirização da economia) o efeito de gotejamento pode não ocorrer mais. Qualquer economista que não seja obstaculizado por posições preconcebidas sabe disso. (A famosa "curva de Kuznetz"[4] hoje não é mais válida.)

Assim, o Papa tem razão sob o perfil científico; tanto é verdade que as críticas feitas a ele são de tipo ideológico ("O Papa tornou-se marxista"!). A verdade é que Francisco demonstra que entende o que muitos observadores e estudiosos fingem não ver, ou seja, que a pobreza absoluta e a desigualdade são fenômenos substancialmente diferentes. E, portanto, existem várias estratégias de combate: para liderar a luta contra a pobreza absoluta basta intervir sobre os mecanismos de redistribuição; para avançar na segunda frente de ação de combate é necessário intervir no momento em que a riqueza é produzida. E isso incomoda muita gente!

IHU On-Line - Pio XI falava no imperialismo do dinheiro. Há uma ressonância dessa concepção nas reflexões de Francisco sobre a globalização da indiferença?

Stefano Zamagni - As palavras da Q.A.[5] (1931) de Pio XI devem ser entendidas em base ao que

2 Cidadania, em Latim. (Nota da **IHU On-Line**)

3 ACEMOGLU, Daron e ROBINSON, James. *Por Que as Nações Fracassam. As Origens do Poder, da Prosperidade e da Pobreza*. São Paulo, SP: Elsevier, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Gráfico criado pelo economista russo Simon Smith Kuznets em 1991, a "curva ambiental de Kuznets", relaciona Impactos Ambientais versus Renda per capita das sociedades. O gráfico também se assemelha a uma parábola com concavidade para baixo, ou seja, os danos ambientais provocados por sociedades pobres e ricas seriam baixos, enquanto aqueles provocados pelas sociedades intermediárias, em desenvolvimento, seriam altos. A curva recebeu posteriormente críticas severas, haja vista que, por exemplo, no caso de emissões de gás carbônico, em um gráfico Emissão versus Renda per capita fica bem claro que o crescimento de emissão de tal gás é quase sempre acompanhado pelo aumento da renda. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Quadragesimo Anno**: Encíclica "sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a Lei Evangélica no XL aniversário da Encíclica de Leão XIII 'Rerum Novarum'", de autoria do Papa Pio XI, publicada em 15 de maio de 1931, disponível em http://migre.me/4mXxa. (Nota da **IHU On-Line**)

acontecia naquela época. A crise de 1929 foi a primeira grande crise do capitalismo, e aquela, assim como a atual, teve origem na esfera das finanças. Olhemos a situação de hoje. Como em 1980 os ativos financeiros a nível global eram iguais ao PIB mundial (27 trilhões de dólares americanos). Em 2007 — à vigília da eclosão da crise — estes haviam passado a 240 trilhões em relação aos 60 trilhões do PIB mundial — quatro vezes mais. E hoje esta relação aumentou ainda mais. No mesmo período, na maioria dos países, a renda do trabalho em relação ao PIB caiu mais de nove pontos, aumentando a quota da renda financeira. Diante de tais fenômenos não acho que a expressão "imperialismo internacional do dinheiro" soe exagerada!

IHU On-Line - Em que sentido tais posicionamentos referendam a compreensão de Francisco sobre "uma economia que mata" (*questa economia uccide*)?[6]

Stefano Zamagni - O capitalismo é um, mas as variedades do capitalismo são muitas. E as variedades se alteram, seja em relação às matrizes culturais prevalentes nas sociedades em que se aplicam, seja em relação às características do período histórico que é considerado. Não há nada de irreversível no capitalismo, bem como em outros sistemas socioeconômicos. Outro ponto importante a salientar é a distinção entre economia de mercado e economia capitalista. A primeira prevê, ao menos um par de séculos antes, o advento da segunda. Isto reitera que os mercados não são todos iguais. Por exemplo, a economia civil de mercado — assim chamada por Antonio Genovesi (1753)[7] — não aceita o que J. Schumpeter (1912)[8] chamou de motor do capitalismo, ou seja, a "destruição criativa": o mercado capitalista deve "destruir", isto é, expulsar as empresas e pessoas não (ou menos) produtivas a fim de criar o novo e assim se expandir indefinidamente. Esta versão do darwinismo social acaba por reduzir as relações econômicas entre as pessoas e as relações entre as coisas e as mercadorias. Na visão do Papa é este modelo de capitalismo, típico da fase atual da história, que não se sustenta atualmente.

IHU On-Line - Qual é o fundamento de classificar o Papa Francisco como um pauperista ou até mesmo marxista?

Stefano Zamagni - Podem ser muitas as razões para o "*fin de non recevoir*", na Mensagem do Papa Francisco dentro de um determinado mundo neoconservador. A primeira razão é que se teme que o Papa pretenda favorecer o pauperismo e que queira condenar a riqueza por si só, o que não é verdade. Em sua mensagem na Quaresma de 2014, o Papa esclareceu a diferença entre a pobreza como virtude evangélica e a miséria. A miséria é a falta do essencial que leva a uma vida sem esperança. A pobreza é o desapego das coisas tendo em vista uma maior liberdade. O que Francisco quer enfatizar são as formas como a riqueza é gerada e os critérios pelos quais ela é distribuída entre os membros da família humana — formas e critérios que um cristão não pode submeter ao julgamento moral, porque não se trata de uma questão puramente técnica.

A segunda razão é que certo conservadorismo está preocupado com a falta de apoio da Doutrina Social da Igreja a um determinado modelo de economia de mercado. Mas o Cristianismo, como uma religião universalista e não étnica, nunca poderá ser incorporado em um sistema social particular, um sistema que se baseia em uma matriz cultural historicamente determinada. Essas preocupações, mesmo que compreensíveis, não se justificam dentro do horizonte teológico cristão.

IHU On-Line - Por outro lado, como pode ser compreendida a percepção de que Francisco está, na verdade, reavivando o Evangelho através dessa postura que rechaça o dinheiro como um ídolo ao qual se deve render graças?

Stefano Zamagni - A resposta a esta pergunta exige um esclarecimento que, a meu ver, nunca é feito. Em outubro de 1829 o célebre catedrático de economia da Universidade de Oxford, Richard Whately, enunciou, pela primeira vez, o princípio do NOMA (*Non overlapping magisteria*: os magistérios que não se sobrepõem): se a economia quer se tornar uma ciência, deve se separar da ética e da política. Por quê? A razão foi logo esclarecida: a política é o reino dos objetivos que a sociedade busca; a ética é o reino dos valores que devem guiar o comportamento humano; a economia é o reino dos meios mais eficazes para atingir aqueles objetivos em relação àqueles valores: ou seja, não é necessário "enlouquecer" com as outras duas esferas. Todo o pensamento econômico posterior — com raras exceções — aceitou o princípio do NOMA e *pour cause* — como podemos ver, facilmente. A partir do advento da globalização (no final dos anos 1970) realizou-se gradualmente uma inversão radical de papéis: a economia se tornou o reino dos objetivos e a política o reino dos meios. Por isso os observadores não deixam de notar que hoje a democracia está a serviço do mercado. O influente e poderoso presidente da Bundesbank, Hans Tietmeyer, já havia entendido isso, quando em 1996 afirmou: "Às vezes tenho a impressão que a maior parte dos políticos ainda não entendeu que estão sob o controle dos mercados financeiros e que são, até mesmo, dominados

6 Andrea Tornielli - Giacomo GALEAZZI, Papa Francesco. Questa economia uccide. Con un' intervista esclusiva su capitalismo e giustizia sociale, (Milano: Edizioni PIEMME, 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Antonio Genovesi** (1712-1769): foi um escritor de filosofia e política econômica e padre agostiniano italiano. Obteve a cátedra de metafísica e de ética da Universidade de Nápoles, em 1741. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Joseph Alois Schumpeter** (1883-1950): economista austríaco, entusiasta da integração da Sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas. Seu pensamento esteve em debate no I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU em 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

por eles". É necessário acrescentar algo? (Hoje Alan Greenspan, presidente da FED[9] por tantos anos, cita o mesmo conceito no seu livro[10] de 2013).

A Doutrina Social da Igreja não pode aceitar esta "divisão de papéis". A política deve voltar a ser o reino dos fins e entre as esferas deve se instaurar uma relação de cooperação sistemática, não improvisada. Deve haver autonomia, mas não uma separação entre elas. Tendo em conta que a ética católica é fundada no princípio (aristotélico-tomista) da primazia do bem sobre o justo, a justiça tem sentido quando visa o bem; caso contrário se torna populista e autoritarista. A pós-modernidade não aceita — como sabemos — esta visão. Para ela a regra, a norma, se origina apenas no consentimento das partes envolvidas, que não devem se referir a nenhuma concepção de vida boa. A ação econômica é, portanto, fundada no princípio de que o *consensus facit iustum*, assim como o individualismo libertário, é agora hegemônico.

IHU On-Line - Está prestes a ser divulgada a primeira encíclica Papal sobre o meio ambiente. O que esse documento revela acerca do nexo entre a preocupação econômica de Francisco e a proteção da natureza como imprescindível para a conservação da vida na Terra?

Stefano Zamagni - Ainda não sabemos exatamente o conteúdo da nova encíclica. No entanto, posso supor que o Papa Francisco quer ir além de um convite geral de respeito à natureza e de enumerar os efeitos perversos que as mudanças climáticas, o esgotamento dos solos agrícolas, a redução da biodiversidade vegetal e animal, e outros, estão produzindo. Acredito que serão fortes as palavras sobre as causas que durante o século passado levaram a tais efeitos. Em particular, espero que através da encíclica seja feito o sincero convite aos líderes — especialmente aos do G20 — para que encontrem a coragem e a vontade de superar o que no momento é um "dilema do prisioneiro". A criação de um Órgão de Meio Ambiente Mundial (World Environmental Agency), dotado dos necessários poderes de *enforcement*,[11] seria o resultado desejado por todos.■

9 **Federal Reserve Bank - FED:** Banco Central dos Estados Unidos da América, composto por 12 bancos regionais e 24 filiais. É responsável pelas decisões de política econômica e monetária (fixação das taxas de juros) nos EUA, sendo que é, a partir da atuação do FED, que sobem ou descem as taxas de juros no mercado americano, cuja tendência afeta outros países. (Nota da **IHU On-Line**)

10 GREENSPON, Alan. *O mapa e o território - Risco, natureza humana e o futuro das previsões*. São Paulo, Companhia das letras, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Poderes coercitivos. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **"O turbocapitalismo fracassou", afirma Stefano Zamagni**. Reportagem com Stefano Zamagni publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 11-11-2013, disponível em http://bit.ly/1KbaQMm.
- **"Necessitamos de uma governança, não de governante".** Entrevista com Stefano Zamagni publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 06-06-2012, disponível em http://bit.ly/18V5TXV.
- **Reciprocidade, fraternidade, justiça: uma revolução da concepção de economia**. Entrevista com Stefano Zamagni publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 05-06-2011, disponível em http://bit.ly/IwqZPd.
- **A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade.** Cardernos IHU Ideias 185, disponível em http://bit.ly/1IHjX6X;
- **A Europa e a ideia de uma economia civil.** Cardernos IHU Ideias 183, disponível em http://bit.ly/1EeFLPo;
- **Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento.** Cardernos IHU Ideias 157, disponível em http://bit.ly/1GjqGSE;
- **Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica.** Cardernos IHU Ideias 155, disponível em http://bit.ly/1EeEUhA;
- **Globalização e o pensamento econômico franciscano: orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate.** Cardernos IHU Ideias 153, disponível em http://bit.ly/1JTt5m4.

Abertura da Igreja: um longo caminho a percorrer

Helmut Schüller afirma que grande parte da comunidade católica anseia por transformações, que ainda estão distantes, apesar das propostas de Bergoglio

Por João Vitor Santos e Leslie Chaves | Tradução: Walter O. Schlupp

De acordo com Helmut Schüller, a boa receptividade do Papa entre os clérigos de diversos países, como acontece na Áustria, por vezes contrasta com a "falta de engajamento corajoso dos bispos para a reforma da Igreja, já que ela agora é possível". Embora a postura de Francisco de proximidade com os fiéis, manifestada através de seus gestos, linguagem e modo de viver simples, e seu esforço em dar movimento à Igreja, as "mudanças consistirão principalmente na liberação de importantes temas para ampla discussão, como acesso ao sacerdócio para homens e mulheres casados, participação dos batizados e membros (homens e mulheres) nas decisões da Igreja, nova linguagem da fé em doutrina e liturgia", ressalta. Segundo Schüller, essas discussões mais polêmicas ainda estão longe da pauta da Igreja.

Por outro lado, também salienta a existência de "muitas comunidades vivas, a saber, ali onde as pessoas se sentem bem-vindas, onde há espaço para suas perguntas, corresponsabilidade também, como a participação nas decisões, e engajamento a serviço de pessoas", diz. Ao longo da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ainda abordou seu posicionamento relacionado ao Apelo à Desobediência, manifesto defendido pela Iniciativa dos Párocos Austríacos, grupo de padres liderado por Schüller com o objetivo de levar a público as preocupações com a queda do número de sacerdotes e as excessivas pressões sofridas por eles, além da fusão de paróquias. "Na pastoral, damos prioridade à nossa consciência, em vez de seguir o direito canônico; e não queremos ser coadjuvantes da negativa, até agora vigente, de se fazer uma reforma radical da Igreja por parte da direção da Igreja mundial", explica.

Helmut Schüller é sacerdote, teólogo, foi diretor da Caritas em Viena, entre os anos de 1988 e 1991, quando passou a presidir a organização em toda a Áustria. Em decorrência desse trabalho, recebeu o título de monsenhor, em 1991. Desde 2011, é capelão universitário e assistente espiritual da Associação Acadêmica Católica da Arquidiocese de Viena. Atualmente ele é presidente da Pfarrer-Initiative (Iniciativa dos Párocos), importante movimento de padres que pedem mudanças na Igreja católica

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o pontificado de Francisco tem repercutido na Áustria? De que maneira a Igreja austríaca vê o pontificado dele?

Helmut Schüller - Na Áustria o Papa goza de receptividade muito positiva junto à base da Igreja. Porém muitos sentem falta de engajamento corajoso dos bispos para a reforma da Igreja, já que ela agora é possível.

IHU On-Line - O senhor já comentou o Papado de Francisco com a seguinte declaração: "Grandes sinais, mas nenhuma mudança de sistema". Quais são os sinais expressos no pontificado de Francisco e que mudanças o senhor esperava com o pontificado dele?

Helmut Schüller - Os novos sinais do Papa são sua linguagem que procura ser simples, seu estilo de vida modesto, seu interesse pelas ideias dos fiéis, como se viu, por exemplo, na ampla enquete preliminar ao sínodo extraordinário no ano passado. Mas também sua exortação aos padres, de ficarem próximos às pessoas, seu empenho por uma Igreja disposta ao risco e que esteja junto às pessoas, sua reforma do sistema financeiro do Vaticano, seu anúncio de descentralizar o poder do Papa em favor das conferências episcopais, etc.

Mudanças consistirão principalmente na liberação de importantes temas para ampla discussão: acesso ao sacerdócio para homens e mulheres casados, participação dos batizados e membros (homens e mulheres) nas decisões da Igreja,

nova linguagem da fé em doutrina e liturgia. Nesses pontos, por enquanto, nada aconteceu ainda.

IHU On-Line - Em que consiste a iniciativa, da qual o senhor participa, Pharrer Initiative (Iniciativa dos Párocos) e que lançou o 'Apelo à Desobediência'?[1]

Helmut Schüller - Nosso Apelo para a Desobediência significa que, na pastoral, damos prioridade à nossa consciência, em vez de seguir o direito canônico; e não queremos ser coadjuvantes da negativa, até agora vigente, de se fazer uma reforma radical da Igreja por parte da direção da Igreja mundial; nisso somos solidários com o povo da Igreja, que com imensa maioria espera por essa reforma há muito tempo. Anteriormente tentamos várias vezes um diálogo com o Papa Bento. Por ora ainda não se percebe se algo vai mudar nessa situação.

IHU On-Line - Entre as suas propostas de reforma da Igreja, sugere que fiéis também preguem nas paróquias sem párocos, e também sugere que o sacerdócio seja estendido às mulheres e aos casados. Como fundamenta essas propostas de mudanças? O que mudaria na Igreja caso essas sugestões fossem incorporadas?

Helmut Schüller - O acesso de mulheres e homens casados ao sacerdócio acabaria com a exclusão de muitos vocacionados e talentosos. Com isso a Igreja também eliminaria um grave erro em sua linguagem corporal: a mensagem bíblica proclama a semelhança a Deus do ser humano tanto como homem quanto como mulher, mas a Igreja não vive isso em suas estruturas.

IHU On-Line - O senhor tem declarado que é preciso reformar a Igreja porque as paróquias estão vazias. A que atribui o fato de elas terem se esvaziado e que em consistiria uma reforma nesse sentido? Como, a partir de uma reforma, as paróquias deixariam de ser vazias?

Helmut Schüller - De forma alguma vejo apenas comunidades eclesiais esvaziadas, mas também muitas comunidades vivas, a saber, ali onde as pessoas se sentem bem-vindas, onde há espaço para suas perguntas, corresponsabilidade também, como a participação nas decisões, e engajamento a serviço de pessoas na área da comunidade enquanto aspecto prático da *communio* com Jesus Cristo e entre si na Eucaristia.

IHU On-Line - Que aspectos do Concílio Vaticano II são atualizados no pontificado de Francisco?

Helmut Schüller - O Concílio Vaticano II principalmente recolocou o povo de Deus no centro, definindo os ministérios como ministérios de serviço. Ele trouxe novo compromisso para encontrar a unidade com as outras Igrejas cristãs e desencadeou uma nova maneira de encarar as outras religiões. Ele devolveu às pessoas a celebração da eucaristia como celebração da comunidade. E deixou claro que a Igreja precisa abrir-se para o dia de hoje e estar disposta a aprender com a sociedade. A realização dessas aberturas ainda é um caminho bem longo.

1 A íntegra do documento pode ser lida no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1HpZBie. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **"Grandes sinais, mas nenhuma mudança de sistema", afirma Helmut Schüller sobre Francisco.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 06-03-2014, disponível em http://bit.ly/1H74ur5.
- **"A Igreja deve se abrir"**. Entrevista com Helmut Schüller publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 05-03-2014, disponível em http://bit.ly/1H74Wpi.
- **A necessidade de evangelizar a Igreja institucional**. Entrevista com Helmut Schüller publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 05-08-2013, disponível em http://bit.ly/1A6D33g.
- **Padre Helmut Schüller, da Iniciativa dos Párocos, visita 15 cidades dos EUA.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 10-07-2013, disponível em http://bit.ly/1FoKx49.
- **"As paróquias estão vazias. É preciso reformar a Igreja".** Entrevista com Helmut Schüller publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 07-03-2013, disponível em http://bit.ly/1d31ox3.
- **O "rebelde da Igreja" promete uma ofensiva em 2012.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 15-12-2011, disponível em http://bit.ly/1A6DISm.
- **"Apelo à desobediência" sacode a Igreja austríaca.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 17-11-2011, disponível em http://bit.ly/1E9DDbG.
- **Movimento dos párocos austríacos vai continuar "desobediente".** Reportagem publicada nas Notícias do Dia no sítio do IHU, de 12-11-2011, disponível em http://bit.ly/1E9Dvc9.

#DossiêPapaFrancisco

Os novos ares de Francisco na Igreja

Por Francisco de Assis da Silva

"Reafirmar a preocupação com os pobres do mundo é uma recuperação do papel moral da Igreja quando se defronta com a exploração econômica", comenta Francisco de Assis da Silva, Bispo Anglicano na Diocese Sul-Ocidental, em Santa Maria, e Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Eis o depoimento.

Avaliação

Eu entendo que o pontificado de Francisco trouxe ares novos para a Igreja Católica Romana. Sua experiência pastoral na periferia (como ele mesmo disse em sua primeira fala) torna-o um homem livre da "cultura da Cúria". Ele foi forjado nos embates dos anos de chumbo na Argentina e aprendeu a ter a sensibilidade com os pobres. Penso que seu papel tem sido o de aproximar a Igreja do povo, do laicato que vive o dia a dia da fé. Talvez seus eleitores tenham tido o secreto desejo de ver um novo vetor da Igreja, depois de tantos escândalos de conotação sexual e financeira. Não tem sido fácil a sua trajetória nestes dois primeiros anos, mas penso que ele tem a intuição do semeador: lança a semente e espera pacientemente pelos frutos.

Aspectos fundamentais

Primeiro, a abertura para os excluídos espirituais da Igreja. Suas falas em relação aos divorciados e homoafetivos representam as primeiras falas pastorais de acolhimento sem estigmatização. Mesmo sabendo que em termos ético-doutrinários ainda exista muita rigidez, é importante a voz do Papa eivada de respeito pastoral pelas pessoas que carregam consigo a culpa de, sendo sinceramente católicas, viverem uma exclusão pastoral.

Segundo, o discurso contra a faceta do moderno capitalismo. Reafirmar a preocupação com os pobres do mundo é uma recuperação do papel moral da Igreja quando se defronta com a exploração econômica. Anos e anos depois da Teologia da Libertação, e mesmo considerando que as leituras agora são outras, a lógica é a mesma. Francisco tem a coragem de condenar os mecanismos de exploração, mesmo sabendo que isso o coloca em oposição aos segmentos católicos que vivem as benesses de um sistema que explora outros irmãos.

Terceiro, a abertura ecumênica. Seus gestos são muito fortes. Parece que o espírito do Vaticano II está sendo despertado de novo, mesmo envelhecido por 50 anos. E o mais interessante é que suas iniciativas se dão exatamente onde o ecumenismo é mais fértil: na ação em favor dos excluídos.

Crítica à economia hegemônica

Eu entendo que a Igreja como um todo no mundo precisa levar mais a sério a crítica ao modelo econômico hegemônico. Um Capitalismo cada vez mais baseado no financismo, no acúmulo de riqueza, no liberalismo econômico que não aponta para nenhuma mudança no quadro de pobreza mundial. Enquanto as Igrejas ignorarem o pecado estrutural do acúmulo, nada será mudado. A cabeça da serpente precisa ser atingida. Não falo aqui em buscar modelos totalitários de cunho político ou de um Estado que tudo controla. O mundo precisa viver uma mudança de paradigmas econômicos, de forma a evitar que a exploração do recursos naturais e o acúmulo do capital condenem eternamente 2/3 do globo à uma vergonhosa pobreza. Um outro aspecto, e me permito falar do meu lugar eclesial anglicano, é uma abertura ao ministério da mulher na Igreja Católica. Isso pode levar anos e mesmo décadas, mas penso que Francisco poderia começar a provocar uma reflexão sobre isso. ■

#DossiêPapaFrancisco

Os significados profundos dos gestos de Francisco

Por Walter Altmann

"Nas relações ecumênicas tem dado igualmente gestos significativos, o mais recente deles ao receber a Arcebispa da Igreja (luterana) da Suécia, Antje Jackelén", afirma Walter Altmann, Pastor e ex-pastor presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), ex-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e ex-moderador do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Professor de Teologia Sistemática na Faculdades EST, São Leopoldo, RS.

Eis o depoimento.

O Papa Francisco, como Arcebispo de Buenos Aires, já dava sinais concretos de atenção pastoral e amorosa com pessoas pobres e marginalizadas, mas acerca de assuntos com implicação política ou mesmo doutrinária mantinha cautelosa discrição em suas declarações públicas.

Como Papa, fazendo uso da extraordinária exposição midiática de que automaticamente goza o Sumo Pontífice, não tem cessado de dar gestos de profundo significado simbólico que colocam em cheque valores dominantes que ele, corretamente, considera contrários ao evangelho e ao amor de Deus. Enquadram-se aí, por exemplo, a atenção pastoral a detentos, a pessoas enfermas, a imigrantes clandestinos da África para a Ásia. Associa-se a isso um estilo de vida pessoal de simplicidade e de singeleza que se transmite à opinião pública, sem artificialismos, com muita naturalidade.

Questões internas

No trato de questões internas tem enfrentado, ao que parece, muitas resistências, mas tem assinalado com muita clareza a necessidade de reforma de estruturas que emperram a vitalidade da Igreja. Seus posicionamentos têm representado uma salutar volta ao espírito e à letra do Concílio Vaticano II. Em assuntos mais polêmicos internamente, como o celibato, a reintegração plena na vida da Igreja de pessoas divorciadas e a atenção pastoral a pessoas com identidade homossexual, tem sido cauteloso, não fazendo uso decisório, pelo menos por ora, dos poderes que, como Sumo Pontífice, detém, mas fomentando o estudo e o diálogo nessas questões, assim, contudo, quebrando o tabu doutrinário a que estavam submetidas (Apenas em relação à ordenação de mulheres declarou ser esta uma "porta fechada").

Como arcebispo de Buenos Aires nunca foi considerado adepto ou mesmo defensor da teologia da libertação. Mas como Papa tem tomado passos claros de restituição da credibilidade eclesial a teólogos da libertação, como Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff, e o Vaticano abriu caminho para a canonização de Dom Oscar Romero e, possivelmente, Dom Helder Câmara, identificados com essa corrente teológica.

Relações ecumênicas

Nas relações ecumênicas tem dado igualmente gestos significativos, o mais recente deles ao receber a Arcebispa da Igreja (luterana) da Suécia, Antje Jackelén,[1] e nessa ocasião, ao receber uma mulher detentora do ofício episcopal, ainda que de uma Igreja protestante, tampouco hesitou em exaltar o quanto no passado lhe significou, na Argentina, o auxílio de um pastor luterano sueco, Anders Ruuth, em sua própria vida espiritual (Uma certa decepção tive quando de sua vinda ao Brasil, para a Jornada Mundial da Juventude, ao não ter havido nenhum encontro com lideranças de outras Igrejas relacionadas ecumenicamente com a Igreja Católica, e isso surpreendentemente à diferença de seus predecessores.)

Nas questões de maior abrangência política no cenário global, tem feito declarações de grande clareza em favor da paz e do respeito à dignidade humana, não deixando de atacar posturas discriminatórias contra imigrantes e pobres, tampouco de criticar com contundência os valores desumanizantes do mercado e do poder financeiro.

O futuro haverá de dizer o quanto todos esses admiráveis gestos avançarão em decisões e passos concretos que renovarão, não de maneira transitória, mas duradoura, a face da Igreja Católica. ■

1 Leia mais em Antje Jackelén, primeira mulher arcebispo na Igreja Luterana da Suécia, reportagem reproduzida nas Notícias do Dia, de 17-10-2013, do sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1IM73mu. (Nota da **IHU On-Line)**

#DossiêPapaFrancisco

Lampejos de esperança em tempos sombrios

Por Castor M.M. Bartolomé Ruiz

"A brevidade de qualquer gestão pessoal à frente de uma instituição milenar como a Igreja deixa algumas marcas, mas elas só serão efetivas se uma maioria do coletivo cristão se decide a implementá-las como forma de vida", comenta Castor M.M. Bartolomé Ruiz, professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos.

Eis o depoimento.

A eleição do Papa Francisco, primeiramente, foi uma surpresa política que posteriormente se transformou numa espécie de assombro contínuo, pelas suas atitudes pouco acordes com a tradição da diplomacia estatal vaticana e por seus gestos de extrema liberdade evangélica. Essa atitude evangélica "franciscana" reflete de modo muito paradoxal nestes dois anos do Papa Francisco. Por um lado, há uma admiração generalizada, exceto de grupos católicos reacionários, por esse vento fresco de Espírito evangélico que se introduziu nas pesadas estruturas seculares da burocracia vaticana, já que seus protocolos normatizadores de condutas estão mais próximos dos aparatos estatais de controle social que dos princípios evangélicos das Bem-aventuranças. Por outro lado, não deixa de ser paradoxal que o óbvio, ser evangélico, resulte raro nas estruturas de gestão central da Igreja Católica.

Max Weber[1] já indicou que qualquer movimento social tem uma fase carismática, à qual sucede, se sobreviver, outra fase organizativa que facilmente advém numa forma burocrática. A Igreja Católica, por ser também social e histórica, não pode fugir às determinações do social e histórico. O que se comprovou ao longo da história da Igreja é que, além das dinâmicas de poder que atravessam qualquer instituição social, sempre reaparecem pessoas, movimentos, grupos e carismas que revitalizam os modos de vida e as convicções originárias do Evangelho como "formas de vida" da estrutura. Normalmente, quase que por óbvio, esses ventos renovadores sopram das periferias do poder. O surpreendente do Papa Francisco é que, sendo o representante e símbolo do poder institucional da Igreja, assume para si a missão de renovar evangelicamente as estruturas de poder que o elegeram.

Essa atitude geral do Papa Francisco provocou admiração e entusiasmo por parte de uma grande maioria de católicos do mundo que sentiam que a Igreja tinha se transformado numa estrutura endógena, sem a vitalidade para anunciar uma Boa Nova de Esperança, que está na sua origem histórica. Por parte de não católicos há um certo reconhecimento da honestidade, coragem e transparência do Papa Francisco nas questões mais polêmicas. Lembremos recentemente que ele teve a coragem de denominar o massacre armênio de genocídio, atraindo sobre si as retaliações do governo turco, enquanto Obama,[2] por motivos políticos, omitiu o termo.

Sua "forma de vida" não deixa de surpreender por gestos simbólicos e proféticos muito distantes dos protocolos Papais do poder e dos disciplinamentos comuns ao poder burocrático vaticano. Sem dúvida, como em toda gestão ou vida humana, há aspectos críticos que poderiam ser pontuados, mas dada a no-

1 **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em http://bit.ly/ihuon101. De Max Weber o IHU publicou o Cadernos IHU em formação nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*, disponível em http://bit.ly/ihuem03. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Barack Obama** [Barack Hussein Obama II] (1961): advogado e político estadunidense. É o 44º presidente dos Estados Unidos, desde 2009. Sua candidatura foi formalizada pela Convenção do Partido Democrata, em 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

> ***O Papa Francisco insiste na exigência de que toda a Igreja deve ser pobre e assumir para si a forma de vida da pobreza como caminho da liberdade***

vidade histórica do estilo de vida e governo do Papa Francisco, destacaria três grandes linhas inovadoras:

- Primeiramente, destaca-se uma atitude evangélica de assumir para si uma "forma de vida" simples, refletida no modo de viver cotidiano, nas formas de relacionar-se com os outros, no estilo de linguagem, na liberdade da verdade com que se expressa. Essa forma de vida é também uma espécie de contrapoder em cima do poder, exigindo que aqueles que optarem por uma vida sacerdotal e religiosa não poderão fazê-lo por poder ou glória, mas por serviço aos outros. Essa "forma de vida" que é o núcleo da "forma de vida de Jesus" está muito distante das estruturas burocratizadas do poder vaticano e de outras instâncias clericais. O Papa Francisco, com essa "forma de vida", assume para si ser um "estranho no ninho do poder". Por outro lado, esta atitude corresponde a mais genuína tradição profética.

- Em segundo lugar, destacaria a obsessão por transparência na gestão a todos os níveis. Como exemplo, a decisão de "cortar na própria carne" da Igreja ao não tolerar encobrir qualquer indício de pederastia, essa terrível lacra de alguns sacerdotes e religiosos que suja o testemunho de vida exemplar de muitos outros. Outros exemplos são a transparência na gestão das finanças vaticanas, a mudança pretendida nas nomeações de cargos da cúria vaticana, visando transparência para estimular a honestidade e não a luta pelo poder interno, entre outros.

- Um terceiro aspecto que chama muito atenção do Papa Francisco é sua assumida opção pelos pobres em todos os níveis. Primeiramente, na sua forma de vida, ao se propor viver livre e pobre na simplicidade chocando contra os muros dos luxuosos aposentos vaticanos. Em segundo lugar, sua insistente opção pela solidariedade com os pobres, assumindo posturas pessoais, por exemplo, com as centenas de milhares de migrantes clandestinos que chegam à Europa, com os moradores de rua de Roma, com os presidiários, com os desempregados da Europa. Num terceiro aspecto, a opção pelos pobres é apresentada, com palavras e gestos pessoais, como opção pela justiça sempre e a qualquer preço. Num quarto aspecto, o Papa Francisco insiste na exigência de que toda a Igreja deve ser pobre e assumir para si a "forma de vida" da pobreza como caminho da liberdade para melhor cumprir o principal objetivo de sua missão: anunciar e testemunhar a Boa Nova do Evangelho.

Esta insistência na opção pelos pobres e pela justiça tinha sido a marca da teologia latino-americana e do terceiro mundo durante as décadas de 1960 a 1990, depois foi paulatinamente silenciada em todos os níveis e agora é, surpreendentemente, recolocada como eixo central da forma de vida e da mensagem do Papa Francisco. Essa insistência parte de uma convicção profunda de que a opção pelos pobres, para os cristãos, não é uma moda que passa, nem uma ideologia progressista ou alternativa entre outras, mas uma exigência central para aqueles que pretendem seguir o evangelho de Jesus como forma de vida. Disso se deriva que a Igreja instituição tem a obrigação moral e constitutiva de ser testemunha exemplar deste modo de vida.

A brevidade de qualquer gestão pessoal à frente de uma instituição milenar como a Igreja deixa algumas marcas, mas elas só serão efetivas se uma maioria do coletivo cristão se decide a implementá-las como forma de vida. Na temporalidade histórica, ficam valendo as mudanças da cultura coletiva. Este é um dos maiores desafios da Igreja no terceiro milênio, ser muito mais que uma instituição de poder, um coletivo que desenvolve um estilo de vida diferenciado e alternativo à lógica capitalista da produção, o lucro ilimitado e o consumo desenfreado.

O pontificado do Papa Francisco é um tempo de gestão de uma instituição extremamente complexa como a Igreja Católica, por isso o aprofundamento ao longo de seu pontificado nas três grandes linhas de ação anteriormente citadas poderia contribuir significativamente para impulsionar a renovação da Igreja na direção de fidelidade aos "modos de vida" propostos no evangelho de Jesus e alternativos à lógica capitalista e consumista que afoga nosso mundo contemporâneo. Essa seria uma grande herança para recolocar a credibilidade da Igreja neste terceiro milênio como um coletivo histórico que testemunha a possibilidade de uma liberdade esperançosa além da mercantilização da vida, e com ela anuncia a Esperança de uma Nova Vida, que para os cristãos é Jesus Ressuscitado. ■

#DossiêPapaFrancisco

Dois anos de Pontificado de Francisco

Por Ivone Gebara

"A grande maioria dos fiéis parece silenciosa e desconhece sua história, sua política e sua teologia, quando muito o acham simpático e não hesitariam, talvez, em comprar uma foto do Papa e guardá-la como lembrança", comenta Ivone Gebara, filósofa e teóloga feminista/ecofeminista. Foi professora do Instituto de Teologia do Recife, fechado em 1989 por ordens do Vaticano.

Eis o depoimento.

A quem de fato interessa a avaliação dos dois anos de pontificado de Francisco? O que as múltiplas e diversas avaliações contribuem para o conjunto das comunidades católicas e para o mundo? O que as pessoas mais simples das paróquias, comunidades de base e movimentos eclesiais teriam para dizer sobre sua atuação? O que as outras Igrejas cristãs estão dizendo?

Sinto que os diferentes grupos da Igreja Católica querem, cada um de seu jeito, recuperar as posições do Papa como seu aliado ou mesmo seu refém. Alguns fazem dele adepto da teologia da libertação e até discípulo de célebres teólogos. Outros o descrevem como silencioso em relação à ditadura militar argentina. Outros falam de sua simplicidade, de suas posições políticas a favor dos pobres, de sua proximidade aos marginalizados e injustiçados de muitas partes do mundo. Alguns o temem e pensam que sua postura liberal poderá conduzir a Igreja Católica a uma desordem maior do que a existente. Entretanto, a grande maioria dos fiéis parece silenciosa e desconhece sua história, sua política e sua teologia, quando muito o acham simpático e não hesitariam, talvez, em comprar uma foto do Papa e guardá-la como lembrança. Com essas observações quero lembrar a complexidade das avaliações e análises publicadas pela imprensa em relação ao Papa Francisco. Muitas vezes os meios de comunicação social colecionam opiniões, polemizam, mas pouco ajudam no envolvimento e responsabilidade das pessoas em relação às grandes questões de nosso tempo.

Abertura

Creio que é constatação inegável a abertura de Francisco à situação dos povos em busca de sobrevivência, dos refugiados de todos os países, dos condenados ao desterro, dos mortos tragados pelo mar quando buscavam vida. Além disso, Francisco prepara uma encíclica sobre a gravíssima situação climática de nosso planeta como questão fundamental de nosso tempo. Ele tem sido capaz de ser sensível a muitos problemas vividos pela comunidade internacional, pelo 'planeta azul' exposto a graves riscos de destruição, sem esquecer as iniciativas em relação à reforma da cúria romana.

Entretanto, para além das opiniões, avaliações e previsões de tantos especialistas, pergunto: que diria Francisco de seu pontificado? Ousaria expressar as múltiplas pressões políticas internacionais e vaticanas a algumas de suas posições? Ousaria afirmar-se em oposição aos que o precederam, sobretudo os mais próximos? Que angústias o acometem quando se vê "aprisionado" por tantos interesses diferentes? Que sombras o envolvem quando quase octogenário se sente questionado por tantas visões diferentes de mundo?

As pequenas notas destoantes em relação aos seus predecessores e algumas atitudes de simplicidade não significam necessariamente a inauguração de um novo modelo de coordenação e governo da Igreja Católica. A tradição de um Papado vinculado a um Estado político, o Estado do Vaticano, perpassa todas as atitudes e boas intenções de Francisco e revelam a complexidade da História do Catolicismo Romano.

Mulheres

Sei que algumas leitoras e leitores dessa revista esperam que eu emita alguma opinião sobre a postura de Francisco em relação às mulheres. Em outras ocasiões já escrevi e falei sobre a dificuldade de uma Igreja patriarcal cujo poder de mando repousa sobre

> ***A antropologia teológica que preside a grande maioria das posturas da oficialidade da Igreja Católica Romana provém de uma visão hierárquica que privilegia o masculino***

cabeças masculinas de se sentir aliada e solidária com os esforços de luta pela dignidade feminina neste século. Não conseguem nem pronunciar palavras como 'feminismo' de forma positiva, além de desconhecerem quase completamente as teses feministas. Podemos reconhecer a solidariedade hierárquica masculina quando se trata de situações-limite expressas em diversas formas de violência cultural e social contra as mulheres. Entretanto, muitas formas de exclusão, de desvalorização, de violência simbólica, de falta de autonomia, de linguagem excludente, mal chegam a ser percebidas, sobretudo quando acontecem no interior da própria instituição católica. Não percebem 'nem traves e nem palhas em seus olhos' e atitudes. Não querem ouvir os clamores femininos de coração aberto.

A antropologia teológica que preside a grande maioria das posturas da oficialidade da Igreja Católica Romana provém de uma visão hierárquica que privilegia o masculino como imagem primeira do divino. E privilegia o divino com imagem histórica masculina. Além disso, justifica essas posturas como sendo 'revelação divina', escondendo atrás dessa justificação limites imensos. Estes limites impedem o diálogo com os diferentes grupos que se sentem também parte da tradição de Jesus de Nazaré sempre de novo interpretada, não necessariamente através de referenciais filosóficos antigos e medievais. Acentua-se, por exemplo, a crucifixão de Jesus e muito pouco as lágrimas de Maria e da comunidade de crentes. Muito embora esta referência esteja presente, não é capaz de modificar a interpretação da "sagrada" masculina hierarquia dominante.

Pensar, desejar, esperar é sempre bom e necessário. Por isso espero que sejamos nós as/os pontífices de nossas comunidades, ou seja, que sejamos capazes de ser 'pontes' para nos articularmos, aprendermos e ajudar-nos uns aos outros orientados pelo difícil amor ao próximo como a nós mesmos. E que o irmão Francisco se torne cada vez mais um símbolo significativo do que somos e queremos ser uns para os outros. ■

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

#DossiêPapaFrancisco

O Pontificado de Francisco a meio caminho

Por Pedro A. Ribeiro de Oliveira

"No contexto de forte crise da Santa Sé, Francisco foi eleito com a missão de reformar a Cúria", comenta Pedro A. Ribeiro de Oliveira é doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. É professor no mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/Minas.

Eis o depoimento.

Inicio esta avaliação lembrando que o sujeito jurídico da Igreja católica romana é a Santa Sé, isto é, o Papa e a Corte de eclesiásticos sediada em Roma. Se "eu sou eu e minhas circunstâncias", como ensina Ortega y Gasset,[1] com mais certeza é Francisco ele mesmo e suas circunstâncias — no caso, a Cúria romana. O regime monárquico confere ao Papa grande autonomia em suas decisões, mas elas só se efetivam pela mediação do aparato curial. Uma coisa são as iniciativas pessoais de Francisco como as homilias, as entrevistas e os gestos de efeito midiático; outra coisa são os atos oficiais como a nomeação de bispos e as decisões normativas tomadas em nome do Papa. E são evidentes as tensões entre Jorge Bergoglio — padre cuja trajetória de vida é marcada pela teologia do Concílio Ecumênico do Vaticano II e pelo cuidado com os pobres e pessoas fragilizadas — e o aparato eclesiástico romano regido pelo Código de Direito Canônico. É preciso ter em conta essas relações entre Francisco e a Cúria para avaliar os dois anos que passaram e vislumbrar os dois outros que provavelmente faltam para o final deste pontificado.

No contexto de forte crise da Santa Sé, Francisco foi eleito com a missão de reformar a Cúria. Ao criar o conselho consultivo de cardeais e tomar medidas drásticas para o controle das finanças, o Papa cumpriu aquele compromisso e assim conquistou a confiança da comunidade católica. Ocorre, porém, que Francisco não tem se limitado a sanar malfeitos do aparato eclesiástico como a corrupção e a ocultação de crimes de abuso sexual. Ao propor uma Igreja em saída, ele demonstra ter assumido de fato — e não apenas retoricamente — as diretrizes teológicas e pastorais do Concílio Vaticano II. Diferentemente dos dois últimos pontificados, que evitaram se contrapor ao sistema estabelecido pelo concílio de Trento, Francisco parece querer descartar aquela forma de catolicismo e seu inseparável clericalismo. Contra esse risco de mudança estrutural levantam-se agora não poucos cardeais, arcebispos e bispos, padres e diáconos, seminaristas maiores e menores cuja reação é em geral silenciosa: trazer de volta práticas tridentinas em desuso como a comunhão na boca. Desarticuladas durante o primeiro ano de pontificado, essas forças eclesiásticas estão se recompondo e, com o apoio mais ou menos velado da Cúria romana, poderão travar o processo de mudanças deslanchado pela eleição de Francisco.

Nesse contexto, três iniciativas foram estratégicas e podem resultar em mudanças estruturais:

- a intervenção no "Banco do Vaticano", para supervisionar o movimento financeiro;

- as nomeações de novos cardeais, que aumentam a representação da periferia eclesiástica; e

- a exortação apostólica "Alegria do Evangelho", que retoma o espírito do concílio Vaticano II.

Desafios

A dificuldade de seguir em frente no processo de reforma reside justamente naquilo que poderia parecer o ponto forte do Papado: o regime monárquico só funciona com o apoio de uma corte para implemen-

1 **José Ortega y Gasset** (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, *Pampa*. Um espaço humano de promessas e realizações, concedida à **IHU On-Line** nº 190, de 07-08-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon190. (Nota da **IHU On-Line**)

tar as decisões. Francisco mostra vontade de descentralizar os processos decisórios na Igreja e isso supõe a redução do poder da Cúria. Os curiais sabem bem disso, e tudo farão para manter seu poder de colocar empecilhos às iniciativas Papais contrárias a seus interesses. Enquanto isso, apostando numa reversão do processo no próximo conclave, nomearão bispos e instruirão as dioceses no sentido de interpretar as diretrizes do Concílio Vaticano II conforme a hermenêutica ratzingeriana.

O futuro do pontificado

Bergoglio tem uma personalidade forte, é carismático e ganhou enorme prestígio dentro e fora da comunidade católica. Já seus opositores têm força no aparato eclesiástico, mas sua proposta de restaurar o catolicismo tridentino dando-lhe novo verniz só é levada a sério por um número cada vez menor de fiéis — embora muitos sejam pessoas socialmente influentes e economicamente poderosas. Para levar adiante sua proposta de Igreja *em saída* Francisco precisa de apoio das bases eclesiais, hoje desarticuladas depois de dois pontificados restauradores. Ele tem dois anos para favorecer a rearticulação e mobilização dessas bases. Se ele bancar a nomeação de bispos em dioceses chaves, reforçar a legitimidade das formas eclesiais oriundas do Vaticano II (CEBs, Pastorais sociais, conselhos pastorais e outros organismos de participação leiga) e reconhecer a autonomia das conferências episcopais, ele poderá efetivamente descentralizar o poder eclesiástico e favorecer o desenvolvimento do projeto de Igreja Povo de Deus em diálogo com o mundo. Que assim seja! ■

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

21 a 24 de Setembro de 2015

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

O envio de trabalhos poderá ser feito até o dia 15/05/2015
para o e-mail simposioihu@unisinos.br

#DossiêPapaFrancisco

Papa Francisco: continuidades essenciais e rupturas simbólicas

Por Brenda Carranza

"O estilo pastoral de Francisco, refletido em seus gestos paradigmáticos, postura política de questionamento-denúncia reforçaram nestes dois anos: a legitimidade da liderança Papal, o holofote pontifício sobre a justiça social e o redirecionamento discursivo e simbólico da hierarquia para os pobres e a pobreza, em todas suas dimensões", comenta Brenda Carranza, doutora em Ciências Sociais e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas.

Eis o depoimento.

Avaliação

Na retrospectiva dos rumos do catolicismo nos últimos Papados podemos observar que, a eleição de Karol Wojtyla,[1] o Papa polonês, inaugura a mobilização emocional da catolicidade que afirma identidades e confirma certezas, face à descristianização europeia. Na sequência Jospeh Ratzinger,[2] o Papa alemão, retoma as raízes cristãs da Europa laica e empenha-se na recomposição da influência religiosa no berço da cristandade, consagrando seus esforços à reabilitação racional do discurso cristão. A chegada de Jorge Mario Begoglio, o Papa argentino, decreta o fim do Papado eurocêntrico e direciona o olhar para América Latina, o continente católico com evidente dificuldade na transmissão da fé, adesão de seus fiéis e em franca expansão pentecostal.

A ascensão de Francisco será celebrada num momento crítico de erosão da credibilidade e governabilidade da Igreja. Advindo do Continente imerso na injustiça e na corrupção, onde o discurso sobre as crenças tem ressonâncias políticas, midiáticas e religiosas significativas, as origens latino-americanas do Papa lhe conferem o crédito de novidade, ora na mídia, ora nos setores progressistas da Igreja. Porém, Francisco representa um ***continuum*** na agenda discursiva do relativismo moral e dos valores irrenunciáveis de seus antecessores, mas uma ruptura pela linguagem acessível com que retira do foco essas questões nas suas intervenções; mantêm o fio condutor com Magistério na abordagem da questão social, isto é os princípios da Doutrina Social da Igreja, no obstante subjaze na sua proposta a teologia do povo, vertente argentina da teologia da libertação; a pessoa afável de Bergoglio turbina a construção do carisma midiático de Francisco, embora crie resistências. Tudo isso desagua, ao estilo Wojtyla, na ascensão da função Papal e na sacralidade do Papado, alavancando a credibilidade da instituição que lidera, pois o carisma Papal é intrinsecamente ligado à estrutura burocrática do Vaticano. Em outras palavras: o pontificado de Francisco até o momento representa continuidades essenciais, mas alastra rupturas simbólicas na sua linguagem.

Aspectos fundamentais

O estilo pastoral de Francisco, refletido em seus gestos paradigmáticos, postura política de questionamento-denúncia reforçaram nestes dois anos: a legitimidade da liderança Papal, o holofote pontifício sobre a justiça social e o redirecionamento discursivo e simbólico da hierarquia para os pobres e a pobreza, em todas suas dimensões.

A atitude oficial do Papa de assumir colegiadamente a resolução dos escândalos econômicos (IOR) e sexuais (pedofilia), criando comissões ***ad-hoc*** e informando constantemente aos ***mass media*** das medidas assumi-

1 Papa João Paulo II (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

2 Bento XVI (em latim: Benedictus XVI) nascido Joseph Aloisius Ratzinger (1927): foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da IHU On-Line)

das. Estratégias essas que aliviaram a pressão moral sobre o Vaticano.

A postura aberta de diálogo de Francisco, aproximando a pessoa do Papa a seus interlocutores, alenta a expectativa de mudanças reais para os setores progressistas da Igreja, na mesma proporção em que se aparelham na resistência setores conservadores da Cúria romana.

Ampliação dos direitos

Sem dúvida que, Francisco traça uma linha simbólica de alteridade, devolvendo às preocupações do Vaticano a necessidade de contemplar as mudanças culturais contemporâneas nas abordagens doutrinais. A realidade experimentada pelo cardeal Bergoglio, que viu a esterilidade da Igreja insistir em içar a bandeira dos valores irrenunciáveis, sem procurar construir pontes de diálogo, mantêm acesa a esperança de avanços significativos na compreensão Igreja-modernidade. Nesse espectro, à ampliação de direitos da diversidade sexual, soma-se a agenda da construção cidadã, quer que seja na luta contra a desigualdade social e quer seja na voz que se levanta contra o perpetuamento da injustiça. Cidadania, direito e justiça caminham juntos no imaginário da sociedade, dos movimentos sociais e das mídias alternativas. Por isso, um dos desafios de Francisco encontra-se na consolidação dessa alteridade viabilizada pelas estratégias de diálogo com o mundo moderno e da transparência na gestão das estruturas vaticanas. Mas, sobretudo, de retomar as rédeas do catolicismo como uma expressão religiosa capaz de outorgar sentido à vida de milhões de seus fiéis, com especial cuidado: os jovens. ■

#DossiêPapaFrancisco

O evangelho da alegria

Por Faustino Teixeira

"Essa insistência de Francisco na "obediência à própria consciência" talvez seja uma das "passagens mais corajosas" defendidas pelo Papa", comenta Faustino Teixeira, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

Eis o depoimento.

Ao avaliar os dois primeiros anos do pontificado de Francisco, alguns traços se evidenciam para mim. Vejo, em primeiro lugar, que Francisco recuperou para a Igreja Católica a alegria do evangelho, depois de mais de três décadas de período sombreado, onde os aspectos doutrinais e disciplinares da vida eclesial marcaram uma centralidade muito mais decisiva. A ênfase agora recai sobre a alegria, como vemos estampado na ***Evangelii Gaudium***[1] (A alegria do evangelho – EG). O que há no evangelho é um permanente convite à alegria (EG 5).

O que faz Francisco, e com muita felicidade, é abrir o evangelho e narrá-lo para a Igreja, recuperando a fabulosa memória e lembrança que Jesus deixou para os seus. Tudo muito simples, singelo e delicado, como está estampado na narrativa neotestamentária. Francisco nos evidencia, com seu toque particular, que o que Jesus trouxe para todos, e contagia com vigor, é saúde e vida, no sentido de apontar a regeneração da pessoa a partir de suas raízes fundamentais. Enfatiza também que a razão de ser da missão evangelizadora da Igreja é manter aceso esse espírito da alegria, e de forma simples, profunda e irradiante: levar aos outros o hálito misericordioso de Deus.

A pedagogia para isso, a do Bom Pastor, "que não procura julgar, mas amar" (EG 125). Vejo, em segundo lugar, que Francisco nos aponta para um Deus que sempre vem, que é novidade permanente e que nos convida a romper com os muros da indiferença e a nos deixar habitar pelo mistério da alteridade. Indica com alegria a presença viva de um Deus misericordioso, que está presente por toda parte, sobretudo no clamor dos que mais sofrem. Em singular discurso proferido na explanada das mesquitas, em Jerusalém (26/05/2014), Francisco assinalou que "diante do mistério de Deus somos todos pobres, e sentimos o dever de estarmos sempre prontos para sair de nós mesmos, dóceis à chamada que nos dirige, abertos ao futuro que Ele quer construir para nós". E esse Deus, diz Francisco, não é um Deus que se restringe ao Deus do mundo católico, mas um Deus Mistério — de "sabedoria infinita e multiforme" —, que se revela de forma inusitada e novidadeira nos vários ritmos da experiência da criação e do humano. E ainda insiste Francisco na ideia de que o caminho para acessar esse Deus-sempre-aí é o caminho do despojamento e da simplicidade.

Episcopado brasileiro

Em encontro com o episcopado brasileiro, em julho de 2013, assinalou que a lição recebida pela Igreja é muito simples: "Não pode afastar-se da simplicidade, caso contrário, desaprende a linguagem do Mistério". Vejo, em terceiro lugar, a riqueza de seu espírito dialogal, e a ênfase numa Igreja desafiada pelo plural.

1 **Evangelii gaudium:** a exortação apostólica *Evangelii Gaudium,* publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo* atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

Como diz com acerto, "a diversidade é bela" (EG 230) e a variedade é sempre um enriquecimento. Sua oposição ao proselitismo é recorrente e seu apelo à abertura e ao diálogo um traço sempre sublinhado.

Como disse na entrevista a Eugenio Scalfari,[2] em outubro de 2013, "o mundo é percorrido por estradas que nos aproximam e distanciam, mas o importante é que nos levem ao Bem". A dimensão de profundo respeito ao outro e ao universo de sua consciência acompanham Francisco em seu itinerário apostólico. Um dos traços mais ricos e audazes de seu pensamento relaciona-se com essa clara oposição a qualquer ingerência espiritual na vida pessoal do outro. Na visão de Eugenio Scalfari, que compartilho, essa insistência de Francisco na "obediência à própria consciência" talvez seja uma das "passagens mais corajosas" defendidas pelo Papa.

Desafios

Ao lado desses três aspectos fundamentais do pontificado de Francisco, poderia também assinalar três desafios que permanecem acesos para os próximos anos. Continuar com coragem e altivez o precioso e paciente trabalho em favor das mudanças e reformas na Igreja, imprescindíveis para retomar a sua credibilidade no tempo atual. Manter viva e calorosa a voz profética da Igreja contra as injustiças e em favor da paz, seguindo sempre com atenção o caminho indicado pelo "Príncipe da Paz", que transforma as espadas em relhas e as lanças em podadeiras (Is 2,4). E igualmente reforçar o cuidado para com o meio ambiente e a luta em favor de sua conservação. O Papa Francisco nos alerta para um risco muito presente: a perda da "atitude do encanto, da contemplação, da escuta da criação". Na linha aberta pelo livro do Gênesis, Francisco nos adverte que a razão que motivou Deus na dinâmica da criação, foi colocar o ser humano como o guardião do cultivo e conservação de tudo o que existe (Gn 2,15). Nada mais essencial que o respeito à natureza, e quando ela vem judiada, não perdoa. Gaia não é apenas uma "mãe" bondosa, mas sabe reagir quando atacada. Os efeitos devastadores de catástrofes naturais que circundam o nosso tempo constituem desafios à responsabilidade humana. E Francisco lembra um adágio popular: "Deus perdoa sempre, nós às vezes, mas a natureza — a criação — nunca perdoa quando é maltratada". A questão ecológica coloca-se assim no centro da atenção do presente pontificado. Como lembrou Francisco, em discurso de outubro de 2014 no Encontro Mundial dos Movimentos Populares, não pode haver terra, não pode haver trabalho, não pode haver teto, sem a imprescindível luta em favor da paz e da defesa do planeta. Como tarefa essencial de todos os "povos da terra", adverte Francisco, a luta em defesa "destes dois dons preciosos: a paz e a natureza". ■

2 **Eugenio Scalfari** (1924): é um jornalista, escritor e político italiano. Os principais campos de análise de Scalfari são a economia e a política. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

#DossiêPapaFrancisco

Os ouvidos abertos de Francisco

Por Luiz Carlos Susin

"É absolutamente necessário cortar na raiz a libido do carreirismo", comenta Luiz Carlos Susin, frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Eis o depoimento.

Avaliação

Aconteceram tantas pequenas e grandes surpresas nesses dois anos que eles parecem valer por dez de antes. As primeiras impressões vieram se confirmando em boa medida. Os primeiros anúncios se confirmaram no projeto de pontificado apresentado na encíclica ***Evangelii Gaudium***.[1] Mas há tarefas que precisam de um tempo mais adequado, como a reforma da cúria romana e a nova relação da Santa Sé com o conjunto do episcopado. A Secretaria de Estado já ocupa um lugar apropriado, o Cardeal Parolin[2] não aparece como uma espécie de "vice-Papa". O fato mais evidente é que o Papa projetou uma imagem extremamente positiva para fora da Igreja, mesmo em sociedades fortemente secularizadas como os países nórdicos, e alterou a relação interna na Igreja, criando novos entusiasmos e novas inseguranças. Mas é claro que, do meu ponto de vista, inclusive estas inseguranças e algumas oposições tácitas, indiretas ou diretas, são um sintoma de que ele está muito bem no seu ministério.

Convicção

O Papa Francisco transmite uma convicção e uma alegria pastoral extremamente humanizadora e libertadora. Sua comunicação, sua forma de pregação e mesmo seu ensinamento pontifício são coerentes com seu ministério de pastor que se comunica com o conjunto dos interlocutores dos mais diferentes estratos e mantém o foco e a razão de ser da Igreja: evangelizar.

Ele se mostrou atento a diferentes vozes, paciente em escutar sem apressar juízos e recurso à doutrina pronta, aberto à discussão. Nesse sentido, uma abertura mais sinodal em relação aos bispos, ao Povo de Deus — inclusive aos movimentos sociais que ele encontrou — ajudaram a colocar a linguagem e as respostas em dia com as grandes questões que a humanidade atravessa, sempre de forma incisiva, sem enfeites diplomáticos, e sem fechar o debate. As discussões sinodais em torno das questões da família revelam esta nova fase com suas tensões muito instigantes e fecundas.

Sua linguagem simbólica, seus pequenos gestos concretos como o socorro aos pobres que rodeiam o Vaticano, suas visitas e telefonemas, etc. têm revelado uma eficácia enorme, dada a posição que ocupa, e isso ajuda muito na compreensão do que ele pretende que a Igreja seja.

Reformas

Francisco precisa com urgência prestar atenção a uma reforma de partes do Direito Canônico. O atual, de 1983, conta com 32 anos, já precisa reparos. Pior que isso, avisam especialistas, o código atual não conseguiu levar suficientemente em conta o Concílio Vaticano II e teve como base de reforma o de 1917. Para

1 **Evangelii gaudium:** a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line)**

2 **Pietro Parolin** (1955): é um cardeal italiano da Igreja Católica. Em 31 de agosto de 2013, o Papa Francisco o nomeou para substituir o cardeal Tarcisio Bertone como Secretário de Estado do Vaticano. (Nota da **IHU On-Line**)

implementar melhor o Concílio Vaticano II ele acaba sendo um limite.

Como não se pode saber o tempo que lhe resta no ministério, é claro que a complexa mudança na indicação e nomeação de bispos, um clamor que veio se levantando por muitos anos de boa parte das lideranças da Igreja — clero, teólogos, etc. — ainda não se moveu. Não é suficiente ter a sorte de ganhar uma boa nomeação, é necessário estabelecer novos critérios, maior participação da Igreja local, sobretudo de todo o clero diocesano, ter prioridades explicitadas nas candidaturas, ter maior participação dos bispos da conferência e rever o lugar do Núncio Apostólico que está hipertrofiado nessas questões. É absolutamente necessário cortar na raiz a libido do carreirismo. Esses aspectos necessitam de uma reforma do Código de Direito Canônico em alguns números.

Outro aspecto que merece atenção é o clero: os padres são os que, afinal, mais carregam o piano no cotidiano da Igreja. Uma renovação do clero na linha da ***Evangelii Gaudium*** precisa ser planejada com autoridade e energia. Abrir o dossiê do problema dos ministérios na Igreja é uma necessidade que vai se tornando cada vez mais clamorosa. Um clero ao estilo "Papa Francisco" não acontece por mágica. ■

#DossiêPapaFrancisco

O caminho da Igreja das sacristias às periferias

Por José Maria Mayrink

"O contato direto e próximo estende-se àqueles que em sua aflição recorrem a Francisco, expondo suas dores e dúvidas em cartas informais", comenta José Maria Mayrink, repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Eis o depoimento.

A surpresa foi a primeira grande novidade da eleição de Francisco. Ninguém parecia esperar o anúncio de seu nome, quando a fumaça branca confirmou o argentino Jorge Mario Bergoglio como sucessor de Bento XVI.[1] Latino-americano, 77 anos de idade, jesuíta... a ficha do eleito despertava curiosidade, admiração e receios, mas não era o principal. O essencial no perfil do novo pontífice viria depois. Francisco era garantia de compromisso com os pobres, como revelou o cardeal Cláudio Hummes,[2] arcebispo emérito de São Paulo, descrevendo detalhes publicáveis do conclave. Bergoglio logo projetou a imagem da Igreja nesse mundo complicado do século XXI, renovando a esperança de católicos e provocando manifestações de respeito de seguidores de outras religiões. "Estou gostando desse Papa", é comum ouvir até de ateus e agnósticos, dois anos depois. Estava aberto o caminho para o diálogo.

A Igreja está saindo das sacristias para a periferia, isso é o que parece merecer maior destaque no pontificado de Francisco. Minha fé na ação do Espírito Santo cresceu, não posso imaginar o quadro que se teria hoje, se o Papa fosse um daqueles cardeais que lideraram as especulações da imprensa em março de 2013. Que as aparências não enganem, pois é gratificante esse espetáculo de ver Bergoglio percorrendo a Praça de São Pedro num carro aberto com um sorriso contagiante e gestos inequívocos quando abraça deficientes e crianças, arriscando-se além dos limites da segurança. O contato direto e próximo estende-se àqueles que em sua aflição recorrem a Francisco, expondo suas dores e dúvidas em cartas informais. O Papa costuma responder, várias vezes já telefonou para dar uma palavra de coragem e esperança. No plano internacional, a mediação de Francisco tem pesado mais, com intervenções pessoais, do que a diplomacia da Santa Sé. Exemplo é a reaproximação entre Cuba e Estados Unidos.

A convocação do Sínodo da Família,[3] que terá sua segunda etapa em outubro, reflete a disposição de Francisco de discutir alguns dos mais prementes desafios que afligem os católicos — e, por tabela, homens e mulheres de fora da Igreja. Problemas como a situação de casais de segunda união e de homoafetivos que vivem uma relação estável com certeza serão debatidos sob a ótica da pastoral, o que implica analisar a educação dos filhos de pais separados e das crianças adotadas por gays. Há esperança de que as coisas sejam facilitadas por atitudes de acolhimento e compreensão, por grandes que sejam as objeções internas, com base na doutrina moral da Igreja. Em sua primeira viagem apostólica à América Latina, em visita ao Equador, Bolívia e Peru, em julho, depois de ter participado da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em 2013, é provável que Francisco reafirme suas convicções em defesa da paz e do desenvolvimento. Este ainda curto pontificado de dois anos vem dando excelentes frutos, é preciso que a marca de Bergoglio defina os rumos das décadas futuras. Para a Igreja e para o Mundo. ■

1 **Bento XVI** (em latim: Benedictus XVI) nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Dom Frei Cláudio Hummes** (1934): é um frade franciscano, sacerdote católico brasileiro. Foi o décimo oitavo bispo de São Paulo, sendo seu sexto arcebispo e quarto cardeal. Na Cúria Romana foi prefeito da Congregação para o Clero. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Sínodo da Família**: em 2013 o Papa Francisco convocou o Sínodo sobre a família, intitulado "Sínodo dos Bispos: os desafios pastorais da família no contexto da evangelização". Na primeira etapa, o Vaticano enviou às dioceses do mundo todo um questionário de 38 perguntas sobre o tema, que serviu como um documento preparatório para a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Família, que ocorreu em outubro de 2014. Durante a III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano foi produzido um texto com 46 pontos a serem refletidos pela comunidade católica. Todo esse processo culminará na XIV Assembleia Geral Ordinária, que ocorrerá de 4 a 25 de outubro de 2015, no Vaticano, cujo tema proposto é "A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU contém um amplo material sobre o tema, que pode ser acessado em ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

#DossiêPapaFrancisco

A guinada estético-teológica de Bergoglio

Por Erico Hammes

"Parafraseando Karl Rahner, poderia arriscar-se dizer que a Igreja do futuro ou será simples e pobre ou não servirá para mais nada e será um centro de tradições eclesiásticas para alguns saudosistas aquinhoados", afirma Erico Hammes, doutor em Teologia e professor da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Eis o depoimento.

Jorge Mario Bergoglio não era "Papabile" para a mídia no conclave que o elegeu. Foi buscado "quase no fim do mundo" como se conta de Davi: o filho menor, e com menos indicações para ser ungido rei. Esse simples jesuíta, que escolheu o nome de um santo simples, sem precisar acrescentar um número, e sem querer ser sequer Francisco I, mas simplesmente Francisco; esse homem, até mesmo com um pré-histórico, nem sempre elogiado, imediatamente revela uma guinada estético-teológica do seu ministério. Apresenta-se como Bispo de Roma, e não como Papa. Suas vestes chamam atenção pelo contraste com o que séculos de desenho haviam consagrado. Antes de dar a bênção, pede orações e bênção aos fiéis. Na despedida, no lugar de qualquer fórmula piedosa, deseja uma boa noite e um bom descanso. Esse modo de ser é ratificado nos dias seguintes, com a quitação dos custos de sua hospedagem, com seus sapatos remendados que lhe são enviados, com o carro simples que passa a usar, com as refeições e a convivência na Casa Santa Marta. Embora haja traços de continuidade com seu modo de ser arcebispo de Buenos Aires, há também quem diga que aconteceu uma transformação, uma radicalização do seu estilo de vida e seu modo de ser, na direção da simplicidade e da profecia. Certamente, a renúncia de Ratzinger,[1] abriu um sulco de humildade e de esvaziamento na aparição do poder, que agora precisa ser trilhado como novo caminho do ser cristão. Um dos últimos bastiões da cristandade parece ter cedido lugar às "sandálias do pescador". Parafraseando Karl Rahner,[2] poderia arriscar-se dizer que a Igreja do futuro ou será simples e pobre ou não servirá para mais nada e será um centro de tradições eclesiásticas para alguns saudosistas aquinhoados.

Pontos fundamentais

Em primeiro lugar, o otimismo radicado no valor do Evangelho: "A alegria do Evangelho". É um otimismo que vem da confiança em Jesus de Nazaré e no seu amor às pessoas. Um otimismo de simplicidade, do contato direto e desburocratizado, límpido e transparente para a presença do Mistério Divino. A Igreja não tem preconceito, mas procura estar disponível e abrir as portas a todas as pessoas, desde as mães solteiras aos homoafetivos. Tudo isso, obviamente, impõe uma reforma, conversão, de toda Igreja. Em segundo lugar,

1 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi Papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (*O Espírito no mundo*), 1939, *Hörer des Wortes* (*Ouvinte da Palavra*), 1941, *Schrifften zur Theologie* (*Escritos de Teologia*). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da **IHU On-Line**, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102, da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em http://bit.ly/maOB5H. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em http://bit.ly/o2e8cX. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o **Cadernos Teologia Pública** nº 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em http://bit.ly/18XbPcU. Em 2014 a **IHU On-Line** publicou a edição 446 intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/112CjfG. (Nota da **IHU On-Line**)

a coragem profética. A profecia consiste na proclamação da prevalência dos direitos divinos e humanos sobre a segurança e o lucro capitalista. Tanto as manifestações diante das vidas de migrantes jogadas no Mediterrâneo, quanto os discursos gerais de crítica ao capitalismo revelam a coragem de enfrentar o *status quo* de uma sociedade fechada sobre si mesma, que descarta grande parte da humanidade. Cada ser humano possui um valor inegociável. Em terceiro lugar, e por consequência, uma Igreja servidora. A "Igreja em saída" é chamada a pensar mais nos outros do que em si mesma. Superam-se desse modo vários dualismos historicamente enraizados. Por um lado, a predominância do culto sobre a responsabilidade transformadora da realidade. Por outro lado, a separação da Igreja e do "mundo", como se houvesse um âmbito sagrado de inabitação divina e um âmbito não sagrado, de separação e pecado; uma instituição imaculada e intocável, no meio de um mundo inimigo e perigoso. Não, para Francisco, a Igreja é chamada a sair de si, sem medo de contaminar-se com as doenças dos seres humanos e da realidade, para ser um sinal de cura e iluminação.

Simplicidade

É difícil pedir mais atenção desse Bispo de Roma para algum assunto. É mais fácil apontar os assuntos em que ele mereceria mais atenção. A impressão geral que se tem, é de que um velho carrilhão enferrujado, há muitos anos apenas conseguindo retinir dobres fúnebres, de repente é chamado a tocar todos os acordes solenes de ressurreição. No entanto, o desgaste e a incúria dos anos desacostumaram os ouvidos e destreinaram as equipes de manutenção. A perda do ouvido musical torna difícil reconhecer a necessidade da restauração evangélica. Existem, no interior da Igreja, muitos rumores porque a simplicidade do Evangelho e o apelo de conversão causam estranheza. O dobre agonizante dos velhos carrilhões empenados era suficiente para manter a inércia da distância com o mundo e a realidade. Portanto, antes de pedir um assunto a mais, será necessário ver se a comunidade cristã consegue assumir o entusiasmo e a coragem que agora ressoam da simplicidade vernácula desse Papa. ■

#DossiêPapaFrancisco

Francisco, o primeiro entre iguais

Por Alfredo Culleton

"Aproveito a oportunidade para registrar um breve testemunho sobre as dificuldades que o então padre Jorge Bergoglio se viu chamado a enfrentar e o fez à sua maneira. Ele viveu como religioso o período mais obscuro e violento da historia argentina: a ditadura militar de 1976 a 1983", testemunha Alfredo Culleton, professor no PPG de Filosofia da Unisinos.

Eis o depoimento.

Se a eleição do Cardeal Bergoglio como bispo de Roma já foi surpreendente, o seu pontificado o foi ainda mais; a sua comunicação com o publico foi muito boa, ele se mostrou impecável nesse aspecto. Ele consegue recuperar o aspecto italiano da tradição pontifical, daquele que ouve, que entende a dor, que está a serviço. Não era fácil ver estes aspectos no Arcebispo de Buenos Aires.

Destaco em primeiro lugar a boa comunicação e empatia com o público; Em segundo a capacidade que ele tem de dizer coisas que as pessoas estão famintas por ouvir, a recuperação de um certo 'bom senso' que os líderes contemporâneos parecem ter perdido em algum lugar da historia, o bom senso do Gandhi,[1] do Martin Luther King,[2] do Churchill,[3] dos grandes líderes do século XX. Por último, a sua proximidade com a diocese de Roma que em definitiva é a Igreja da qual ele é o pastor. Ele parece visitar, servir e estar presente no quotidiano de essa comunidade como não se via nos Papas anteriores.

Crises

Dos muitos assuntos que poderiam estar nessa pauta, porque são urgentes para o mundo e para a interna da própria Igreja eu destacaria três: *a educação, a utopia* e *o progresso da ciência*. O mundo vive uma crise nestas três áreas: *na educação* porque parece não saber qual é o objeto da educação, quem o responsável pela educação nem para que educar. No que diz respeito à *utopia* parece ter se reduzido ao prolongamento indefinido da vida e a preservação do planeta como fins em si mesmos; e finalmente, respeito à *ciência*, continua existindo, no mínimo dentro da Igreja e das instituições de ensino a ela vinculados, certa suspeita de que a ciência pudesse ser concorrente da fé quando não contraria à fé. A ciência não é tratada como aquela que completa o desígnio divino do homem que é a de ser livre e soberano sobre a natureza, mas como algo do 'mundo', isso não é da tradição cristã, é da tradição platônica.

Testemunho

Aproveito a oportunidade para registrar um breve testemunho sobre as dificuldades que o então padre Jorge Bergoglio se viu chamado a enfrentar e o fez à sua maneira. Ele viveu como religioso o período mais obscuro e violento da historia argentina: a ditadura militar de 1976 a 1983. Era ele superior da sua ordem num momento em que todas as opções eram radicais, onde era muito difícil ser ponderado e onde a vida de milhares de pessoas estava a perigo. Qualquer gesto, palavra ou atitude podia ser fatal. Tudo era urgente,

1 **Mahatma Gandhi** (1869–1948): líder pacifista indiano, um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, frequentemente traduzido como "o caminho da verdade" ou "a busca da verdade", também inspirou gerações de ativistas democráticos e antirracistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não violência (ahimsa). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Martin Luther King** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não violência e de amor para com o próximo. É a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz, o que ocorreu em 1964, pouco antes de seu assassinato. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Winston Leonard Spencer Churchill** (1874-1965): estadista britânico, escritor, jornalista, orador e historiador, famoso principalmente por ser o primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. (Nota da **IHU On-Line**)

o tempo tinha sido extinto, tudo era presente, nada podia esperar, o sangue, a morte e o silencio impregnavam as cidades argentinas. Esse era o momento que tocou ao Pe Jorge ser superior da Companhia; tocou a ele o dever de proteger os seus irmãos, as obras e ao mesmo tempo honrar os compromissos assumidos pelos seus nas comunidades de inserção mais populares. Foi o caso dos Padres Orlando Yorio e Franz Jalics, jesuítas que optaram por manter as suas opções e sair da companhia. Ambos santos e exemplares homens que sofreram terrível perseguição por causa de Cristo e com certeza lhes estava reservada a sorte dos justos. Momentos difíceis e delicados para todos onde o Pe. Jorge teve um protagonismo decisivo, onde preservar vidas era prioritário. Conheceu bem a dor da difamação e a perseguição, uma dor diferente e das mais penosas porque a própria vítima passa por culpada; nessa circunstancia foi diretor espiritual do Pe Alfredo Kelly SAC, um dos cinco pallotinos assassinados a sangue frio pelas forças armadas, na madrugada do dia 4 de julho de 1976, na casa paroquial da Igreja San Patricio em Buenos Aires. Alfie, como era conhecido, realizou os seus estudos no Colégio Máximo dos Jesuítas em San Miguel e na Gregoriana de Roma nos anos 1950, quando conheceu o padre Jorge. Alfie era aquele que, entre os cinco, maior clareza tinha do martírio que se aproximava e da integridade que era necessária para esse momento sublime; isso esta registrado no seu diário e com certeza o seu diretor espiritual esteve presente.

Papa

Na tradição cristã o Papa, não é um monarca nem o poder executivo de nenhum estado ou instituição a não ser o insignificante Estado Vaticano. Da Igreja Católica, Apostólica, Romana, ele apenas é, como a própria sigla Papa (Pedro Apóstolo Príncipe dos Apóstolos) diz, primeiro entre os apóstolos. Ele é primeiro entre iguais, primeiro entre os bispos, não tem natureza diferente à de qualquer bispo, de tal maneira que não pode se esperar do Papa outra coisa que alguém que reúne, que agrega, que media conflitos e apascenta as sua grei. Pode sim sinalizar prioridades para o mundo e a Igreja, mas não se deve esperar muito mais dele do que de qualquer cristão qual seja integridade pessoal e fidelidade à missão que lhe foi confiada. ■

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

21 a 24 de Setembro de 2015

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

O envio de trabalhos poderá ser feito até o dia 15/05/2015
para o e-mail simposioihu@unisinos.br

#DossiêPapaFrancisco

Papa Francisco desde o olhar dos movimentos sociais

Por João Pedro Stédile

"Espero que nos temas da Igreja, o Papa abra as portas para a participação igualitária das mulheres em todas as atividades religiosas, eclesiásticas e de instâncias da Igreja Católica", afirma João Pedro Stédile, é graduado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México e membro da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST.

Eis o depoimento.

Acredito que o desenvolvimento das medidas que o Papa tomou, suas posições doutrinárias e politicas, seus exemplos de postura, tem sido uma grata surpresa a todos os militantes de movimentos populares, do Brasil, da América Latina e de todo mundo. Essa é a impressão que tenho dos contatos que temos feito entre os movimentos populares e também no nosso diálogo com o Vaticano.

Acho que a surpresa gratificante também é resultado das frustações que tínhamos há praticamente duas gerações, desde os pontificados de Joao Paulo II e do Papa Bento XVI, que se caracterizaram por gestões conservadoras, anti-populares, levando a uma crise sem, precedentes da Igreja Católica.

Avaliação

Diante dos acontecimentos que estamos acompanhando nos dois anos do Pontificado de Francisco, a avaliação que fazemos é extremamente positiva e esperançosa. Esperançosa porque sabemos das influências que a figura do Papa tem em toda humanidade, inclusive, mais ampla que o próprio catolicismo. Seu exemplo, suas posturas claras a favor dos pobres e dos trabalhadores terão enorme consequências nas ideias da próxima década.

O fato de ter escolhido o nome de Francisco, com toda carga simbólica que tem São Francisco de Assis, seja para o comportamento das pessoas ou mesmo para dentro da Igreja, representa por si só um fato histórico e revolucionário. Nenhum outro pontífice em dois mil anos teve a coragem de homenagear a São Francisco de Assis.

Aspectos fundamentais

Não sou um especialista em Vaticano, falo enquanto um mero observador desde os movimentos populares do Brasil e da América Latina, com quem temos mais relações. Percebemos primeiro a postura pessoal de Francisco, do seu exemplo, de como se comporta. De ter abandonado o apartamento individual e luxuoso para viver no convento Santa Marta, junto aos demais. Depois tem o fato de carregar sua própria mala, de não aceitar bajulações pessoais ao se comportar como Bispo de Roma e se portar como um ser humano como qualquer outro.

Segundo, suas posturas e pronunciamentos relacionados com as injustiças na humanidade. Em todos os assuntos que se pronunciou, desde a guerra na Síria, a fome, a migração dos africanos para a Europa, o tema do desemprego, dos moradores de rua. Sempre teve uma postura clara, e firme, a favor dos mais pobres, dos trabalhadores, dos exploradores e sempre contra qualquer injustiça. Não tem medo de dizer quem são os culpados, abandonando, a postura diplomática anterior, que justificava a postura do Vaticano de sempre estar ao lado dos poderosos e organismos internacionais.

Terceiro, nos temas internos da Igreja, Francisco tem se comportado com transparência, mesmo em temas agudos, como o homossexualismo, o divorcio, etc. Também nos parece que suas mudanças levam a um processo de democracia interna dentro dos organismos do vaticano, que sempre se comportavam como verdadeiras monarquias centralizadoras, tendo a coragem de fazer punições contra aqueles membros

da Igreja que cometeram crimes, mas que antes eram jogados para debaixo do tapete.

Expectativas

Não tenho a pretensão de dar sugestões ao Papa Francisco sobre que assuntos deveria se pronunciar. Imagino a quantidade de problemas e a gravidade deles em que ele precisa refletir e se posicionar dentro do Vaticano, para tirar a Igreja dessa enorme crise politica, moral e ideológica a que está envolvida.

Mas como militante de movimento popular, e cristão, espero que ele tenha uma posição firme na próxima encíclica que vai tratar do meio ambiente, dos direitos da madre terra, condenando todos aqueles que a agridem a natureza, com seus agrotóxicos, suas sementes transgênicas, a propriedade privada sobre as minas, as águas, e agora até sobre o oxigênio das florestas que querem privatizar.

Um pronunciamento firme sobre os alimentos como direito fundamental, denunciando sua redução à mera condição de mercadoria, em que reduz o direito à alimentação àqueles que tiverem dinheiro.

Espero que o Papa tenha posições mais concretas, em relação a condenação das guerras. As guerras são uma barbárie do ser humano proporcionada pelos interesses econômicos e dos Estados. Não é uma condição humana. E por isso o Papa deveria usar seu poder moral e politico perante o mundo, e pressionar cada vez mais para que não haja mais guerras, não haja mais bases militares estrangeiros em qualquer pais do mundo.

E por último espero uma postura ainda mais firme contra a especulação financeira e o controle que os bancos exercem sobre a economia mundial e as pessoas. Precisamos romper a dependência mundial em relação ao dólar, que é a forma como as empresas estadunidenses exploraram a todo mundo. Espero que nos temas da Igreja, o Papa abra as portas para a participação igualitária das mulheres em todas as atividades religiosas, eclesiásticas e de instâncias da Igreja Católica.■

#DossiêPapaFrancisco

O Papa da diferença e da diversidade

Por Antônio Fausto Neto

"Trata-se de uma presença que ocupa o espaço reflexivo, hoje rarefeito de ideias que, de fato, toquem nos problemas centrais que envolvem a vida de multidões de pessoas, instituições e suas políticas", avalia, em depoimento à **IHU On-Line,** Antônio Fausto Neto, jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, doutor em Sciences de La Comunication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França, com pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e professor titular do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Eis o depoimento.

Trata-se de um fenômeno muito esperançoso porque enseja a inserção de um representante de uma instituição tão complexa no circuito do debate de questões contemporâneas, no cenário internacional. Não se trata de um protagonismo reflexo, que resulta de agendas formuladas por outros atores de outros campos sociais. Mas algo que revela o estilo propositivo, que formula problemáticas com as quais se defronta a Igreja católica bem como outras instituições, quebrando muitas vezes um protocolo em torno de "políticas discursivas" no seio das quais lideranças passam à margem de questões que não lhes interessa aflorar para não se indisporem com outros líderes. Trata-se de uma presença que ocupa o espaço reflexivo, hoje rarefeito de ideias que, de fato, toquem nos problemas centrais que envolvem a vida de multidões de pessoas, instituições e suas políticas. Algo muito revitalizante tratando-se de um líder religioso, mas ao mesmo tempo um chefe de estado, cuja presença se manifesta nos jogos dos poderes e das relações institucionais vigentes.

Os principais diferenciais de Francisco são o deslocamento e valorização de processos observacionais do mundo eurocêntrico para outros cenários; tematização de problemáticas que envolvem o cotidiano das pessoas, especialmente pobres e jovens, e populações discriminadas; e a busca de simetrização no diálogo visando o reconhecimento de questões que envolvem diferenças e diversidades.

Novos desafios

Penso que se tratando do status de um líder, como é a figura do Papa, entre os temas que poderiam receber mais sua atenção estão o impulsionamento de agendas que envolvam possibilidades de negociações internacionais à margem de agendas de interesses cristalizadas em torno de dois blocos de poderes, Estados Unidos e Comunidade Europeia; a abertura para ocupação de um espaço que agencie a formulação de novos coletivos, redesenhando os processos decisórios e os efeitos de políticas discriminatórias, especialmente em contextos desprovidos de proteção, contratos e políticas de reconhecimentos; o reposicionamento do fenômeno religioso segundo parâmetros e princípios que foram abandonados pela Igreja Católica ao longo das últimas 4 ou 5 décadas.■

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

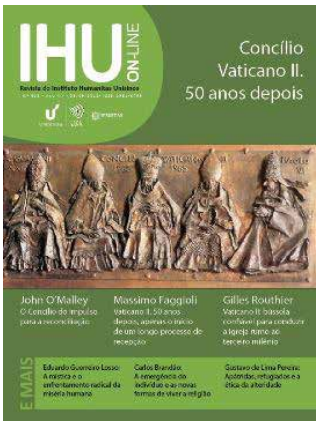
UNISINOS

IHU em Revista

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Concílio Vaticano II. 50 anos depois

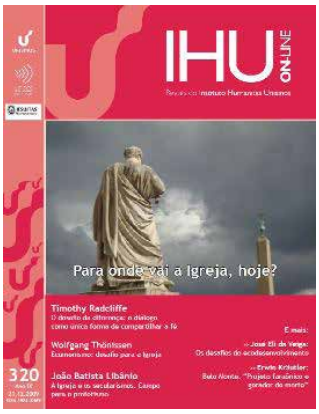


Edição 401 - Ano XII - 03-09-2012

Disponível em http://bit.ly/1Plnr33

A edição de número 401 da **IHU On-Line** marca os 50 anos do Concílio Vaticano II, 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, que foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII e aberto por ele próprio no dia 11 de outubro de 1962. A revista traz os debates acerca das possibilidades e dos impasses no cinquentenário da realização do evento considerado um dos mais importantes do século XX. Foram entrevistados sobre o assunto Andrea Grillo, Gilles Routhier, Johan Verstraeten, Massimo Faggioli, José Roque Junges, Maria Benedetta Zorzi, Armando Matteo, João Batista Libânio, John O'Malley, Margit Eckholt, Olga Consuelo Velez, José Oscar Beozzo, Nancy Cardoso Pereira. Ainda contribuem para as discussões Rodrigo Coppe Caldeira e Faustino Teixeira.

Para onde vai a Igreja, hoje?



Edição 320 - Ano IX – 21-12-2009

Disponível em http://bit.ly/1QMdmtb

No final da primeira década do século XXI, a edição 320 da revista **IHU On-Line** propôs-se a debater os rumos e as perspectivas da caminhada da Igreja. O tema é discutido por teólogos, jornalistas, pesquisadores, representantes de importantes instituições da área, no Brasil e em outros países. Contribuem nesta tarefa Timothy Radcliffe, Claudio Burgaleta, Sandro Magister, John L. Allen Jr, Wolfgang Thönissen, Luiz Carlos Susin, João Batista Libânio, Andrea Tornielli e Washington Uranga.

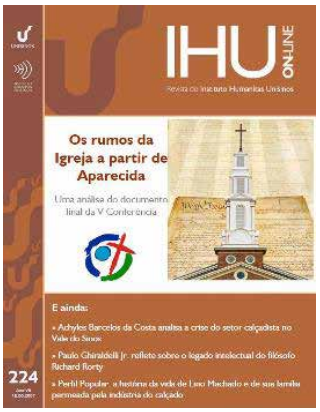
Teologia da Libertação

Edição 214 - Ano VII – 02-04-2007

Disponível em http://bit.ly/1cA3uDF

Motivada pela divulgação da 'notificatio' do Vaticano sobre duas obras cristológicas de Jon Sobrino, teólogo jesuíta, a edição 214 da revista **IHU On-Line** discutiu a Teologia da Libertação. Jon Sobrino, jesuíta que sobreviveu à chacina de seis companheiros que com ele trabalhavam na Universidade Centro Americana – UCA, em San Salvador, é um dos teólogos mais proeminentes da Teologia da Libertação. Assim, a censura do Vaticano a Jon Sobrino é simbolicamente muito forte. Contribuem para as discussões Leonardo Boff, João Batista Libânio, Faustino Teixeira, José Maria Vigil, Luiz Felipe Pondé, o teólogo anglicano John Milbank, além da nota do centro Cristianisme i Justicia de Barcelona.

Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência



Edição 224 - Ano VII - 20-06-2007

Disponível em http://bit.ly/1JtibFG

Este é o tema de capa da edição 224 da IHU On-Line. Para analisar essa questão, a Revista entrevistou Benedito Ferraro, Mario de França Miranda, Faustino Teixeira e Clodovis Boff. Outras pessoas que discutem o Documento da V Conferência são João Batista Libânio, Vanildo Zugno, Geraldo Hackmann e Maria Clara Bingemer. A V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência.

Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate

Edição 404 - Ano XII - 05-10-2012

Disponível em http://bit.ly/1IHAA2n

Nos dias 7 a 11 de outubro de 2012 a Unisinos sediou o Congresso Continental de Teologia. O evento celebrou o 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II e os 40 anos do lançamento do livro Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano. A edição 404 da IHU On-Line, descreve as grandes intuições que animaram a caminhada da Igreja na América Latina nestes 50 anos depois do Concílio Vaticano II, que foi recebido neste Continente com entusiasmo e originou o que veio a ser a Teologia da Libertação. Seus alcances, limites e possibilidades são debatidos nesta edição por alguns dos conferencistas e pesquisadores/as que estarão no Congresso. Contribuem no debate Jon Sobrino, Juan Carlos Scannone, Carlos Mendoza-Álvarez, Eleazar López Hernández, Margit Eckholt, Marilú Rojas, Olga Consuelo Velez, Margot Bremer, Victor Codina, Pedro Ribeiro de Oliveira, Sérgio Coutinho, Brenda Carranza, Paulo Suess e Francisco Orofino.

Cadernos de Teologia Pública

O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas

Ao analisar as particularidades do cristianismo e das teologias no continente americano, José Oscar Beozzo retoma as questões pastorais na história do cristianismo latino-americano. Em torno deste eixo orbitam as reflexões da 93ª edição do Cadernos de Teologia Pública.

Leia mais em http://bit.ly/teopublica.

Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco

A eleição de Bergoglio como Papa Francisco suscitou uma retomada das análises do Concílio Vaticano II. Na edição 94 do Cadernos de Teologia Pública, John O'Malley revisita os dezesseis documentos finais como um corpus único e interpreta os valores cristãos.

Leia mais em http://bit.ly/teopublica.

METRÓPOLES

28 de maio - 19h45min
Metrópole e Ordem Urbana: pela desmilitarização da polícia
Palestrante: Prof. Dr. José Claudio Alves – UFRRJ
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

02 de junho - 19h45min
Políticas Públicas, território e a governabilidade das metrópoles
Palestrante: Prof. Dr. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro – UFRJ
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU